

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EM BUSCA DO “MATCH PERFEITO” PEDAGOGIAS DO ENCONTRO NO TINDER E FACEBOOK:
uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação**



Tatiana Marques da Silva Parenti Filha
PORTO ALEGRE, OUTUBRO DE 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EM BUSCA DO “*MATCH* PERFEITO” PEDAGOGIAS DO ENCONTRO NO TINDER E FACEBOOK:
uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia Castagna Wortmann

Linha de pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Tatiana Marques da Silva Parenti Filha
PORTO ALEGRE, OUTUBRO DE 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Filha, Tatiana Marques da Silva Parenti
Em busca do "Match perfeito" Pedagogias do encontro
no tinder e facebook: uma análise a partir dos Estudos
Culturais em Educação / Tatiana Marques da Silva
Parenti Filha. -- 2018.
220 f.
Orientadora: Maria Lúcia Castagna Wortmann.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Relacionamentos afetivo/sexuais. 2. Estudos
Culturais em Educação. 3. Pedagogias Culturais. 4.
Tinder & Facebook. 5. Redes Sociais. I. Wortmann,
Maria Lúcia Castagna, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EM BUSCA DO “*MATCH* PERFEITO” PEDAGOGIAS DO ENCONTRO NO TINDER E FACEBOOK:
uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutora Maria Lúcia Castagna Wortmann (*orientadora*)

Prof. Doutor Luiz Felipe Zago

Prof. Doutora Maria Luisa M. F. Xavier

Prof. Doutora Rosa M. Hessel Silveira

Prof. Doutora Shirlei Rezende Sales

Tatiana Marques da Silva Parenti Filha
Porto Alegre, outubro de 2018

A

Meus ancestrais que disseram “sim” a minha vida e aos familiares desta existência.
Amores das minhas vidas que são a luz da minha existência, asas dos meus sonhos
e força do meu viver: João Francisco, Volnei e Tatiana – “Ohana”!
E por todos/as aqueles/as que fazem meu coração vibrar.
Floresço onde meu coração vibra!

GRATIDÃO!

Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
(Raul Seixas)

Sempre ouvi com atenção a declaração de que a trajetória do doutorado é, em sua maioria, solitária...

Minha trajetória não foi muito diferente da maioria... Tripla jornada, cansaço, situação financeira apertada, vida social reduzida, alienação acerca das amenidades como séries, filmes, novelas... Contudo nunca me senti tão feliz e acompanhada, assistida pelas pessoas que amo, pelas pessoas que foram se inserindo nessa trajetória, pelas que só passaram mas marcaram de alguma maneira, e sobretudo, pelas professoras e alunos/as que passaram pela minha vida. Essas vozes reverberaram constantemente dentro de mim, me acompanhando, fortalecendo, apoiando e incentivando.

Gratidão a Maria Lúcia C. Wortmann pela acolhida, sustentação e gentileza que lhe é peculiar. Abraçaste-me em um momento delicado da minha trajetória acadêmica, mestrado, em que nem eu acreditava mais em mim. Essa parceria se estendeu até a realização desse sonho.

Ao PPGEduc e todos/as professores/as que fazem deste programa que é um dos melhores do país, sobretudo, no que tange à competência e cidadania. Em especial às professoras Magali Mendes de Menezes e Maria Stphanou, pelos encontros que a vida nos proporcionou e por me incentivarem a acreditar que eu tinha potencial para pesquisadora;

À CAPES, pela bolsa de pesquisa que me permitiu ser pesquisadora/mãe, pois não fosse esta oportunidade, possivelmente esse doutoramento não seria concluído;

Aos professores/as Luiz Felipe Zago, Maria Luisa M. F. Xavier, Rosa M. Hessel Silveira, Shirlei Rezende Sales, que integram a minha lista de intelectuais dos quais sou fã (em nível hollywoodiano) e que integraram essa banca;

Aos colegas e às colegas da linha de pesquisa em Estudos Culturais, com quem tive oportunidade de compartilhar experiências, angústias e cafés, em especial à Marcilene companheira de início e fim de ciclo;

A todos/as pesquisadores/as que se dedicam aos estudos de gênero, sexualidade e educação;

A todas as professoras que tive ao longo da minha vida, em especial à Renata M. Tiezmann que viu o melhor em mim, esse olhar me salvou e até hoje seu carinho reverbera em meu ser.

Às minhas famílias pelo amor, apoio e por oportunizar e contribuir na constituição da pessoa que sou;

Às “Mulheres da Lua” pelo nosso (re)encontro, apoio e fortalecimento no processo de concretização desse sonho;

Às amigas e colegas que me apoiaram e incentivaram cada um no momento e do jeito que foi possível, sendo esses sempre o melhor que cada um\uma podia oferecer, em especial à Carla Escosteguy e Magela L. Formiga por me oportunizarem ver a educação pública de outras perspectivas;

À Sarah e ao Nietzsche minha/meu parceiro/a felino/a que com seus amáveis ronronar fizeram-me companhia em grande parte dos momentos de estudo;

Aos grandes amores das minhas vidas, pelos quais sou o melhor que posso ser, amor da cabeça aos pés. Tatiana M. S. Parenti e Volnei Linck, asas que me possibilitam alçar voo e ser a águia que os olhos de amor incondicional de vocês me fazem crer ser. João Francisco M. S. P. Linck, sol que me aquece, ilumina, nutre e motiva pelo simples fato de existir. Amo vocês “ao infinito e além”!

“SONHO QUE SE SONHA SÓ É SÓ UM SONHO...”

SONHO QUE SE SONHA JUNTO É REALIDADE!

GRATIDÃO

POR

ESTARMOS

JUNTOS/AS!

Possibilidades

**Prefiro o cinema.
Prefiro os gatos.
Prefiro os carvalhos sobre o Warta.
Prefiro Dickens a Dostoiévski.
Prefiro-me gostando das pessoas
do que amando a humanidade.
Prefiro ter agulha e linha à mão.
Prefiro a cor verde.
Prefiro não achar
que a razão é a culpada de tudo.
Prefiro as exceções.
Prefiro sair mais cedo.
Prefiro conversar sobre outra coisa com os médicos.
Prefiro as velhas ilustrações listradas.
Prefiro o ridículo de escrever poemas
ao ridículo de não escrevê-los.
Prefiro, no amor, os aniversários não marcados,
para celebrá-los todos os dias.
Prefiro os moralistas
que nada me prometem.
Prefiro a bondade astuta à confiante demais.
Prefiro a terra à paisana.
Prefiro os países conquistados aos conquistadores.
Prefiro guardar certa reserva.
Prefiro o inferno do caos ao inferno da ordem.
Prefiro os contos de Grimm às manchetes de jornais.
Prefiro as folhas sem flores às flores sem folhas.
Prefiro os cães sem a cauda cortada.
Prefiro os olhos claros porque os tenho escuros.
Prefiro as gavetas.
Prefiro muitas coisas que não mencionei aqui
a muitas outras também não mencionadas.
Prefiro os zeros soltos
do que postos em fila para formar cifras.
Prefiro o tempo dos insetos ao das estrelas.
Prefiro bater na madeira.
Prefiro não perguntar quanto tempo ainda e quando.
Prefiro ponderar a própria possibilidade
do ser ter sua razão.**

*(Wisława Szymborska, em "Poemas"; tradução de Regina
Prazybcien. Companhia das Letras, 2011)*

RESUMO

Nesta tese foram discutidas narrativas sobre relacionamentos afetivo/sexuais construídas a partir de Perfis do *Facebook* e de postagens no aplicativo *Tinder*. O estudo foi desenvolvido sob inspiração dos Estudos Culturais em Educação, em articulação com os Estudos de Gênero e os Estudos sobre Mídia, partindo de pressupostos teóricos acerca das transformações culturais destacadas por Stuart Hall, Zigmunt Bauman e Manuel Castells, autores que pontuam serem essas narrativas tanto construídas, quanto construtoras da cultura. A partir da noção de pedagogias culturais, argumentou-se que o *Tinder* e o *Facebook* operam como espaços educativos que (re)produzem modos específicos de ser, de se narrar, de se relacionar, etc, promovendo e atuando na constituição de identidades de gênero e sexualidade em um processo do qual participam outras instituições e instâncias culturais mais amplas. Michel Foucault, Judith Butler, Paul Preciado, Jeremy Weeks, Guacira Louro, Dagmar Meyer e Richard Miskolci, bem como Jesús Martín Barbero, Lúcia Santaella e Henry Jenkins foram alguns dos autores cujo pensamento inspirou a realização deste estudo. As análises culturais incluíram o exame de narrativas que congregaram enunciações buscadas em Perfis do *Tinder* e pautadas em postagens nas Páginas “Omi no *Tinder*” e “Pérolas do *Tinder*”. Identidade, representação, discurso e gênero foram conceitos centrais nesta investigação. Nas situações consideradas neste estudo, representações de homens e mulheres usuários/as do *Tinder* e *Facebook* apresentaram-se inscritas, muitas vezes, em uma matriz heterossexual, a partir da qual gestam-se estratégias que (re)marcam diferenças entre os gêneros. Os comentários sobre as postagens incluem situações que envolvem adesão ao que estava nelas enunciado, mas, também, contraposições, ironia, zombaria, disputas e conflitos. As propostas incluídas nas postagens do *Facebook*, a partir dos Perfis do *Tinder*, narram relações afetivo/sexuais de inúmeros e plurais modos, ora pautadas em configurações bastante tradicionais, ora impregnadas por formas consideradas alternativas de viver o prazer e a sexualidade com outras configurações caracterizadas pela fluidez, liberdade, prazer e imediatismo.

Palavras-chave: **Relacionamentos afetivo/sexuais; Estudos Culturais em Educação; Pedagogias Culturais; Tinder; Facebook; Gênero; Redes Sociais.**

ABSTRACT

In this thesis were discussed narratives about affective / sexual relationships built from Facebook Profiles and from posts in the Tinder application. The study was developed under the inspiration of Cultural Studies in Education, in conjunction with Gender Studies and Media Studies, based on theoretical assumptions about the cultural transformations highlighted by Stuart Hall, Zigmunt Bauman and Manuel Castells, authors who point out that these narratives both built and building the culture. From the notion of cultural pedagogies, it was argued that Tinder and Facebook operate as educational spaces that produce specific ways of being, narrating, relating, etc., promoting and acting in the constitution of gender identities and sexuality in a process involving other institutions and wider cultural instances. Michel Foucault, Judith Butler, Paul Preciado, Jeremy Weeks, Guacira Louro, Dagmar Meyer and Richard Miskolci, as well as Jesús Martín Barbero, Lúcia Santaella and Henry Jenkins were some of the authors whose thoughts inspired the realization of this study. Cultural analyzes included the examination of narratives that brought together the links sought in Tinder Profiles and based on posts on the "Omi no Tinder" and "Tinder Pearls" pages, identity, representation, discourse and gender were central concepts in this investigation. In the situations considered in this study, representations of men and women users of Tinder and Facebook were often inscribed in a heterosexual matrix, from which strategies that mark differences between the genders are generated. Comments on the postings include situations involving adherence to what was enunciated in them, but also, oppositions, irony, debauchery, disputes and conflicts. The proposals included in Facebook posts, from the Tinder Profiles, narrate affective / sexual relationships of innumerable and plural modes, sometimes based on very traditional configurations, sometimes impregnated by forms considered alternatives to living pleasure and sexuality with other characterized configurations by fluidity, freedom, pleasure and immediacy.

KEYWORDS: Affective/sexual relationships; Cultural Studies in Education; Cultural Pedagogies; Tinder; Facebook; Gender; Social networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura1: Coleção “De Match” Vivara – Pingentes de casais.....	31
Figura 2: Aplicativo Tinder.....	55
Figura 3: “Feedcronológico”.....	57
Figura 4: Perfil no <i>Tinder</i>	58
Figura 5: Selecionando o Perfil das pessoas que deseja localizar no Tinder.....	59
Figura 6: Visualizando o Perfil das pessoas no Tinder.....	60
Figura 7: Função Bate-papo.....	61
Figura 8: Deu <i>Match</i>	61
Figura 9: Novo Visual e recursos.....	62
Figura 10: Ícones do Tinder.....	63
Figura 11: Criando um Perfil no Facebook.....	73
Figura 12: Configurando a privacidade do perfil.....	74
Figura 13: Localização de amigos.....	75
Figura 14: Comunidade no Facebook.....	76
Figura 15: Perfil de personagem fictício.....	77
Figura 16: <i>Emojis</i> do Facebook.....	79
Figura 17: Post ridículo.....	81
Figura 18: Esquema de análise das postagens.....	117

LISTA DE QUADROS

Quadro1: Postagens selecionadas para análise do perfil “OMI NO TINDER”.....	114
Quadro2: Postagens selecionadas para análise do perfil PÉROLAS DO TINDER.....	115
Quadro3:Post 1.....	124
Quadro4: Post 2.....	125
Quadro5: Post 3.....	126
Quadro6: Post 4.....	136
Quadro7: Post 5 e 6.....	137
Quadro8: Post 7.....	148
Quadro9: Post 8.....	149
Quadro10: Post 9.....	150
Quadro11: Post 10.....	163
Quadro12: Post 11.....	164
Quadro13: Post 12.....	176
Quadro14: Post 13.....	177
Quadro15: Post 14.....	188
Quadro16: Post 15.....	191

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

App- Aplicativos

E.C. - Estudos Culturais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

UNISINOS- Universidade do Vale do Rio dos Sinos

PUC/RS- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

NOTIFICAÇÕES (SUMÁRIO)

1. “EDITANDO O PERFIL DA PESQUISA”	15
1.1 DAS TRAJETÓRIAS VIVIDAS AO TEMA DE PESQUISA.....	18
1.2 DELIMITANDO O LOCUS DA PESQUISA.....	23
1.3 OBJETO DA PESQUISA (TINDER/ FACEBOOK).....	29
2. DO “FEED DE NOTÍCIAS” A “PAQUERA DE BOLSO”: RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SUAS POSSIBILIDADES	40
2.1 AH O AMOR.....	41
2.2 TINDER: A PAQUERA AQUI, ALI, EM QUALQUER LUGAR.....	52
2.3 FACEBOOK: PARA ALÉM DO STATUS DE RELACIONAMENTO.....	72
3. “FERRAMENTAS DE ACESSO”: A ABORDAGEM TEÓRICO–METODOLÓGICA	82
3.1 OS CONCEITOS CENTRAIS E OS CAMPOS TEÓRICOS QUE INSPIRAM ESTE ESTUDO.....	83
3.2 CAMPO DE VISÃO: ANÁLISE CULTURAL E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	101
3.3 AS TRAMAS DA PESQUISA E O CORPUS DE INVESTIGAÇÃO.....	105
4. “DEU BOM... DEU MATCH!”: DO PORTÃO DE CASA À PALMA DA MÃO....	119
4.1 EM BUSCA DO “MATCH PERFEITO”: PEDAGOGIAS DE GÊNERO NO TINDER E FACEBOOK.....	123
4.2 RELACIONAMENTOS AFETIVO/SEXUAIS “NA PALMA DA MÃO”.....	146
4.3 TINDER “COMO PODER DOS POSSÍVEIS.....	174
5. “FEEDBACK”: CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS NO CAMPO DOS POSSÍVEIS	197
“FEED DE PÁGINAS”: REFERÊNCIAS	206

1. “EDITANDO O PERFIL DA PESQUISA”

“Escrever é fácil. Você começa com uma maiúscula e termina com um ponto final. No meio, coloca ideias”
(Pablo Neruda, 1923).

Eis-me aqui diante da tela com o desafio de escrever uma tese. Esta tarefa está longe de ser uma mera atividade acadêmica, pois envolveu quatro anos da minha vida profissional e pessoal na dedicação a esse projeto maior que é o doutoramento. Durante a escrita refleti, também, sobre o significado de todo esse processo que gera como resultado uma tese... Percebi ou construí tal significado a partir de muitas perguntas, escolhas e renúncias teóricas... E este é um processo trabalhoso e difícil, porque exigiu que eu ocupasse essa posição de perguntar, problematizar conhecimentos que estavam, de certa forma, estabilizados e, sobretudo, de me colocar no lugar de autora. Na vida escolar, somos educados para resolver as questões, ou seja, para encontrarmos “a resposta certa”. Percebi, também, ao longo do tempo, que não encontraria “a resposta certa” para as questões que me mobilizavam a estudar e de que eu precisaria me encher de coragem e apropriar-me de um arcabouço teórico para “banicar” minhas hipóteses, escolhas e traçar um caminho próprio, a materialidade da tese começou a ganhar “corpo”. Sim, um corpo, com uma história, que ora esbarrava na materialidade do meu corpo, ora da minha história.

Tal compreensão mudou a perspectiva sob a qual eu focalizava meu estudo e disso decorreu que eu também tenha me (re)significado e (re)construído, tal como assinalou Andrade (2014: 19) ao afirmar que “cada vez que elegemos (ou somos eleitos) por um problema de pesquisa, seja ele qualfor, nos implicamos com ele, [pois] é assim que funciona uma investigação cultural: não podemos nos situar à margem, ou nos manter fora”.

A escrita do projeto já incluía muitas leituras, reflexão e a tarefa árdua de registrá-las e de sobre elas escrever. Não é uma tarefa fácil escolher as palavras para sintetizar leituras e reflexões, nem tampouco é fácil expressar ideias que possam ser incluídas no texto, tal como indica Neruda na epígrafe que uso para dar início a este capítulo. Afinal, escrever e se expressar através de palavras tem a ver com “o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos”(LARROSA, 2002:21).

Conforme afirmou Stuart Hall (1997: 41): “as palavras são ‘multi moduladas’, ou seja, elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado”. Porém, faz-se necessário buscar aqui as palavras mais apropriadas para expressar e socializar meus pensamentos e posicionamentos *circunstancialmente situados* (SILVEIRA, 2008), dentro dos limites dos referenciais teóricos que sustentam esta proposta: os Estudos Culturais em Educação, inspirados no pensamento pós-estruturalista, estudos que se ocupam da discussão de problemas políticos, culturais e sociais. Nesses estudos, as indagações e os questionamentos são considerados mais relevantes do que a busca de generalizações e conclusões, que procuram, por exemplo, estabelecer relações de causa e efeito.

A questão central desta pesquisa vai ao encontro daquilo que Johnson (1999: 29) considera ser o propósito das análises culturais: “[...] abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos ‘vivem’, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente”. Além disso, este estudo buscou delinear-se na interface dos estudos de gênero e sexualidade voltados ao campo da Educação e invocar estudos de mídia que focalizam redes sociais, tais como o *Facebook* e o *Tinder*.

Na perspectiva que assumo, entende-se que é *pela* e *na* linguagem que os sujeitos e os grupos sociais passam a ocupar determinadas posições de gênero, étnicas, sociais, geracionais, entre outras. Ou seja, é na linguagem que os sujeitos se posicionam e são definidos, a partir da invocação de sistemas representacionais considerados relevantes em determinadas épocas e instâncias do social. Ou, como salientaram Meyer e Soares (2003), há jogos de linguagem, a partir dos quais podemos entender e definir “aquilo que nós somos, ou pensamos ser” (MEYER; SOARES, 2003). É, pois, *pela* e *na* linguagem que se torna possível não apenas contatar com outros sujeitos, realidades e artefatos culturais, mas, igualmente, estabelecer posições de sujeito assumidas no contexto social.

Neste sentido para os Estudos Culturais, em aproximação com a perspectiva pós-estruturalista¹, a linguagem configura-se como “um movimento em constante

¹ O Pós-Estruturalismo é definido por Peters (2000) como um movimento filosófico francês inspirado nos trabalhos de Friederich Nietzsche e Martin Heidegger, na década de 1960, que questiona o cientificismo, o racionalismo e o realismo do Estruturalismo. O Pós-Estruturalismo adota, portanto, uma posição antifundacionista e enfatiza o perspectivismo.

fluxo, sempre indefinida, não conseguindo nunca capturar de forma definitiva qualquer significado que a precederia e ao qual estaria inequivocadamente amarrada” (SILVA, 2002: 249). Assim, a linguagem e o discurso estão implicados nos processos de produção, constituição e compartilhamento de identidades e o discurso no referencial pós-estruturalista, de acordo com Hall (1997: 29),

fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento.

Nesta perspectiva, os discursos produzem verdades, sentidos, significados, demarcam e produzem sujeitos, incluem, excluem, legitimam, por integrarem dinâmicas de poder (MEYER, 2000).

Para realizar este estudo, circulei no contexto midiático do campo dos estudos de mídia a fim de localizar meu objeto de pesquisa, e isso implicou fazer escolhas, mapear e construir percursos, socializar reflexões, ensaiar hipóteses e articular conceitos em um campo no qual me aventurara, até então, apenas como curiosa. E isso se constituiu em um desafio adicional, que me obrigou a transitar, pelo menos de forma introdutória, nos estudos produzidos neste campo de saber. Segundo Muniz Sodré (2006:22), a sociedade contemporânea é marcada pela midiatização. Como o mesmo autor salienta, “a midiatização implica, assim, uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo [...] onde chamar a atenção, atrair e manter sobre si mesmo o olhar do outro, converteu-se em valor moral” (ibidem, p.28). Neste contexto, para falar de identidades “hoje se faz necessário falar de migração e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e fluidez” (MARTÍN-BARBERO, 2006:61).

Assim, busquei pensar as proposições envolvidas nesta investigação a partir de um panorama largo de ideias das quais problematizei algumas, até então, certas. Assumo que as teorizações que nos inspiram oferecem-nos não um conjunto de soluções para o que estamos investigando, mas perspectivas que nos permitem refletir, problematizar e criar questões para o que antes nos parecia estar bem compreendido. Pesquisar exige, tal como salientou Culler (1999: 117) “o compromisso com o trabalho de leitura, de contestação de pressupostos, de questionamentos de suposições a partir dos quais você avança”.

Como Maria Isabel Bujes (2002: 14) salientou uma pesquisa pode decorrer “[...] de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis”.

Porém, antes de me deter na apresentação mais detalhada dos propósitos que orientaram este estudo, julgo oportuno lembrar, a partir de Meyer e Soares (2005: 41), que “[...] a ‘realidade’ jamais terá apenas uma versão – ela é, ao mesmo tempo, muitas coisas e tem muitas direções” [grifos das autoras]. Assim tem se constituído a minha trajetória acadêmica, ora perpassada por escolhas teórico-metodológicas, ora impulsionada pelas contingências das experiências profissionais e pessoais que se desenvolvem no seio de uma determinada cultura e no contexto de um tempo histórico.

1.1 DAS TRAJETÓRIAS VIVIDAS AO TEMA DE PESQUISA

Detenho-me, a seguir, a relembrar aspectos relativos à minha história acadêmica que me parecem esclarecer um pouco mais acerca de como a temática deste estudo passou a me interessar. Desde a graduação, passando pela especialização e mestrado realizados em Educação, até o momento que vivo atualmente como professora, envolvo-me com a temática do gênero, ora como pesquisadora, ora como educadora, mas, na maioria das vezes, articulando essas duas posições. Para a conclusão da graduação, dediquei-me à análise de algumas causas e consequências da negação do corpo no processo educativo². Já na monografia do curso de especialização em Culturas Juvenis, Subjetividade e Educação³, detive-me na reflexão sobre a ocupação dos espaços físicos da escola pelos/as⁴ jovens em “momentos livres”, ou seja, atentei para aqueles momentos não totalmente organizados pelos professores/as/ diretores/as das escolas, tais como o recreio, a entrada e a saída das aulas - espaços e tempos usualmente referidos como “não formais na atividade escolar”. Destaco que pensar sobre a utilização de

² MEIRELLES, Tatiana. *Do corpo negado ao corpo sentido: a negação do corpo e sua constituição em legado vivido no ambiente escolar*. UNISINOS, 2004.

³ MEIRELLES, Tatiana. *Gênero, juventude e escola: o que os jovens pensam sobre a ocupação dos espaços da escola?* UNILASALLE, 2008.

⁴ As palavras que necessitam de flexão de gênero serão utilizadas nas versões masculinas e femininas, uma vez que não corroboro com a premissa de que exista uma única forma de posicionar sujeitos masculinos e femininos.

tais espaços da escola exigiu não só refletir sobre a ocupação desses, mas, também, sobre as construções simbólicas (re)produzidas a partir destas ocupações, notadamente sobre aquelas que envolviam questões relacionadas a gênero.

Em minha dissertação de mestrado⁵, desenvolvida na linha de pesquisa em Estudos Culturais do PPG em Educação, UFRGS, dei continuidade a esses estudos, ocupando-me mais com questões que envolvem práticas afetivo/sexuais usualmente associadas aos/às jovens, particularmente àquelas nomeadas como *pegar, ficar e namorar*. Foram também colocados em destaque discursos invocados para dar sustentação à tais práticas e às representações engendradas sobre elas. Ressalto que, no referido estudo, apesar de os/as jovens participantes pertencerem a classes sociais pouco favorecidas economicamente, todos/as possuíam telefone celular e dele se valiam para estabelecer seus relacionamentos afetivos. No entanto, detive-me pouco na exploração de questões decorrentes de tal uso, em função de limites decorrentes das escolhas teórico-metodológicas procedidas. Registro, também, a importância da experiência que tive como assessora de políticas para/com a juventude, na Secretaria de Educação e Esportes de Esteio/RS, entre os anos de 2013 e 2017. Nesta atividade, fui solicitada, reiteradamente, a realizar oficinas com turmas de alunos/as e professores/as sobre os usos dos telefones celulares e das redes sociais digitais, em função dos muitos conflitos que reverberam na escola, advindos destas práticas.

Os telefones celulares têm sido cada vez mais utilizados não só como ferramenta de comunicação, mas como um artefato cultural que oferece uma gama de possibilidades de usos e têm transformado intensamente os modos de nos relacionarmos com os outros e com o mundo. O celular, como outros artefatos descritos por Tomaz Tadeu da Silva (2004: 142), configura-se como “[...] sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder”, que operam na produção de práticas de significação e na constituição de identidade, desempenhando, como instância cultural, uma função pedagógica. Como Juliana Ribeiro de Vargas indicou em sua tese intitulada “O que ouço me produz: A constituição de feminilidades de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia” (2015), os telefones celulares foram utilizados pelas

⁵ MEIRELLES, Tatiana. *Pegar, Ficar, Namorar...Jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade*. UFRGS, 2011.

jovens que participaram de sua pesquisa para enviar mensagens instantâneas, “torpedos”⁶, bem como aparelho midiático para a audição de música, registros fotográficos, produção e apreciação de pequenos filmes, inclusive no contexto escolar.

Se as gerações anteriores se relacionavam por meio de artefatos como bilhetes, cartas e telefone, hoje é a internet, as redes sociais digitais, os sites e os inúmeros aplicativos disponibilizados para relacionamentos que se constituem como modos e espaços de sociabilidade. Luis Felipe Zago (2009: 53) ressaltou que tais espaços e modos de sociabilidade “estão em constante processo de construção e (res)significação, sendo sempre produzidos por circunstâncias sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas”.

Manuel Castells (2005: 255) indica que a “[...] Internet é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente. Internet é meio pra tudo, que interage com o conjunto da sociedade e, de fato, apesar de tão recente (...), não precisa de explicação, pois já sabemos o que é Internet”. E isso se expressa no sempre crescente número de pessoas que, atualmente, se mantêm conectadas aos mais diversos recursos tecnológicos da rede mundial de computadores, tendo acesso, através desses, a uma série de artefatos, imagens, músicas, jogos, lugares, pessoas, livros, salas de bate papos, enfim, a uma infinidade de possibilidades que podem ser alcançadas com um simples clique.

Neste contexto, as fronteiras entre público e privado, real e virtual, individual e coletivo tornam-se fluídas, borradas, transitórias. Aliás, os tempos atuais têm sido caracterizados como aqueles em que nos relacionamos e produzimos em um lugar híbrido. Transitamos pelas redes sociais, praças, ruas, clamando por visibilidade e, nesse trânsito, viver se confunde com comunicar, passando a mídia e o consumo a serem centrais em nossas vidas, tal como registrou Barbosa (2013). Alteram-se, também, as nossas vivências e percepções em torno do tempo e do espaço, “[...] que neste contexto são dinâmicos, efêmeros e fragmentados entre as perspectivas que cada um pode gerar ou absorver nesses âmbitos de convivência” (VIANA, 2010: 122).

⁶ Que possivelmente hoje seriam substituídos por Whatsapp e os vídeos postados e vistos no YouTube.

Na obra “A Cultura da Participação”, Clay Shirky (2011:15) faz vários questionamentos e reflexões acerca do uso que fazemos do tempo livre, tratando esse tempo como “um bem social geral que pode ser aplicado a grandes projetos criados coletivamente, em vez de um conjunto de minutos individuais a serem aproveitados por uma pessoa de cada vez”. O autor indica que a mídia social nos convoca à conexão de uns a outros e também à “nossa capacidade de equilibrar consumo, produção e compartilhamento” (ibidem: 29) do que produzimos. O “triatlo”, como ele nomeia, está transformando o conceito de mídia (ibidem: 31):

O excedente cognitivo, recém-criado a partir de ilhas de tempo e talento anteriormente desconectadas, é apenas matéria-prima. Para extrair dele algum valor, precisamos fazer com que tenha significado ou realize algo. Nós, coletivamente, não somos apenas a fonte do excedente; somos também quem determina seu uso, por nossa participação e pelas coisas que esperamos uns dos outros quando nos envolvemos em nova conectividade.

Esses novos espaços e tempos híbridos que caracterizam o mundo contemporâneo afetam a vida não só de crianças e jovens considerados/as nativos/as digitais⁷, mas também de grande parte dos sujeitos que vivem nesses chamados tempos pós-modernos. Segundo Elisabete Maria Garbin (2001: 126) “[...] a rede converteu-se em um ‘laboratório’ para a realização de experiências com as construções e reconstruções do ‘eu’ na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos”. Tais transformações são oriundas, especialmente, do ingresso dos computadores, da internet, dos dispositivos móveis⁸, das redes sociais digitais e dos comunicadores instantâneos em nossas vidas, as quais afetam, se não a todos/as, a maioria de nós, sujeitos pertencentes e participantes ativos/as dessa sociedade contemporânea. Como Sibilia (2008: 36) ressaltou, “[...] seria vão menosprezar a influência que esses novos artefatos (...) estão exercendo na maneira como pensamos, escrevemos, lemos e nos comunicamos”.

⁷ Segundo Withaker (2002), por nativo digital compreende-se aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência: tecnologias como videogames, internet, telefone celular, MP3, iPod, etc. Estas tecnologias se caracterizam, principalmente, por não necessitar do uso de papel nas tarefas com o computador. Nativo digital refere-se a pessoas nascidas a partir da década de 80. Geralmente, o termo foca aqueles que cresceram com a tecnologia do século XXI.

⁸ Dispositivo móvel é um computador de bolso habitualmente equipado com um pequeno ecrã (output) e um teclado em miniatura (input). Os mais comuns são os *Smartphones*, PDA (*Personal Digital Assistant*), Celular, Console Portátil, Televisão portátil, Aparelho GPS (Sistema de posicionamento Global), e computadores móveis (*Notebooks* e *Tablets* PCs).

Neste contexto, a cultura digital e os artefatos através dos quais a acessamos constituem-se em um profícuo campo de pesquisa e, sendo assim, voltei a refletir, neste estudo, sobre questões que envolvem os relacionamentos afetivos concentrando-me no uso que têm sido feito das mídias digitais⁹ em tais relacionamentos.

Ao retomar algumas narrativas das jovens que participaram do estudo que realizei em minha dissertação de mestrado, deparei-me com o depoimento de uma delas que, para driblar a proibição dos pais de namorar, ganhara um celular com plano pré-pago de um *ex-ficante*¹⁰, o que lhe permitia conversar com ele todas as noites, de madrugada, e marcar encontros para “ficar”¹¹, ou seja, ela usava o celular para namorar.

A partir da retomada desta situação, entre outras descritas pelas jovens durante a construção da dissertação, intensificou-se meu interesse de pesquisa nas relações afetivas estabelecidas por meio de telefones celulares/*smartphones*. Passei, então, a realizar buscas em sites de universidades, repositórios e revistas digitais, bem como no banco de teses da CAPES, objetivando verificar que investigações vinham sendo processadas a esse tema.

A realização de um mapeamento desses estudos, além de me fornecer uma visão mais ampla do que neles estava sendo tratado, permitiu-me proceder a uma melhor delimitação de meu tema de investigação, que focaliza **narrativas sobre relacionamentos afetivo/sexuais estabelecidos a partir do aplicativo de relacionamento *Tinder*, compartilhadas em Perfis¹²/Páginas do *Facebook*.**

Segundo informações da companhia fundadora do *Tinder*, o Brasil é um dos três países com maior número de usuários deste aplicativo no mundo: cerca de 10

⁹Mídia digital pode ser definida como o conjunto de veículos e aparelhos de comunicação baseados em tecnologia digital, permitindo a distribuição ou comunicação digital das obras intelectuais escritas, sonoras ou visuais. Ou meios de origem eletrônica, utilizados nas estratégias de comunicação das marcas com seus consumidores. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdias_digitais. Acessado em 16/08/2018.

¹⁰ Garoto com o qual se relacionou por um tempo.

¹¹ Segundo as jovens participantes da minha pesquisa de mestrado, compreende-se, por “ficar”, uma prática recorrente entre os/as jovens, sendo marcada pela provisoriedade e pela falta de compromisso, pela busca da satisfação do próprio desejo, pelo distanciamento entre norma/compromisso e prazer, e, ainda, pela ausência de obrigatoriedade da continuidade desta relação.

¹² Utilizo *Perfil* e *Página* com letra maiúscula toda vez que se referir a Perfis e Páginas do *Facebook*. Toda Página é um tipo de Perfil no Facebook, tais especificações são detalhadas no capítulo 2: DO “FEED de NOTÍCIAS” a “PAQUERA DE BOLSO”: relacionamentos afetivos e suas possibilidades.

milhões, sendo que 80% destes têm entre 14 e 35 anos¹³. Como Couto (2012) salientou, pode-se presumir que, em um tal contexto, as interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais se confundam e possibilitem novos modos de existir, de maneira que os afetos e as sexualidades estão inscritos, também nas virtualidades, possibilitando todo o tipo de experimentação.

1.2 DELIMITANDO O *LOCUS* DA PESQUISA

É possível definir o que é contemporaneidade? Enuncio esta pergunta para destacar, a partir de Wortmann e Veiga-Neto (2001), que perguntas do tipo “que é isso?” são pouco produtivas no campo do Estudos Culturais E. C..

Caracterizar a contemporaneidade é uma tarefa árdua não só em função da sua complexidade e instabilidade, mas, também, pela dificuldade de nos distanciarmos do nosso próprio tempo. Em decorrência desse desafio, tendemos a recorrer ao passado para estabelecer diferenças, deslocamentos e rompimentos e para compreendermos as nossas formas de ser e estar no mundo.

Ainda assim considero pertinente caracterizar, mesmo que brevemente, o tempo em que nos situamos, objetivando compreender melhor os processos nos quais estamos sendo gestados. Rose indica que (2001: 36) “a condição contemporânea implica certas possibilidades de ser e estar no mundo uma vez que os [...] dispositivos de ‘produção de sentidos’ [...] produzem a experiência”.

Embora ainda não exista um consenso quanto a estarmos vivendo em um novo período histórico, com ordenações e princípios diferentes da Modernidade, muitos teóricos e pesquisadores têm apontado para as mudanças que vêm ocorrendo em nossa sociedade e suas consequências, sobretudo a partir do início do século XXI, detendo-se no contexto sociocultural e auxiliando-nos a compreendê-las. Dentre eles, destaco Zygmunt Bauman (2001; 2004), Gilles Lipovetsky (2004) e Jean Baudrillard (2007).

Alfredo Veiga-Neto (2005:4) assim resume o que se diz sobre esta questão:

Pós-modernidade: estado ou forma de vida e da cultura contemporâneas, que alguns chamam de hipermodernidade (Lipovetsky), modernidade tardia (Rouanet), modernidade avançada (Giddens), modernidade líquida

¹³Fonte: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/23/brasil-tem-10-milhoes-de-usuarios-do-tinder-criador-explica-sucesso-do-app.htm> Acessado em 04/02/16.

(Bauman), e que, se descartando das metanarrativas iluministas, (re)significa as percepções e usos do tempo e do espaço.

Assim a contemporaneidade ou pós-modernidade, como nomeia Veiga-Neto (1999; 2005), pode ser entendida menos como um período histórico e mais como uma “forma de vida” complexa, multiforme, volátil e incerta, que está marcada pelo hiperconsumo, pela desfronteirização e pela globalização (VEIGA-NETO, 2005:4).

A metáfora dos tempos líquidos, invocada por Bauman (2001), ressalta que os padrões de referência de que nos valíamos (e que outrora eram mais rígidos), tornaram-se maleáveis, pois vivemos atualmente em um tempo de transitoriedade e provisoriedade, o aludido tempo de liquidez. Nesse tempo, o consumismo se fortalece e se amplia, em decorrência de uma compulsão, de um vício que “[...] luta morro acima contra a incerteza aguda e enervante e contra um sentimento de insegurança incômodo e estupidificante” (BAUMAN, 2001:95); e, como todo vício, nos impele à urgência, à necessidade de consumo diário, de atualização constante. O consumismo transforma-se “[...] num ritual feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites” (ibidem:96). Ou seja, neste contexto, o que importa é acapacidade de se mover, pois tudo está em constante variação, não havendo uma direção certa a seguir no mundo contemporâneo.

Baudrillard (2007:35) caracteriza esse tempo como uma “sociedade de consumo”, na qual a alta necessidade de consumir pressiona psicológica e socialmente os sujeitos, além de estimular a concorrência em todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura etc.), situação da qual decorre, como afirma o autor, que “[...] o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra”. Baudrillard (2007) salienta que o “valor-signo dos objetos” supera o seu valor de troca e o seu valor de uso, imperando sobre sua capacidade de representar o desejo dos sujeitos. Ele também registra serem os objetos de consumo lugares de trabalhos simbólicos, onde se procura constituir uma moral do consumo, baseada em valores “sociais” como o ter, a ostentação e a distinção, sendo assim a realização dos indivíduos associada à capacidade de acompanhar as mudanças implicadas com as efêmeras inovações dos objetos. Nesta lógica, o “objeto signo” é um instrumento para manter e concretizar as relações de consumo e de diferenciação social. Assim, quando

compramos um celular, por exemplo, não o estamos comprando somente por sua utilidade, mas, também, pelo que ele representa, pela sua capacidade de nos diferenciar e de nos remeter a uma determinada posição e status. É aí que reside o significado do objeto, que envolve mais do que o valor de troca, o valor de uso desse aparelho, além dos demais sentidos atribuídos a quem possui tal artefato.

Desta forma, o “valor” do indivíduo relativamente à posição que ocupa na sociedade, está vinculado à capacidade de renovação e uso dos seus objetos de consumo. Segundo Baudrillard (2007:35), essa lógica de consumo produz algumas ilusões relativamente à satisfação e distinção social obtidas através do consumo, haja vista o frequente descarte dos aparelhostecnológicos cujas funções são constantemente superadas pelas de um “novo” modelo ou marca, antes mesmo de todos os continentes do planeta terem tido acesso aos modelos suplantados.

Para o referido autor (BAUDRILLARD, 2007:35), ao falar de sociedade de consumo “[...] trata-se de uma instituição e de uma moral (...) e de um elemento da estratégia do poder. A sociedade é aqui, a maior parte das vezes, ingênua e cúmplice: toma a ideologia do consumo pelo próprio consumo”. No momento em que todos desejam “o novo”, a “atualização” de um determinado artefato, bem como a distinção pela posse “dessa novidade”, e nem todos/as a obtêm, essa posse produz estratificação social. Desta forma, os objetos e a posse deles indicam o limite das possibilidades das pessoas, demarcando seus lugares sociais.

Enquanto Baudrillard (2008) afirma ser importante atentar para o “valor-signo dos objetos” para representar o desejo dos sujeitos, Lipovetsky (1989: 73) aponta para o valor de uso dos objetos que ligam os indivíduos às coisas, para o “prazer para si mesmo, indicando a [...] tendência neo narcísica de se dar prazer, de um apetite crescente de qualidade e de estética (...), o prazer da excelência técnica, da qualidade e do conforto absolutos”.

Lipovetsky (2004) denomina o atual período de “hipermodernidade”, configurando-o como um estado cultural que substituiu a pós-modernidade em consequência da rápida expansão do consumo, da comunicação de massa, da competição, do enfraquecimento das normas autoritárias disciplinares, e da individualização, que consagrou o hedonismo e o consumo. Somos marcados pelo efêmero e pela sensação de medo e insegurança. Segundo o autor, a atual sociedade está sob o domínio de um sistema globalizado, que se move em função

do lucro e não pelas necessidades humanas, imperando a hegemonia da “sociedade-moda”.

Nesta concepção, a moda e o consumo são vistos como parte da sociedade e de seu funcionamento. A moda seduz para o consumo e o consumo constitui a identidade do sujeito hipermoderno, que é denominado como hiper indivíduo. O hiper indivíduo demonstra mobilidade nas filiações culturais, ideológicas e políticas, com ênfase nas decisões individuais. Contudo, ainda que esse indivíduo seja marcado pelo culto hedonístico do consumo e da inovação, as relações humanas e o tempo dispensado para práticas de amor e de amizade são almejadas e valorizadas, indicando autonomia dos indivíduos perante seus gostos (visão contrária a de Baudrillard), necessidades, e a multiplicidade de escolhas que as estruturas lhe oferecem, autonomia denominada “hiper escolha”, indicando o desprendimento dos indivíduos aos bens consumidos e à democratização do mundo material. “As coisas são (des)substancializadas pela moda através da utilidade e da novidade” (LIPOVETSKY, 1989: 74-75).

Tais dinâmicas e disputas para traduzir e impor significados à realidade na qual nos inserimos ocorrem em um contexto maior, a cultura. Stuart Hall indica que essa é o “terreno real, sólido, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica” (1986: 26), sendo a cultura “a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas, às quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (Ibidem, 1986:10).

Para Clifford Geertz (2017), a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem, que orienta a existência humana. É um sistema de símbolos coletivos que interage com os sistemas de símbolos individuais, numa interação recíproca. Assim, a cultura nunca é particular, mas sempre coletiva. Para Geertz (2017), o símbolo é qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que represente um significado e, portanto, compreender o homem e a cultura é interpretar essa teia de significados, como o mesmo autor ressalta

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2017:04).

Neste contexto complexo, e até caótico, que constitui a contemporaneidade, é praticamente impossível pensá-la como dissociada das práticas de consumo e do desenvolvimento tecnológico associado ao advento das mídias digitais. Segundo Santaella (1996:138) “[...] o termo mídias no plural visa pôr em relevo os traços diferenciais de cada mídia, para caracterizar a cultura que nasce nos trânsitos, intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação”.

A internet potencializa a expansão das relações interpessoais, permitindo o estabelecimento de vínculos e laços sociais, bem como a produção de representações pessoais, através das redes de relacionamentos, sendo importante lembrar que se têm alterado, desse modo, os processos de comunicação e consumo da informação e das formas de relacionamento online.

Estamos todos nos apropriando direta ou indiretamente de ferramentas digitais e, desse modo, de múltiplas dinâmicas da sociedade contemporânea, na qual a sensação de que “a rede está em todos os lugares” tem capturado se não a todos/as, a muitos de nós. Como assinalou Lemos (2002:02),

pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, para qualquer lugar do planeta e alterar, adicionar e colaborar com pedaços de informação criados por outros.

Vivemos, então, nessa sociedade de conexão permanente, como “cidadãos digitais” em reconfigurações de indústrias culturais (LEMOS, 2005). Uma sociedade que, respaldada pelos autores acima citados, opto por chamar de contemporânea, e na qual as tecnologias de comunicação digital têm nos oferecido muitas possibilidades, convocando-nos a viver a experiência do cotidiano, a produção de conhecimento e informação, bem como as relações sociais e afetivas, de muitos modos.

O advento da *internet*, e através dela das redes de relacionamento digital, possibilitou novos campos de interação, bem como a instauração de diferenciados comportamentos, em decorrência da interatividade na rede, através de ferramentas como os e-mails, as salas de bate papo e de outros comunicadores instantâneos, que possibilitam a intensificação da comunicação e o estreitamento das relações sociais entre as pessoas, além da ampliação da rede de contatos dos usuários. Cabe então assinalar que, além disso, tal como afirmou Guattari (2012:14) “[...] as

máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes”.

A partir de tal contextualização da sociedade e da cultura, é importante ressaltar que a palavra “rede” tem sido utilizada como uma das principais metáforas para explicar as transformações culturais em curso, tornando-se “o fim e o meio para pensar e realizar a transformação social, ou até mesmo as revoluções de nosso tempo” (PARENTE, 2013: 37).

Embora o termo rede seja polissêmico, não me deterei aqui no detalhamento dos significados que lhe foram atribuídos em diferentes vertentes teóricas¹⁴. Por isso, explicito a apropriação que faço desta expressão, invocando Castells (2005), quando salienta que vivemos na era da Sociedade em Rede, onde todos estão conectados de alguma forma e as redes sociais têm grande importância na criação e manutenção de relacionamentos e de sociabilização. “A Internet é o tecido de nossas vidas [...] uma rede é um conjunto de nós interconectados [...] a sociedade em rede é uma sociedade hiperssocial, não uma sociedade de isolamento” (CASTELLS, 2005: 07). O autor aponta também que esse contexto produz a emergência do exercício do individualismo através do ato de se conectar e desconectar a partir de seus desejos e interesses e, também, ao estabelecimento de redes autosselativas. Assim a sociedade em rede é a sociedade na qual nos situamos atualmente e construímos coletivamente; portanto, precisamos transpor a noção de determinismo tecnológico, uma vez que a tecnologia, por si só, “não assegura nem a produtividade, nem a inovação, nem melhor desenvolvimento humano” (CASTELLS, 2005: 26).

Nesta direção, utilizo o termo “rede” como “uma forma de pensar, interagir e transitar no mundo”, ou seja, assumo a compreensão de que a lógica da rede, com seus fluxos, conexões, nós, modos de expansão e retração em todas as direções, compõem a maneira com que nos vemos e interagimos com os outros e com o mundo nos dias atuais, bem como aproximo-o do conceito de rizoma elaborado por

¹⁴ O que pode ser encontrado no livro *Tramas da Rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*, organizado por André Parente apresenta um histórico desse conceito e os diferentes usos dele. Utilizei-o, entre outros, para fazer a minha escolha teórica referente a esse conceito.

Deleuze e Guattari (1995:04) “É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe[...]. Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída [...]”.

Considero que as características da contemporaneidade até aqui apresentadas operaram como condições de possibilidade para a emergência e popularização de redes digitais que foram apropriadas para o estabelecimento de relacionamentos afetivo/sexuais. Como Foucault (2002) nos ensinou, as condições de possibilidade¹⁵ tornam viável o aparecimento e/ou transformação de um discurso. E são os “sistemas discursivos, historicamente definidos, que tornam possível assinalar condições de nascimento e de desaparecimento de saberes”, ou seja, são os sistemas discursivos que permeiam, tornam possível e dão sustentação às práticas, bem como a outros discursos e permitem a sua proliferação.

1.3 O OBJETO DA PESQUISA (*FACEBOOK, TINDER*)

Como já indicado, a problemática central dessa investigação surgiu da retomada das narrativas que estabeleci com as jovens participantes da pesquisa que desenvolvi para a realização da minha dissertação de mestrado, bem como do meu contato com jovens¹⁶, usuários/as de artefatos tecnológicos conectados à internet. Tais jovens fazem diferentes usos desses artefatos, entre eles, para escutar músicas, jogar, conhecer pessoas, lugares, ler livros, estudar, acessar salas de bate papo. Enfim, uma infinidade de possibilidades ao alcance de um clique. Em conversa com jovens em eventos escolares, escutei alguns desconfortos acerca de conflitos mal resolvidos no ambiente escolar, por serem decorrentes de postagens polêmicas em redes sociais - comentários, acusações e ofensas-, além de conflitos oriundos de disputas amorosas e/ou tentativas de conquistas em ambientes virtuais.

Passei então a sentir um desconforto, uma *inquietação*, que tornou minha “orelha sensível” para ouvir o que se dizia sobre as relações afetivas, e assim tomei conhecimento da existência do aplicativo *Tinder*. Após tomar conhecimento da

¹⁵ Tal conceituação é detalhada no capítulo três: “Ferramentas de acesso”: a abordagem teórico-metodológica.

¹⁶ Estudantes da rede municipal de Esteio com que me relacionava como assessora de políticas para a juventude e diversidade durante os anos de 2013 a 2016.

existência desse artefato, tive a sensação de que “todo mundo” já o conhecia, menos eu, pois de cada dez pessoas a quem eu perguntava se conhecia o aplicativo, sete me respondiam afirmativamente. Algumas complementaram com a seguinte frase: “Até a minha mãe, que é separada, usa.” Obviamente sei que essa proporção não se mantém em relação a outros grupos aos quais pertencço ou conheço. Contudo, considere importante mencionar o meu espanto inicial, pois dele decorreu o impulso que delimitou o tema desta investigação, como aponta Bujes (2002: 14)

[...] a pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, [...] quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis. Ela se constitui na inquietação

No final de maio de 2016, numa mesma semana, me deparei com situações diferentes, as quais me remeteram, mais uma vez, a pensar no quanto este aplicativo tem sido difundido. Abri um e-mail publicitário das sandálias plásticas Melissa que continha a seguinte frase como destaque: *Você e Melissa: It's a Match!* No corpo do e-mail havia fotos de modelos de Melissas e a frase: “O amor está no ar. E nos pés”. A segunda situação, que também diz respeito à propaganda, foi vista em uma vitrina de uma loja de *shopping*, decorada com cartazes. Em um deles estava em destaque a palavra *MATCH!* em meio ao desenho de dois palitos de fósforo acesos. No outro cartaz estava desenhado o símbolo estilizado do aplicativo *Tinder*, lembrando uma chama nas cores laranja e amarelo, e acima do desenho a afirmação: “*Perfect Match!*”. Como se pode ver, nessas situações que envolvem propaganda, são utilizadas expressões que remetem a práticas associadas ao aplicativo *Tinder*, tais como *match*, que na língua inglesa significa¹⁷ corresponder/combinar (verbo) ou partida/encontro/correspondência (substantivo), e *like*, que significa gostar (verbo).

Assim, no caso de ocorrência de um *Perfect Match!*, tal como o cartaz exposto na vitrina registrou, houve o estabelecimento de uma correspondência perfeita entre usuários que se encontraram a partir do *Tinder*. Obviamente, me dei conta de que nos aproximávamos do Dia dos Namorados, mas o que me intrigou foi

¹⁷ Fonte: Dicionário Linguee acessado em 31/05/16, <http://www.linguee.com.br/portugues-ingles/search>

perceber quantas pessoas reconheciam tais palavras associadas ao aplicativo, bem como as dinâmicas de afetividade nelas implicadas, ao ponto de essas serem usadas como importantes marcadores para a venda de produtos.

Já no ano de 2017, a relojoaria Vivara lançou a Coleção “*De Match*” Vivara – *Pingentes de casais*. Nesta coleção os pingentes são vendidos em duplas com o sentido de complementaridade entre o feminino e o masculino em diferentes áreas da vida como esportes, profissões, lazer... como os representados na Figura 1.

Figura 1: Coleção “*De Match*” Vivara – *Pingentes de casais*



Fonte: Vivara (2017)

No mesmo ano, 2017, a empresa O Boticário lançou a linha de produtos para cabelos “*Match*”, com a seguinte descrição: “Chega de fazer testes em seu cabelo. Chegou *Match*, a linha que nasceu para ajudar você a se entender com ele. Com tratamentos para *frizz*, hidratação e crescimento, *Match* desembaraça sua relação com o cabelo e traz resultados comprovados. É usar e pronto, deu *match*”.

E, em janeiro deste ano, 2018, foi lançada a segunda temporada do Programa “*Deu Match*” que é uma coprodução da MTV com a Cinegroup. Trata-se de um *reality*¹⁸ que expõe a forma contemporânea de relacionamentos entre os jovens, em dez episódios de 30 minutos.

Será que eu não percebia a frequência do uso desses vocábulos, antes de me envolver com o presente estudo, e esses já vinham sendo usados para se referir a relações afetivas? Ou seja, tais palavras estariam cada vez mais se popularizando para além do uso do aplicativo? Por certo, tal pergunta é bem mais retórica do que

¹⁸Um gênero de programa de televisão. A primeira temporada de “*Deu Match*” estreou no Brasil em junho de 2015. Ambas as temporadas possuem de 10 episódios.

uma questão que eu tenha formulado com o intuito de responder a partir deste estudo. Cabe destacar o quanto os termos próprios ao *Tinder* têm sido apropriados em outras instâncias culturais, de maneira que vamos nos familiarizando com os significados de tais termos mesmo sem sermos usuários desse aplicativo.

Segundo López e Ciuffoli (2012: 51), no estudo realizado sobre a rede social *Facebook*, o que diferencia a web 2.0 da era anterior é o surgimento de ferramentas e plataformas de publicação e distribuição de conteúdos que ampliaram as possibilidades de produzir na internet. Mesmo exigindo pouco conhecimento sobre programação, redes e computadores, essa nova etapa possibilita que a internet deixe de ser “vitrine de conteúdos multimídia”, tal como fora na web 1.0, e possibilita que os/as usuários/as tornem-se produtores/as. O Brasil está em plena expansão da 4ª Geração de redes de transmissão, o que promete uma maior velocidade de navegação para os celulares. A passagem da web 1.0 para a web 2.0 e a ampliação do número de pessoas com conexão permanente permite que a interação por meio de dispositivos móveis ocorra para além das ligações telefônicas.

Cabe registrar que o tempo real na internet não é apenas um tempo linear e progressivo, passado-presente-futuro, mas também um tempo de mobilidade digital. Não há hora nem lugar próprio para se conectar; a conexão instantânea possibilita a redução e, em algumas situações, elimina as fronteiras espaciais, como indica Lemos (2004: 3) ao afirmar que

as tecnologias digitais, e as novas formas de conexão sem fio, criam usos flexíveis do espaço urbano: acesso nômade à internet, conectividade permanente com os telefones celulares, objetos sencientes que passam informações aos diversos dispositivos [...]. A cidade contemporânea torna-se, cada vez mais, uma cidade da mobilidade onde as tecnologias móveis passam a fazer parte de suas paisagens.

Isso permite que nossas redes de relacionamento se ampliem e que outros modos de se relacionar sejam inventados/configurados, passando a ser a mobilidade uma das principais características das tecnologias digitais que promoveram a reconfiguração da cultura contemporânea como uma cultura de mobilidade (LEMOS, 2004). Os aplicativos de relacionamento vêm conquistando cada vez mais usuários, sendo possível conhecer pessoas e iniciar um relacionamento enquanto trabalhamos, enquanto esperamos na fila do banco para ser atendidos, durante um almoço, ou até mesmo, quando nos relacionarmos com

alguém presencialmente. Apesar das inúmeras histórias de pessoas que se conheceram e mantiveram contato, por longos períodos, através de cartas, telefone ou e-mail, os modos de conexão, as possibilidades de relacionamento implicadas pelas mídias eletrônicas assumem outras dimensões. Ou seja, o relacionamento à distância, incluindo o namoro, não é uma prática contemporânea, no entanto, com o advento da internet surgiram sites de relacionamento, que oportunizam conhecer pessoas, encontros casuais, e até o estabelecimento de relacionamentos mais duradouros.

Os relacionamentos desenvolvidos neste ambiente, chamados de “relacionamento online”, geralmente se desenvolvem por meio de mensagens escritas, salas de bate-papo, e conversas por meio de *webcam*, incluindo, por vezes, até a marcação de um encontro presencial.

Tinder é um aplicativo¹⁹ (app) gratuito, que opera nos sistemas móveis Android, IOs e Windows Phone. Porém recentemente também é possível utilizar a plataforma através de navegadores, como Google Chrome, Safari e Internet Explorer. O aplicativo tem a finalidade de unir pessoas que terão acesso a uma descrição produzida pelo outro usuário e algumas fotos também pré-selecionadas. Atualmente não é mais necessário ter uma conta no *Facebook* para importar seus dados, a confirmação e importação podem ser feitas apenas utilizando recursos fornecidos pelo *Tinder*.

A interface se apresenta de uma forma simples e intuitiva, sendo fácil entender os recursos apresentados. Na tela será possível ver fotos e uma pequena descrição informada pelos usuários; logo abaixo um botão amarelo que possibilita desfazer escolhas. Na interface também está disposto um X vermelho que quando apertado nega a possibilidade de entrar em contato com essa pessoa, ao lado existe um coração verde, que ao ser clicado, demonstra o interesse e libera uma possível nova tela de bate-papo. Existe um coração azul, na qual quando o perfil for mostrado ao outro usuário, a pessoa saberá que você deseja entrar em contato com ela, porém esse é um recurso limitado. A ordem e formato do layout desta tela poderão

¹⁹ *Aplicativo* é um termo da língua inglesa “*application*”. É um *software* desenvolvido para ser instalado em um dispositivo eletrônico móvel, como um PDA (assistente pessoal digital), um telefone celular, um *smartphone* ou um leitor de MP3. Pode ser instalado no dispositivo pelo fabricante ou, se o aparelho permite que ele seja baixado pelo usuário através de uma loja *on-line*. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aplicativo_m%C3%B3vel, acessado em 07/01/2016. A grande parte dos Apps é gratuita, mas há também os pagos como, por exemplo, aplicativos para jogos, revistas, músicas, livros etc. Há também a possibilidade de as pessoas criarem seus próprios Apps.

ser alterados conforme o sistema operacional e versão do aplicativo que estiver em funcionamento no *smartphone* do usuário.

Quando duas pessoas selecionam o coração verde é mostrada uma mensagem “*It’s a Match*” e ambas são encorajadas pelo aplicativo a iniciarem uma conversa em uma janela de bate-papo.

Existem algumas opções de filtragem, nas quais é possível selecionar o sexo/gênero, alcance da procura em quilômetros, bem como a idade. Este app possui alguns recursos pagos, sendo necessário, para usá-los, possuir um cartão de crédito e vinculá-lo a *Play Store* ou comprar um cartão pré-pago disponível nas mais diversas lojas do varejo nacional.

Em uma entrevista ao site Olhar Digital²⁰, Justin Mateen, cofundador e diretor de marketing desta plataforma, menciona que o aplicativo foi criado por ele e mais três amigos no ano de 2012, tendo sido inicialmente lançado em universidades dos Estados Unidos. O Brasil recebeu oficialmente o aplicativo apenas em 2013. Cabe salientar que o *Tinder* possui tradução para o português brasileiro, facilitando o entendimento dos usuários.

Segundo o economista Ladislau Dowbor (2009), o impacto deste tipo de mudança na cultura e acesso às tecnologias se dá pela facilidade no uso e ausência de um mediador neste caso se faz menção a sites de relacionamento que ocupam uma parcela menor deste tipo de mercado. Também é importante ressaltar que o crescimento deste tipo de plataforma se dá pelo aumento de pessoas com acesso à internet. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C)²¹, realizada em 2016, e divulgada pelo IBGE em fevereiro de 2018, indicou que os/as brasileiros/as *online* somam 64,7% da população, o que corresponde a 116 milhões de pessoas, dentre as quais 65,5 eram mulheres e 63,8 homens. A pesquisa refere, também, que 77,1% dos/as brasileiros/as possuíam celulares e desta porcentagem 96,6% dos usuários utilizam *smartphones*²². Tal mídia continua sendo o principal aparelho para se conectar à internet no Brasil para 94,6% das pessoas que acessam.

²⁰ <https://olhardigital.com.br/pro/noticia/criador-do-tinder-brasileiro-e-ocupado-demais-para-encontrar-namoro/38499>

²¹ Reportagem “Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet”. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acessada em 01/11/2018.

²² A diferença entre ambos é que smartphones possuem sistema operacional e telefones tradicionais não.

No que se refere ao uso do *Tinder*, informação divulgada na versão eletrônica do jornal *A Tarde*²³ destacou ser o Brasil o terceiro país com o maior número de usuários de *Tinder* no mundo, ficando apenas atrás dos Estados Unidos da América e do Reino Unido. Como foi destacado na mesma matéria, o país também tem a maior média de *matches* do mundo, ficando com 15% mais de combinações do que os outros 190 países onde o aplicativo funciona. Cabe ainda salientar, que dentre os aplicativos de relacionamento disponíveis no país, selecionei o *Tinder* por sua popularidade entre os brasileiros²⁴.

O *Facebook*²⁵ é definido, usualmente, como um site e um serviço de rede social que surgiu do aprimoramento do site *Facemash*, criado pelos estudantes de Harvard, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz, tendo sido originalmente desenvolvido para ser um jogo entre os estudantes. Em 2004, no entanto, ele se transformou em um site endereçado, inicialmente, apenas a estudantes da mesma universidade. No início de 2005, seu uso se expandiu por 21 universidades do Reino Unido e, em dezembro do mesmo ano, já estava presente em 2000 universidades e dele participavam 25000 colegiais dos EUA, Canadá, México, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e Irlanda.

Em 2010, o *Facebook* começou a convidar usuários como testadores-beta. Estes passavam, inicialmente, por um processo de seleção baseado em perguntas e respostas depois realizavam um quebra-cabeças de engenharia, que envolvia a resolução de problemas computacionais. O objetivo de tais “testagens” era efetuar a contratação desses usuários para trabalharem com o *Facebook*. Em fevereiro de 2011, o *Facebook* se tornou o maior servidor e agregador de fotos online, *Pixable*, com a expectativa de ter 100 bilhões de fotos no verão de 2011.

²³Reportagem “Brasil é o terceiro país em número de usuários no *Tinder* no mundo”

Fonte: <http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1882824-brasil-e-o-terceiro-pais-em-numero-de-usuarios-no-tinder-no-mundo>. Acesso em 03/11/2018.

²⁴ A última pesquisa que tive acesso sobre o número de usuários do *Tinder* no Brasil indicou que o Brasil é o terceiro país com o maior número de usuários no mundo, atrás apenas de Estados Unidos e Reino Unido. O país também tem a maior média de *matches* do mundo, ficando com 15% mais de combinações do que os outros 190 países onde o aplicativo funciona. Fonte: “Brasil é o terceiro país em número de usuários no *Tinder* no mundo” <http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1882824-brasil-e-o-terceiro-pais-em-numero-de-usuarios-no-tinder-no-mundo>. Acessado em 23/08/2018.

²⁵ Em julho de 2018 foi divulgado que o *facebook* atingiu 127 milhões de usuários ativos no Brasil, sendo que 90% desses usuários usa a rede a partir de dispositivos móveis, sobretudo smartphones. Nesta mesma reportagem indica-se que o Brasil é um dos cinco maiores mercados da companhia. Fonte: *Facebook* chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil. <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>

Atualmente, para criar uma Página pessoal no *Facebook* é necessário ter no mínimo 13 anos e um endereço de e-mail. A partir dessas duas informações o usuário deverá fornecer alguns dados, tais como: nome, cidade, se trabalha ou estuda, e onde, dados esses que não são necessariamente verídicos.

No próximo capítulo: *Do “FEED de NOTÍCIAS” à “PAQUERA DE BOLSO”: relacionamentos afetivo/sexuais e suas possibilidades* detalho as funcionalidades dessas plataformas.

Usar a internet como objeto, local e instrumento de pesquisa tem sido cada vez mais comum e produtivo. Contudo há também muitos limites e desafios éticos específicos. Hine (2005: 13) salienta que

[...] as novas tecnologias ampliam a questão da multiplicidade metodológica por transpor a discussão da evolução tecnológica em si para as questões de sociabilidade e apropriação: já o agente de mudança não é a tecnologia, e sim os usos e as construções de sentido ao redor dela.

Por essas, e outras razões, ainda há muito a ser pensado, discutido, estudado e problematizado neste campo e diversos pesquisadores se dedicam a ele (FLICK, 2009; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Retomando a caracterização do estudo empreendido nesta tese, e a partir de um cenário em que a conectividade se configura como uma condição de conexão contínua e generalizada, através de dispositivos móveis conectados à internet, na qual muitos sujeitos estão imersos, bem como de incursão como pesquisadora no aplicativo *Tinder* e usuária do *Facebook*, encontrei Perfis no *Facebook* dedicados a compartilhar experiências de usuários/as do *Tinder*. Interessei-me por esta conexão que colocava essas plataformas de relacionamento em associação e passei a buscar Perfis que assim se configurassem. Acessei alguns desses Perfis, e, **elegi como locus desta pesquisa os Perfis “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder”, nos quais usuários/as do aplicativo comentam e narram experiências afetivo/sexuais²⁶.**

Busquei identificar nos Perfis selecionados narrativas que focalizassem as interações e as dinâmicas de afetividade/sexuais realizadas no e a partir do *Tinder*, com vistas a problematizar estas dinâmicas, bem como as

²⁶ No capítulo três: “Ferramentas de acesso”: a abordagem teórico-metodológica” descrevo o processo de seleção desses Perfis, bem como o modo como os analisei.

representações de identidades masculinas e femininas e os processos de normatização de condutas para tais relacionamentos.

Assim, estes dois artefatos culturais midiáticos, *Facebook* e *Tinder* operam nestes Perfis através da (re)produção de representações gestadas em discursos de diferentes ordens, que proliferam nos dias atuais, acerca de modos de posicionar-se como homens e mulheres relativamente a seus relacionamentos afetivos/sexuais. Assumo, portanto, discussões conduzidas na perspectiva dos E.C. e de alguns outros estudos que atribuem dimensão pedagógica às mídias digitais, tal como salientou Paraíso (2001: 144) ao destacar que as pedagogias culturais “de maneira mais ampla nos ensina[m] comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes consideradas adequadas e desejáveis [...]”.

Passo, a seguir, a apresentar as questões que mobilizaram a constituição dessa tese, sendo elas:

- a) Quais são as dinâmicas de relacionamento frequentemente referidas nos comentários postados por usuários/as do *Tinder* nos Perfis do *Facebook* examinados neste estudo?
- b) Que tensões, expectativas, desejos e temores são recorrentes nos comentários sobre os relacionamentos afetivo/sexuais em circulação no *Tinder*?
- c) Que “dicas”/ensinamentos sobre os relacionamentos afetivo/sexuais são (re)produzidos pelos/as participantes dos Perfis do *Facebook* analisados?
- d) Quais são os principais embates, contraposições ou convergências sobremasculinidades, feminilidades e relações afetivo/sexuais presentes nas narrativas analisadas nos Perfis do *Facebook* “Omi no *Tinder*” e “Pérolas do *Tinder*”?

Assim, é a partir da problemática apontada, bem como desse conjunto de questões de pesquisa, que busquei desenvolver este estudo que foi organizado em cinco capítulos.

No primeiro e corrente capítulo, intitulado “*EDITANDO O PERFIL DA PESQUISA*”, apresentei de maneira sucinta minha trajetória acadêmica, tencionando relacioná-la com o interesse que me levou a focalizar o objeto de pesquisa desta tese. Indico algumas características marcantes do contexto sociocultural e do tempo histórico no qual nos inserimos, que opto denominar, baseada em autores como Bauman (2001; 2004), Lipovetsky (2004), Castells (2005) e Baudrillard (2007), de contemporaneidade. Destaco aspectos relevantes do advento da Internet, das redes

sociais digitais e de alguns modos através dos quais artefatos culturais, tais como o *Facebook* e o *Tinder*, operam na construção dos significados e dos sujeitos, apoiada nas considerações de Jenkins (2009), Santaella, (2003), Lemos (2002), Shhirky (2010) e Guattari (2012). Apresento o tema deste estudo – os relacionamentos afetivo/sexuais estabelecidos por meio de artefatos culturais como o *Tinder* e o *Facebook* – e o objetivo da investigação, que buscou identificar nos Perfis selecionados narrativas que focalizassem as interações e as dinâmicas de afetividade/sexuais realizadas *no e a partir do Tinder*. Problematizei estas dinâmicas, bem como as representações de identidades masculinas e femininas e os processos de normatização de condutas generificadas e os modos como são representados os relacionamentos afetivos-sexuais nas mídias focalizadas.

No segundo capítulo nomeado *DO “FEED de NOTÍCIAS” a “PAQUERA DE BOLSO”: relacionamentos afetivos e suas possibilidades*, apresento um breve panorama histórico sobre o amor e as relações afetivo/sexuais em determinados períodos históricos, indicando alguns modos de relacionamentos afetivo/sexuais prevalentes em diferentes épocas, a partir de autores como Giddens (1993), Costa (1998), Rougemont (2003), Del Priore (2005), Illouz (2009;2012), e Rüdiger (2013). Apresento o aplicativo *Tinder* e a rede social digital *Facebook*, descrevendo suas funcionalidades desde a sua criação até o momento atual.

No terceiro capítulo *“FERRAMENTAS DE ACESSO”: A ABORDAGEM TEÓRICO–METODOLÓGICA*, apresento os campos teóricos que sustentam este estudo, sendo eles os E.C. em Educação e os Estudos sobre gênero, ambos inspirados no pensamento pós-estruturalista e em interface com os Estudos de mídia. Os conceitos centrais com os quais operei para fundamentar as análises dessa investigação foram: representação, identidade, discurso e gênero. Detalho, ainda, nesse capítulo, o modo como realizei a coleta, a seleção, a composição e a análise dos dados, por meio de uma análise cultural.

Na quarta parte *“DEU BOM... DEU MATCH!”: do portão de casa à palma da mão*, apresento as três categorias de análise, os questionamentos e reflexões tecidas em cada uma, sendo elas: Na seção 4.1, intitulada “Em busca do ‘Match perfeito’: Pedagogias de Gênero no *Tinder* e *Facebook*”, discorro sobre os processos de normatização de condutas presentes nas narrativas analisadas nos Perfis do Facebook “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder” focalizo, também, as

configurações dos relacionamentos afetivo/sexuais realizados *no e a partir do Tinder* e as dinâmicas de (re)produção de identidades masculinas e femininas, bem como as representações evocadas para dar sustentação a estas. Na sequência, a seção 4.2, denominada “Relacionamentos afetivo/sexuais virtuais ‘na palma da mão’”, indico ensinamentos/“dicas” sobre os relacionamentos afetivo/sexuais (re)produzidos pelos/as participantes do *Tinder* e/ou por usuários/as do *Facebook*, bem como apresento tensões, expectativas, desejos e temores recorrentes nos comentários do *Facebook* sobre os relacionamentos afetivo/sexuais em circulação no *Tinder*. E por fim, na seção 4.3 “Tinder ‘como poder dos possíveis’”, problematizo as narrativas expressas em Perfis do *Tinder* e em comentários realizados nos Perfis no *Facebook*, que denotaram irregularidades, rupturas, indagações em torno dos gêneros e das sexualidades, apontando, também, para tensões, embates, contraposições e/ou convergências sobre masculinidades, feminilidades e relações afetivo/sexuais.

Por fim, no quinto capítulo, nomeado “*FEEDBACK*”: *Considerações necessárias no campo dos possíveis*, retomo aspectos desenvolvidos ao longo do estudo e apresento considerações e reflexões em que pontuo que as narrativas pautadas em torno dos Perfis do *Tinder*, que se organizam a partir das postagens e comentários do *Facebook*, operam pedagogicamente na produção de identidades masculinas e femininas, bem como nos modos como se estabelecem os relacionamentos entre os sujeitos. Tais processos pedagógicos acontecem a partir de representações e discursos perpassados por jogos de poder e atuam na construção destas identidades. Nas situações consideradas neste estudo, representações de homens e mulheres usuários/as do *Tinder* e *Facebook* apresentam-se inscritas, muitas vezes, em uma matriz heterossexual. Nesta matriz organizam-se estratégias que pedagogicamente (re)marcam as diferenças entre os gêneros. No entanto, tais estratégias não operam de forma tranquila, sendo, ao contrário, permeadas por embates, contraposições, disputas e conflitos. Quanto aos relacionamentos afetivo/sexuais realizados através do *Tinder*, esses se configuram de maneiras diversas e plurais, sendo alguns pautados em configurações semelhantes a que “outro” era ambicionado como namoro com duração de anos, seguido de noivado e casamento, ora com outras configurações caracterizadas pela fluidez, liberdade, prazer e imediatismo como as práticas “pegar” e “ficar”.

2. DO “FEED DE NOTÍCIAS” A “PAQUERA DE BOLSO”: RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SUAS POSSIBILIDADES

“Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.
Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.
As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.
Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas”.
(Fernando Pessoa, 1890)

Quem de nós já não se sentiu ridículo/a²⁷ frente ao amor? Quem não se sente risível ao lembrar do próprio rosto inchado de chorar, do súbito arrependimento após ter entregue a carta/bilhete... Ou de não tê-lo enviado? Quem nunca ligou e assim que o/a amado/a atendeu desligou o telefone?

Outrora cartas, poemas, músicas, declarações escritas e enviadas por vizinhos/as, colegas, amigos/as, correio... Frio na barriga, expectativa, arrependimento... Histórias de amor não resolvidas devido ao fato de uma mensagem não recebida como a de Ludwig van Beethoven e sua amada.

Hoje o *WhatsApp* nos possibilita sete minutos para pensar, se arrepender, corrigir, qualificar... Apagar nossas derrisórias declarações. Contudo, esse recurso está ao nosso alcance desde outubro de 2017. Até então muito vexame passamos por confundirmos os destinatários, os grupos, os arquivos enviados... O tempo passa, os recursos se alteram, o tempo de espera diminui, mas o frio na barriga continua... E o tempo do amor parece continuar sendo o mais longo que existe quando se trata de espera, atualmente a angústia da espera pelas duas barrinhas (tiques) ficarem azuis²⁸ mobilizam tanta angústia quanto à espera pelo carteiro.

²⁷ Segundo o dicionário online de português Houaiss: risível; digno de riso; merecedor de escárnio ou de zombaria. Insignificante; de valor irrisório; de pouco ou nenhum valor: quantia ridícula. Fonte: <https://www.dicio.com.br/houaiss/> Acesso em 04/09/2018.

²⁸ No *WhatsApp* um tique indica que a mensagem que você acabou de enviar chegou aos servidores do serviço e está a caminho do destinatário; dois tiques informam que o conteúdo foi entregue ao celular de destino. Enquanto os dois tiques permanecerem cinzas, a mensagem foi apenas entregue,

Nesses fluxos, velhos artefatos, como os discos de vinil e suas vitrolas, passam do estatuto de obsoleto para *vintage*²⁹. Práticas sociais como as festas de noivado e casamento também vão sendo (re)configuradas e (res)significadas. Não me detenho aqui às reflexões acerca das festas de “descasamento” e “chá de divórcio” em alta em 2015 e 2016³⁰, ainda assim considero importante referi-las, uma vez que são práticas que também se configuram em torno do casamento. E, assim, seguimos criando novos artefatos, nos apropriando dos recursos que eles nos possibilitam, (re)criando outros usos e significados, desejando amar e ser amado.

Mas o que é o amor? O que queremos a partir dele? Amamos de maneira diferente dos/as nossos/as ancestrais? Os artefatos digitais interferem na maneira como amamos?

Não sei se tais questões possuem resposta, ou pelo menos uma resposta... Como assinala Rüdiger (2013:13) “o amor não é uma coisa, mas a elaboração histórica de um certo tipo de relacionamento entre os seres humanos. Quanto mais se pretende falar do amor, maiores são os indícios de seu estatuto problemático [...]”.

2.1 AH, O AMOR...

Existem muitas abordagens sobre o amor. Há reflexões idealizadas, as quais reputam que a vivência de um amor correspondido oferece sentido a própria vida, tal como o pautado por Vitor Hugo (1802-1885) que refere: “Vós, que sofreis, porque amais, amai ainda mais. Morrer de amor é viver dele”. Mas há, também, as visões pessimistas tal como a desenvolvida por Arthur Schopenhauer (1788-1860), que

quando os símbolos se tornarem azuis, significa que o destinatário leu o conteúdo. Fonte: <https://tecnoblog.net/169044/whatsapp-tiques-leitura/>. Acessado em 09/10/2018.

²⁹ *Vintage* é o significado atribuído a objetos ou roupas com no mínimo 20 anos de idade, consideradas como clássicas ou antigas. Recentemente surgiram os termos “novo vintage” para referir-se a objetos dos anos 80 e 90 e “verdadeiro vintage” para objetos de pelo menos 50 anos atrás. Fonte: <https://www.significados.com.br/vintage/>. Acessado em 09/10/2018.

³⁰ Para aprofundar a questão indico as reportagens “Festa de descasamento e chás de divórcio viram moda para comemorar fim de união” (<https://extra.globo.com/noticias/rio/festas-de-descasamento-chas-de-divorcio-viram-moda-para-comemorar-fim-da-uniao-17992735.html>) e “Festa de descasamento, um novo rito de passagem” (<http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/viviane-bevilacqua/noticia/2016/10/festa-de-descasamento-um-novo-rito-de-passagem-7809160.html>) Acessados em 09/10/2018.

desagrega amor e felicidade, e que indica: “O amor é apenas instinto de sobrevivência da espécie”.

A abordagem de amor e dos relacionamentos afetivo/sexuais que permeia esta investigação é a de que são práticas culturais, que adquirem múltiplos significados e configurações ao longo do tempo. Sendo o amor e todas as relações que decorrem dele fenômenos sociais, portanto, torna-se necessário: “[...] tomá-los não como algo desde sempre dado, mas como algo historicamente construído, é um primeiro e necessário passo para intervir nestes fenômenos” (VEIGA-NETO, 2003: 07).

As representações de amor e as vivências afetivas auferem peculiaridades se consideramos diferentes épocas históricas, bem como as identidades masculinas e femininas, uma vez que tais categorias não possuem um único significado, mas uma multiplicidade destes. Homens e mulheres vão sendo posicionados nas sociedades a partir do modo como se colocam no mundo, de suas experiências e, entre outras, das relações que estabelecem entre si. Como ressaltou Soares (2005:112) “a conduta de gênero está intimamente relacionada às práticas sexuais e amorosas, já que, o amor é um fenômeno social generificado”.

Muitas pessoas não se questionam acerca de como compreendemos, vivemos e pensamos as relações afetivas, como se o amor fosse algo natural, universal, incontornável e condição para a felicidade (COSTA,1998). Sobre esta crença na universalidade e naturalidade do amor, refere este autor

O argumento que dá suporte à crença diz mais ou menos o seguinte: em todas as culturas conhecidas temos testemunho da presença do amor-paixão. Isso prova que ele é um dom gratuitamente oferecido pela mãe natureza. Portanto, tudo que venha proibi-lo, inibi-lo ou desmoralizá-lo é desumano e antinatural. [...] Além disso, aprender que os amores históricos ou lendários são aquilo que devemos sentir integra a habilidade de ver o amor como algo grandioso, mágico, que atravessa o tempo e o espaço [...] (ibidem:13).

Há estudiosos que se dedicam a tais questões como Simmel (1971), Giddens (1993), Lázaro (1996), Costa (1998), Rougemont (2003), Del Priore (2005), Bauman (2007) e Eva (2009;2012), entre outros.

Recorro a alguns destes autores para desenvolver, nas próximas páginas, um breve “panorama” das experiências amorosas alicerçado em questões históricas. Sobretudo acerca do amor cortês e do amor romântico, uma vez que a maioria dos

teóricos que se dedicam ao estudo das condutas amorosas no decorrer da história apontam para o fato de que os valores fundantes continuam balizando as nossas concepções de amor no ocidente.

Meirelles (2011) indica que Rougemont (2003), no livro *História do Amor no Ocidente*, incursionou à construção da ideia atual de amor, elencando entre outras questões relativas aos relacionamentos amorosos contemporâneos, a crise do casamento, indicando motes socioculturais deste, não sendo, portanto, inerentes ao próprio amor. O casamento teve seu auge na Europa na Idade Média entre os séculos VIII, IX e X, período, considerado pelo autor, de grande elevação moral. Portanto esse possuía função social específica, uma vez que “unia duas lamas fiéis, dois corpos aptos a procriar e duas pessoas jurídicas. Prestava-se a santificar os interesses fundamentais da espécie e os interesses da cidade” (ROUGEMONT, 2003: 369).

Contudo, como aparecimento da paixão, e com ela o adultério, o casamento, como instituição, passa a ser perturbado, transcorrendo, dessa interferência, alterações em seu significado, uma vez que “suas origens e objetivos são excludentes. Sua coexistência faz surgir incessantemente em nossas vidas problemas insolúveis, e esse conflito ameaça constantemente a nossa ‘segurança’ social” (ibidem: 372). Rougemont incursiona por textos literários e religiosos do século XII, como por exemplo, as *Correspondências de Abelardo e Heloísa*, além de referir-se ao mito de *Tristão e Isolda*, para discorrer sobre o amor cortês e focalizar o que ele chamou de amor-paixão romântico. Aborda também o amor na literatura e a sua vivência em períodos de guerras, onde a paixão surge pelo culto à mulher, que é substituído pelo desejo (inconsciente) de morte, oriundo da mística do amor cortês e a noção de *sofrimento fecundo*, fortalecido através do *instinto combativo* e suas relações com o *instinto sexual*. Explicitou Rougemont (2003: 24): “Tudo em nós e ao nosso redor glorifica a paixão a tal ponto que chegamos a considerá-la uma promessa de vida mais viva, uma força que transfigura, algo situado além da felicidade e sofrimento, uma beatitude ardente.”

Assim, ele destaca que amamos mais ao próprio amor, do que propriamente ao fato de amar e ser amado, e que buscamos constantemente a paixão que é a fonte de nossa alegria e sofrimento. Segundo o autor, nossos entendimentos sobre o amor foram condicionados culturalmente, sendo proveniente daí o insucesso do

casamento na sociedade atual, pois o casamento seria o amor realizável e, conseqüentemente, a materialização de um relacionamento monótono e tedioso. Haveria, então, segundo Rougemont, uma constante busca pela emoção do enamoramento, pelo amor de Eros, pelo impossível, de forma que a consequência dessa busca seria a infidelidade. Mas ele também considera que o/a amante só seria mais interessante do que a/o esposa/o enquanto fosse amante, ou seja, enquanto houvesse uma impossibilidade de realização efetiva da paixão. Assim o/a amante só se manteria amando/a através da impossibilidade de concretização do amor.

O amor cortês instalou-se na sociedade ocidental, por volta do séc. XII, se estabelecendo na corte, e sendo praticado por alguém que dela não provinha, e instaurando uma nova forma de amar e de se relacionar na sociedade. Como indicou Costa (1998: 44), “o amor cortês possibilitou que jovens deserdados de heranças familiares e/ou condenados ao celibato, conquistassem pelo casamento uma situação econômica e social privilegiada”. Ainda, segundo Costa, a prática do amor cortês incluiria algumas ações que implicavam: conduzir-se bem, ter boas maneiras, saber portar-se conforme os modos da corte, além de saber escrever e declamar poesias, desempenhando as mulheres papel central nestas dinâmicas de sedução e sendo elas o objeto do desejo. Então, especialmente através das poesias, as mulheres eram admiradas, lisonjeadas e cortejadas. Contudo, nem todas as mulheres eram consideradas dignas de tais apreciações, tal como registrou Del Priore (2005: 88-89):

A amada é portadora de valores morais que estimulam o que há de melhor no sexo masculino. Ela acende no parceiro o desejo do que lhe é superior. O homem, por sua vez, reconhece o lado sublime da mulher, renunciando, por isso, ao prêmio material – seu corpo. Nesse código amoroso o que está em jogo não é a diminuição do desejo, mas a tensão em que o indivíduo se reconhece na experiência de desejar. O amor serve, assim, para aperfeiçoar moralmente a personalidade do amante.

Desta maneira, o amor cortês instauraria o desejo insatisfeito como a origem do sentimento amoroso, sendo os sujeitos desta relação, geralmente, um homem e uma mulher. Caberia ao homem “fazer a corte” e à mulher, com muita delicadeza, manter-se distante, fomentando, assim, a ideia da inatingibilidade de um sentimento, bem como da impossibilidade da sua materialização. O amor cortês, assim, se caracterizaria como uma nova maneira de viver o amor que, conforme Costa (1998:

40), configurou-se como uma “mundanização do amor”, que implicou a revalorização da figura da mulher e que foi responsável por um enorme enriquecimento do vocabulário sentimental.

Alguns teóricos/as e pesquisadores/as consideram ser o amor cortês uma forma de amor adúltero, uma vez que, comumente, entre os medievais, o amor só poderia nascer da escolha livre, fora do casamento, geralmente vivenciado por uma mulher mais velha e casada e um jovem solteiro. O adultério também era uma prática dos maridos insatisfeitos e dos jovens que haviam sido forçados ao celibato. Como já foi referido, Rougemont (2003) salientou que o amor cortês foi o predecessor do amor/paixão romântico, uma vez que o amor romântico se nutria das dificuldades, frustrações e idealizações do amor cortês.

O amor romântico teria então incorporado algumas das características do amor cortês tais como: idealização da pessoa amada, renúncia ao amor carnal e a dedicação ao amor impossível, inalcançável, sendo a base para o casamento moderno no ocidente havendo, contudo, algumas rupturas, descontinuidades e vivências próprias do amor romântico. Segundo Lázaro (1996: 43) “mais do que, ou tanto quanto, ensinar homens e mulheres a como se deveriam portar na cortesia amorosa, o amor cortês se configuraria como uma doutrina que delimita dizeres e o lugar social do masculino e do feminino.” Assim, talvez a construção cultural que atribuiu ao homem a tarefa de “cortejar” as mulheres, de ser aquele que demonstra interesse e quem se declara primeiro, se tenha originado à maneira de viver os afetos, mesmo que se saiba que tais prescrições não são seguidas por todos/as na contemporaneidade.

Se na Idade Média o casamento era vinculado à escolha dos pais e aos interesses econômicos, a partir de meados do século XX, nas sociedades ocidentais, os sujeitos passaram a ter o direito de escolher com quem pretendiam se unir. “O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual— fórmula que se estendeu radicalmente à reflexividade do amor sublime, (...) sendo esse, um elemento fundante da ‘sociedade sentimental’” (COSTA 1998: 50).

O amor romântico inaugurou sua presença na cultura ocidental a partir do final do século XVIII e, com ele, os sentimentos que uma pessoa teria por outra passaram a fundamentar os casamentos, associando amor à liberdade e à

autorrealização. Dentre as transformações ocorridas na Modernidade, que possibilitaram a emergência do amor romântico, é possível destacar: a constituição da família (lar) como um espaço de vivência dos afetos, as transformações na relação entre pais e filhos e a “invenção da maternidade” (COSTA, 1998), alterações, essas, diretamente relacionadas à situação social das mulheres.

Pode-se dizer, também, que a mulher passou a ser vista, então, como subordinada ao lar e à vida privada e que a associação discursiva entre ser mulher e mãe foi construída em um conjunto de narrativas generificantes sobre os sentimentos e as emoções, que igualmente endossaram a associação do amor à feminilidade. Giddens (1993) considera, inclusive, que as transformações ocorridas na Modernidade explicariam a associação do amor romântico com a família, o casamento e a maternidade, modificações que contribuíram para o estabelecimento de uma nova maneira de perceber os sujeitos, bem como a forma como passaram a viver suas experiências amorosas. Costa (1998) ressaltou que tais transformações são narrativas culturalmente construídas, pois, segundo ele, quando o amor romântico se estabilizou como norma de conduta na Europa, passou, também, a responder aos anseios de autonomia e felicidade pessoal. Quero argumentar, então, que se algumas prescrições, que parecem ser caudatárias dos ideários do amor cortês e romântico, ainda nos mobilizam, propondo-nos a reflexão sobre seu seguimento, ou não, é porque ainda somos, em alguma medida, marcados por tais discursividades.

Já Eva Illouz (2009), na obra “El consumo de la utopía romántica. El amor y las contradicciones culturales del capitalismo”, desenvolve, a partir da teoria crítica, relações entre a cultura do capitalismo e a vida amorosa dos sujeitos das sociedades pós-industriais que, segundo a autora, é marcada pelo consumo. Ela desenvolve reflexões acerca das relações de consumo do capitalismo e as vivências do amor romântico que são incitadas por produtos da indústria cultural como novelas, filmes, propagandas e todos os demais produtos em torno dos mesmos, de maneira que as relações amorosas são retratadas em contextos marcados pelo consumo.

Illouz (2009) analisa diferentes períodos históricos e como estas relações são produzidas, representadas e significadas em cada uma delas. Ela indica, a partir de estudo empírico de narrativas de amor na sociedade americana no final do século

XX, que nossas experiências amorosas são demarcadas pelos princípios do capitalismo e o contexto cultural em que são produzidas. Assim somos conduzidos a amar determinados tipos de pessoas, a desejar determinadas formas de romance, e, sobretudo, a desejar a experiência romântica dominante na classe média que passa a ter o estatuto de “ideal romântico universal” e a partir desse ideal o sistema de gênero, e todas as demais relações em torno desse é determinado. Assim as narrativas hollywoodianas acerca das experiências amorosas constituíram-se como referencial hegemônico que têm influenciado nossas vivências amorosas. Sobre tais questões salienta Rüdiger (2013: 50)

A propaganda romântica e o consumo de tudo o que está a ele ligado, segundo tudo indica, mantêm-se em tensão com as ideias e sentimentos que as pessoas possuem sobre o amor e o conhecimento que extraem de seus relacionamentos. A experiência concreta têm-se revelado tão forte em motivação dos padrões de interação cotidiana com o amor quanto a promoção mercantil das ideias românticas pela música popular e pelo cinema de bilheteria, onde o amor tudo vence, sempre.

A busca pela experiência desse modo de viver as relações amorosas origina, segundo Illouz, frustrações, crises nos relacionamentos, ressentimentos, entre outros sentimentos negativos, uma vez que esse ideário de amor romântico ignora a diversidade e pluralidade de significados culturais e de práticas amorosas das sociedades ocidentais. A pesquisadora assinala, também, que os movimentos feministas e a revolução sexual e cultural de meados do século XX provocaram diversas mudanças nos comportamentos de homens e mulheres no que tange aos relacionamentos afetivo/sexuais. Ambos passaram a usufruir da prática do sexo dentro da lógica da sexualidade cumulativa ou em série, assim passando a ter diversos/as parceiros/as sexuais, sem necessariamente, estabelecer compromissos morais e/ou sociais. Práticas essas que, entre outras, compõem a nova economia sexual em curso desde então (ILLOUZ, 2012).

Nestas breves considerações tecidas sobre o amor cortês, o amor romântico e os contextos socioculturais em que se estabeleceram, me foi possível identificar o quanto somos interpelados, ainda hoje, por discursos que carregam entendimentos pautados em algumas das representações de amor indicadas. Contudo, ao longo dos anos, tais representações são elaboradas de maneiras peculiares, lançando

mão de valores e discursividades usuais a cada contexto sociocultural, ou seja, travestindo-se dos recursos plausíveis.

Francisco Rüdiger (2013) assinala que o agenciamento do amor pelas relações mercantis se intensificou com o advento da internet, visto que ela incentiva nossas habilidades expressivas, relacionais e emocionais, agilizando interações, viabilizando contato e agrupamentos por interesses comuns. “Com ela, o campo do relacionamento afetivo se revela mais dinâmico e tenderá a ser cada vez mais competitivo [...]” (RÜDIGER, 2013:177). Para o referido autor o cenário online apresenta-se como um território profícuo ao romantismo que sempre evidenciou apreço a eventualidades, riscos e contingências. Assim a utilização do território online para o estabelecimento de dinâmicas de afetividade ocorre por decorrência de um conjunto de fatores socioculturais ou, também, pelas condições de possibilidade vigentes em um determinado contexto.

O avanço e o aprimoramento da internet possibilitaram o surgimento de redes horizontais de comunicação que teve seu crescimento agilizado com o desenvolvimento das mídias digitais móveis que incorporou mobilidade a conexão. Essas redes de conexão são demarcadas pela intertextualidade e pela produção permanente de conteúdos através de diversas mídias que se retroalimentam. À medida que vamos nos apropriando destes recursos, vamos os transformando, contudo, na mesma medida vamos sendo transformados.

Além das diferentes configurações a que o amor, e todas suas nuances, foi submetido no transcorrer do tempo, o advento da internet, das redes sociais digitais, dos sites e aplicativos de relacionamento, alguns acontecimentos sociais também demarcam não só a apropriação do território online para a vivência de relacionamentos afetivo/sexuais, como também a grande adesão a esses. Indico, dentre esses, a desritualização dos vínculos afetivos e a derrocada da burguesia no século XX; a independência política e econômica da mulher, o surgimento das culturas juvenis e a revolução sexual; e a consolidação da cultura do consumo capitalista. Tais acontecimentos oportunizaram a equiparação de conduta entre homens, mulheres e jovens, uma vez que estes dois últimos grupos têm se libertado de tutorias familiares e patriarcais (RÜDIGER, 2013).

Já no contexto contemporâneo, Zygmunt Bauman proclama que atualmente vivemos em uma sociedade configurada a partir de uma dinâmica onde os encontros

são utilitários e as pessoas têm sido consumidas sem rituais de maneira análoga a objetos descartados após não servirem ou deixarem de ser interessantes. Um consumo mobilizado pela vontade de consumir, “absorver, devorar, ingerir e dirigir, aniquilar” (BAUMAN, 2004: 23). Assim os relacionamentos estabelecidos neste contexto se configuram como líquidos, tal como indica o autor: “Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Desaparece a noção do eterno pela facilitação das experiências que são tidas por amor (ibidem: 10). Sob essa ótica os aplicativos de relacionamento são considerados um “espaço social estético”, sendo denominados “relações de bolso” e estas relações não surtiriam efeito duradouro e bem-sucedido por terem emergido por motivações de ordem emocional (ibidem) e pela sobreposição da ideia de liberdade sobre a felicidade (BAUMAN, 2001).

A partir da perspectiva de Bauman, somos produtos e produtores desta rede de consumo afetivo, permeada pela fluidez e volatilidade das relações. Aproximando-se, pela lógica de consumo, das proposições de Illouz e Rüdiger, contudo como indicado anteriormente, essas são argumentações distintas.

Seríamos nós consumidores/as e produtos de amor no mercado dos afetos?! A narrativa contemporânea de insatisfação com a vida amorosa recorrente em *posts* do *Facebook*, *Instagram*, reportagens de revistas, jornais, entre outros artefatos culturais seria o preço pago pela opção da liberdade em detrimento da estabilidade dos relacionamentos afetivos passados, como pontua Bauman (2004).

Neste sucinto “panorama” pincei alguns modos de viver o amor e as relações afetivas, através da abordagem dos teóricos dialogados, e procurei indicar serem as relações afetivas configuradas em interface com outras relações produzidas em meio de tramas complexas dos contextos socioculturais nos quais nos inserimos. O modo como amamos não é natural, nem absolutamente livre. Amamos e somos amados de diversas maneiras. Desejamos e criamos expectativas em relação aos relacionamentos a partir da nossa própria trajetória pessoal e a partir dos modos como fomos interpelados por acontecimentos de outras ordens. Portanto acredito que sim, somos consumidores de amor, na direção apontada por Illouz (2009), que indica que o que se consome e por onde se circula estão intensamente presentes os vínculos pautados nas relações interpessoais.

Contudo, distancio-me da noção de consumidores ferozes e selvagens enunciada por Bauman. Penso que somos consumidores que estão aprendendo a usar o que o mercado dispõe, ora de maneira moderada, ora com ousadia, uma vez que não somos tão fluidos e leves como gostaríamos ou como propõe a modernidade líquida apresentada por Bauman (2001). Ora, não é assim que adquirimos experiência em outras áreas, experimentando, avançando e retrocedendo? É com esse olhar que detenho-me nas narrativas analisadas e nas possibilidades ofertadas pelo cenário afetivo/sexual delineado pelos aplicativos de relacionamento, atentando ao fato que estes são artefatos culturais imersos e produzidos por nós mesmos no seio da cultura contemporânea.

Junto aos avanços tecnológicos das redes sociais digitais surgem serviços especializados na área dos relacionamentos afetivos. Em 1984 surge o “Disque amizade”, serviço oferecido por uma operadora telefônica que possibilitava a conexão de várias linhas ao mesmo tempo. O Disque amizade foi um dos primeiros serviços telefônicos de encontro de pessoas no Brasil, tendo sobre ele o jornalista Clauter Carvalho, em seu Blog jornalístico “Manaus ontem, hoje, sempre”, feito o seguinte comentário no texto “Disk Amizade, em agosto de 2014: O chat dos anos 80”:

Era uma forma de “encontro às escuras”, disfarçada de sala de bate papo. Tentava-se sair dali com “a nova caça”. O problema é que mulheres não davam o telefone, fornecíamos o nosso, se tivéssemos sorte a mulher ligava e o papo fluía. Se não, partíamos para outra, discando 145 de novo³¹.

Na internet é possível localizar relatos de pessoas que se conheceram e, posteriormente, casaram através deste serviço. Há também uma comunidade no *Facebook*, chamada *Disque Amizade-145*, em que usuários desse antigo serviço compartilham histórias vividas, vídeos sobre o serviço, e conversam, tendo sido criado, em março de 2015, um grupo no *Whatsapp*, pelos antigos usuários dessa comunidade. Considero ferramentas como essa precursoras das *salas de bate-papo (chats)*³² que surgiram com o advento da internet que, por sua vez, possibilitou o surgimento dos aplicativos de relacionamento.

³¹Fonte: <http://manausontemhojesempre.blogspot.com.br/2014/08/disk-amizade-o-chat-dos-anos-80.html>. Acessado em 28/01/16.

³²*Chaté* um termo da língua inglesa traduzido para o português como “bate-papo” (conversa). É uma ferramenta (ou fórum) que permite a comunicação (por escrito) em tempo real, através da Internet.

A maioria dos sites de relacionamento oferece a opção de *chats* e cada sujeito que adere aos mesmos pode utilizá-los de diversos modos devido aos diferentes objetivos e formas de apropriação. Neste sentido, “[...] o computador passa de um simples objeto funcional a uma ferramenta da vida cotidiana das pessoas, reunindo diversos indivíduos em torno de sites de relacionamentos, possibilitando um contato mundial, outrora não possível” (CORRÊA, 2010:51).

Por várias questões, iniciar um relacionamento afetivo/sexual é mais fácil para algumas pessoas do que para outras, pois depende de características pessoais como timidez, facilidade ou dificuldade de se expressar, tempo disponível para conversar, até do local de moradia e/ou de trabalho, e a orientação sexual. Por estes e outros motivos, os sites e aplicativos de relacionamento têm sido muito utilizados atualmente, de maneira que “[...] esses novos recursos abrem uma infinidade de possibilidades que eram impensáveis até pouco tempo, e que agora são extremamente promissoras, tanto para a invenção quanto para os contatos e trocas” (SIBILIA, 2010:11).

Nesta conjuntura surgem estudiosos que se dedicam ao estudo dos relacionamentos afetivos por meio de mídias e redes sócio digitais como Francisco Rüdiger (2013), Richard Miskolci (2014; 2015; 2017), Larissa Pelúcio (2013; 2015), Luiz Felipe Zago (2009; 2013) e Iara Beleli (2015; 2017).

Atualmente existem diversas opções de sites de relacionamento. Entre os mais utilizados no Brasil estão: “ParPerfeito”, “Metadeldeal”, “ICasei”, “Namoroonline”, “Cara Metade”, “AondeNamoro.com”, “Relacionamentos.Net”, “RomancePerfeito.com.br”, “ProntoCasei.com”, “BuscandoVocê.com”, “Cadê VC”, “Meudesejo.com.br”, “be2”, “Cupido.com”, “MeuLove.com”, “AmoresPossíveis.com.br”, “TeProcurando.com.br”, “BrazilCupid.com”, e, ainda, o *match.com*. Há também sites de relacionamento cristãos, evangélicos ou religiosos como: “Paquera Gospel”, “AmorEmCristo.com” e “RomanceCristão.com”. E sites para homossexuais como “G encontros”, “ParPerfeito”, bem como os desenvolvidos para o público homossexual como “Disponível.com” e “clubegls.com”.

O pesquisador Luiz Felipe Zago (2013), em sua tese intitulada *Os meninos-Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos*, indica a importância de se prestar atenção às contradições e incoerências da “vontade de estar junto”, sendo necessário mostrar também “[...] o não vínculo e a

indisponibilidade para o vínculo precisamente como modos particulares de vínculo, como elementos constituintes dos vínculos” (2013:36). Penso o quão é importante, neste contexto, atentar para os relacionamentos estabelecidos em, e através de sites e aplicativos de relacionamento, com um olhar aberto para as peculiaridades de tais práticas, sem compará-las com as dinâmicas de afetividade desenvolvidas *offline*, ou com o formato das dinâmicas de afetividade realizadas até o presente momento, uma vez que, tal como já foi indicado, cada período histórico possui suas especificidades, ainda que nem todos sujeitos as vivam de maneira uniforme. Tampouco é possível falar de maneira generalizante “relacionamentos afetivos realizados por meio de aplicativos são de tal forma”, pois cada aplicativo possui dinâmicas e apropriações diversas e, portanto, produz performances individuais (RÜDIGER, 2013), marcas identitárias e configurações afetivas distintas. Tais artefatos nos possibilitam anunciarmos “quem somos” (WOODSWARD, 2000) e incitarmos desejos e emoções. Por decorrência, uma das consequências da utilização desses é o desejo de saciar e satisfazer vontades ao invés de satisfazer necessidades (CAMPBELL, 2001).

2.2 TINDER: A PAQUERA AQUI, ALI, EM QUALQUER LUGAR

As redes virtuais surgiram a partir da proposta de Web 2.0, que foi atribuída a Tim O’Reilly como uma reconfiguração da internet, a qual fundamentava-se no desenvolvimento de aplicativos capazes de serem conformados pela intervenção dos usuários (O’REILLY, 2005). Neste contexto surgem os aplicativos de relacionamento como programas idealizados por empresas ou pelos próprios usuários (SILVA, 2011). Os aplicativos, tanto pagos quanto gratuitos, oferecem maior possibilidade de interação que os sites e possibilitam que os/as usuários/as sejam ao mesmo tempo consumidores e produtores de informação (OIKAWA, 2013). Desse modo, é possível afirmar que o uso de aplicativos vem superando o uso de *sites*, cabendo destacar que, desde 2014, os *smartphones* ultrapassaram a quantidade de computadores em residências no Brasil como opção de uso de internet (IBGE, 2016).

No final da década de 1980 programadores finlandeses desenvolveram as primeiras salas de bate-papo do Internet Relay Chat (IRC) e conformaram uma

maneira revolucionária de interação instantânea *online*. No Brasil, ainda em fase de Internet discada, as primeiras plataformas de sucesso foram o filial do IRC – o mIRC, criado em 1995 que chegou a ter quase 50 mil usuários em meados dos anos 1999 – e também as salas de bate-papo do portal UOL. Em 1996, foram lançados os programas o ICQ³³ e o MSN³⁴ que se consolidaram entre seus usuários em 1999 com o lançamento da versão móvel do serviço (ICQ WAP, ICQ SMS e ICQ para Java). Em seguida³⁵, nos anos 2000, ocorreu o lançamento nos Estados Unidos de um dos sites especializados em relacionamentos mais populares do mundo, o eHarmony, que é considerado o primeiro da categoria *matchmaking*³⁶; assim verifica-se que as plataformas virtuais de relacionamentos e de apresentação de pessoas não são inéditas. Como enfatiza Sibilia (2008), ao listar práticas e ferramentas inscritas no âmbito da comunicação mediada por computador, “elas constantemente se espalham e dão à luz inúmeras atualizações, imitações e sucessoras” (SIBILIA, 2008: 13). Contudo, o Tinder possui algumas peculiaridades no que tange às suas funcionalidades.

Assim como as redes sociais virtuais, os apps representam uma nova forma de comunicação que se conforma em inovação na maneira como os relacionamentos se estabelecem na sociedade (CASTRO; FARIAS; JÚNIOR, 2015). É possível acessá-los por meio das “lojas de aplicativos”, como a *App Store*, *Android Market*, *BlackBerry App World*, *Ovi Store*, entre outros. Alguns aplicativos são gratuitos, e outros pagos. Normalmente são destinados aos dispositivos como

³³ICQ é um programa de comunicação instantânea, o pioneiro dos programas do gênero na internet. ICQ é uma redução da pronúncia em Inglês das letras I (ai), C (si), Q (kiu), formando a frase “*I seek you*”, que em Português, significa “Eu procuro você”. Fonte: <https://www.significados.com.br/icq/> Acessado em 06/10/2018. Cabe destacar que em 2014 o ICQ recebeu versões para dispositivos móveis e obteve uma grande atualização em sua versão para desktop, como diversos recursos complementares, como videoconferência e a integração com redes sociais como o Facebook e o Twitter. Fonte: <https://www.baixaki.com.br/download/icq.htm> Acessado em 06/10/2018.

³⁴MSN é um portal online de serviços da empresa Microsoft, lançado no ano de 1995, juntamente com o Sistema Operacional Windows 95. MSN é a sigla de “*Microsoft Service Network*”, que significa “Rede de Serviços da Microsoft”. Fonte: <https://www.significados.com.br/msn/> Acessado em 06/10/2018.

³⁵Dados levantados e organizados a partir das informações em matérias dos sites “Olhar digital” fonte: <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/mirc-o-que-existe-la-hoje/25628> e “Tchutado”, fonte: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/icq-orkut-msn-myspace-que-fim-levaram-os-hits-dos-anos-90-e-2000.html> ambos acessados em 06/10/2018.

³⁶“Matchmaker” é uma pessoa que se engaja em “matchmaking” A tradução da palavra para a língua portuguesa indica “casamenteiro/ra”, pessoa responsável por arranjar casamentos entre pessoas desconhecidas. Fonte: Acessado em 06/10/2018. <https://educalingo.com/pt/dic-en/matchmaker>. Sistema que aponta compatibilidades entre usuários, os quais os atuais aplicativos de relacionamentos têm se pautado.

iPhone, iPad, BlackBerry ou *Android*; contudo, alguns também podem ser baixados para computadores como laptops ou desktops. Assim, para usufruir dos aplicativos virtuais é necessário dispor de uma rede de internet e cadastrar-se em uma conta de *e-mail*.

A partir dos anos 2007 e 2008, os apps (aplicativos) se popularizaram entre usuários de smartphones e aumentando, diariamente, em todo o mundo. O Brasil, segundo ranking da *Flurry*³⁷, está na 10ª colocação entre os países que mais utilizam os sistemas operacionais, como iOS e Android, e os aplicativos disponíveis para esses.

Os aplicativos geralmente são classificados nas seguintes áreas:

- a) *Serviços*: fornecem informações e conteúdo de modo simplificado e ágil, como aplicativos para previsões do tempo, navegação de mapas ou até para solicitar um resgate à seguradora de carros, por exemplo;
- b) *Informações*: acesso a conteúdos atualizados em tempo real ou que têm utilidade permanente, como os guias de compras/lojas, telefones úteis, promoções, consulta de produtos, entre outros;
- c) *Comunicação*: permitem a conexão entre pessoas, como o Skype, MSN, ou aplicativos de integração com as redes sociais; e,
- d) *Entretenimento*: destinado à diversão. Em 2010 se tornou tão popular que diversão foi assinalada como "Palavra do Ano" pela *American Dialect Society*³⁸.

O *Tinder* é um aplicativo de encontros, que utiliza como base uma multiplataforma de localização. Ele relaciona as informações fornecidas no Perfil do/a usuário/a com dados de geolocalização e, a partir desse cruzamento, sugere pretendentes que estejam no raio de distância estipulado.

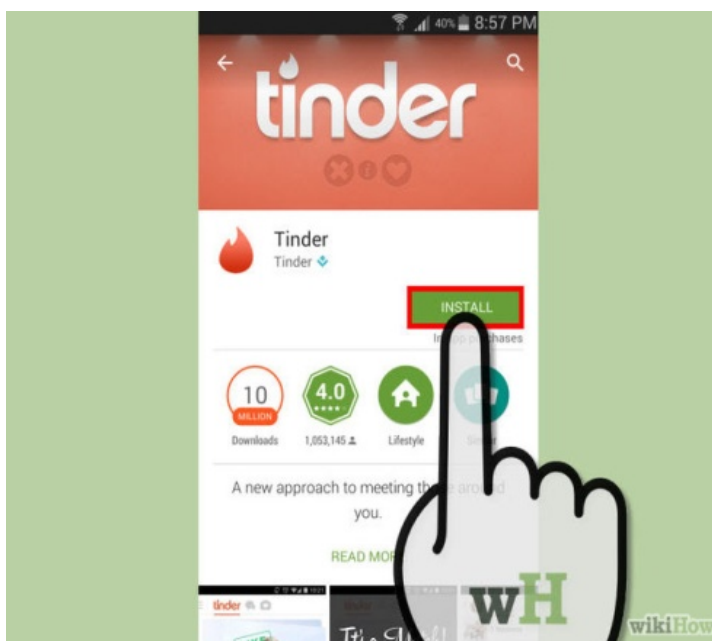
O *Tinder* segue uma tendência mundial de fidelizar clientes através de serviços de pagamentos mensais, tal qual *Microsoft, Sony, Apple* e demais gigantes das tecnologias digitais que disponibilizam sistemas de assinatura. Existem dois planos, sendo o mais simples chamado de *Plus* e o completo de *Gold*, ambos repletos de vantagens para quem os assina. Na opção *Plus*, os usuários recebem direito a clicar quantas vezes quiserem no botão "curtir", voltarem em opções de

³⁷ *Flurry* é uma empresa privada americana que presta consultoria para empresas do mundo inteiro no ramo de desenvolvimento para aplicativos móveis.

³⁸ Fonte: "App" voted 2010 word of the year by the American Dialect Society (UPDATED), American Dialect Society, 8 de Janeiro de 2011. Acessado em 04/06/2016.

“não gostei” que julgarem equivocadas e, ainda, cinco “super gostei” por dia; segundo o site oficial do aplicativo essa versão aumenta em três vezes as possibilidades de combinações. Já a versão *Gold* recebe todas as bonificações já mencionadas e ainda mostra quem curtiu seu Perfil.

Figura 2: Aplicativo Tinder



Fonte: Tinder (2016)

Inicialmente era necessário, para utilizá-lo, ser usuário do *Facebook*, de onde o aplicativo importava os dados iniciais como fotos, interesses e grupos de amigos/as para a construção do Perfil. Agora não é mais necessário; contudo é possível vincular informações e importar dados tanto do *Facebook* como do *Instagram*³⁹ e *Spotify*⁴⁰, utilizando recursos fornecidos pelo próprio aplicativo. Essa

³⁹Instagram é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr, e Flickr. Foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançado em outubro de 2010. O serviço rapidamente ganhou popularidade, com mais de 100 milhões de usuários ativos em abril de 2012. Em 2015 75% dos/as usuários/as de internet brasileiros/as utilizavam essa rede social de fotografias, enquanto a que a média global neste mesmo ano era de 42%. Cabe ressaltar que não se trata apenas de uma rede social utilizada pelos/as jovens, uma vez que 57% dos/as usuários/as brasileiros/as de internet na faixa dos 55 aos 65 anos também usam o Instagram. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>. Acessado em 14/09/2018.

⁴⁰O Spotify é um serviço *freemium*; com recursos básicos gratuitos com propagandas ou limitações, enquanto recursos adicionais, como qualidade de transmissão aprimorada e *downloads* de música, são oferecidos para assinaturas pagas. Está disponível para a maioria dos dispositivos modernos, incluindo computadores Windows, maçãs e Linux, bem como *smartphones* e *tablets* com iOS, Windows Phone e Android. As músicas podem ser navegadas ou pesquisadas por artista, álbum, gênero, lista de reprodução ou gravadora. Usuários podem criar, editar ou compartilhar *playlists*,

alteração é interessante, uma vez que inicialmente os fundadores desse aplicativo ofereciam maior chance de interação de usuários com perfis “reais” ao fazer essa vinculação. Ou seja, um dos diferenciais do *Tinder* era reduzir as chances de *perfis fake*.

Em dezembro de 2017, o *Tinder* lançou uma nova funcionalidade, o “*Feed*”, disponibilizada no Brasil em março de 2018. Esse recurso permite a visualização das postagens de “seus matches” em tempo real, como por exemplo, ver fotos publicadas no *Instagram*, comentar os *posts*, além de acessar as músicas ouvidas no *Spotify* e enviar mensagens. O ícone para esse recurso fica na tela principal, ao lado das mensagens. A partir da inserção desse recurso em “Mensagens” ficam armazenadas todas as conversas do/a usuário/a com seus matches, e em “*Feed*” é possível ver e comentar as atualizações desses *matches*, além de enviar mensagens.

compartilhar faixas em redes sociais ou fazer *playlists* com outros usuários. O Spotify fornece acesso a mais de 30 milhões de músicas. Em junho de 2017, contava mais de 140 milhões de usuários ativos mensais e mais de 60 milhões de assinantes pagantes em julho de 2017.

Figura 3: “Feed cronológico”



Fonte: Tinder (2018)

Segundo os administradores do *Tinder*, a intenção com esse recurso (Figura 3) foi atualizar os usuários sobre seus “*matches*”, possibilitar assunto entre os/as usuários/as e estimular as conversas, funcionando como atrativo para que permaneçam mais tempo no aplicativo. Podemos então pensar que o *Tinder* abandonou um recurso que aparentemente o diferenciava dos outros aplicativos, promessa de usuários “reais”, por outros recursos, aparentemente mais interessantes a seus/suas usuários/as. Ou seja, o aplicativo vai se transformando conforme as necessidades e os perfis dos/as usuários/as também se alteram. O “*feed*”, além de associar o uso do *Tinder* com o *Instagram* e *Spotify*, aplicativos bastante utilizados na atualidade, vincula o Perfil da pessoa que se conhece pelo *Tinder* a outras plataformas, ou seja, esse Perfil existe também fora, além do fato de recursos como esse auxiliarem a explicitar características pessoais dos/as usuários/as e as possíveis semelhanças entre as pessoas, através, por exemplo, do gosto musical.

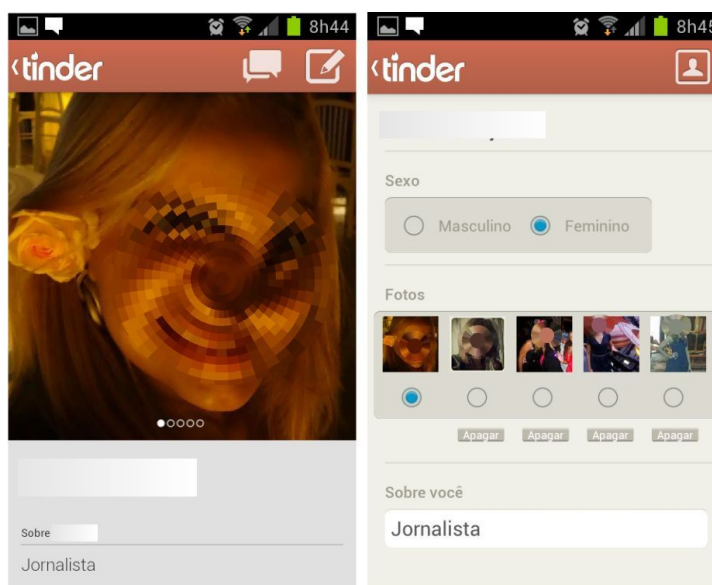
Desde sua criação, o *Tinder* vem sendo alterado, acrescentando funcionalidades e recursos como a interface com outras plataformas,

*emojis*⁴¹ específicos para mulheres, *emojis* “para promover a diversidade” com opções de casais inter-raciais, entre outras, e edição de Perfil como “habilitar o recurso *Smart Photos*”, em que o *Tinder* testa suas fotos de Perfil para garantir que você sempre use as melhores fotos. Esse recurso alterna a primeira foto que é vista por outros usuários quando você aparece no *Tinder*, registra as respostas à medida que os usuários deslizam por suas fotos e as reorganiza de modo que as melhores fotos sejam exibidas primeiro.

Em 2016, o *Tinder* disponibilizou, além das tradicionais opções homem e mulher, outras 35 opções de identidade de gênero como transgênero, agênero, não-binário, andróginos, etc. Contudo essas alternativas ainda não estão disponíveis para o Brasil, apenas para os Estados Unidos, Reino Unido e Canadá.

Para configurar o Perfil, é necessário indicar o próprio nome, gênero, idade, cidade, profissão ou atividade (trabalho e/ou estudo), descrição (“Sobre você”⁴², que se configura como um espaço para auto narrativa), suas preferências e fotos.

Figura 4: Perfil no *Tinder*



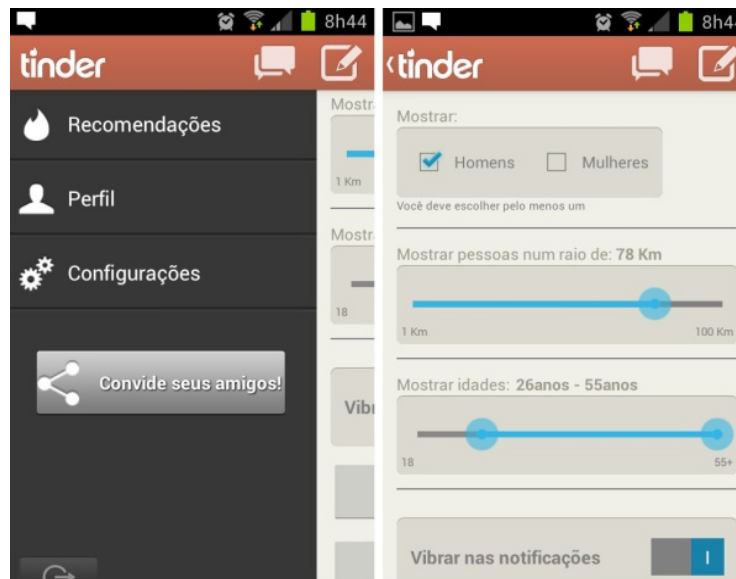
Fonte: Tinder (2016)

⁴¹ *Emoji* é uma palavra de origem japonesa, composta pela junção dos elementos “e” (imagem) e “moji” (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Fonte: <https://www.significados.com.br/emoji/> Acessado em 15/09/2018.

⁴² Há muitas reportagens e tutorias na internet que “ensinam” a preencher de maneira adequada, ou seja, com mais chances de matches, como: <https://conquistamoderna.com/date/o-que-escrever-na-bio-do-tinder/> <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/126110-manual-tinder-fazer-ter-sucesso-app.htm> e <https://www.youtube.com/watch?v=EJGKFvuRb34>

Em seguida é necessário delinear o Perfil das pessoas que interessam ao/a usuário/a, como sexo (há a possibilidade de selecionar as duas opções ao mesmo tempo), faixa etária e raio de distância.

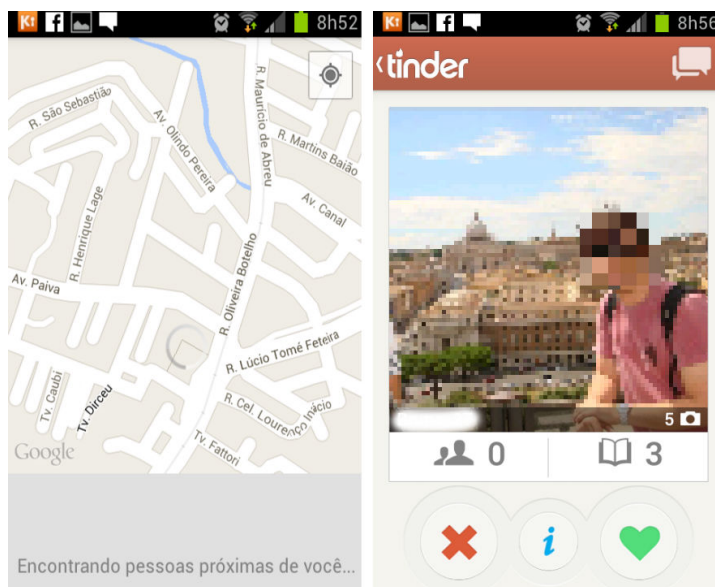
Figura 5: Selecionando o Perfil das pessoas que deseja localizar no Tinder



Fonte: Tinder (2016)

Para visualizar as pessoas mapeadas pelo aplicativo, o/a usuário/a desliza o dedo sobre a tela para a direita (arrastando o Perfil de uma pessoa), se estiver interessado, ou para a esquerda, se não estiver interessado. E isso é feito de forma anônima. Pode-se também ver mais fotos e informações de cada pessoa, se essas estiverem disponíveis.

Figura 6: Visualizando o Perfil das pessoas no Tinder



Fonte: Tinder (2016)

Ao navegar pelos perfis, há duas possíveis escolhas: apertar o botão do coração verde (*like*), ação para demonstrar interesse, ou o X, que descarta a pessoa. Se há interesse mútuo, ou seja, se as duas pessoas clicaram no coração (*like*), ocorre um “*Match*” (o termo usado para as combinações feitas pelo app). Quando ocorre o “*Match*”, e as duas pessoas aceitam conversar, a função de bate-papo aparece na tela, um *chat*, conforme a Figura 7.

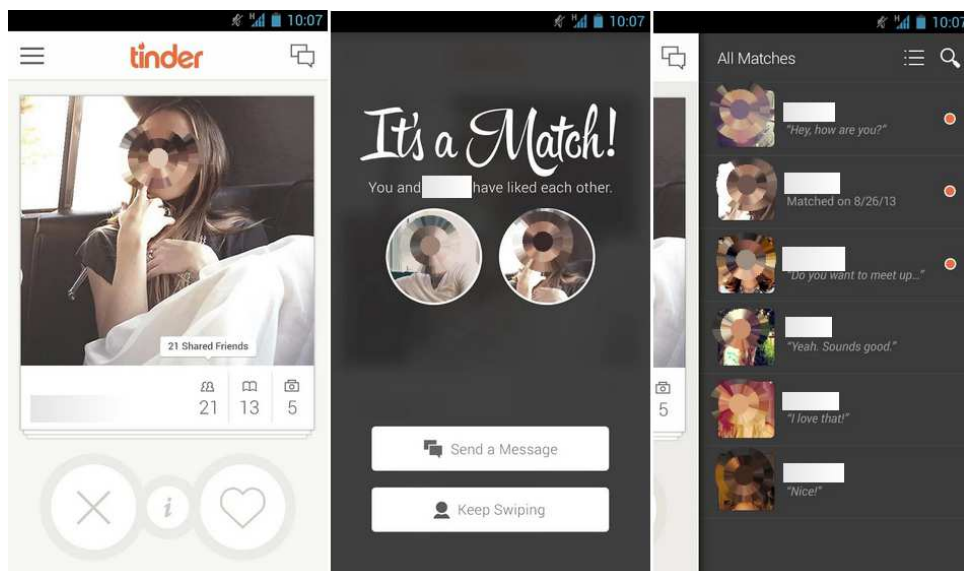
Figura 7: Função Bate-papo



Fonte: Tinder (2016)

O aplicativo armazena todos os “*matches*” dos usuários, conforme a Figura 8.

Figura 8: Deu *Match*



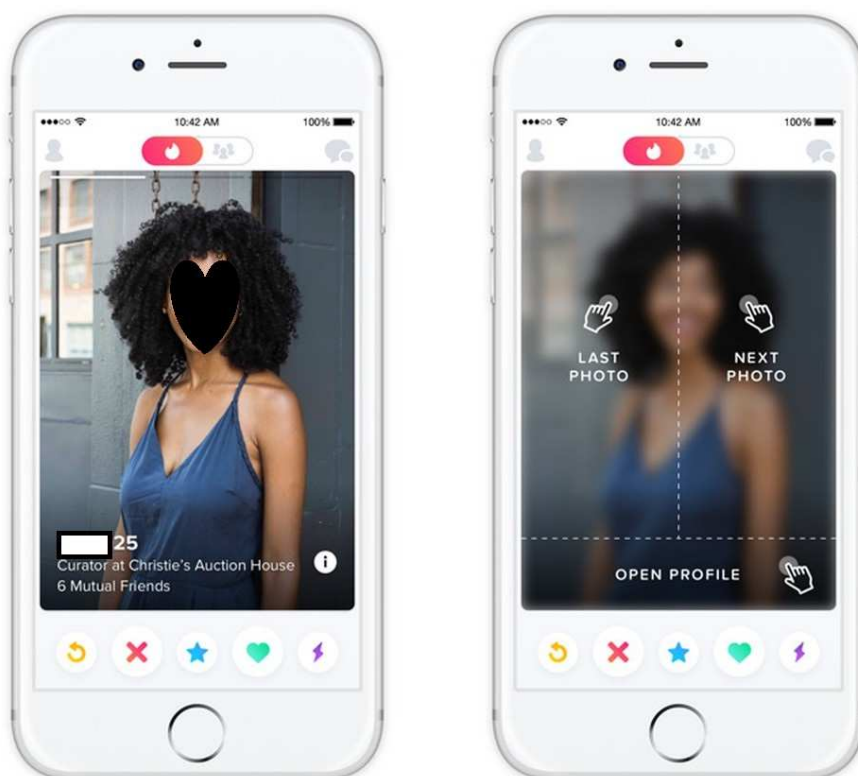
Fonte: Tinder (2016)

Desta forma, o usuário só conhece as pessoas que querem conhecê-lo, sendo possível ficar um tempo sem conversar e depois retomar esse contato. *De*

match em match, ou seja, de “combinações” em “combinações”, entre os usuários, o Tinder virou o queridinho de quem quer descobrir gente nova e fica à espera da famosa mensagem: “It’s a match!” Quando isso acontece, é meio caminho andado para a conquista, como indica Paula Minozzo⁴³.

Em julho de 2017, o *Tinder* lançou o novo visual do aplicativo. Entre as principais mudanças estão fotos em tamanho maior, e novos recursos para navegação utilizando o *touch do smartphone*. Como demonstrado na ilustração agora é possível avançar para a foto seguinte tocando em uma das bordas (direita ou esquerda), funcionalidade semelhante ao *Instagram Stories*, bem como visualizar as fotos do *feed do Instagram*, caso o/a usuário/a tenha feito essa vinculação. Agora as fotos são visualizadas em tamanho ampliado, neste formato, as fotos estendem-se até as bordas laterais dos *smartphones*.

Figura 9: Novo Visual e recursos

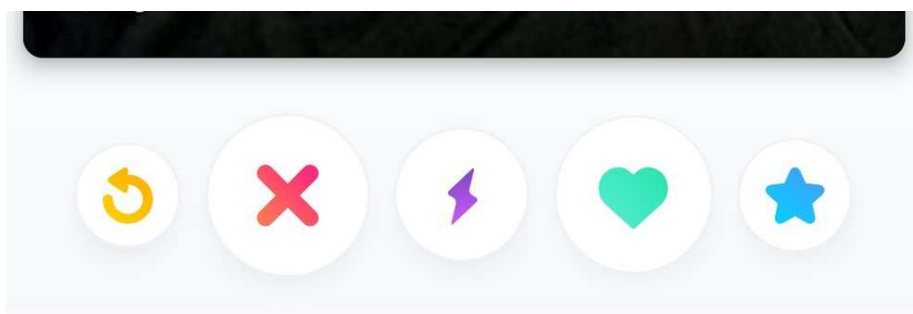


Fonte: Tecmundo.com (2018)

⁴³ Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/tinder-muda-o-jeito-de-paquerar-virtualmente-47pjn69u5kmzjumfhfac6v2a6> acessado em 28/01/16.

Cabe indicar as funcionalidades que o Tinder dispõe atualmente, conforme Figura 10.

Figura 10: Ícones do *Tinder*



Fonte: instagramnyc.com (2018)

Atualmente, o *Tinder* apresenta cinco ícones na sua tela inicial (Figura 10), cada uma correspondendo às diferentes funcionalidades do aplicativo, sendo elas:

Voltar: pressionando a flecha amarela é possível “desfazer” o “não curti”, ou seja, voltar atrás e “dar uma segunda chance” a perfis inicialmente descartados, como também procurar pessoas fora de sua região. Contudo essa funcionalidade está disponível apenas para quem possuir *Tinder Plus*.

Não curti: pressionando o X vermelho. Ação que também pode ser realizada deslizando o Perfil para a esquerda.

Boost: o raio roxo destaca a visibilidade do Perfil por 30 minutos, ou seja, torna o Perfil visível para mais pessoas durante esse tempo, popularmente denominado como “Furar a fila”, pois aumenta em dez vezes suas chances de *match*. Essa funcionalidade é disponível gratuita apenas um para cada usuário/a. Para continuar utilizando-a é necessário pagar.

Curti: clicando no coração verde, indica que há interesse neste Perfil. Se a pessoa curtida também curtir gera uma combinação, ou seja, um *match*. Essa ação também pode ser realizada deslizando o Perfil para a direita.

Super like: é acionado com um clique na estrela azul. Indica ao seu pretendente que você o curtiu, mesmo se ele não o tiver curtido, ou seja, independente de uma combinação. Essa funcionalidade é disponibilizada gratuitamente apenas uma vez por dia. Também é possível usá-la deslizando o Perfil da pessoa escolhida para cima.

Essas são as funcionalidades básicas do *Tinder*; contudo, há outras como a opção “Recomende a amigos (as)” que fica localizada abaixo das informações do Perfil e pode ser compartilhada por meio do *WhatsApp* ou *Messenger*; contudo, é necessário que a pessoa que receberá a indicação seja usuária do *Tinder*. Há também a opção “desfazer o match”, para a qual é preciso ir até a conversa com o Perfil que deseja excluir e clicar nos três pontinhos “...” situados na parte superior direita e selecionar a opção “descombinar”. No entanto ao solicitar para “descombinar” com alguém, não será possível mais desfazer a ação. Assim, os perfis não aparecerão mais um para o outro, além de não poderem mais trocar mensagens, exceto no caso de um dos dois deletar a conta no *Tinder* e refazê-la posteriormente.

Considero pertinentes tais indicações para facilitar a compreensão das dinâmicas realizadas e comentadas nas narrativas que aqui são analisadas. E também porque acredito que essa estratégia do *Tinder* de se manter constantemente atualizando, adaptando-se às necessidades dos/as usuários/as e oferecendo novidades, além de monetizar, faz com que ele se localize entre os aplicativos de relacionamento mais populares do mundo.

Cabe também destacar que, a partir dos usos que os/as usuários/as fazem destas funcionalidades, elas vão adquirindo sentidos, sendo mais ou menos valorizadas a partir destes usos, o que pode ser verificado nos comentários dos/as usuários/as nos Perfis do *Facebook* analisados, bem como em diversos vídeos do *Youtube*, indicados nestes comentários para exemplificar e ou sustentar um argumento. Geralmente estes vídeos são organizados em formato de tutoriais, tais como: “Descubra quem te deu like antes de dar Match”⁴⁴, “Tinder K-Pop (Gostei, Não gostei, Superlike)”⁴⁵ e “7 erros que fazem ela te rejeitar no Tinder”⁴⁶.

Durante o período de construção desta tese realizei diversas incursões para o levantamento de produções acadêmicas que versassem ou dialogassem com o meu objeto de estudo. Cabe destacar que tal objeto foi se transformando ao longo deste processo. Inicialmente conjecturava investigar os usos e as relações estabelecidas por jovens por meio de smartphones. Registrei todo esse mapeamento ao longo dos quatro anos, mas, não o detalharei aqui por não considerar relevante. Contudo

⁴⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=Fjwki79eJ4M> Acessado em 15/09/2018.

⁴⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=slX2N4KWPe8&t=122s> Acessado em 15/09/2018.

⁴⁶ https://www.youtube.com/watch?v=r-RY35iN_eU Acessado em 15/09/2018.

destacarei algumas destas incursões que me auxiliaram a delimitar o tema dessa investigação, bem como alguns estudos dos quais minha investigação se aproxima e/ou distancia.

Ao realizar a busca no LUME⁴⁷ pelas palavras-chave *artefatos midiáticos* e *artefatos digitais*⁴⁸, no item *pesquisa geral*, obtive 263 ocorrências em diferentes áreas do conhecimento, dentre as quais selecionei oito estudos. Destes destaco a tese de doutorado *Os meninos – corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos* (2013, PPG Educação, UFRGS), em que Luiz Felipe Zago analisa o site de relacionamento *Manhunt*, a fim de investigar como os corpos, os gêneros e as sexualidades de homens gays constituem os usos que esses indivíduos vêm fazendo deste site. Para tal investigação o autor utilizou a observação participante e realizou entrevistas *online* e *offline*.

Fiz também incursões nos repositórios dos PPG/Educação e PPG/Comunicação das seguintes universidades: UNISINOS, PUC/RS, UFRJ, UFMG, UFSC, e também no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a partir dos quais mapeei diversos estudos. Em março de 2017, realizei um novo mapeamento, neste momento com o projeto de tese já qualificado e com o tema e objeto de investigação delimitados. A busca foi realizada através das palavras “*Tinder*” e “Aplicativos de relacionamentos” nos repositórios digitais das universidades UFRGS, ULBRA/RS, UNISINOS, PUC/RS, UFSM, UFRJ. Selecionei estas instituições por ter verificado, através de buscas anteriores, que estes programas de pós-graduação possuíam maior recorrência de pesquisas na área da educação com interface com os estudos de mídia e no banco de teses e dissertações da CAPES, mas, não obtive nenhum resultado. Por fim, em setembro de 2018, realizei uma última busca no banco de teses e dissertações da CAPES com as mesmas palavras da busca anterior, ocorrida em 2017: “*Tinder*” e “Aplicativos de relacionamentos”, quando localizei sete dissertações tendo três delas sido defendidas ao longo do ano de 2017 e quatro de março a agosto de 2018. Apresento-as sucintamente a seguir.

⁴⁷ LUME- Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que contém acervo fotográfico, teses e dissertações, trabalhos de conclusão de curso de especialização, graduação e eventos. Tem por objetivo reunir, preservar, divulgar e garantir o acesso confiável e permanente aos documentos acadêmicos, científicos, artísticos e administrativos gerados na Universidade, bem como às suas coleções históricas, e a outros documentos de relevância para a Instituição, que fazem parte de suas coleções, embora não produzidos por ela, maximizando a visibilidade e uso desses recursos.

⁴⁸ Busca realizada no primeiro semestre de 2016.

“Deu match! As trocas nos relacionamentos virtuais e a objetificação do sujeito no Tinder” de Hellen Taynan da Silva é uma dissertação defendida em 24/02/2017, no mestrado em Administração na UFPB, em João Pessoa (PB). Sua autora buscou “analisar como as trocas nos aplicativos de relacionamento colaboram para a objetificação dos consumidores, de forma a entender como o valor pode ser cocriado entre os atores envolvidos neste serviço” (SILVA, 2017). Por meio de uma etnografia, a autora indica que para “garantir a cocriação de valor à luz da Lógica Dominante do Serviço, é necessário o controle institucional sobre as trocas que evitem desvios na utilização do Tinder” (ibidem). Indica, também, que há usuários do Tinder que o avaliam negativamente e outros que encontram no aplicativo uma “fuga da rotina social com diversas possibilidades de troca, e são essas trocas, não controladas, que mantêm os usuários ativos no aplicativo e garantem a sobrevivência dele” (ibidem). Este estudo dialoga pouco com a minha investigação, uma vez que foi produzido na área da administração e sua problemática é a objetificação dos consumidores, bem como a cocriação desses. A autora indica, a partir de autores como Castro, Farias e Júnior (2015), que os apps representam uma nova forma de comunicação que se configura em inovação no modo como os relacionamentos se estabelecem na sociedade, de maneira que esses relacionamentos são mobilizados a partir de diversas necessidades, dentre elas: a manutenção dos laços entre famílias e amigos (PORTUGAL, 2014); o estabelecimento de laços fracos com alto poder de mobilização social, como vem acontecendo no Brasil (PERUZZO, 2013; RECUERO, 2014); e a busca de relacionamento amoroso ou sexual (MCGRATH; BLECKER; TAWIL, 2014; JAMES, 2015; MEILI; PEREIRA, 2015; JACKSON; HUANG; KASOWITZSCHEER, 2015; SÁNCHEZ, 2016). Silva (2017) indica, ainda, que através do uso de smartphones “temos de modo literal a possibilidade de relacionamentos na palma da mão” (2017: 64). Sobre os relacionamentos afetivos indica que

Os relacionamentos em aplicativos sócio virtuais contribuem assim, a sensação de solidão, suprimindo uma ausência de modo temporal e superficial, mas sem garantia de envolvimento. A proposta favorece a criação de identidades virtuais que podem ao mesmo tempo emancipar o criador e aprisionar o outro que acreditou naquela verdade (SILVA, 2017: 45).

Apesar de discordar desse posicionamento, que, aliás, se repete em outros estudos que focalizam os relacionamentos afetivo/sexuais estabelecidos na contemporaneidade em sites ou aplicativos de relacionamento, esclareço que desenvolvo esta minha discordância relativamente às análises dos dados dessa investigação, no capítulo quatro desta tese, intitulado: “DEU BOM... DEU MATCH!': do portão de casa à palma da mão”.

Nadissertação “Exercício do direito à autodeterminação informativa nas redes sociais” realizada por Hian SilvaColaco, defendida em 25/08/2017, no curso de Mestrado em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza, o pesquisador realiza uma análise quantitativa das cláusulas contratuais das redes sociais *Facebook, Instagram, Google, Tinder e Pokémon Go* com vistas à “verificação da compatibilidade dos serviços prestados pelos provedores das redes sociais, as quais exercem sofisticadas formas de coleta e tratamento de dados, para com as normas de proteção de dados existentes no Brasil” (COLACO, 2017). Esse estudo é totalmente voltado para área jurídica tanto no que se refere à problemática focalizada, quanto à metodologia e, por esta razão não me detenho a detalhá-lo.

Já a partir do estudo das palavras “Tinder” e “Aplicativos de relacionamentos”, obtive indicações sobre as seguintes investigações: “Selfies no Tinder masculinidades como performance”, de Flora Dutra Ardenghi, dissertação defendida em 30/08/2017 na área das Ciências Sociais na UFSM/RS, que focaliza a maneira como homens gerenciam performances de masculinidades, a partir da utilização de fotos denominadas *selfies*. Nesse estudo foram realizadas análises de imagens de Perfis do *Tinder*, a partir de uma etnografia multissituada, através da qual a mestrandia dialogou com os autores dos Perfis analisados. A autora dedicou-se à análise das subjetividades de homens através de uma perspectiva socioantropológica e buscou “compreender como as masculinidades atuam nos *selfies*, isto é, como as reproduções de gênero podem ser compreendidas pelos usuários do aplicativo *Tinder*”. Em suas análises, Ardenghi (2017: 135) ressalta que o *Tinder* se configura como um espaço importante para a “desconstrução dos efeitos restritivos e prejudiciais que a socialização de gênero representa para homens”, abrindo, deste modo, a possibilidade de questionar o modelo sexista em que a masculinidade hegemônica pauta as relações sociais entre homens e mulheres. Essa dissertação aproxima-se do meu estudo não só pela área na qual foi

produzida, mas também pelo referencial teórico utilizado como Foucault (1975; 2006; 2012), Butler (1990; 1993; 2003), Scott (1989), Preciado (2014) e Pelúcio (2016). Ardenghi indica que parte dos homens usuários do *Tinder*, que tiveram seus Perfis investigados, estão dispostos a questionar o modelo tradicional de masculinidade, atribuindo tal postura às transformações, em curso na nossa sociedade, decorrentes das problematizações pautadas pelos movimentos feministas. O que aproxima nossos estudos é a centralidade ainda atribuída ao amor romântico nas dinâmicas de afetividade contemporânea, indicada pelos usuários do *Tinder*, e a premissa de que as construções das masculinidades ocorram, entre outras, através de práticas performativas. Valho-me desse estudo, sobretudo, nas reflexões acerca das produções das masculinidades, uma vez que Ardenghi dedicou-se especificamente a esta questão.

Na dissertação intitulada “Afeto nas redes sociais: análise semiótica dos usuários maiores de 50 anos nos sites de relacionamento”, de Roseli de Lourdes Gomes, defendida em 01/12/2017, no mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro, a autora investiga como usuários/as do *Tinder* e do Par Perfeito, com mais de 50 anos, estabelecem relações de afeto nas redes sociais digitais. O estudo foi desenvolvido com base na metodologia descritiva que integra diferentes disciplinas, agregando aportes da semiótica discursiva, bem como da Psicanálise, para analisar estas relações de afeto. A partir da análise de três Perfis masculinos, do site Par Perfeito, e três femininos, do aplicativo *Tinder*, a autora indica a presença cada vez mais frequente de internautas com mais de 50 anos em sites e aplicativos de relacionamento e constata que os perfis desses usuários dependem tanto das opções e características determinadas pelas respectivas redes sociais digitais, quanto esses podem, “a partir de suas próprias escolhas enunciativas, construir seus enunciados verbo-visuais, demonstrando, assim, que esses usuários são competentes no uso das ferramentas digitais e têm um modo próprio de ser e habitar a Cibercultura” (GOMES, 2017: 56). O estudo abordou a “construção discursiva da afetividade nas redes de relacionamento virtuais na contemporaneidade” (GOMES, 2017: 86). Além do arcabouço teórico ser bastante diferente do que elegi para meu estudo, a faixa etária delimitada faz comparativos entre Perfis de plataformas digitais diferentes, o aplicativo *Tinder* e o site de

relacionamento Par Perfeito. Tais configurações produziram análises de cunho diferente das que eu pautei em meu estudo.

A dissertação “It's a match! You and Rio have liked each other: O Tinder como mediador de experiências, identidades e imaginários entre estrangeiros e residentes do Rio de Janeiro”, de Naiara Evangelo Silva, defendida em 01/03/2018, no mestrado em Comunicação da UFRJ/RJ, versa sobre a maneira como os estrangeiros, por meio de relações pessoais desenvolvidas com brasileiros a partir do *Tinder*, experienciaram o Rio de Janeiro, no período das Olimpíadas de 2016. A autora realizou pesquisa etnográfica, através de observações e experimentações no *Tinder*, e conversas com usuários do aplicativo. Analisou, também, matérias da imprensa nacional e internacional sobre o aplicativo e a sua própria experiência como usuária do *Tinder* ao viver em Roma como estrangeira. Desta forma, a autora focalizou suas análises na funcionalidade do *Tinder*, “passaporte” que permite que o usuário altere sua localização para se conectar com pessoas em qualquer lugar do mundo e navegue entre a sua localização atual e os novos destinos. O estudo buscou entender a forma de utilização do aplicativo para o uso com objetivos turísticos e a partir desta funcionalidade, buscou identificar de que modo os usuários estrangeiros exploram a cidade do Rio de Janeiro por meio das relações interpessoais que estabelecem com residentes da cidade. A autora refletiu, ainda, sobre as formas “como as relações afetivo/sexuais de usuários do *Tinder* estavam sendo impactadas por essa mediação tecnológica” (SILVA, 2018: 96) e, para tanto, se aproximou de referenciais dos E.C., a partir da utilização dos conceitos de cultura e identidade (HALL, 2013), mas, também, dos estudos de Michel Maffesoli, Erving Goffman, entre outros. A autora indicou, ainda, que durante as Olimpíadas de 2016 vários atletas olímpicos utilizaram o *Tinder* para compartilhar fotos e textos autobiográficos sobre situações vividas no Brasil, procedendo a um

debate sobre a articulação sobre essa sociabilidade mediada e esses imaginários, que apareciam na forma como eles se posicionavam no *Tinder* [...] o que deu ainda mais a visibilidade para certos imaginários sobre o Rio de Janeiro, como o de paraíso sexual, cidade violenta, entre outros (SILVA, 2018: 97).

Sobre o uso do *Tinder* para o estabelecimento de relacionamentos afetivo/sexuais, a autora indica que aplicativos como esse se popularizam “pela falta de vínculos sólidos e/ou pela flexibilidade de vínculos” (SILVA, 2018: 61), bem como

pela maneira como a sua interface gráfica é organizada, uma vez que “se apresenta similar a um catálogo, uma vitrine, um cardápio ou mesmo um *game*, podendo informar muito para quem o usa”. Registro que concordo, em parte, com afirmações por ela feitas, por considerar que existam condições de possibilidade que justificam não só o surgimento de tais artefatos, como também a sua popularização.

Nessa direção, lembro o filósofo canadense Marshall McLuhan e sua polêmica expressão “o meio é a mensagem”, desenvolvida na obra “Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem” (1964), utilizada para justificar a popularização exponencial de artefatos peculiares as redes sociais digitais. Ressalto que McLuhan dedicou-se, na década de 1960, a analisar o impacto de determinados meios de comunicação no conjunto corpo/mente das pessoas, considerando serem tais meios os elementos mais importantes da comunicação, mais importantes que a própria mensagem, conteúdo transmitido, uma vez que “isto significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio [...] constituem o resultado de um novo estado introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos” (MCLUHAN, 1964: 21). Como o mesmo autor ressaltou, o termo “mídias” veio a ser usado de modo bastante amplo, incluindo tecnologias, artefatos e até palavras e teorias descobertas pelo ser humano.

Segundo Mcluhan, o meio social seria um espaço de convergência em que, por meio da utilização de recursos tecnológicos, produziríamos uma noção de aldeia em que, a qualquer distância, seria possível a comunicação direta entre as pessoas, sendo essa comunicação, essencialmente, bidirecional e entre duas pessoas. Dessa relação, decorreria o isolamento cada vez maior das pessoas, sendo tal processo consolidado pela globalização e pelo acesso à internet, uma vez que por ela desenvolvemos a sensação de estarmos constantemente conectados ao mundo, mesmo que estejamos no ambiente isolado e individualizado de nossas residências. É possível dizer que há peculiaridades no modo como nos relacionamos por meio de aplicativos e sites de relacionamento, contudo nem todas as dinâmicas estabelecidas nestes espaços são tão diferentes das dinâmicas até então desempenhadas. Apesar disso, estudos mais recentes redirecionam a abordagem de Mcluhan, no que se refere à afirmação de estarmos cada vez mais isolados socialmente, ao destacarem o estabelecimento de mais interações, vínculos e contatos diferenciados, que até então não supúnhamos poder realizar.

Castells (2005) considera que os fenômenos da conexão e da participação nas redes sociais digitais apontam para o individualismo em rede, e não para indivíduos isolados na rede, configurando-se como marca cultural da sociedade em rede. Nesta mesma direção, Pelúcio (2015) destacou que os usos que realizamos das mídias digitais vão se transformando com o passar do tempo e através dos sentidos que vamos conferindo a estas. Silva (2018: 98) encerra suas reflexões salientando que “estamos diante de uma experiência social que indica que a sociabilidade contemporânea atinge cada vez mais complexidade com as transformações tecnológicas”.

Em “Curtir ou não curtir: Experimentações a partir do Tinder”, de Sheila Cavalcante dos Santos, dissertação defendida em 29/08/2018, no mestrado em Antropologia na UFPB, em João Pessoa (PB), a pesquisadora desenvolve um estudo etnográfico a partir do estudo do Perfil de seis homens e seis mulheres usuários/as do *Tinder*. Ela analisou o modo como o *Tinder* “se insere na dinâmica das relações interpessoais e interfere em estratégias de sociabilidade e vivência da experiência afetivo/sexual” (SANTOS, 2018). Ela indica que o aplicativo é utilizado como um meio para busca de parceiros “integrando um movimento de [...] negociação e tensão, que comporta tanto expectativas de afinidade e reciprocidade nas trocas intersubjetivas, estas testadas desde o início do contato, como a valorização da autonomia e da escolha como cernes do projeto individual” (ibidem). Esclareço que não tive acesso à versão completa desta dissertação por não estar disponibilizada no repositório.

Ao finalizar esta seção, destaco, ainda, que apesar de nem todos os estudos que aqui referi terem sido diretamente invocados nesta tese, esta incursão aos repositórios e plataformas de teses e dissertações me permitiram visualizar estudos que se ocupam de artefatos que apontam para o importante estatuto que os aplicativos de relacionamento têm assumido nos dias atuais. Possibilitadores de diferentes formas de participação, estes aplicativos permitem a seus usuários não apenas viverem a experiência de externarem seus interesses, desejos, mas de propagá-los em uma esfera irrestrita, que permite adesões, rechaços, retomadas etc.

2.3 FACEBOOK: PARA ALÉM DO STATUS DE RELACIONAMENTO

O *Facebook*, que é uma rede de relacionamentos que surgiu como um meio de comunicação entre colegas de uma universidade, ou seja, entre pessoas conhecidas, tornou-se uma rede social que permite localizar e conhecer amigos de amigos, ou diferentes pessoas, bem como comprar e vender produtos, jogar online, seguir comunidades e Páginas, entre outros. Atualmente é a rede social com maior número de acessos no mundo. Em julho de 2017, o portal de estatística Statista divulgou o levantamento⁴⁹ em que indica que o *Facebook* ocupa o primeiro lugar, com dois bilhões de usuários, no mapeamento de usuários ativos por mês. Em seguida estão o *WhatsApp* (1,3 bilhão), *Messenger* (1,2 bilhão), *WeChat* (938 milhões) e *Instagram* (700 milhões), sendo que apenas o *WeChat* não pertence ao grupo Mark Zuckerberg. Tal mapeamento, além de nos atualizar sobre o número crescente de usuários/as, indica-nos, também o quanto as pessoas têm recorrido e/ou se mantido nas redes sociais digitais, que entre outras funções, possibilita a interação entre as pessoas, fato esse refletido pelo número de estudos realizados nos últimos anos no Brasil.

Durante a realização do mapeamento de estudos que detalhei anteriormente, também identifiquei vários que se dedicavam ao *Facebook*, mas, não os detalharei. Restrinjo-me a indicar, que em outubro de 2018, dediquei-me a leitura de alguns destes estudos que me auxiliaram a compreender as dinâmicas, fluxos e possibilidades do *Facebook*, bem como, me levaram a reflexões acerca dessa rede social digital que nós brasileiros/as tanto apreciamos⁵⁰.

Dentre os estudos identificados, destaco a dissertação intitulada “Facebook: negociações de identidades, medo de se expor e subjetividade”, de Gabriel Arthur M. e Rosa, defendida em 2012 no Mestrado em Psicologia da UCB (Universidade Católica de Brasília), que originou o livro “Facebook e as nossas identidades virtuais” (2013). Indico, também, a dissertação intitulada “No que você está pensando?: o discurso do mal-estar docente produzido no Facebook e a fabricação dos modos de

⁴⁹ Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/07/facebook-domina-ranking-de-redes-sociais-mais-usadas-no-mundo.ghtml> Acessado em 08/10/2018.

⁵⁰ Em julho de 2018 chegamos ao número de 127 milhões de usuários/as. Nos mantemos em 3º lugar no mundo, atrás da Índia e EUA. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml> Acessado em 08/10/2018.

ser professor na contemporaneidade”(2017) , de Letícia F. Caetano, defendida no PPG Educação da FURG (Universidade Federal de Rio Grande),e as teses “#CurrículoDoFacebook: denúncia de crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola” (2016), de Gislene Rangel Evangelista, defendida no PPG Educação da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e “Identidades Femininas em Comentários no Facebook: Uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação”, de Marcilene Forechi, defendida em julho de 2018 no PPG- Educação da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Volto agora a me ocupar de aspectos que caracterizam o *Facebook* para esclarecer que, quando nos registramos pela primeira vez no *Facebook*, estamos criando um Perfil pessoal, uma conta. Para criar um Perfil pessoal nesta rede social é necessário ter, no mínimo, 13 anos e um endereço de e-mail, tal como já indiquei anteriormente. A partir dessas informações, o usuário deverá preencher outros dados como nome, cidade, se trabalha, estuda etc., dados esses que não são necessariamente verídicos. Autores como Rosa e Santos (2013), acenam para o fato de que os Perfis criados em redes sociais digitais como o *Facebook* compõem-se com atributos performáticos através dos quais procuram fulgurar identidades socialmente reconhecidas e desejadas.

Figura 11: Criando um Perfil no Facebook

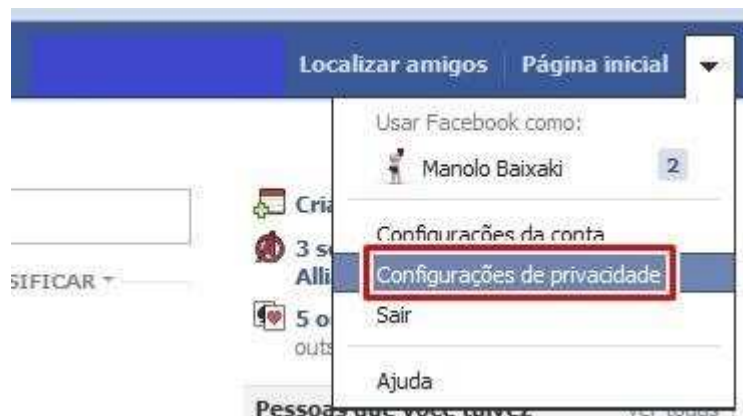


Fonte: www.techtudo.com.br (2018)

Nas configurações de privacidade, é possível selecionar a quem será permitido visualizar as publicações do usuário: público, amigos ou amigos de

amigos. Esta seleção pode ser aplicada a todas as informações como fotos, publicações, informações do Perfil, etc.

Figura 12: Configurando a privacidade do Perfil



Fonte: www.techtudo.com.br (2018)

Ao se tornar usuário do *Facebook*, pode-se procurar amigos, adicioná-los à nossa rede de contatos, publicar imagens, textos ou vídeos, compartilhando-os, enviando mensagens privadas aos amigos, um a um, ou vários ao mesmo tempo. Ao adicionarmos alguém como amigo, estamos, automaticamente, compartilhando com essa pessoa as nossas informações pessoais e tudo o que publicamos no nosso Perfil; o mesmo acontece com o que os amigos da nossa rede publicam nos seus perfis.

Para localizar amigos, o próprio *Facebook* possui a ferramenta “encontrar amigos”. A base de dados dessa rede social mapeia pessoas com quem o usuário já trocou e-mail, ou informações do Perfil como localização, local de formação, emprego, moradia, gostos culturais, entre outros.

Figura 13: Localização de amigos



Fonte: www.techtudo.com.br (2018)

É possível, também, ver Perfis⁵¹ de pessoas que não conhecemos, mas que configuraram o Perfil como público, ou localizar pessoas através do nome e/ou e-mail, usando a ferramenta de busca. Além disso, há a possibilidade de localizar Páginas⁵² criadas por veículos de comunicação e fazer o cadastramento para seguir as publicações, sendo essa uma forma de atualização de notícias e acontecimentos, uma vez que os principais veículos de comunicação do mundo publicam suas atualizações no *Facebook*. Não é permitido fazer publicidade de produtos que sejam pagos, através de perfis pessoais. Para isso existem as Páginas. As Páginas se parecem com os perfis pessoais, mas oferecem ferramentas exclusivas para empresas, marcas e organizações, e são gerenciadas por pessoas que têm perfis pessoais, como por exemplo, a Página oficial do aplicativo *Tinder*, onde, entre outras, são lançadas ferramentas do aplicativo e é incentivada a sua adesão.

Ao curtir uma Página, passamos a ter acesso às atualizações dessas em nosso *Feed de notícias*⁵³. *Feed de notícias* é uma lista atualizada, constantemente, com histórias de pessoas, Páginas e comunidades, que o usuário segue no *Facebook*, exibindo atualizações de publicações como fotos, vídeos, links, comentários, curtidas, e atividades em aplicativos. Ao nos tornarmos amigos, ou ao curtirmos Páginas e comunidades, passamos automaticamente a segui-las. Estas Páginas têm objetivos de utilização profissional, servindo para a divulgação de artistas, marcas, organizações ou empresas. As empresas estão utilizando cada vez mais este tipo de Página para divulgar seus produtos e serviços, e, sobretudo, para

⁵¹ Quanto estiver me referindo a Perfis do Facebook e Tinder utilizarei letra maiúscula.

⁵² Quanto estiver me referindo a Páginas do Facebook utilizarei letra maiúscula.

⁵³ “*WebFeed*” é uma expressão originada do verbo em inglês “alimentar”. Arquivos “*feed*” são listas de atualização de conteúdo de um determinado sítio, escritos com especificações baseadas em XML.

criar uma rede de contatos. Ao contrário de um Perfil, onde apenas se podem acessar os amigos, uma Página está disponível a todos. Uma funcionalidade disponível apenas para quem possui Páginas é a de “impulsionar” determinada publicação, tornando-a um anúncio. Para isso, o usuário efetua pagamento ao *Facebook* e pode escolher o público alvo de seus anúncios. Dentre as opções estão faixa etária, localidade, gênero, interesses pessoais, etc. Ao tornar determinada publicação um anúncio, ela passa a ser exibida no *Feed de Notícias* das pessoas selecionadas como público alvo.

É possível também criar uma Página de comunidade, que se destina a uma organização, a uma celebridade, ou a um tema, mas não representa oficialmente o assunto. A Página de comunidade tem um rótulo abaixo do nome para identificá-la como tal, conforme a ilustração a seguir:

Figura 14: Comunidade no Facebook



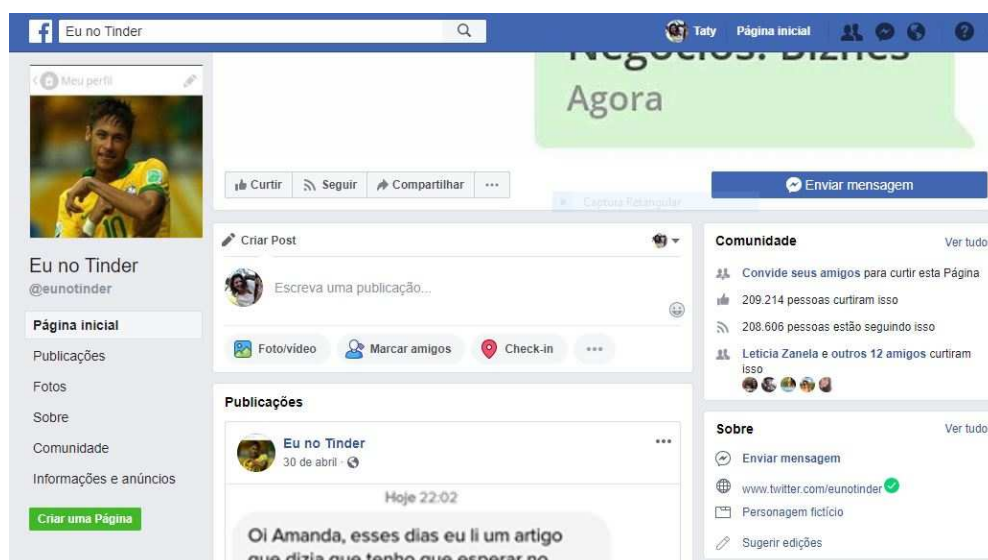
Fonte: Facebook (2018)

Outra possibilidade é a criação de Páginas de Grupos, onde os administradores dos grupos podem incluir outras pessoas com interesses afins. Exemplos são os grupos sobre estilo musical, grupos de funcionários da mesma empresa, de frequentadores do mesmo restaurante, ou ainda Grupos de Classificados onde os integrantes podem postar anúncios. A diferença entre Página de Comunidade e Página de Grupo, é que nas Páginas de Comunidades as postagens são feitas apenas pelos administradores, ou pessoas delegadas, enquanto que nas de Grupo qualquer membro pode postar conteúdo. Nos Grupos ainda há a possibilidade de configuração para que cada postagem seja avaliada

pelos administradores, para só depois ser efetivamente publicada no *Facebook*. Recuero (2008) aponta para o fato de que as pessoas possivelmente filiam-se às comunidades, Páginas e Perfis fictícios por identificação e/ou afirmação de identidades.

Há também a possibilidade de se criar perfis fictícios, que são indicados pelo *Facebook* a fãs clubes, bandas e figuras públicas. Os procedimentos são os mesmos descritos para a criação de perfis pessoais, porém, ao selecionar essa opção aparecerá abaixo do nome a indicação “personagem fictício”, conforme observado na Figura 15:

Figura 15: Perfil de personagem fictício



Fonte: Facebook (2018)

A partir de tais descrições, é possível perceber que, atualmente, o *Facebook* possibilita muitos usos, que incluem lazer, sociabilidade, afetividade, consumo e venda de produtos, relações profissionais como análise de perfis de candidatos a vagas de emprego, ou até mesmo divulgação de vagas de emprego. O *Facebook* não é uma rede social de relacionamento afetivo/sexual, no entanto, sabe-se que tal uso também é realizado através dele. Na configuração do Perfil é possível divulgar o status de relacionamento para o qual o *Facebook* dispõe, havendo as seguintes opções: casado(a), solteiro(a), em um relacionamento sério, em uma união estável, noivo(a), morando junto, em relacionamento aberto, em um relacionamento complicado, separado(a), divorciado(a), viúva(a). Pode-se também verificar com

quem a pessoa está se relacionando, caso o parceiro também tenha Perfil no *Facebook*. A partir dessa informação, é possível selecionar pessoas com as quais se pretende fazer amizade, ou estabelecer algum outro tipo de relacionamento.

Em sua dissertação “Facebook: negociações de identidades, medo de se expor e subjetividade” Gabriel A. M. e Rosa (2012) discorre sobre o fato que há usuários/as que utilizam o *Facebook* para estabelecer relacionamentos afetivo/sexuais. Ele indica que tais usuários/as são mais cautelosos quanto às informações que divulgam em seus perfis, uma vez que procuram descrever “seguindo modelos de identidades socialmente desejadas [...] sendo as publicações verídicas ou não; sinceras ou não [...] o objetivo é atrair um ou mais pretendentes” (2013: 83-84). Rosa indica, ainda, que há situações em que os/as usuários/as já se conheciam antes de manter contato via *Facebook*, mas que esses passam a estabelecer relacionamentos afetivos por estreitarem seus vínculos através dessa rede social digital. Ou seja, o *Facebook*, entre tantas outras possibilidades de interação, potencializa tais relacionamentos. Cabe destacar que inicialmente o *Tinder* vinculava a criação de um Perfil no aplicativo a uma conta no *Facebook*. A justificativa pautava-se na premissa de que tal vinculação diminuiria as chances de interação com um *Perfil fake*⁵⁴, além da possibilidade de verificação da veracidade da identidade dos/as usuários/as através da indicação de amigos em comum no *Facebook*, seria possível também conferir o “status de relacionamento”, sendo essa uma das informações que está longe de ser considerada irrelevante.

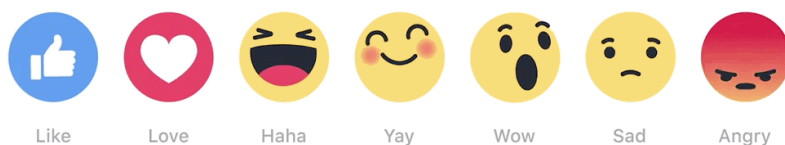
Este fato indicado, também, em outros estudos como os de Donnamaria e Teresis (2009), apontaram a vinculação do *Facebook* e o *Tinder* como importante, ao referir que inicialmente os/as parceiros/as dedicam-se a identificar possíveis pretendentes através de interesses e valores em comum e posteriormente investem na verificação da aplicação de tais atributos fora do ambiente virtual. Isso evidencia que, mesmo havendo peculiaridades nos relacionamentos desenvolvidos em ambientes virtuais, esses mantêm ainda características das experiências fora deles.

Cabe também enfatizar que as ferramentas que o *Facebook* disponibiliza impelem seus usuários a desenvolverem interações permanentemente, uma vez que o site se atualiza constantemente tendo como base as ações realizadas pelos/as

⁵⁴“Falso” em inglês, é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na Internet para ocultar a identidade real de um usuário e/ou para proteger-se de spams.

usuários/as na plataforma. Tais movimentos ocorrem, principalmente, a partir das atitudes de “compartilhar”, “curtir” e “comentar”, além das expressões explicitadas através dos *emojis*, que torna possível expressar os sentimentos de amor, humor, alegria, surpresa, tristeza e raiva.

Figura 16: *Emojis* do Facebook



Fonte: Facebook (2018)

As publicações realizadas por usuários em seus Perfis geralmente acontecem através de postagens de fotos, imagens, links, textos, pequenos vídeos, entre outros, que mobilizam seus/suas interlocutores/as às ações acima mencionadas. E esses reagem, na maioria das vezes, por concordância e aceitação de tais conteúdos, que, de maneira geral, são mensuradas pela quantidade de curtidas e compartilhamentos que recebem. Ou seja, quanto maior a identificação, maior a chance de impulsionar outros/as usuários/as a interajam. Assim, essas modalidades de interação “permitem que os/as participantes repassem, opinem, discordem, aprovem ou consintam (com a opção 'curtir') em relação às postagens próprias e às dos demais” (ROSA; SANTOS, 2013: 65) [grifos do autor]. Para estimular a atualização diária dos Perfis e a interação entre usuários/as o *Facebook* disponibiliza que cada um escreva na sua Página a frase: “no que você está pensando?”

Os pesquisadores Rosa e Santos (2013) argumentam que as publicações constituídas de autodescrições, fotos e vídeos podem acarretar o sentimento de identificação nos demais usuários, bem como, a qualificação da identidade do/a usuário/a que provocou essa identificação. Como eles ressaltam, “frequentemente, o que é exposto nesse site é visto pelos demais com conotações derivadas de como se está, de como é e, por conseguinte, de quem é o indivíduo que realizou uma determinada postagem” (ROSA; SANTOS, 2013: 176).

Não obstante, cabe destacar que as publicações realizadas nesta rede social também mobilizam mal entendidos, discordâncias e polêmicas, uma vez que o

Facebook é “um ambiente no qual os temas e as polêmicas seguem um fluxo inapreensível e no qual se materializa um modelo participativo da cultura digital, ou cultura da conexão e participação” (FORECHI, 2018: 17).

Ainda que desempenhemos com rapidez e uma aparente “naturalidade” as ações curtir, compartilhar, comentar, ou avaliar, ou até mesmo decidamos não realizá-las, cabe ressaltar que essas estão implicadas em decisões decorrentes de diferentes motivações e significações. E, sobretudo, que tais significados são produzidos em redes de significação peculiares à contemporaneidade e às redes sociais digitais. Concordo com Caetano (2017:30), quando ela indica, em sua dissertação, que está em curso nesta rede social “uma nova forma de se relacionar e de se expor às pessoas, onde tudo passa a ser ‘publicado’, ‘postado’, ‘compartilhado’, ‘curtido’ e ‘comentado’ e, num simples ‘clic’ cai no mundo da rede virtual, constituindo novos regimes de visibilidade [...]”. Aproximo-me também das reflexões tecidas por Rosa (2013), quando ele acena para o fato de as interações realizadas por meio de redes sociais digitais tenderem a ser mais instáveis e até volúveis, sem, contudo, não necessariamente desencadearem a deterioração das relações desenvolvidas fora destes ambientes. Há, inclusive, autores que indicam que as relações estabelecidas por meio de artefatos digitais complementam as relações realizadas fora deles (NICOLACI-DA-COSTA, 2005; PERIS *et al.*, 2002; SULER, 2005).

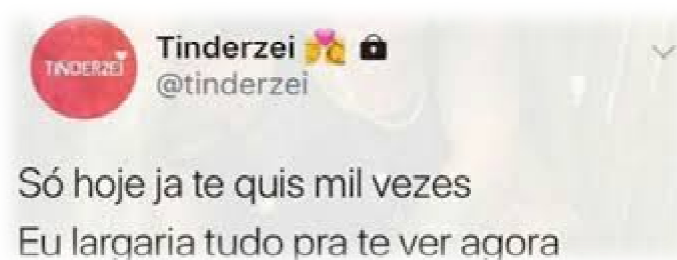
O *Facebook* tem adquirido destaque nas relações sociais estabelecidas dentro e fora dele, uma vez que ele tem sido um dos meios mais utilizados para manter os vínculos de sociabilidade, atualização de notícias e polêmicas sociais e até mesmo para “gerar assunto fora dele”, a partir do que nele tem sido pauta. Tal rede social está afetando e moldando nossas condutas mais do que percebemos, por estarmos “convivemos com um complexo e diversificado aparato tecnológico que nos permite saber mais de nós e do mundo [...] trata-se de um aparato que cada vez mais se sofisticava, no sentido de orientar, cuidar, instruir, formar” (FISCHER, 2006:71). Nesta direção as discursividades que proliferam no *Facebook* nos interpelam, demarcam, educam e, entre outros, normatizam e normalizam condutas dentro e fora dele. Por tudo isso o *Facebook* tem sido considerado um artefato cultural potente para realizar problematizações acerca dos relacionamentos afetivos praticados na contemporaneidade.

Sustento que o conjunto de comentários realizados nos Perfis “Omi no Tinder” e “Perólas do Tinder”⁵⁵, que selecionei para estudar nesta tese, constituem narrativas que versam sobre práticas de afetividade estabelecidas no/pelo *Tinder*. E essas narrativas focalizam identidades de gênero e modos de estabelecer relacionamentos afetivos.

Destarte, os comentários registrados nestes Perfis evocam e reafirmam discursos vigentes em nossa sociedade que sustentam concepções e modos de ver e estar no mundo, ao mesmo tempo em que neles ressoam discursos que orientam condutas dos sujeitos que coabitam tais redes sociais digitais. Assim os comentários e as narrativas produzidas a partir deles “[...] se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou riqueza” (FERREIRA; TRAVERSINI, 2013: 214). Analiso tais narrativas enquanto práticas discursivas engendradas a partir das condições de possibilidade próprias do nosso tempo.

E a pergunta que me ocorre retomar, agora, é: Se todas as cartas de amor são ridículas e as criaturas que nunca as escreveram também, como declarado por Fernando Pessoa, por que não seriam ridículos os *posts* de amor do *Facebook* e *Instagram*?

Figura 17: Post ridículo



Fonte: @tinderzei (2018)

Os parâmetros sobre como será feita a análise desta investigação estão delineados no capítulo a seguir, denominado “Ferramentas de acesso: A Abordagem Teórico-metodológica.

⁵⁵No capítulo seguinte, intitulado “Ferramentas de acesso: Campos teórico-metodológicos”descrevo a justificativa e a maneira como esses Perfis foram selecionados.

3. “FERRAMENTAS DE ACESSO”: A ABORDAGEM TEÓRICO–METODOLÓGICA

“Um campo tem terra
e coisas plantadas nela
A terra pode ser chamada de chão
é tudo que se vê
se o campo for um campo de visão”
(Arnaldo Antunes, Campo, 1993).

Como indica Arnaldo Antunes, na epígrafe deste capítulo, campo “É” tudo que se vê, se um campo for um campo de visão... Compartilho aqui o detalhamento do “campo de visão” que construí para dar conta da tese que me propus defender. Detalho aqui os caminhos percorridos, as escolhas e renúncias, os embates e as linhas selecionadas para compor essa rede de significados, enfim, os processos que dão materialidade a esse “campo de visão” que sustentam o seu “É” e possibilitam ser o que se vê.

Sigo lembrando que Foucault (2001: 1588) indicou que seus livros são *pequenas caixas de ferramentas*, tal como ele registrou em entrevista concedida a Roger Pol Droit⁵⁶, em 1975:

Todos os meus livros seja História da loucura seja outros podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006: 57).

Foucault, neste excerto, destacou que seus livros valiam pelo uso que deles fosse feito, ressaltando o filósofo que estavam escritos para usos por ele não definidos. Nesta direção, vali-me de algumas de suas teorizações para proceder a elaborações, ou seja, para dar uma forma a alguns pensamentos que busquei exercitar. Porém, ao lado de algumas dessas teorizações, invoquei outras, de campos tais como os E.C. em Educação e os Estudos sobre gênero e sexualidade, ambos inspirados no pensamento pós-estruturalista, para problematizar narrativas instituídas a partir de discursos acerca dos relacionamentos afetivos. Argumento, nesta investigação, que tais narrativas produzem e reafirmam identidades masculinas e femininas e normatizam as condutas dos sujeitos que delas se valem,

⁵⁶Entrevista intitulada “Gestionar los ilegalismos” publicada originalmente em espanhol, trecho traduzido para o português por mim.

na cultura da internet nos dias atuais. Tomei como ponto de partida para conduzir minhas análises comentários compartilhados em Perfis do *Facebook* denominados “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder”, que remetiam a outra mídia interativa - *Tinder* -, um dos aplicativos de relacionamentos mais populares no mundo.

Voltando ao uso da metáfora “foucautiana” da caixa de ferramentas, Veiga-Neto (2007: 5) ressalta que, quando dela nos valem,

apontamos para o fato de que recorremos à teorização foucautiana e seus respectivos conceitos de um modo um tanto utilitarista: interessa-nos examinar e dissecar o mais microscopicamente possível o que é dito e o que é feito no plano das práticas sociais, sejam elas discursivas, sejam não-discursivas.

E ainda sobre essa metáfora, o próprio Foucault discorre (2001a: 427) esclarecendo que:

(...) pensar a teoria como uma caixa de ferramentas significa que: a) se trata de se construir não um sistema, mas um instrumento: uma lógica própria às relações de poder e às lutas que se estabelecem em torno delas; b) a pesquisa não pode ser feita senão pouco a pouco, a partir de uma reflexão (necessariamente histórica em algumas de suas dimensões) acerca de determinadas situações.

Feitas essas considerações, a partir das quais busco indicar as direções em que conduzi o estudo que compõe esta tese, passo, a seguir, a explicitar como os conceitos que selecionei funcionaram como ferramentas para deslocar certezas, invocar multiplicidades e operar com provisoriiedades, tal como Meyer e Soares (2005) sugerem que façamos ao empreendermos uma pesquisa.

3.1 OS CONCEITOS CENTRAIS E OS CAMPOS TEÓRICOS QUE INSPIRAM ESTE ESTUDO

A cultura, na perspectiva dos E.C., é tomada como o *locus* central de uma sociedade. Portanto, é neste *locus* central, no espaço da cultura, que são estabelecidas, mas, também, são contestadas, as diferentes formas de identificação, ordenação, categorização e interpretação dos sujeitos. A partir de tal entendimento, “a cultura é teorizada como campo de luta entre diferentes grupos sociais em torno da significação” (SILVA, 2000: 32). E é nesse processo que se dá a

“produção”/construção dos sujeitos a partir de particulares atribuições étnicas, de gênero, geracionais, de classe, entre outras. Ou seja, nos E.C., a cultura passa a ser a arena central, que produz e mobiliza a sociedade e as transformações que nela se processam. Porém, como Ziauddin Sardar e Boris Van Loon (2005:9) ressaltam:

Os Estudos Culturais não são simplesmente o estudo da cultura como se esta fosse uma entidade independente, separada de seu contexto social e político. Seu objetivo é compreender a cultura em toda a complexidade de suas formas e analisar o contexto político e social em que se manifesta (Grifo dos autores).

Assim, entre os propósitos enunciados para os E.C. estão os de incursionar nas relações processadas entre cultura, sociedade e os sujeitos que a compõe, a partir da análise de como operam instituições, práticas e artefatos culturais.

Dediquei-me, neste estudo, a identificar representações nas narrativas que focalizam modos de relacionamento afetivo/sexuais estabelecidos por meio do Tinder em circulação no *Facebook*. Destaco que o termo *representação* está aqui associado às práticas de significação, mais especificamente às práticas sociais de produção de significados, nas quais “a produção de significados sociais é [...] uma pré-condição necessária para o funcionamento de todas as práticas sociais e uma explanação das condições culturais das práticas sociais [...]” (DU GAY, 2003: 2), “pois é através dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2007:17).

Assim, tomo o aplicativo *Tinder* e a rede social *Facebook* como artefatos culturais que possibilitam a produção de significados, bem como de identidades para os sujeitos implicados tanto nas discussões que se estabelecem nessas instâncias midiáticas, quanto para aqueles sobre quem nelas se está falando. Ancorada nos E.C., indico que artefatos culturais são textos, vídeos, músicas, jogos de computador, celulares, aplicativos, sites, entre outros, que mobilizam “[...] sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder” (SILVA, 2004:142). Como Silva também salientou, os significados dos artefatos culturais não precedem a sua existência, mas são produzidos culturalmente, através da linguagem, de processos de representação e de identidade, de maneira que “a representação é um sistema linguístico e cultural:

arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado às relações de poder (SILVA, 2000: 91)”.

Du Gay e Hall (1997) salientaram que significado, linguagem e representação são elementos críticos no estudo da cultura. Explicito um pouco mais como os autores justificam esta afirmação. Dizem eles (1997) que “pertencer a uma cultura é pertencer a um mesmo universo conceitual e lingüístico” (ibidem: 10), e que isso envolve saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para referenciar o mundo. Para os mesmos autores, tal compartilhamento implica ver o mundo pelo mesmo mapa conceitual e dar a ele significados a partir da utilização de mesmos sistemas de linguagem. Daí decorre, como Du Gay, Hall *et al.* (1997: 10) também salientam, que “cultura” seja definida, algumas vezes, em termos de “significados compartilhados ou mapas conceituais compartilhados”.

Sobre a representação, cabe salientar, a partir dos mesmos autores, que os E.C. assumem uma abordagem construcionista da representação, que não permite que confundamos o mundo *material*, onde as coisas e pessoas existem, com as práticas e processos *simbólicos* através dos quais a representação, o significado e a linguagem operam. Os atores sociais, referem Du Gay e Hall (1997), usam os sistemas conceituais de sua cultura para atribuir significados ao mundo e aos sujeitos que nele vivem, entendendo, assim, a representação como uma prática, um tipo de “trabalho”, que “usa” as funções simbólicas para significar. Hall (1997) também indicou que Foucault “colocou uma nova e significativa abordagem para os problemas da representação” (ibidem:35), ao preocupar-se com a produção do conhecimento nas ciências humanas e sociais, em função do importante e influente papel que essas alcançaram na cultura moderna como produtoras de discursos que iriam constituir, tal como a religião em tempos passados, a “verdade” sobre o conhecimento.

Hall (1997) considera que Foucault tomou o *discurso* como um sistema de representação, atribuindo-lhe, no entanto, um sentido diferente do que anteriormente lhe era associado. Isso porque interessava a Foucault, conforme salientado por Hall (1997: 37), “entender como as regras e práticas produziam pronunciamentos e discursos regulados em diferentes períodos históricos”. Cabe registrar, então, que o conceito de discurso, tal como está posto por Foucault, expandiu o escopo do que

estava envolvido no entendimento da representação. O *discurso* para Foucault “constrói (...) define e produz os objetos do nosso conhecimento. O discurso governa o modo como um assunto pode ser significativamente falado e debatido e tornado aceitável e inteligível” (ibidem). Ainda comentando os deslocamentos que a noção de discurso foucaultiana operou, Hall (1997) salienta que o discurso, além de “reger” as formas de falar sobre um assunto, definindo modos de falar, escrever ou de se conduzir, também exclui, limita e restringe outros modos de falar, ou de se conduzir em relação a um assunto ou conhecimento. Hall (1997) destaca, também, que a abordagem foucaultiana desloca o sujeito da posição privilegiada em relação ao conhecimento e ao significado que lhe eram atribuídas, por exemplo, no pensamento moderno, pois, na abordagem discursiva de Foucault, é o discurso que fala e produz conhecimento e não os sujeitos. Ou seja, apesar de os sujeitos poderem produzir textos particulares, “eles estão sempre operando dentro dos limites da ‘*episteme*’, da formação discursiva, *doregime da verdade*, de uma cultura e períodos particulares” (HALL, 1997: 46).

Explícito tais considerações feitas por Hall (1997), pois, a partir delas, justifico minha opção de me valer, neste estudo, das noções de discurso e representação para discutir a produção de significados e identidades, que argumento derivarem das narrativas que focalizei neste estudo. Considerarei, igualmente, a partir de Foucault (2009), que cada momento histórico tem uma “ordem de discurso” capaz de produzir verdade e atribuir uma racionalidade às práticas de uma época ou momento, que são expressas em experiências, entendidas, neste contexto, “a partir da correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade”(2009:10). Esclareço, ainda, que quando menciono o termo discurso, não estou me referindo a diálogos, pronunciamentos, escutas, leituras e palavras, nas suas mais variadas versões, entre elas as ditas ou não, “mas àquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996: 10).

Para Foucault, é pelo discurso que se instauram os “efeitos de verdade” nas sociedades, ou seja, é através dele que se estabelece “um conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui, ao verdadeiro, efeitos específicos de poder” (2004: 13). Assim os discursos surgem como passíveis de compreensão e exercício para nós na medida em que são construídos como verdadeiros e estabelecem as regras que possibilitam seu aparecimento em saberes

de determinados contextos históricos. Há, então, uma relação produtiva entre discurso e poder. Segundo Foucault (2005b), é preciso reconhecer qual é o “regime de verdade” que qualifica um discurso como verdadeiro, o acolhe e faz circular como verdade. Sendo o discurso instrumento de poder, esse possibilita seu exercício e seu efeito quando é produzido por ele. Através da genealogia do discurso, Foucault nos apresenta uma história das condições de possibilidade do discurso, enfatizando que em todo discurso há um saber e, portanto, uma relação com o poder. Ele indica que: “O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” (ibidem: 142).

Os estudos pós-estruturalistas ressaltam que tanto as identidades dos sujeitos, quanto as identidades dos grupos sociais são produzidas por meio de determinadas formas de representação – que é compreendida aqui como inscrição, marca, traço, significante e não como processo mental – sendo ela (a representação), a face material, visível, palpável, do conhecimento” (SILVA, 1999: 32). Nesta ótica, as identidades são cambiantes, plurais e polifônicas e, como Kathryn Woodward (2007) nos indica, a identidade é permanentemente marcada e produzida pela diferença, num processo relacional que inclui atravessamentos sociais, materiais, simbólicos em um processo complexo permeado por disputas de poder, no qual ocorre a imposição de significados, “tanto nos contextos sociais nos quais [as identidades] são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (WOODWARD, 2007:33).

Os discursos que organizam as representações nas narrativas colocadas em circulação *no e através do Tinder* voltam a ser destacados e (re)enunciados nos comentários a elas referidos nos Perfis do *Facebook*, como já indiquei anteriormente, e essas atuam na produção de posições para os sujeitos nelas implicados. Além disso, argumento que nelas são (re)construídas formas de pensar sobre identidades de gênero, classe social, raça/etnia, religiosidade, relações sociais e amorosas, entre outras. Tais condições históricas são aqui compreendidas como condições de possibilidade ou condições da “formação discursiva”, tal como desenvolveu Michel Foucault, que tornam possíveis o surgimento de diferentes

estratégias para o estabelecimentos de relações afetivo/sexuais, dentre elas, as mídias digitais como sites e aplicativos de relacionamentos.

Por fim, considero relevante indicar aqui o conceito de narrativa, no qual também me apoiarei para produzir tais análises. De acordo com Rosa Maria Hessel Silveira (2013), nos E.C., bem como nas diferentes áreas da Educação, em suas produções contemporâneas os entendimentos de “narrativa” diferenciam-se do que lhes é atribuído em outras áreas acadêmicas, indicando dois sentidos: o lato e o tradicional. Nesta direção o que poderá apontar os sentidos atribuídos ao “narrar” e a “narrativa” será o contexto em que tais empregos estão sendo realizados.

Nesta investigação utilizarei narrativa no sentido lato, ou seja, em um sentido amplo, para nomear textos em que não necessariamente haja uma sequência de fatos cronológicos, mas em que fatos inter-relacionados podem ser referidos de forma ampla ou implícita.

Tais narrativas são compostas por um conjunto de comentários, discursos e enunciados registrados no *Facebook* e no *Tinder* acerca dos modos de se relacionar afetiva/sexualmente. Nesse sentido, “a cultura é alimentada, criada, reproduzida, reforçada e, por vezes, subvertida, largamente, pelas narrativas com protagonistas pontuais, em circunstâncias e lugares datados (indiferentemente de sua veracidade)” (SILVEIRA, 2011: 199).

Leonor Arfuch desenvolve sua tese sobre o espaço biográfico, entre outros, a partir da teoria bakhtiniana. Arfuch utiliza um dos conceitos sobre o qual Mikhail Bakhtin se debruça, que é o de valor biográfico. Segundo ele: “um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também “ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida” (ARFUCH, 2010: 55 – grifos da autora).

Segundo Jorge Larrosa (2002), a narrativa exerce uma importante função em nossas relações, pois é uma prática pela qual, através da experiência de si, nos constituímos, pois a própria atividade de narrar-se produz sentidos para nós mesmos/as e para nossa própria história. “O que somos ou o sentido de quem somos, depende das histórias[...], das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, autor, narrador e o personagem principal” (LARROSA, 1994: 48).

Essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas. Para dizer de forma breve, o sentido de quem somos é análogo à construção e à interpretação de um texto narrativo que, como tal, obtém seu significado tanto das relações de intertextualidade que mantém com os outros textos como de seu funcionamento pragmático como contexto (ibidem).

Desta forma, as narrativas estão implicadas em processos de produção de identidades e, por conseguinte, (re)produzem, (res)significam, normatizam, legitimam, subvertem, extrapolam e, entre outros, produzem modos de ser, posições sociais e relações de poder em uma dada cultura e contexto histórico. De maneira que

As narrativas nos cercam – nas notícias, nas fofocas, nas anedotas, nas telenovelas, nos contos, nas crônicas, nos quadrinhos – e não constitui nenhuma novidade sublinhar o quanto elas nos constituem, o quanto elas nos explicam o mundo (sem necessariamente “generalizar em palavras”, como pretende a ciência), nos contam como “são as pessoas”, as “relações de causa e efeito”, como determinados eventos trazem específicas consequências, como é “vencer”, como é “amar”, o que é “viver”, o que é “ser normal” ou, ao menos, como se “parece normal” (SILVEIRA, 2000: 2).

Nesta direção, as narrativas de si, ou autonarrativas, são consideradas “construções da mediação pedagógica da experiência de si” (LARROSA, 1994: 37). Através dessa mediação pedagógica, o sujeito estabelece uma relação em que “se regula e se modifica a experiência que a pessoa tem de si mesma, a experiência de si” (ibidem). Larrosa nos indica o fato de que, ao narrar, constituímos nosso próprio transcorrer temporal, para além de um tempo linear, uma vez que através dessa ação “damos a nós próprios uma identidade no tempo” (ibidem: 69).

O conjunto de autonarrativas analisadas neste estudo é composto pelas descrições que os/as usuários/as do *Tinder* postam em seus perfis no aplicativo. Associo estas narrativas a discursos que instituem identidades de gênero, bem como representações sobre relacionamentos afetivo/sexuais que operam como pedagogias culturais, interpelando os sujeitos que participam/compartilham seus comentários sobre certas postagens no *Facebook*, uma vez que “as narrativas organizam, de diferentes maneiras e em muitas direções, as experiências coletivas e individuais, e são produzidas na relação entre distintas maneiras de olhar as coisas” (BONIN, 2007: 52).

Sobre os diferentes campos implicados na produção deste estudo, esclareço, que os E.C. em Interface com os estudos de Mídia e Comunicação buscam, entre outros propósitos, salientar os meios de comunicação como elementos constitutivos da estrutura social, bem como destacar o papel que as produções culturais midiáticas têm na construção das identidades, a partir dos efeitos que possuem sobre os públicos ou audiências (TEMER; TONDATO, 2014).

Martín Barbero (1997) é um dos autores que há muito tempo trabalhava produtivamente nesta interface. Para ele “a comunicação se desenvolve a partir de cadeias de relação ou de relacionamento, nas quais as ações dos produtores, produtos e receptores, propiciam deslocamentos de significados” (TEMER; TONDATO, 2014:155). Ainda sobre a articulação dos estudos de mídia aos E.C., Wortmann, Costa, Silveira (2015:37) indicam que os estudos desenvolvidos nesta direção incorporam análises das pedagogias culturais “um amplo espectro de aportes acerca do papel, do significado, do poder e dos modos de operação dos artefatos midiáticos nas sociedades contemporâneas, marcadas indelévelmente pelo espetáculo, pela visibilidade, por interesses mercantis e pelo consumo”. Segundo elas,

Douglas Kellner (2001; 2008) é um dos autores centralmente vinculado a tais discussões nos Estudos Culturais [...]. Mediante análises de vários artefatos, o autor demonstra como essa cultura centrada na imagem joga com vasta gama de emoções, ideias e sentimentos, “dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam suas identidades” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2005: 9). [Grifos das autoras]

Argumento, então, que considere exercerem o *Tinder* e o *Facebook* efeitos pedagógicos sobre os sujeitos que nele circulam e sobre as questões sobre as quais falam, ou seja, atuam eles como importantes pedagogias culturais que (re)definem modos de relacionamentos, mas que também posicionam os sujeitos nestes relacionamentos ensinando sobre quais práticas, iniciativas, interesses e “posturas” são a esses pertinentes (ou não).

Neste contexto, “tanto a educação quanto a cultura, em geral, estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade, [...] através dessa perspectiva [...] o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (SILVA, 1999: 139), possibilitando a disseminação das pedagogias culturais.

As construções teóricas acerca das pedagogias culturais vêm sendo desenvolvidas, de maneira geral, em estudos de cunho interdisciplinar em interface com os estudos no campo da educação. Dentre os pesquisadores que se dedicaram/dedicam a esse tema destaque Henry Giroux (1995), Ruth Sabat (2001), Marisa W. Costa (2000), Marlucy Paraíso (2007), Shirley Steinberg (2010) e Viviane Camozzato (2014).

Uma vez que considero que as relações sociais indicam e regulam como as pessoas devem ser, se expressar e, entre outros, se relacionar a partir de experiências culturalmente construídas, as pedagogias culturais se apresentam como um campo profícuo para o meu objeto de estudo. A expressão “pedagogias culturais” vem sendo utilizada para problematizar, alargar os domínios nos quais as práticas sobre como ensinar e aprender são instituídas, uma vez que ocorrem em diversas instâncias sociais. Camozzato(2014) problematiza o uso do termo “pedagogia” no singular, impelindo-nos a pensá-lo no plural, uma vez que as pedagogias esboçadas na contemporaneidade têm operado em múltiplos campos. Assim as pedagogias podem ser compreendidas como “um traço, uma marca da contínua vontade de investir e atuar sobre todos os aspectos e âmbitos da vida dos sujeitos contemporâneos - o que faz de cada um de nós um agente de incessante transformação e atuação com saberes” (CAMOZZATO; COSTA, 2013: 23).

Nesse sentido compreende-se que a pedagogia e os processos educativos são exercidos em “qualquer lugar em que exista a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum” (GIROUX;MCLAREN, 1995:144). Durval Albuquerque Jr (2010), ao discorrer sobre os espaços educativos, os conhecimentos produzidos e as marcas inscritas nos sujeitos, indica que as pedagogias culturais movimentam estratégias de poder que operam para localizar, ordenar, controlar corpos, demarcar fronteiras simbólicas, imaginárias, físicas e, a partir dessas, situar quem está dentro ou fora, quem é permitido ou proibido. Ele afirma que

[...] vivemos em sociedades e culturas em que uma multiplicidade de pedagogias opera no cotidiano, visando elaborar subjetividades, produzir identidades, adestrar e dirigir corpos e gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes e habilidades, traçar interditos, marcar diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferencialmente e hierarquicamente

gostos, preferências, opções, pertencimentos, etc (ALBUQUERQUE JR, 2010:1).

Considero, assim, que o *Tinder* e o *Facebook* funcionam como espaços educativos que (re)produzem modos específicos de ser, de narrar, de se relacionar, etc, e, também, que eles atuam na produção de identidades de gênero e sexualidade compondo um processo complexo de constituição de modos de existência peculiar aos sujeitos que deles se valem, uma vez que “as instituições e instâncias culturais mais amplas também têm currículo” (SILVA, 2004:139).

Henry Jenkins (2009) salientou que estamos constantemente sendo produzidos, mas também somos produtores dessa cultura contemporânea fortemente marcada pelas mídias digitais, que se caracteriza pela convergência, conexão, exposição e visibilidade. Sobre a cultura da convergência, Jenkins (2009: 45) assim discorre: “A convergência não envolve apenas materiais e serviços produzidos comercialmente, circulando por circuitos regulados e previsíveis. [...] A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias”, sendo a convergência cultural, antes de ser tecnológica.

Santaella (2003) ressaltou que, nos dias atuais, as pessoas ligam-se e desligam-se de diferentes comunidades virtuais, de acordo com seus interesses, valendo-se da cultura digital, mediada pelo computador, em quaisquer dos artefatos em que essa se corporifica (*desktop, laptop, tablet, smartphone...*) e que possibilitam acesso permanente à rede e a diferentes modos de se relacionar e estabelecer vínculos afetivo/sexuais. Nestes processos nossas identidades vão sendo forjadas, transformadas e (re)significadas nos diversos trânsitos que realizamos nas redes e seus fluxos, tal como indicou Martín-Barbero (2006: 65), ao destacar que:

A identidade [...] é a expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivíduo. É, ao tornar-se expressiva que a identidade depende de um sujeito individual ou coletivo, e, portanto vive do reconhecimento do outros: a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, já que é aí que indivíduos e grupos se sentem desprezados ou reconhecidos pelos demais.

Ressalto, então, ser este um tempo em que o advento das redes de comunicação, mais especificamente as redes sociais virtuais favoreça a popularização das relações afetivas por meio de um ambiente virtual que permite o acesso a artefatos cada vez mais desenvolvidos para que os/as usuários/as mantenham-se conectados permanentemente. Cabe, contudo, destacar que as

redes sociais virtuais não são sistemas autônomos, mas funcionam por meio de interações entre os/as usuários/as que utilizam e constituem essas redes (RECUERO, 2014; ELLISON 2007), “a abordagem de rede tem, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões, sendo o conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações)” (RECUERO, 2014: 24).

Nos dias de hoje estamos todos/as, direta ou indiretamente, em contato com a cultura digital, de maneira que, tal como salientou Sommer (2001: 110), “uma das questões que se colocam é se é possível entender o mundo que estamos gestando sem o exame das práticas produzidas pelas tecnologias”. As tecnologias móveis, por meio dos aplicativos, permitem que as pessoas estejam conectadas e realizando as mais diversas atividades, concomitante e permanentemente, o que é um exemplo do que se tem chamado de cultura da convergência, na qual estamos inseridos.

Paula Sibilia(2008)indica que, atualmente, as redes sociais digitais não só atingiram abrangência planetária como se transformaram em poderosos meios de comunicação “que são permanentemente escritos e reescritos, lidos e relidos – e também esquecidos ou ignorados- por milhões de usuários do mundo inteiro (2008:57)”. Sibilia também destaca que na contemporaneidade surge outra vontade: *a avidez de bisbilhotar e consumir vidas alheias*. Avidez que parece estar mobilizada pela necessidade de ser visto/a e pela necessidade de receber *likes*, tanto quanto de “bisbilhotar a vida alheia”, uma vez que o que mais desejamos do/a “alheio” é ser reconhecido/a; somos movidos/as, em tais ambientes, pela apreciação dos outros. Busca-se ser constantemente visto/a, curtido/a, compartilhado/a e comentado/a, sendo essas as ações que caracterizam as interações procedidas no aplicativo e na rede social em que focalizei meu estudo.

Além dos E.C., minha investigação se apoia nos Estudos de Gênero e sexualidade pós-estruturalistas, tomando como principais referências teóricas Judith Butler (2007; 2015; 2017), Jeffrey Weeks (2010), Guacira Lopes Louro (1995; 2004; 2007a; 2007b), Dagmar Meyer (2004; 2007), Richard Miskolci (2017) e Paul B. Preciado (2007; 2017; 2018), para problematizar e proceder a uma necessária desnaturalização de comportamentos prescritos como femininos ou masculinos. Assim, entendo que homens e mulheres se constituem através de “[...] práticas

sociais masculinizantes e feminilizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade” (LOURO, 1995:103).

Os Estudos de Gênero Pós-estruturalistas propõem problematizar as certezas postas em destaque em torno do corpo, do gênero e das sexualidades. Nesta perspectiva de análise, os corpos femininos e masculinos se afastam de vertentes que os analisam como algo dado e inato. E“tais estudos enfatizam a pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2007:17).

Nesses estudos, o próprio conceito de *gênero* é problematizado, indicando que esse se refere a uma multiplicidade de vozes, de identidades e, portanto, de diferenças entre homens e mulheres, uma vez que não abrange apenas a noção/oposição existente entre os sexos. Gênero é compreendido, pois, como uma construção social que se encontra em constante transformação, partindo do pressuposto de que homens e mulheres estão inseridos em diferentes culturas, vivem estas diferenças e, portanto, legitimam e estabelecem suas constituições identitárias, relações de poder e de saber (LOURO: 200, 2007).

Os estudos de gênero são oriundos dos estudos feministas. A trajetória do movimento feminista é constituída por diferentes fases, das quais estudiosos e historiadores, em geral, destacam uma primeira e uma segunda onda⁵⁷. Os estudos feministas sempre foram permeados por confrontos e resistência, mas associados ao amadurecimento dos questionamentos suscitados, e na medida em que foram se diversificando, a partir desses movimentos, passou-se a considerar a importância que a cultura e o momento histórico possuem para as construções do que é reconhecido como feminino e masculino (MEIRELLES, 2011).

⁵⁷ A primeira onda refere-se ao movimento sufragista, pela busca ao direito ao voto e outras reivindicações como o direito à educação, condições dignas de trabalho, exercício da docência, etc., que faziam do feminismo *um movimento heterogêneo e plural* (MEYER, 2003). Neste período “o movimento é, pois desde essas origens, multifacetado: de muitos e diferentes grupos de mulheres e de muitas e diferentes necessidades ...” (MEYER, 2003: 12). A segunda onda, nos anos 60 e 70 do século XX nos países ocidentais, é demarcada por intensos debates e questionamentos desencadeados pelos movimentos de contestação e oposição aos governos. No Brasil destaca-se a oposição à ditadura militar e os movimentos de redemocratização da sociedade brasileira, no início dos anos 1980, o que desencadeia, como observa Meyer (2003: 12): “o reconhecimento da necessidade de um investimento mais consistente em produção de conhecimento, com o desenvolvimento sistemático de estudos e de pesquisas que tivessem como objetivo não só denunciar, mas, sobretudo, compreender e explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas...”.

Os estudos feministas, conduzidos até o final dos anos 1970, ainda priorizavam as mulheres, tendo sido iniciadas, neste mesmo período, problematizações relativas aos homens, mesmo que de forma incipiente, em decorrência do reconhecimento do papel dos processos e práticas socioculturais na produção das identidades de gênero. Como destacou Scott (1995: 75), o uso do termo “gênero”, a partir dos anos 1980, passou a dar destaque às construções sociais relativas às questões relacionadas tanto ao feminino, quanto ao masculino. Então, nas suas mais variadas manifestações, o gênero instaurou-se como um conceito relacional e como uma categoria analítica. Como a mesma autora (SCOTT, 1995: 75) destacou, “trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social.

Louro (1995) destacou que, a partir da utilização do conceito de gênero ocorreu uma importante mudança nos movimentos feministas, passando-se a acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Contudo, a inserção deste termo ocorreu de maneira polêmica, em meio a tensões, embates teóricos, políticos e disputas de poder, uma vez que um dos argumentos das feministas consideradas “radicais” era que sua inserção enfraqueceria o sujeito da luta feminista. Assim, o conceito “gênero” foi com cautela e gradativamente incorporado às diversas correntes feministas. No entanto, até hoje esse termo não é uma unanimidade entre essas correntes, havendo até mesmo feministas que recusam o seu uso.

Dentre as apropriações plurais deste conceito há duas conflitantes e diferentes, mas, sobretudo, usuais, que indico a partir das reflexões de Meyer (2004:15)

Por um lado gênero vem sendo usado como um conceito que se opõe – ou complementa – a noção de sexo biológico e se refere aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a(s) cultura(s) inscreve(m) sobre os corpos sexuados. [...] em algumas dessas vertentes continua-se operando com um pressuposto de que o social e a cultura agem sobre uma biologia humana universal que os antecede. Por outro lado, gênero tem sido usado, sobretudo pelas feministas pós-estruturalistas para enfatizar que a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo [e, portanto, também o sexo] aparece. [grifos da autora]

Considerarei pertinente indicar, ainda que muito superficialmente, a maneira como ocorreu a introdução do conceito de gênero nos estudos feministas, pois os usos deste conceito fundam as bases dos estudos de gênero pós-estruturalistas, a partir das problematizações trazidas, entre outros/as, por teóricas/os como Judith Butler e Paul B. Preciado, dos/as quais me aproximo para analisar as narrativas desta pesquisa.

Na obra “Problemas de Gênero: feminismo e subversão” (2015), Judith Butler questiona a classificação compulsória das pessoas em homem ou mulher, pautada na coerência entre sexo, gênero e desejo obrigatoriamente heterossexual. Em uma crítica a essa classificação compulsória, a autora propõe reflexões acerca da afirmação da nossa existência como humanosestar vinculada à nossa identidade de gênero, uma vez que, de acordo com a filósofa, a nossa existência se inicia no momento em que nossos pais descobrem o nosso sexo biológico. A partir desta descoberta iniciam-se os discursos endereçados ao sujeito que ainda não nasceu, mas já recebe expectativas acerca de seu corpo, comportamento e possíveis práticas de afetividade. Nesta direção, Butler recomenda atentarmos para os usos do conceito de gênero que nos impossibilitam a subversão da ordem compulsória que conjuga corpo/gênero e desejo, pois “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, mas [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2015: 27).

Assim os sujeitos tornam-se passíveis de reconhecimento porque seus corpos são engendrados a partir de reiterações constantes entre norma e sexo, ou seja, a partir de atos performativos (atos de fala e prática). Nesta direção, Butler, apoiada nas reflexões de Foucault, argumenta que a heteronormatividade produz corpos inteligíveis, ou seja, que podem ser compreendidos e aceitos, uma vez que são inscritos e constituídos a partir desta lógica hegemônica. Portanto, os gêneros são produzidos no seio de cada cultura e, a partir de tais processos, nós nos tornamos sujeitos de gênero e inteligíveis, ou seja, reconhecidos culturalmente.

Alguns empregos do conceito de gênero como construção cultural, sobretudo, pela matriz heterossexual, reproduzem a falsa noção de estabilidade de dois sexos físicos e coerentes, ou seja, funcionam por oposições binárias como: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina... Essa associação e

emprego do conceito corrobora a heteronormatividade compulsória, tendo em vista que nesta concepção o gênero é um ato intencional e performativo, ou seja, “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2015: 62).

Assim, as construções identitárias e as produções acerca das masculinidades e feminilidades são reafirmadas e consolidadas através de atos, gestos e signos no campo de determinada cultura. Ou seja, as identidades masculinas e femininas são unidades performativas construídas, inscritas e mantidas nos corpos que se reafirmam através de práticas reguladoras do gênero, órgãos sexuais e do desejo.

A partir da crítica à heterossexualidade compulsória de Butler, Paul B. Preciado desenvolve o conceito de contrassexualidade que “tem como tarefa prioritária o estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais e, portanto, das relações de sexo e de gênero que se estabelecem entre o corpo e a máquina” (PRECIADO, 2017:25). Nesta direção, a autora indica que contrassexualidade é:

em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes (PRECIADO, 2017: 21).

Preciado problematiza, então, a noção binária que construímos acerca dos corpos, dos sexos (homem/mulher) e dos gêneros (feminino/masculino) sob a perspectiva da natureza e da biologia, uma vez que, além de construir a correspondência sexo/gênero/desejo, tal perspectiva produz uma sujeição de determinados corpos a outros. Os corpos sujeitados são denominados por Butler de

corpos abjetos⁵⁸, uma vez que eles são “expulsos” da norma. Assim os sujeitos que não se reconhecem nessas performatividades normativas, poderiam se reconhecer como “corpos que se comunicam entre si”, ou seja, como corpos/sujeitos/falantes, como uma maneira de resistência às normatizações pautadas na natureza/biologia e assim desterritorializar os gêneros e os desejos.

Butler (2008; 2010) e Preciado (2017a;2017b), além de problematizarem as naturalizações e concepções ontológicas acerca dos corpos, gêneros e sexualidades, propõem que pensemos nossa própria identidade, corpos e desejos como construções para além das normatizações previsíveis. Além disso, nos possibilitam refletir sobre os modos como vemos o nosso próprio corpo, a vivência dos desejos, assim como os modos como nos relacionamos com os outros e o que pensamos acerca dos corpos dos outros e dos diferentes modos de relacionamentos, sobretudo, dos que não se enquadram no que é considerado normal. Tudo isso nos leva a questionar práticas reguladoras de gênero que atuam como dispositivos de controle que nos constituem como sujeitos.

Concepções como essas, entre outras, dão sustentação aos estudos *queer*, aos estudos feministas, de gênero e sexualidade pós-estruturalistas. Segundo Richard Miskolci (2017), essas novas políticas de gênero, também denominadas como *queer* problematizam as normas que criam os sujeitos e tentam enquadrá-los em normas e convenções culturais. Indica ele que “o *queer*, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem [...] essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (2017:25). Assim o autor afirma que os estudos *queer*⁵⁹ possibilitarão a qualificação dos estudos gays e lésbicos e a ampliação dos estudos feministas.

Segundo Miskolci (2009), os estudos *queer* surgiram entre as décadas de 1980 e 1990, a partir do encontro entre uma vertente dos E.C. norte-americanos com o Pós-estruturalismo francês. Os primeiros estudos priorizavam análises desconstrutivistas de artefatos culturais no campo das mídias e das artes. Os E.C.

⁵⁸Para Butler (2015) corpos *abjetos* são corpos negados ou corpos que não deveriam existir em uma determinada matriz cultural e por isso não “podem” ser pensados, compreendidos ou nominados. Desta maneira não se trata exclusivamente da sexualidade e a heteronormatividade, mas nestes corpos “é sua própria humanidade que se torna questionada” (BUTLER, 2001: 161).

⁵⁹ Segundo Miskolci os estudos *queer* surgiram “possivelmente associados à contracultura e as demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais” (2017:21).

produziram subdivisões em suas análises das formas de opressão, dentre as quais se destacam os Estudos Pós-coloniais e a Teoria *Queer*, tal como destaca Preciado (2007: 383):

[...] O lócus da construção da subjetividade política parece ter se deslocado das categorias tradicionais de classe, trabalho e da divisão sexual do trabalho para outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça, mas também a nacionalidade, a língua, o estilo ou, inclusive, a linguagem.

Guacira L. Louro (2004: 29) indica que “não há como ignorar as ‘novas’ práticas, os ‘novos’ sujeitos, suas contestações ao estabelecido” [grifos da autora]. Nesta direção, Preciado (2017) indica o conceito de *multidões queer*, através do qual sua dimensão de anormalidade torna-se vozes, cada vez mais potentes, a falar de si. A filósofa utiliza esse termo para referir o processo de desterritorialização da heterossexualidade e das performatividades que tensionam os padrões de normalidade. Como ele indica

De noção posta ao serviço de uma política da reprodução da vida sexual, o gênero se torna o indício de uma multidão. O gênero não é o efeito de um sistema fechado de poder nem uma ideia que recai sobre a matéria passiva, mas o nome do conjunto de dispositivos sexopolíticos [...] O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. [...] As minorias⁶⁰ sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer (PRECIADO, 2011:14).

Preciado (2011) retoma a expressão “desterritorialização” utilizada por Deleuze para problematizar os processos relativos aos corpos das minorias que resistem aos processos de normalidade. O autor ressalta que existem processos atuando sobre nossos corpos a fim de produzir normalizações de gênero, sexualidade, e de masculinidades e feminilidades. Faz-se necessário, portanto, atentar para os discursos que “fabricam sujeitos” e, também, para os modos como se produzem noções tais como sexo, gênero e sexualidade, bem como as relações entre eles. Sobre tais construções, salienta Louro (2010: 11): “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; a sexualidade é ‘apreendida’, ou melhor, é construída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”.

⁶⁰ Por minorias compreendem-se, a partir de Preciado, os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais...

Valendo-me de considerações feitas por Foucault (1988: 100), indico o significado que atribuí ao termo sexualidade nesta pesquisa

sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Mesmo que não me tenha atido ao uso da noção de dispositivo, a consideração que transcrevi aponta para como a sexualidade pode ser considerada como uma tessitura complexa da subjetividade humana, composta de discursos, silêncios, saberes, identidades, diferenças, sexo, bem como de práticas e interdições ao comportamento dos sujeitos⁶¹. A sexualidade está em constituição nos sujeitos, desde seu nascimento, e sendo vivenciada de diferentes modos. Weeks (2010: 43) explica a sexualidade como uma “descrição geral de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas [...]”. Ele indica também que tanto as nossas identidades quanto as nossas condutas sexuais são perpassadas e moldadas pelas relações de poder.

Considero necessário destacar ainda, no que tange à sexualidade, que ela se desenvolve em meio às relações de poder nela estabelecidas e através dela, sendo que “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias”(FOUCAULT, 1988: 114).

Nos Estudos de Gênero e Sexualidade pós-estruturalistas, procurei encontrar apoio para analisar os discursos prevalentes nas narrativas que examinei e para ver quanto essas se aproximam ou distanciam de discursos heteronormativos. Procurei ver, também, que representações de feminilidades e masculinidades são reiteradas, bem como se ocorrem ou não divergências em relação à essas.

⁶¹ Ao utilizar a palavra interdição, refiro-me ao conceito desenvolvido por Michel Foucault na “Ordem do Discurso” para referir-se as diferentes formas de controle e/ou exclusão do discurso. Segundo Foucault há três tipos de interdições, entre elas as externas “que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar.” (2002:9), sendo elas tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala.

3.2 O “CAMPO DE VISÃO”: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E A ANÁLISE CULTURAL

As reflexões, embates teóricos, escolhas e renúncias que compõem a materialidade desta tese organizam um campo de visão pautado e sustentado por uma análise cultural. Esta me permitiu refletir sobre os modos de se relacionar afetiva/sexualmente em curso em redes sociais digitais cuja importância vem sendo motivada cada vez mais intensamente pela multiplicação tanto de artefatos midiáticos próprios a este objetivo, quanto pela proliferação de usuários que se valem desses.

Nesta análise são centrais os conceitos de representação, identidade, linguagem e relações de poder implicados na constituição e (re)significação das formas de delinear as compreensões acerca dos relacionamentos afetivo/sexuais. Para tecer uma investigação pautada na teorização da qual estou me valendo, faz-se necessário o exercício de “ver com outros olhos”, questionar significados instituídos a partir de uma primeira visão, (re)ver muitas vezes uma mesma paisagem, objetivando “penetrar nas linguagens e garimpar os significados em uma multiplicidade de história e de textos” (WORTMANN, 2002:82).

A análise cultural, como indicou Dalla Zen (2006: 30),

Pode ser definida como uma análise que incita o pesquisador a fazer perguntas constantemente mais do que dar respostas unívocas. Incita a trabalhar com os deslizamentos, com as fissuras das evidências e recorrências, isto é, aquilo que poderia ser considerado apenas um indício, um detalhe de alguma questão relacionada ao objeto, passa a ser considerado como um elemento importante na compreensão deste objeto

Nos E.C., dá-se atenção especial aos processos produtores de cultura, às práticas culturais, bem como às condições materiais nas quais elas ocorrem (CANELLO, 1999). Enfim, utilizamos a análise cultural como um instrumento para compreender a sociedade e a cultura contextualmente e, ainda, pensar sobre como se dá a produção de sentidos pelos sujeitos nelas implicados.

Ana Luiza Coira-Moraes (2016) em suas reflexões⁶², a partir da obra *The Long Revolution* de Raymond Williams (2003 [1961]), refere ser a análise cultural um

⁶²Intitulado A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas.

método de alcance epistemológico pertinente às pesquisas em comunicação, e indica que: “metodologicamente, a análise cultural desloca a centralidade da investigação da estruturação política, econômica”(COIRA-MORAES, 2016: 30). Coira-Moraes, no mesmo texto, invoca Williams (2003:58) para salientar que isso se faz necessário para contextualizar a estruturação na “vida real expressa pelo conjunto da organização social”.

A análise cultural nos permite identificar continuidades e rupturas em um determinado contexto histórico. Nesta direção, Moraes, a partir de Williams, no texto acima referido, indica que a análise cultural deve destacar “as interpretações, as alternativas históricas e os específicos valores contemporâneos através dos quais são trazidos para o presente [...] a experiência dos sujeitos de determinado período, de um dado lugar” (2016: 31).

Os E.C., em aproximação com a perspectiva Pós-Estruturalista, não propõem uma metodologia fechada nos estudos que nele se ancoram, muito menos indicam que exista uma “metodologia apropriada” para cada estudo, mas apresentam-se como um campo aberto no qual tanto o/a pesquisador/a quanto seu objeto de estudo estão em constante transformação e relação entre si e com a cultura no qual se inserem. Assim, “o que distingue o trabalho da análise cultural de outras análises é, no entanto, não estar esse centrado na agenda do criador pura e simplesmente, mas, sobretudo, na agenda da construção de significado durante a análise”(CANELLO, 1999: 338).

Nas pesquisas pós-críticas, a metodologia é construída a partir de “um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações [...] e de estratégias de descrição e análise” (MEYER; PARAÍSO, 2014:18). Este processo de composição envolve tanto o objeto de análise, sua problematização, levantamento de hipóteses, escolha de conceitos e teóricos, quanto à construção dos processos pelos quais a investigação vai se delineando. Portanto, a descrição das estratégias descritivo-analíticas é fundamental, uma vez que

o que se pretende na análise cultural é, portanto, uma interação com o significado no ato da sua construção. A análise cultural tem de ser tão móvel quanto a cultura, tem de ser um processo paralelo, de acompanhamento. Também por isso há que inverter a relação método/prática; na análise cultural, é o método que depende da prática e

não vice-versa, embora o processo só seja dado por concluído no momento da reflexão, do exercício do método sobre a prática (CANELLO, 1999: 338).

Como já foi indicado anteriormente, as narrativas analisadas nesta investigação estruturam-se a partir de autonarrativas em Perfis do *Tinder* e comentários de usuários do *Facebook* e/ou *Tinder* registrados em Perfis públicos no *Facebook*.

No livro “Métodos de pesquisa para internet”, Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2015), a partir da leitura de Hine (2000), indicam que a internet tomada como objeto de estudo tende a ser construída sob dois modelos conceituais e teóricos:

1) internet enquanto cultura: “é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do off-line, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundo virtual” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2015: 41). Nesta perspectiva, geralmente, os estudos consideram as funções, formações sociais, tipos de conexão e os tipos de organizações possibilitadas nas e pelas redes digitais.

2) Já na internet enquanto artefato cultural, “a ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso [...]” sendo o artefato cultural multifacetado e passível de apropriações (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2015: 42).

É importante destacar que “cada olhar sobre a internet sugere diferentes abordagens metodológicas e um conjunto distinto de problemas e vantagens” (HINE, 2000: 14) e que considereis o *Facebook* e o *Tinder* artefatos culturais para realizar esta pesquisa. Sobre as pesquisas na internet Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral indicam (2015: 55):

A internet é um universo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinamismo (todos os elementos são permanentemente passíveis de alterações e a configuração do conjunto se modifica a cada momento).

As autoras advertem sobre a necessidade de atenção e cuidado na seleção do material a ser analisado, uma vez que o “importante não é trabalhar com quantidade ou proporções específicas, mas reconhecer e enfrentar a complexidade

que a intenção de generalizar os resultados de pesquisa impõe [...]” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2015:63). A partir destas autoras, saliento, então, que, os caminhos, processos e estratégias que integram esta pesquisa foram construídos ao longo do processo de investigação, levando em consideração as características próprias de cada Perfil analisado.

Tanto Kozinets (2014), como Fragoso, Recuero e Amaral (2015), indicam a necessidade de atentarmos eticamente para a participação do pesquisador em espaços virtuais, estendendo esta preocupação à coleta e análise dos dados disponibilizados na internet. Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2015:21), há autores como Elm (2009) e Ess (2009), que se dedicam a discutir questões acerca do que pertence à esfera do público ou à esfera do que é considerado privado, sendo possível classificar os ambientes virtuais em quatro níveis de privacidade, destacando, porém, que tais categorias nem sempre são estanques. São estes os níveis apontados: “Público (aberto e disponível a todos); semipúblico (requer cadastro ou participação); semiprivado (requer convite ou aceitação) e privado (requer autorização direta)” (ELM, 2009:75).

Saliento, mais uma vez, que o acesso às Páginas, Perfis fictícios e comunidades do *Facebook* que contatei são considerados públicos, ou seja, que esses estão disponíveis a quaisquer usuários do *Facebook*. Contudo, cabe destacar que para acessá-los é necessário ter um Perfil no *Facebook*, e que portanto, de acordo com os níveis de privacidade acima indicados, esses Perfis são categorizados como semipúblicos. Como possuo perfil no *Facebook*, e como já acesso tais Páginas, Perfis e comunidades, considereirei que os dados coletados e discutidos não precisariam ser autorizados.

Operar com tais plataformas é desafiador, uma vez que elas estão em permanente movimento, sendo constantemente acessadas e alteradas. A fim de constituir meu *corpus de análise*, precisei “congelar” tais fluxos e o fiz capturando os dados pela função *printscreen*⁶³, datando e salvando. Detalho, a seguir, os procedimentos que permitem o acesso a estes Perfis do *Facebook*, bem como a

⁶³Print screen é uma tecla comum nos teclados de computador. No Windows, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela e copia para a Área de Transferência. Na sequência é só colar o conteúdo em um programa compatível com imagens e salvá-lo.

maneira como realizei a seleção dos Perfis, a coleta de dados e os procedimentos analíticos desta investigação.

3.3 AS TRAMAS DA PESQUISA E O CORPUS DE INVESTIGAÇÃO

Inicialmente, ainda na fase de elaboração do projeto de pesquisa, eu havia selecionado os seguintes Perfis do *Facebook* para analisar e compor o corpus de análise da tese: “Eu no Tinder”, “Pérolas do Tinder”, “Histórias do Tinder” e “Omi no Tinder”. Na banca de qualificação me foi sugerido que me detivesse nos Perfis “Eu no Tinder” e “Omi no Tinder”.

A fim de organizar os critérios de seleção de conteúdo e constituir meu corpus de análise, elaborei uma tabela de monitoramento de postagens com os seguintes itens: data da postagem, assunto, número de compartilhamentos, número de curtidas e quantidade de comentários. Minha hipótese era de que, a partir destes dados, eu poderia identificar o funcionamento de cada Perfil relativamente a aspectos tais como frequência de postagens, número médio de acessos, curtidas e comentários, bem como a força de propagação dos conteúdos. Henry Jenkins, Joshua Ford e Sam Ford discorrem, no livro *Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável* (2014), sobre como as práticas de propagação, produção e compartilhamento de conteúdo têm se configurado nos últimos anos. Nesta obra, os autores explicam porque a ação de compartilhar conteúdo tornou-se tão comum nas plataformas digitais. Segundo eles, “as facilidades da mídia digital funcionam como catalisadoras para a reconceituação de outros aspectos da cultura, exigindo que sejam repensadas as relações sociais e que imaginemos de outro modo a participação cultural e política [...] (JENKINS *et al.*, 2014: 25).”

Para os referidos autores “a ‘propagabilidade’ se refere ao potencial – técnico e cultural- de os públicos compartilharem conteúdos por motivos próprios [...] [Grifos dos autores] (Ibidem: 26). Para eles, há textos com maior potencial de propagabilidade, de maneira que uma das estratégias de propagação é o compartilhamento em ambientes digitais. Eles indicam que “o conteúdo é mais suscetível a ser compartilhado se estiver disponível quando e onde o público quiser

[...], portátil [...], facilmente reutilizável em uma série de maneiras [...], relevante para os vários públicos [...] e parte de um fluxo constante de material [...]" (ibidem: 246). A partir da contribuição destes autores, é possível perceber que a propagabilidade dos conteúdos digitais não ocorre espontaneamente ou "por acaso", mas por determinadas características ou por "estratégias e técnicas", como as já referidas pelos autores, que os tornam mais fáceis de circulação por meio de interações sociais.

Meu primeiro critério de organização foi fazer o levantamento das postagens, a partir de julho de 2016⁶⁴ até setembro de 2016, momento em que dediquei a examinar os dados selecionados focalizando-os a partir de critérios apontados na qualificação. Ou seja, seriam analisadas as postagens realizadas nestes três meses, nos dois Perfis indicados pela banca.

Em setembro de 2016, quando iniciei o preenchimento da tabela anteriormente citada, fiquei bastante surpresa e preocupada, pois, no Perfil "Eu no Tinder", que possui o maior número de curtidas e compartilhamentos, a última postagem de 2016 havia sido no dia 12/07/2016 (1,3 mil curtidas) e na sequência, em ordem decrescente, havia duas postagens de 31/03/2016 (6,6 mil curtidas e 4,9 mil curtidas) e uma postagem de 08/01/2016 (6,6 mil curtidas). Ou seja, foram quatro postagens no período de um semestre. O Perfil "Omi no Tinder" possuía treze postagens no primeiro semestre de 2016, sendo que a última havia sido em 21/06/2016. A partir deste mapeamento, percebi que seria impossível compor meu corpus de análise a partir do critério inicialmente proposto - postagens realizadas no segundo semestre de 2016 -, porque teríamos, até aquele momento, setembro de 2016, apenas uma postagem em cada Perfil.

Em novembro de 2016, dediquei-me, então, aos outros dois Perfis que a banca havia sugerido excluir. No Perfil "Histórias do Tinder" foram postadas duas histórias em agosto, uma em julho, quatro em junho e uma em março, totalizando oito postagens no ano de 2016. Essas se constituem em links para histórias produzidas por usuários/as do *Tinder*, a partir de experiências obtidas a partir do aplicativo, tendo, no entanto, poucos acessos - entre uma e onze curtidas e no máximo três comentários. Como se pode ver, este número é bem inferior aos que identifiquei nos demais Perfis, além de funcionar em uma dinâmica diferente, uma

⁶⁴ Mês em que qualifiquei o projeto de tese.

vez que são narrativas longas, comparadas as postagens, comentários e conversas usualmente estabelecidas tanto no aplicativo *Tinder* como nos Perfis e Comunidades do *Facebook*.

Observei que o Perfil “Pérolas do Tinder” fora o único que continuava publicando- há treze postagens no primeiro semestre de 2016 e doze postagens no segundo semestre.

A partir de tais exercícios de análise das postagens, tomei as seguintes decisões: optei por me deter no Perfil fictício “Omi no Tinder” por nele prevalecerem postagens direcionadas ao público feminino. Neste Perfil, a maioria dos comentários e compartilhamentos são realizados por mulheres que, com frequência, valem-se de um tom de “denúncia” para falar sobre o que elas consideram ser inadequado no comportamento masculino no aplicativo. Tal característica também parece ser o mobilizador da migração de alguns Perfis do *Tinder* para alimentar este Perfil do *Facebook*. Atendi, assim, sugestões feitas pela banca de qualificação do projeto de tese.

Outra decisão tomada foi a de me deter no Perfil “Pérolas do Tinder”, por ser esse o Perfil com uma maior regularidade de publicações e, também, de curtidas, comentários e compartilhamentos.

Em março de 2017, dediquei-me ao mapeamento das postagens destes dois Perfis alargando, assim, o recorte temporal, que passou a abranger janeiro de 2016 até o mês de julho de 2017, uma vez que nesta data fecharia um ano da qualificação do projeto de tese.

O Perfil “Omi no Tinder”, como já referido, possui treze postagens no primeiro semestre de 2016 e quatro postagens no segundo semestre. Já no ano de 2017 constam treze publicações, tendo ocorrido essas últimas, no mês de janeiro. Cabe destacar que até agosto de 2018 não havia novas publicações neste Perfil. As postagens desse Perfil têm em média 250 curtidas, contudo há quatro postagens ocorridas no período analisado com mais de mil curtidas. O “Omi no Tinder” é um Perfil de Personagem Fictício, que possui 27.432 seguidores e 27.496 curtidas⁶⁵. Esse perfil foi criado em 2015 e na sua descrição consta: “e uzomi alimenta a nossa diversão”. Não mudou de nome desde a sua criação.

⁶⁵Última atualização em 01/08/2018.

Já o Perfil “Pérolas do Tinder” totaliza, como já referido, 35 publicações no ano de 2016 e 28 publicações em 2017, todas publicadas no mês de janeiro. As publicações seguintes datam de setembro de 2017, ou seja, ficam fora do recorte temporal que me propus analisar. Contudo, cabe registrar, que no ano de 2017 só há mais duas publicações em setembro (ambas publicações de 18/09/2017) e uma em novembro (29/11/2017). Percebi que a quantidade de curtidas dessa Página é bem oscilante, há várias postagens que se mantêm entre 170 e 300 curtidas e nove postagens com mais de duas mil curtidas, sendo que uma chegou a 3,7mil curtidas. Esse é um Perfil de Comunidade que possui 78.945 seguidores e 79.078 curtidas⁶⁶. Tal constatação mostrou-me que este Perfil mobiliza um grande número de sujeitos, o que pode ser percebido a partir dos números levantados. Esse perfil foi criado em 2013 e em sua descrição consta: “Deu match, mas veio com papinho estranho? Tinha foto bizarra? Manda pra gente por inbox vamos rir dessas pérolas! Relaxa, postaremos em anonimato”. Registro que este perfil também não mudou de nome desde a sua criação.

Na tentativa de “capturar” esses “movimentos” - *postagem, curtidas, comentários, compartilhamentos* de cada Perfil -, fui fazendo registros nas tabelas anteriormente referidas. Percebi, então, que tais movimentos nunca se fixam e são irregulares, pois há postagens realizadas no primeiro semestre de 2016, que recebem curtidas, comentários e compartilhamentos até os dias de hoje. Logo não é a atualidade da postagem que a movimenta, mas a sua força de propagação, uma vez que são continuamente acessados e reposicionados através do compartilhamento.

Como já referido, o *corpus de análise* dessa investigação é constituído de narrativas de Perfis de usuários do *Tinder*, bem como de comentários acerca destes Perfis realizados no *Facebook*. Contudo, considero importante ressaltar, que tais conteúdos passaram por no mínimo três seleções, que também podem ser consideradas como filtros de conteúdos: sendo o primeiro o filtro do/a usuário/a que teve acesso ao Perfil no *Tinder*, e/ou da conversa no app que foi *printado*⁶⁷ e que foi enviado para os/as administradores/as dos Perfis do *Facebook*, que se institui como segundo filtro. A partir desses conteúdos, os administradores/as selecionam o que

⁶⁶ Última atualização em 01/08/2018.

⁶⁷ Ato de tirar “printscreen” da página do computador ou smartphone. Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/printar/>. Acessado em 12/09/2018.

será compartilhado no *Facebook*, correspondendo o terceiro e último filtro de seleção que fiz para desenvolver as análises. Ou seja, esse conteúdo migrou de plataforma no mínimo três vezes e em cada uma dessas etapas esse foi adquirindo diferentes significados, de maneira que

Quando o material é propagado, ele é refeito: seja literalmente, ao ser submetido a vários procedimentos de remixagem e sampleamento, seja figurativamente, por meio de sua inserção em conversas em andamento e através de diversas plataformas (JENKINS *et al.*, 2014: 54).

Geralmente esses Perfis apresentam-se de forma grotesca, irônica ou cômica; contudo, se desconsiderarmos este “peculiar” modo de apresentação, pode-se dizer que a maioria deles expressa desejos e expectativas usuais a grande parte das pessoas que busca um relacionamento afetivo, nomeado usualmente como convencional. Ou seja, em alguma medida, esses Perfis “tocam” uma quantidade significativa de pessoas, seja pela identificação ao que está dito ou pela oposição frente a tais conteúdos. Portanto, considerarei que esses possuíam um importante potencial para produzir significados e tornarem-se propagáveis, tal como indicou Jenkins *et al.* (2014). O referido autor classifica assuntos como humor, paródia, mistério, boatos e fantasias como conteúdos particularmente propagáveis, uma vez que provocam ressonância.

Assim, é importante destacar que tais produções ocorrem em espaços específicos da cultura contemporânea, na qual as pessoas se comportam e interagem de maneira peculiar. O *Facebook* é uma rede social digital em que os posicionamentos são problematizados, polemizados e, ainda, pulverizados. O *Tinder* é um aplicativo em que as pessoas desejam mostrar-se, destacar-se e capturar o olhar dos demais sujeitos. Tais locos são demarcados, constituídos e constituidores da cultura da participação e conexão que constitui essa cultura digital.

Depois de selecionar o Perfil “Omi no Tinder” e a Comunidade Pérolas do Tinder para análise, copiei e salvei todas as postagens e seus respectivos comentários realizados ao longo dos anos de 2016 e 2017, através da função “printscreen”. Fiz isso a fim de garantir os dados para realizar as análises, uma vez que os conteúdos de redes sociais são, na maioria das vezes, transitórios, efêmeros e fluidos, sendo essa uma recomendação feita por autores, tais como Frago, Recuero, Amaral (2015), López (2012), Flick (2009) e Primo (2016).

Após essa etapa de coleta de dados, voltei para as tabelas que havia produzido para mapear as postagens e me dediquei à análise dos dados lançados nessas tabelas para continuar a compor os critérios de seleção das postagens.

Inicialmente eu tinha elencado o número de curtidas como primeiro critério de seleção para análise das postagens, de forma que analisaria apenas postagens com mais de mil curtidas. O segundo critério seria o número de compartilhamentos, associado ao número de comentários. Tinha selecionado o número de curtidas, pelo fato de que, geralmente, as postagens mais curtidas são aquelas que comunicam algo que chama atenção das pessoas rapidamente. Compartilhamentos, porque, geralmente, as postagens compartilhadas possuem algo de peculiar em seu conteúdo, seja engraçado, polêmico, pertinente ao momento em que é compartilhado, entre outras razões que as tornam “compartilháveis”: “as pessoas avaliam o conteúdo que encontram de acordo com seus padrões pessoais e o conteúdo que compartilham com base no valor percebido por seu círculo social” (JENKINS *et al.*, 2014: 247). E comentários, porque me parece que as postagens são, geralmente, comentadas após serem analisadas e curtidas, sendo essa uma ação que demanda mais tempo e envolvimento maior com seu conteúdo, ultrapassando a identificação espontânea.

Gabriel A. M. e Rosa e Benedito R. dos Santos indicam, no livro *Facebook e as nossas identidades virtuais (2013)*, que as ações “curtir”, “compartilhar” e “comentar” são interações mediadas que possibilitam “estabelecer e manter contatos e explorar o perfil dos demais usuários, que [...] permitem que os participantes repassem, opinem, aprovem ou consintam [...] em relação as postagens próprias e às dos demais” (ROSA; SANTOS, 2013: 65). De acordo com estes autores, por meio de comentários, ocorre a “difusão de informações, de gostos e preferências culturais [...]” (ibidem).

Como terceiro critério de seleção, elenquei tema/assunto da postagem, que deveria se relacionar direta ou indiretamente com as questões de gênero, relacionamentos afetivos e sexualidade.

Nesta direção, minha primeira seleção de postagens, cujos comentários seriam analisados, foi realizada a partir destes três critérios agrupados, ou seja, as postagens que possuíam maior número de curtidas, compartilhamentos e comentários. E, em uma segunda “filtragem”, após a leitura superficial dos

comentários, foram selecionadas postagens que embora não necessariamente fossem as mais acessadas, possuíam “mais conteúdo” em seus comentários. Por “mais conteúdo”, refiro-me a comentários que explicitavam opinião ou geravam diálogo com outros/as usuários/as. Elenquei esse critério após analisar, brevemente, uma publicação na qual uma usuária do *Tinder* procurava um companheiro para sua cadela, cujo título do *post*⁶⁸ é “Mel, lacatiorinea!”. Esta postagem foi a que alcançou o maior número de curtidas, comentários e compartilhamentos entre os dois Perfis do *Facebook* selecionados para essa investigação, nos limites de tempo determinado. Essa publicação atingiu⁶⁹ 3,7 mil curtidas, 261 comentários e 226 compartilhamentos. Os comentários dessa publicação tinham, em sua maioria, um tom de zombaria e incluíam “marcações⁷⁰” que a mobilizavam, incitavam outras pessoas a acessarem seu conteúdo. Ou seja, às vezes, a força de propagação dessas publicações está na sua “inadequação” ao uso do aplicativo, tornando tais postagens hilárias e curtíveis pelo humor.

O humor é uma capacidade humana e a sua produção demanda mais de uma pessoa, uma vez que ele requer interpretação, repercussão, eco, riso... Mas o que provoca os episódios de humor? Por que algumas pessoas interpretam e compreendem o humor de algumas histórias e situações e outras não? Esta variabilidade está nas pessoas, nas situações, nos objetos, ou na mistura destes e outros elementos? Tais questões não são tão evidentes quanto às afirmações anteriores. É preciso referir também que há várias categorias de recursos e produções humorísticas, como a ironia, o deboche, a piada, a zombaria, a paródia, a caricatura, etc. Suas particularidades são complexas e cada configuração dele, geralmente, possui função social específica (LINS; CARMELINO, 2009). Portanto, o que é considerado cômico em determinada época pode não ser em outra. “Para compreender o riso [...] impõe-se, sobretudo, determinar a função útil, que é a função social” (BERGSON, 1980:14); assim o significado do riso depende do ambiente em que está inserido e dos códigos partilhados pelos sujeitos que dele se

⁶⁸ “Post”: mensagem ou conteúdo publicado numa rede social, num fórum ou num blog; publicação; postagem. Fonte: <https://www.lexico.pt/post/> Acessado em 19/09/2018. Utilizo este termo como sinônimo de postagem.

⁶⁹ Última atualização realizada no dia 19/09/2018.

⁷⁰ Ao marcar alguém a pessoa é notificada e é gerado um link para o perfil dessa pessoa. A publicação em que você marcar a pessoa, se ela autorizar, essa publicação será adicionada à Linha do tempo dela e pode ficar visível para o público selecionado e para os amigos da pessoa marcada. Fonte: <https://pt-br.facebook.com/help/124970597582337/> Acessado em 19/09/2018.

utilizam. Há autores/as que se dedicam a esse tema, o humor, dentre eles/as os quais destaco Henri Bergson, Sírio Possenti, Maria da Penha P. Lins e Ana Cristina Carmelino.

A forma de humor mais recorrente entre os comentários analisados é a ironia. Segundo o “Dicionário de Análise do Discurso” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004: 291), a ironia é descrita tradicionalmente “como um tropo⁷¹ que consiste em dizer o contrário do que se quer fazer o destinatário compreender. [...] É, pois, um fenômeno essencialmente *contextual*, cujos componentes *interacionais* e *paraverbais* são fortes [...]” [grifos dos autores]. Segundo os autores, uma das funções pragmáticas da ironia é desqualificar algo ou alguém. Para Lins e Carmelino (2009: 10) ironia é “a oposição do real com o ideal; daquilo que é como o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é”.

Registrar o riso (através de expressões como KKKK, Rrsrsrsrsr, Hahahah) é um recurso muito utilizado pelos usuários nas redes sociais digitais. Algumas das postagens que analisei possuíam comentários majoritariamente compostos apenas por expressões que indicavam riso, como as que indiquei acima como a utilização de *emojis*.

Dentre essas a maioria versava sobre situações de insucesso no *Tinder* e/ou nas relações afetivas. Segundo Bergson, o riso é uma das maneiras de expressarmos identificação e socialização, mas também é possível expressar indiferença e distanciamento em relação à situação que está sendo pautada.

As maneiras mais recorrentes de expressar o riso tanto nos comentários do *Facebook* como nas conversas estabelecidas no *Tinder* são através das seguintes expressões: “RSRSRS”, “Kkkkk” e/ou utilizando os *emoji*⁷²: 😊, 🤔. É interessante destacar que, na própria conceituação de “emoji” do dicionário online Houaiss de português, é indicado que o uso destes na internet comumente envolve ironia, sendo contudo, importante destacar que de maneira geral eles são utilizados para expressar a atitude de rir, manifestação de que achou a situação engraçada mesmo. E isso me levou a refletir sobre a dimensão de contextualização do riso desenvolvida

⁷¹ Emprego figurado das palavras, figura de linguagem, metáfora. Fonte: <https://www.dicio.com.br/tropo/>. Acessado em 05/10/2018.

⁷² Imagem que representa emoções, sentimentos, muito usada em aplicativos ou em conversas informais na Internet, embora tenha um significado particular, cada uma é interpretada de acordo com o contexto em que está inserida: alguns *emojis* são usados de modo muito irônico. Fonte: <https://www.dicio.com.br/emoji/>. Acessado em 05/10/2018. VERBETE MAL ESCRITO

por Bergson (1980), em que o significado do riso, através dos marcadores acima indicados, é compartilhado e compreendido em um contexto sócio-histórico e temporal específico. Portanto, destaco que os comentários e as narrativas analisadas são permeados pela ironia, e que o riso que os compõe são risos coletivos, uma vez que “nosso riso é sempre um riso em grupo” (BERGSON, 1980: 152).

O primeiro Perfil a que me dediquei para a seleção de postagens foi “Omi no Tinder”. A partir dos critérios já descritos, selecionei essas nove postagens para analisar, conforme Quadro 1:

Quadro 1: Postagens selecionadas para análise do perfil “OMI NO TINDER”

Data	Assunto	Compartilhamentos	Curtidas	Comentários
01/01/16	“Decepção”	4	40	10
27/01/16	“Boas noites”.	185	2 mil	105
29/01/16	“Omi ficou ofendido pq a mina não é ruiva natural, tadinho né? E essa babaquice aí, queridão é original ou cê finge de sonso?”	92	1,1mil	138
27/03/16	“Faça um favor a humanidade: aperte o X e não reproduza.”	75	752	35
15/05/16	“Vai tomando aí, champz.”	38	1mil	90
18/11/16	Nós também não temos interesse em vc, caraa diferença que a gente sabe se virar e vc vai morrer na punheta Bjs	95	331	58
03/01/17	Namorar o XXX só pra matar os desejos dele, se não for assim, não percam seu tempo.	7	398	195
04/01/17	“O maior cagador de regras que ninguém respeita”	56	1mil	139
20/11/16	Procurro uma mulher quezzzzZZzzai que omi chato da porrAa	11	445	101

Fonte: Elaboração própria.

Do Perfil “Pérolas do Tinder”, seleccionei quinze postagens que foram registradas no Quadro 2.

Quadro 2: Postagens selecionadas para análise do perfil PÉROLAS DO TINDER

Data	Assunto	Compartilhamentos	Curtidas	Comentários
23/07/16	Escuta aqui, acho que meu appta com Bug...	503	2,6 mil	301
07/12/16	Vitória é conseguir sair com você neh gata	178	973	477
08/12/16	Bipolaridade, a gente vê por aqui!Eu ligaria e se o marido atendesse começa a fazer muuuuuu	21	463	166
10/12/16	Olhaaaaa deu bom! Sugiram nomes para essa criança...#Tindernil son?	23	756	269
11/12/16	Esse deu vontade de não apagar o nome. O print é fresquinho!	2	170	31
11/12/16	E é muito honesto!Até demais querido.	31	765	291
12/12/16	Será que o marido é cego?!	0	92	34
13/12/16	Qual a opinião de vocês sobre isso?Não sei nem o que dizer!	5	133	70
15/12/16	Não!	148	1,4mil	226
16/12/16	É Vapt e Vupt	35	849	80
17/12/16	Socorro	94	574	224
20/12/16	Ah essa maldita pergunta... O que mais podemos responder?	34	641	76
18/01/17	Relação ganhaXganha?	18	441	87
09/01/17	Imagina se não fosse gente boa!	31	419	101
02/01/17	Se não quer manda pra cá!	30	637	212

Fonte: Elaboração própria.

Para analisar as narrativas destas postagens, elaborei outro quadro na qual registrei: a imagem e o título da postagem, e os comentários relevantes. Por comentários relevantes compreendem-se aqueles que indicam a opinião dos/as usuários/as sobre o conteúdo/assunto da publicação e ou estabelecem diálogo com outros/as usuários sobre: Identificação/Humor, Opinião sobre os/as autores/as do *post*, Gênero, Comentário sobre a página/app, Relacionamentos afetivos, Sexualidade e Questionamentos levantados pelos/as próprios/asusuários/as.


Após capturar esse material, analisei as 23 postagens selecionadas e seus respectivos comentários que totalizaram 3.516. Na sequência, os reli selecionando, copiando e colando, os *post* e as narrativas que considerei potentes para problematização. Foi a partir da composição deste conjunto, que considerei terem sido configuradas algumas narrativas, a partir das quais elenquei três eixos para conduzir as análises: *Em busca do “Match perfeito”: Pedagogias de Gênero no Tinder e Facebook*, *Relacionamentos afetivos virtuais “na palma da mão”* e *Tinder “como poder dos possíveis”*.

As análises procedidas em cada um destes eixos foram organizadas da seguinte maneira: após selecionar as postagens que seriam analisadas, selecionei os comentários, por recorrência, potência para problematização, aproximação com o conteúdo da postagem, bem como por divergência. A partir dessa seleção, indiquei as narrativas predominantes em torno de cada *post*. Os comentários não foram corrigidos ortograficamente, pois considero que tal atitude iria descaracterizá-los. Minha intenção foi aproximar ao máximo os/as leitores/as desta tese, do contexto em que tais dinâmicas são desempenhadas, contudo, suprimi os *emojis*, pois dificultavam a manutenção da formatação do texto. Os nomes dos/as autores/as dos *posts* foram preservados. Os comentários masculinos são identificados com a letra (H) e os femininos com a letra (M). Junto ao *post* mantive seu título, que foi elaborado pelos/as administradores/as das Páginas do *Facebook* analisadas, a data de publicação e o número de comentários que recebeu⁷³. Com o intuito de auxiliar na compreensão dessa composição segue a imagem:

⁷³ Até a data da última atualização, realizada no dia 19/09/2018.

Figura 18: Esquema de análise das postagens

comentários sobre o post em questão, retirados do Facebook.

POST	COMENTÁRIOS
<p>Título do post elaborado pelos/as administradores/as da Página do Perfil no Facebook.</p> <p>Post 2- "Nós também não temos interesse em vc, cara a diferença que a gente sabe se virar e vc vai morrer na punheta bjs"</p> <p>18/11/2016 -- 59 comentário</p> <p>post publicado no Facebook, oriundo do Tinder.</p> <p>Quantidade de comentários que os post recebeu no Facebook.</p> <p>MULHER DE FÉ</p>  <p>LEIA A BIG</p> <p>NÃO QUERO MULHER PARA CONSUMO</p>	<p>"Gente eu conheço alguns homens que pensam exatamente dessa forma. Querem encontrar alguém para "escravizar"... E o pior é que ainda existem mulheres que se sujeitam a isso." (M)</p> <p>"Já encontrei vários perfis parecidos!" (M)</p> <p>"A mina não pode ter opiniões extremistas, pq ele já tem todas!" (M)</p> <p>"Tatuagens nojentas é o que? Tatuagem de cocô? Tatuagem de pênis? Fica aí o questionamento." (M)</p> <p>"Tá incomodado vai já no tinder arrumar uma moça 'bela, recatada e do lar'" (M)</p> <p>"Preciso de Tinder pra isso não minha cara. Tenho um papo bem fluído, sei conversar bastante devido a minhas formações acadêmicas. E como um bom coxinha de direita saliente que são duas pois sou psicólogo e Advogado." (H)</p>

Identificação de gênero do/a usuário/a : M= Mulher, H= Homem

Fonte: Elaboração própria.

Para desenvolver as problematizações e argumentações em torno das postagens, agrupei-as por semelhança entre seu conteúdo e os sentidos que produzi em tornodelas.

No início de cada eixo elaborei uma breve introdução com questionamentos que não necessariamente foram respondidos em meu texto, mas que direcionaram meu olhar e o modo como fui multiplicando os sentidos, significados, coerências, tensionamento e divergências das narrativas analisadas. Tais estratégias foram elaboradas a partir do campo teórico no qual me situo e das ferramentas conceituais selecionadas para compor possíveis caminhos que foram trilhados ora avançando, ora retrocedendo e refazendo o percurso.

Assim fui aprendendo a pesquisar e a construir reflexões acerca do meu objeto de estudo. Muitas vezes surpreendi-me com a "vivacidade" e "dinamicidade" que a pesquisa demonstrava ter, pois, em alguns momentos ela parecia me conduzir

a questões até então não cogitadas. Nestes processos de aprendizagem fui me aproximando do que considero ser uma pesquisadora, uma vez que

Uma metodologia de pesquisa é sempre pedagógica porque se refere a um *como fazer*, como fazemos ou como faço minha pesquisa. Trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar, de *formas* que sempre têm por base um *conteúdo*, uma perspectiva ou uma teoria. Pode se referir a formas mais ou menos rígidas de proceder ao realizar uma pesquisa, mas sempre se refere a um *como fazer*. Uma metodologia de pesquisa é pedagógica, portanto, porque se trata de uma condução: como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa (MEYER; PARAÍSO, 2014:17).

Na seção 4.1, intitulada “Em busca do “Match perfeito”: Pedagogias de Gênero no Tinder e Facebook” discorro sobre os processos de normatização de condutas presentes nas narrativas analisadas nos Perfis do *Facebook* “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder” e sobre os relacionamentos afetivo/sexuais realizados *no e a partir do Tinder*. Abordo, também, as dinâmicas de (re)produção de identidades masculinas e femininas, bem como as representações evocadas para dar sustentação a essas.

Na sequência, na seção 4.2 denominada “Relacionamentos afetivo/sexuais virtuais “na palma da mão””, indico ensinamentos/“dicas” sobre os relacionamentos afetivo/sexuais (re)produzidos pelos/as participantes do *Tinder* e/ou por usuários/ do *Facebook*, e sobre tensões, expectativas, desejos e temores recorrentes nos comentários do *Facebook* sobre os relacionamentos afetivo/sexuais em circulação no *Tinder*.

E, por fim, na seção 4.3 “Tinder “como poder dos possíveis”” problematizo as narrativas expressas em Perfis do *Tinder* e nos comentários realizados nos Perfis no *Facebook* que denotaram intermitências, rupturas, indagações em torno dos gêneros e das sexualidades, apontando para tensões, embates, contraposições e/ou convergências sobre masculinidades, feminilidades e relações afetivo/sexuais.

4. “DEU BOM... DEU MATCH!”: DO PORTÃO DE CASA À PALMA DA MÃO

“Já sei namorar
Já sei beijar de língua
Agora só me resta sonhar
Já sei onde ir
Já sei onde ficar
Agora só me falta sair
Não tenho paciência pra televisão
Eu não sou audiência para a solidão
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo me quer bem
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo é meu também
Já sei namorar
Já sei chutar a bola
Agora só me falta ganhar
Não tenho juízo
Se você quer a vida em jogo
Eu quero é ser feliz
Não tenho paciência pra televisão
Eu não sou audiência para a solidão
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo me quer bem
Eu sou de ninguém
Eu sou...”
(Tribalistas, 2002)

Ainda que já tenha referido ao longo das páginas anteriores os campos de saber que articulei e aos quais me filiei, bem como os conceitos com os quais operei como ferramentas e a metodologia a partir da qual as análises dessa investigação foram produzidas, considero importante reiterar que o objeto sobre o qual me debruço e as categorias de análise aqui detalhadas, bem como as reflexões aqui desenvolvidas, só se tornaram possíveis em função de tê-las acionado a partir da noção de cultura assumida pelos E.C. Neste campo, cultura é pensada como “uma arena, um campo de luta em que o significado é fixado e negociado [...]” (COSTA *et al.*, 2003:58). Cultura implica, portanto, um território em que se instauram múltiplostensionamentos, embates, disputas, envolvendo lugares e não lugares, palavras e silêncios que operam sobre os modos como nos relacionamos, instituem o que somos e o que buscamos. Assim, “toda a nossa conduta etodas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais” (HALL, 1997:41). Ressalto serem o *Tinder* e o *Facebook* artefatos culturais cujas narrativas operam como pedagogias culturais que

(re)produzem e representam identidades, valores, saberes, regulam condutas e certas relações de poder (SABAT, 2001).

Introduzi este capítulo evocando a letra da música “Já sei namorar”, canção composta e interpretada pela banda “Os Tribalistas”, pois, a partir do que argumentou Lins (2011: 14), “letras de canções populares são crônicas mais completas das relações amorosas”. Aliás, não é raro ouvirmos relatos de pessoas que indicam uma “coletânea musical” como representativa de seu namoro, casamento, separação, ou até mesmo relacionada a seu “crush”⁷⁴, pois

As histórias e canções de amor falam tanto de suas dores porque servem de comentário para experiências que assimilamos de malgrado e, assim, precisam ser aliviadas em meio à oscilação que representa a celebração do amor e seu lamento coletivo [...] (RÚDIGER, 2013: 129).

As músicas que compõem o repertório de cada história de amor estão integradas a certos contextos histórico-culturais e podem ser identificadas com padrões culturais nesses vigentes. A música “Já sei namorar”, indicada na epígrafe deste capítulo foi produzida em 2002, sendo possível dizer que essa evoca modos de relacionamento que se tornaram bastante característicos aos anos de 1990. Saber namorar implica não só “saber beijar”, mas, também, outras atitudes que dizem respeito à busca por satisfação, felicidade, compartilhamento de emoções, entre outras que remetem a pensar sobre a transitoriedade, a fluidez e a efemeridade usualmente invocadas para caracterizar os relacionamentos assumidos a partir das redes sócio digitais.

Como já foi indicado no capítulo dois intitulado Do “*FEED de NOTÍCIAS*”, a “*PAQUERA DE BOLSO*”: relacionamentos afetivo/sexuais e suas possibilidades, é possível dizer que as práticas de afetividade dos/as jovens de outrora, e para muitos que vivem os dias de hoje (MEIRELLES, 2011) são cerceadas e monitoradas pelos/as adultos/as responsáveis. Ainda, assim, estes/as alteram, adaptam, (re)criam situações escapando de tais cerceamentos. Cabe lembrar, a partir de Foucault (1988: 105), que “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo), esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”.

⁷⁴*Crush* é uma palavra da língua inglesa e pode ser literalmente traduzida como “esmagar” ou “colidir”. Trata-se de uma gíria usada para se referir-se a alguém por quem se está apaixonado ou sentimos algum tipo de atração. Assim, o *crush* representaria a força “esmagadora” do sentimento que temos por determinada pessoa. Fonte: <https://www.dicionariopopular.com/crush/> Acessada em 15/10/2018.

Tal compreensão permite perscrutar as práticas culturais que envolvem afetividade e compreender como essas estão associadas a códigos e práticas culturais em diferentes épocas.

A historiadora Del Priore (2011, 2012) indica, em alguns de seus livros, práticas de afetividade, postuladas em cada período histórico, sendo a partir de suas indicações e da reportagem intitulada: “Do portão de casa ao *Tinder*, veja como o namoro evoluiu através das décadas”⁷⁵ que dei destaque, no capítulo dois: DO “FEED DE NOTÍCIAS” A “PAQUERA DE BOLSO”: RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SUAS POSSIBILIDADES, a algumas destas práticas no período entre a primeira década do século XX e os dias atuais.

Dentre tais práticas destaco a década de 1990 que foi marcada pelos relacionamentos esporádicos, efêmeros, fugazes, a década das “ficadas”. Havia jovens que faziam listas com quantos/as ficavam em uma festa. Neste período ocorreu a popularização da internet no Brasil, que impulsionou a prática de conversas nas salas de bate-papo virtual e os relacionamentos por meio de sites, sendo também neste período que os pais/mães passaram a permitir que os/as jovens durmam na casa do/a namorado/a. E os anos 2000 marcado pela popularização das redes sociais digitais e com elas o surgimento dos aplicativos de relacionamento. Contudo os modos de se relacionar afetivamente não se diversificaram, ampliaram e/ou transformaram devido à inserção de artefatos digitais, mas sim porque mudamos também nós e a nossa forma de interagir, ser e estar no mundo. Destarte somos demarcados continuamente pelas dinâmicas, tensionamentos, embates e, entre outros, pelas disputas de poder por imposição de significados que se desenvolvem no contexto sociocultural a que pertencemos. Nestes fluxos os sujeitos e a cultura se (re)criam e significam continuamente, assim como os artefatos e as práticas culturais.

Expressamos o que somos, ou pensamos ser, e, também, *como* e *o que* desejamos, bem como *a que* nos dispomos em cada experiência afetiva através da linguagem, sendo através dela que nos colocamos no mundo, atribuímos sentido a tudo que vivemos e (re)produzimos identidades. Sobre tais processos indica Hall (1999:26)

⁷⁵ Fonte: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/06/12/do-portao-de-casa-ao-tinder-veja-como-o-namoro-evoluiu-atraves-das-decadas.htm>. Acessada em 13/10/2018.

As identidades emergem do diálogo entre os conceitos e as definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns discursos.

Quem somos? O que somos? Como somos?

Essas são perguntas recorrentes e renitentes na vida de muitas pessoas. Envolve-me com tais questionamentos desde antes de me alfabetizar... Talvez decorra dessas a escolha pela filosofia como formação inicial. Ingenuamente acreditava que encontraria “A resposta”... Só que não! Transformei meus incômodos de infância e adolescência, por ser tratada com distinção por ser menina, em estudo e continuo me questionando...

O que me faz mulher? O que te faz homem? Onde reside “A” diferença? É possível não ser nem homem, nem mulher? É possível ser homem e mulher? Se sim... Quem reconhece, legitima? Se não... Quem interdita, coíbe?

Ainda não encontrei e/ou construí as respostas para tais indagações... Contudo continuo esquadrinhando... Quanto mais exploro, menos respostas encontro, mais questionamentos formulo.

Sigo então movida por questionamentos que ora encontram uma resposta provisória e ambos, questionamentos e respostas, vivem tranquilos um caso de amor intenso e aparentemente “feliz pra sempre”. Até que a senhora indagação aparece e esse romance é abalado, pois a resposta é profundamente mexida, desestabilizada, excitada pela indagação. Assim, resposta e indagação se juntam vão habitar outros assuntos e áreas onde até então eu considerara que só havia convicções. E o questionamento?

O questionamento é um romântico inveterado ele vive a procura “da resposta”... Mas enquanto ele não a encontra fica com a solução, com a conclusão, dizem até que está pegando o *Feedback*. O questionamento não sabe, mas acho que ele é o meu eterno *crush!*

Destaco, mais uma vez, que tais postagens passaram por vários “filtros”, no mínimo três já indicados anteriormente, sendo que o propósito que mobilizou cada seleção é distinto. A primeira seleção é realizada pelo/a usuário/a que está no *Tinder*, que, geralmente, captura a postagem ou o diálogo com alguém por

considerar tal narrativa excêntrica. Posteriormente envia a administradores de Páginas do *Facebook* com a intencionalidade de registrar o ridículo, ou o preconceito que o “convite” que estava no aplicativo contém. Já os/as administradores das Páginas do *Facebook* analisam os *prints* recebidos e selecionam as postagens que possivelmente mobilizarão visualizações e discussões em torno desses conteúdos.

Após esses movimentos de mapeamento⁷⁶, captura, seleção e análise das postagens e dos comentários a elas relacionados, organizei blocos de postagem para desenvolver as reflexões em torno das três categorias, sendo elas: Em busca do “Match perfeito”: Pedagogias de Gênero no *Tinder* e *Facebook*; Relacionamentos afetivo/sexuais virtuais “na palma da mão” e *Tinder* “como poder dos possíveis”. Cada uma dessas categorias constitui uma seção deste capítulo que é apresentada com questionamentos que permearam a constituição do campo de visão composto a partir de minhas reflexões.

4.1 EM BUSCA DO “MATCH PERFEITO”: PEDAGOGIAS DE GÊNERO NO TINDER E FACEBOOK

O que faz um gênero, afinal? Talvez não bastem [...] a presença ou ausência de determinados órgãos, a fartura ou carência de pelos, de mamas ou seja lá o que for que se usa para dizer que alguém é macho ou fêmea. O empreendimento parece ser muito mais complexo, implica muito mais energia e investimentos (LOURO, 2017: 107).

Quem são os homens e mulheres que estão no *Tinder*? O que buscam? Como se narram? Quais são as representações de masculinidades e feminilidades vigentes nos discursos que evocam?

Essas são algumas das questões que permearam as reflexões na constituição das análises que se seguem nos Quadros.



⁷⁶Já detalhado como foram selecionadas no capítulo intitulado “Ferramentas de Acesso”: A abordagem teórico–metodológica.

Quadro 3: Post 1

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 1- “XXX, o maior cagador de regras que ninguém respeita”</p> <p>04/01/2017 - 140 comentários</p>  <p>The screenshot shows a social media post with a list of rules and a list of comments. The rules are:</p> <ul style="list-style-type: none"> - se for FORA TEMER - vc votou nele tb - se posar com latinha da Skol na mão - se em foto tem sua mãe (não preciso ver como vc será daqui 20/30 anos) - se disse na descrição: "não quero curtir" - não procuro uma esposa aqui, mas vai que acontece... só não precisa pressionar logo na descrição rsrc - se tem foto de biquíni aqui - não estou interessado (apenas) no seu corpo, mas em te conhecer (primeiro). Lembre-se: vc ã é um prato de restaurante pra se expor assim rsrc <p>The comments are:</p> <ul style="list-style-type: none"> “Pelo menos o mano foi sincero! Eu Tô no Tinder, por ser mais direto ã preciso conversar "fiado" para conseguir sexo mesmo. (H) “Omi fazendo omice pra variar... não é surpresa alguma. (H) “kkkkk depois vem: "mulher só gosta da vagabundo!" eu q sou homem de vdd, elas não querem" blablabla tudo puta" (H) “Difícil demais... Ce nem imagina.Pior boe, q eles fazendo um currículo. Boe, desde quando beber skol é motivo pra não querer as mina? Vc pode ser uma assassina, mas não "pode" beber skol. Vsfne... Até eu q sou homem não aguento ler umas paradas dessas. (H)” “O que ele tem contra skol e mães ? Inseguro não quer que a mulher tire fotos de biquíni e se mostre tomando cerveja quem disse que quem n gosta do Temer votou nele também ?” (M). “A pessoa é tão babaca que acha que foto de biquini é se expor... Quando vai à praia tem que ser de roupa ou não pode tirar foto né? (M) “Esse é aquele que caga regra e quer pagar de "não quero só teu corpo" mas na primeira brecha já pede nudes.. “(M) “Sério, queria ter auto-estima de homem hétero, eles são demais”. (M) 	

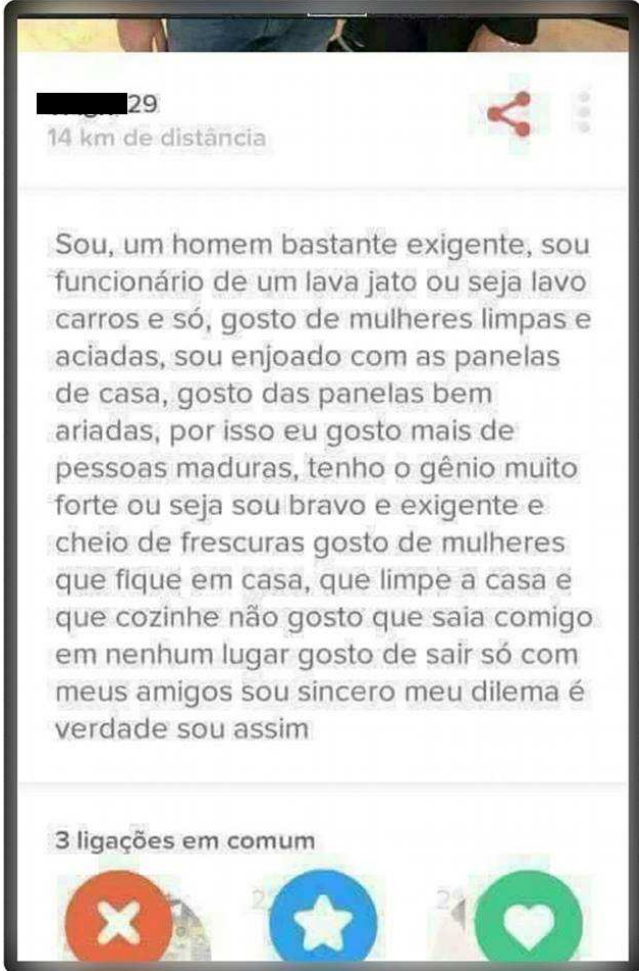
Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4: Post 2

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 2- “Nós também não temos interesse em vc, cara a diferença que a gente sabe se virar e vc vai morrer na punheta bjs”</p> <p>18/11/2016 - 59 comentário</p> <p>MULHER DE FÉ</p>  <p>LEIA A BIO</p> <p>NÃO QUERO MULHER PARA CONSUMO</p> <p> 28 24 km de distância</p> <p>Não quero mulher para consumo. Não tenho interesse em: Peitão, bundão, pernã, modinha, piercing de búfalo, tatuagem nojentas, que vive de like, rodada e que só em olhar já percebe que é um lixo.</p>	<p>“Gente eu conheço alguns homens que pensam exatamente dessa forma. Querem encontrar alguém para "escravizar"... E o pior é que ainda existem mulheres que se sujeitam a isso.” (M)</p> <p>“Já encontrei vários perfis parecidos!” (M)</p> <p>“A mina não pode ter opiniões extremistas, pq ele já tem todas!” (M)</p> <p>“Tatuagens nojentas é o que? Tatuagem de cocô? Tatuagem de pênis? Fica aí o questionamento.” (M)</p> <p>“Tá incomodado vai lá no tinder arrumar uma moça 'bela, recatada e do lar” (M)</p> <p>Preciso de Tinder pra isso não minha cara. Tenho um papo bem fluido, sei conversar bastante devido a minhas formações acadêmicas. E como um bom coxinha de direita saliento que são duas, pois sou psicólogo e Advogado. (H)</p> <p>As meninas bonitas curtiram meu comentário e as feias reclamaram. Já escolhi meu lado. (H)</p> <p>Uma das vantagens da direita!! Vamos esperar as barangas reclamarem (M)</p> <p>“Essa aí deve ser daquelas feministas de sovaco cabeludo!” (M)</p> <p>Esse tem poder de ler mentes, pq só de olhar já sabe que não presta. (M) Aí a mulher tem que mudar de corpo pra agradar ? Tá. (M)</p> <p>“Eu sou espírita e de direita. Não gostou manda pra Cuba.” (H)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5: Post 3

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 3- “Relação ganha X ganha”</p> <p>17/01/2016 218 comentários</p>  <p>3 ligações em comum</p>	<p>“Esse daí não usa a cota de mentiras a que tem direito (H)”</p> <p>“Um mala desse só pode ser VIADO, aonde que tem mulher que vive assim com o cara ? Aff kkkk NUNCA. não existe Mulher assim ta ali só pra servi-lo contrate uma secretaria p/fazer tudo isso e case com seus Amigos e dê o seu C.... pra eles também.” (M)</p> <p>“Infelizmente várias devem ter curtido a proposta.” (M)</p> <p>“Não ser puta, piranha safada ou imoral” (H)</p> <p>“Já quero me candidatar a essa vaga de bela, recatada e do lar do ganhão do lava jato!! #semnoção (M)</p> <p>“Tem que ter o Corpo do BrockO'hurn e 25 cms de pau pra exigir isso aí, coleguinha.” (M)</p>

Fonte: Elaboração própria.

As narrativas produzidas a partir dos três primeiros *posts* intitulados ““xxx”, o maior cagador de regras que ninguém respeita”, “Nós também não temos interesse em vc, cara a diferença que a gente sabe se virar e vc vai morrer na punheta bjs” e “Relação ganha X ganha” explicitam condições a que as possíveis interlocutoras precisam atentar se desejarem um *match*. Nelas encontram-se elementos que as caracterizam não só pela intenção de suscitar polêmicas, mas, também, ora pelo rechaço, ora pela denúncia ao preconceito que estes Perfis capturados a partir do

Tinder revelam, ou, ainda, pelas adesões a essas postagens. Tais narrativas indicam, também, facetas das identidades dos sujeitos nelas envolvidos, e permitem evocar representações acerca das masculinidades e feminilidades inteligíveis, que de maneira geral, são pautadas, valorizadas e reconhecidas em nossa sociedade, tal como Butler (2015) indicou ao tratar das performatividades de gênero que perpassam um sistema de gênero heteronormativo.

Estas postagens suscitam comentários que ora acatam o que foi destacado, como indicado no seguinte comentário: *“Pelo menos o mano foi sincero! Eu Tô no Tinder, por ser mais direto ã preciso conversar “fiado” para conseguir sexo mesmo”,* denotando concordância com o que foi enunciado na proposta do autor do Perfil um e outras que rechaçam, ridicularizam e até mesmo agridem o autor do Perfil em questão, como indicado no comentário: *“A pessoa é tão babaca que acha que foto de biquini é se expor... Quando vai à praia tem que ser de roupa ou não pode tirar foto né?”* Ainda sobre as críticas em relação à postura do autor desse *post*, destaco o seguinte comentário: *“Sério, queria ter auto-estima de homem hétero, eles são demais”,* que enfatiza, de maneira irônica, a “auto-confiança” percebida, atribuída ao autor do Perfil dessa postagem, que foi associada a uma pretensa “qualidade” de homens heterossexuais.

Quando o autor do primeiro *post* critica mulheres que inserem em seu Perfil do Tinder fotos “bebendo Skol”, ele não está, apenas, indicando que esta não é a postura que espera da mulher que atenda ao seu convite, mas, também, configura esta postura como não adequada à mulheres sérias, bem educadas e recatadas, consagrando um perfil bastante conservador de mulher que, aliás, ganha outros “elementos” mais explícitos tanto nesta postagem quanto nas outras duas postagens que compõem esse primeiro bloco de análise. Outro elemento que denota o conservadorismo que perpassa estas postagens refere-se às exigências endereçadas às possíveis candidatas a *match*, no *post* um, dentre as quais destaca a exigência de “não assumir posições políticas”. E esta exigência é reafirmada por outros homens que comentaram essas postagens, entre as quais indico: *“Preciso de Tinder pra isso não minha cara. Tenho um papo bem fluido, sei conversar bastante devido a minhas formações acadêmicas. E como um bom coxinha de direita saliento que são duas, pois sou psicólogo e Advogado”* e *“As meninas bonitas curtiram meu comentário e as feias reclamaram. Já escolhi meu lado”*. Cabe ressaltar que

“meninas feias”, para esse usuário, são as mulheres com posicionamento político de esquerda. Nessa direção, pode-se dizer que há um rechaço explícito a atitudes femininas que denotem independência, desenvoltura e o estabelecimento de uma diferenciação marcada do que deva ser pensado como “próprio” e condizente ao masculino e ao feminino.

A representação de uma feminista como “mulher que tem sovaco cabeludo”, ou que “anda sem sutiã” e é “mal amada” circula abundantemente no imaginário social e, no caso aqui examinado, essa foi enunciada tanto por mulheres, quanto por homens em comentários tais como: *“Essa aí deve ser daquelas de sovaco cabeludo!”*; e *“Uma das vantagens da direita!! Vamos esperar as barangas reclamarem”*. Del Priore (2011: 184) indica que na década de 1970 surgiram no país os primeiros indicativos de “repulsa” e rechaço ao feminismo, através de artigos e reportagens em revistas brasileiras em que “as feministas eram acusadas de não serem mulheres de verdade, mas sim criaturas mal amadas e masculinas”. Neste período proliferam, também, artigos que destacavam e valorizavam “uma natureza feminina voltada à vida doméstica” (ibidem). Discursos como esses normatizaram e ainda normatizam a conduta de muitas mulheres, pois embora grande parte das mulheres tenha uma profissão, esteja inserida no mercado de trabalho com a dupla/tripla jornada de trabalho, outras muitas consideram que seus companheiros as “auxiliam” nas tarefas domésticas e que as feministas são mulheres muito diferentes.

Além disso, tanto na postagem um quanto na dois, são estabelecidas regras para o corpo feminino, notadamente no que se refere à exposição. Na postagem dois, por exemplo, são vetadas tanto a exuberância de formas, como *“peitão, bundão, pernã”* e adereços como as tatuagens ou *“piercings”*. Há, também, em tais postagens, referência a uma excessiva participação nos aplicativos e às vivências afetivo/sexuais anteriores das candidatas a *“match”*, tal como no seguinte comentário: *“não tenho interesse em mulheres [...] que vive de like, rodada que só de olhar se percebe que é um lixo”*, como expressou o autor do Perfil do *post* dois. Esclareço que por rodadas compreendem-se mulheres com experiência sexual. E que apesar do usuário não ter feito tal afirmação, os comentários me remeteram a uma usual classificação que define “mulher para pegar” e “mulher para casar”, evocando “uma espécie de dupla moralidade feminina em que é nítida a diferença entre mulheres de

família, estas para namorar, noivar e casar, e ‘as outras’” (DEL PRIORE, 2009: 200).A autora ressalta que no século XVIII os manuais de casamentos que regulavam as práticas conjugais indicavam que além da “vontade feminina” ser considerada uma ameaça à manutenção do casamento, a beleza da mulher também o era, uma vez que era associada a um “instrumento de pecado”, sendo necessário “[...] não ter vaidades, ignorar a beleza física ou qualquer forma de atrativos que valorizassem o sexo”.A autora registrou, em seus estudos, também que “a mulher muito bonita desperta desconfiança, pois podia incentivar desejo de outros homens e conseqüentemente traição” (DEL PRIORE, 2009: 145).

Del Priore (2012: 29) pontua ainda que a igreja católica produzira no século XVIII um “Guia de casados” que propugnava que “afetos desregrados da alma ou do corpo mereciam ser abolidos mediante um pedagógico treinamento, tornando o matrimônio inteiramente asséptico.” Neste Manual constava, entre outros aspectos, que cabia à mulher não só se sujeitar ao marido, mas também, agradá-lo e compreendê-lo e isso se traduziria em assumir “uma vida de confinamento e recato” associada às características femininas consideradas importantes para quem procurava uma esposa: “ser virtuosa, honesta, honrada e discreta” (Ibidem). Na postagem dois destaque, também comentário feito por uma usuária, “*Tá incomodado vai lá no tinder arrumar uma moça “bela, recatada e do lar”*”, em resposta a um homem que demonstrou se incomodar com as críticas que os/as demais usuários/as estavam manifestando em relação ao conteúdo do *post*.

No terceiro *post* intitulado: “Relação ganha x ganha”, o usuário se descreve como um homem “bastante exigente” [...] “sincero” e cujo lema é [a] “verdade”. É interessante salientar que este sujeito está apresentando tais características como “qualidades”, as quais são, muitas vezes, invocadas para definir uma forma de masculinidade – o homem forte, decidido, exigente, mas que é sincero e sabe o que quer, merecendo, por isso, ser cultuado, “mimado” e atendido em todos os seus desejos. Afinal, ele se narra como um exemplar “raro” de homem, que se encaixa perfeitamente nas descrições feministas para um homem machista e opressor. Nesta postagem, três, há uma descrição ainda mais preconceituosa do que se espera da mulher almejada: “saber arear panelas, cozinhar e limpar a casa” e, entre outras, ser asseada, antigos “refrões” que ecoam até mesmo na música popular brasileira, evocando discursos que vem sendo gestados e postulados no Ocidente

nos séculos XVIII e XIX, Kehl (2016) demarca que tais construções identitárias produzem significados culturais em torno do que se considera “ser mulher”. Uma das comentadoras dessa postagem levantou “dúvidas” acerca da sexualidade deste sujeito, como uma maneira de insultá-lo. Retomarei essa questão na seção três: “Tinder como poder dos possíveis”. Além disso, nesse comentário, expressado em uma linguagem chula, é sugerido a esse homem que ele contrate uma secretária para fazer as tarefas domésticas e que se relacione sexualmente com seus amigos. Comentários irônicos feitos por outras mulheres evocaram a representação de mulher “bela, recatada e do lar”, como um perfil que se enquadraria no que ele busca para sua parceira, como já evocado no *post* dois.

A expressão “bela, recatada e do lar” tornou-se popular após a publicação da reportagem, de abril de 2016, no Portal Veja intitulada: “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”⁷⁷. Destaco alguns trechos desta reportagem que inicia com a seguinte frase “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”. Na sequência, a jornalista Juliana Linhares, responsável pela reportagem, menciona: “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também [...]”. A irmã mais nova de Marcela, entrevistada pela jornalista, refere: “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”. A reportagem publiciza, ainda, as informações fornecidas pela estilista Martha Medeiros: “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”. E a matéria é concluída com a seguinte afirmação: “Michel Temer é um homem de sorte”.

Tal reportagem causou muitas manifestações, entre elas, a produção da *hashtag* #belarecatadaedolar, a partir da qual as pessoas passaram a zombar dos atributos relacionados à Marcela Temer. Tais discussões ocorreram, sobretudo, em redes sociais digitais como Facebook, Twitter, Instagram e abriram “caminho para a discussão de um modelo de mulher idealizado e colocado em destaque [...], o que apontou para uma visão bastante tradicional acerca do papel das mulheres na sociedade” (FORECHI, 2018: 124). Segundo essa pesquisadora, essa polêmica nas redes sociais digitais colocou em curso a problematização do estereótipo feminino pautado na reportagem, em que

⁷⁷ <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acessada em 18/10/2018.

[...] A ideia de um modelo de mulher ancorado num processo binário de produção de identidades femininas despertou tanto ódio, quanto celebração. Houve, nos comentários, tanto quem defendesse o “jeito de ser” e de “viver” de Marcela Temer, quanto quem considerasse a reportagem uma afronta à maioria das mulheres “batalhadoras” que não gozam dos privilégios dela. Desconstruir o estereótipo apresentado por *Veja.com*, no sentido de colocar em dúvida os alicerces que sustentam a ideia de um modelo de mulher recatada, foi a tônica da *hashtag* que surgiu quase imediatamente após a publicação da reportagem (FORECHI, 2018: 125).

Portanto, essa *hashtag* destaca atributos associados a um perfil de mulher tais como discricção, beleza e domesticidade como recursos discursivos (MISKOLCI, 2007) que operam na naturalização de tais características quando nos referimos à feminilidade.

Voltando às considerações feitas por Kehl (2016), saliento que por feminilidade se compreende o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições produzidos na cultura europeia em meados do século XIX, instaurados por meio de discursos que definiram a adequação das mulheres. Ou seja, tratava-se de “educar a natureza feminina e uniformizar os modos de ser mulher”. A partir destes discursos, a família nuclear, segundo Kehl (2016: 38), passou a ser um “lugar sagrado, cuja harmonia e tranquilidade estariam a cargo daquela que cada um escolheu para esposa”. Contudo, a autora destaca que o imaginário social nunca é unívoco, uma vez que outros discursos e expectativas proliferam em torno dos ideais de feminilidade predominantes, como por exemplo “aos ideais de domesticidade contrapunham-se os de liberdade”, apontando os embates, desajustes e desencontros em torno das categorias mulher e feminilidade (ibidem).

Nesta direção é possível indicar que, a partir de processos de regulação e de normatização processados na cultura, promove-se a naturalização do que passa a ser entendido como próprio e adequado (ou não) aos relacionamentos afetivos/sexuais. Além disso, neste processo, que não ocorre sem embates e conflitos, os sujeitos são posicionados relativamente a suas identidades sexuais e de gênero. Tais comentários organizam-se a partir de discursos que engendram padrões de comportamentos que atribuem significados aos corpos outros, prescrevendo modos de ser e “lugares a partir dos quais os sujeitos podem se posicionar” (WOODWARD, 2000:17). E os comentários vão se organizando em uma narrativa na qual certas formas de entendimento sobre os sujeitos e o mundo

passam a ser consideradas normais e inteligíveis, enquanto outras não. Tais compreensões se gestam dentro de padrões estabelecidos culturalmente, uma vez que estas narrativas “[...] se realizam na prática social e se idealizam novamente e se reinstituem em e por meio dos rituais sociais diários da vida do corpo”, tal como indicou Butler (2006: 22).

Registro, ainda, comentário feito *no post três: “Relação ganha X ganha”*, no qual os usuários, que aderem às descrições anunciadas no *post*, definem todas as mulheres que não se encaixam no perfil descrito como “putas, piranhas, safada ou imorais”. Nesta manifestação foram criticadas as mulheres que expõem o seu corpo nas fotos do Perfil, cabendo registrar, no entanto, que há, também, homens que solicitam fotos dos corpos das mulheres, inclusive “nudes”⁷⁸ nas conversas privadas mantidas no *Tinder*. Aliás, tais fotos funcionam, inclusive, como um passaporte para o *match*. A partir de uma consulta não sistemática a algumas dessas situações, mulheres relatam que essa solicitação vem sendo uma das primeiras abordagens após o *match* que, dependendo do que for postado, o usuário “sai da conversa”. Novamente nestas situações reitera-se um padrão de relacionamento homem-mulher no *Tinder*, que reproduz, de certa forma, práticas que vicejam no contexto social mais amplo - o homem solicita, manda, avalia, propõe e cabe à mulher responder, mostrar-se, mas de preferência “só pra ele”. Lembro que a prática de produzir “nudes” decorreu da popularização da prática de se autofotografar denominada *selfie*⁷⁹.

Rocha (2012) assinala que o corpo é o primeiro meio de expressão e comunicação do ser humano e, portanto, pode ser considerado como a primeira mídia da história da humanidade. A autora menciona que as mídias digitais ampliam as possibilidades físicas, sensoriais e emocionais dos nossos corpos e assim alteram as experiências que estabelecemos por meio dele. Com a inserção das mídias sociais digitais, sobretudo, do toque “*touch*” o corpo do outro “passa a existir, constituído por essa experiência, ao ser tocado através de diferentes superfícies, memórias e intensidades” (NICARETTA; 2017: 04). Sibilia assinala que, através da prática do “nudes”, a nudez passa a exercer uma influência até então incomum no

⁷⁸Fotos de uma pessoa nua, que geralmente se autoretrata. Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/nudes/> Acessado em 20/10/2018.

⁷⁹Palavra cuja origem encontra-se no idioma inglês, a partir da junção do substantivo *self* que em inglês refere-se a “eu”, “a própria pessoa”, e o sufixo *ie— ouselfy*. Tal prática se popularizou em 2012.

cotidiano das pessoas e nas dinâmicas de sociabilidade⁸⁰. “Esse estímulo contribui, de modos tão ativos como complexos, para a própria moldagem das configurações corporais e subjetivas” (SIBILIA, 2015:193).

É possível, portanto, indicar que nossos corpos, através de fotos, vídeos, áudios, adquiriram interatividade e sensibilidade digital. Neste contexto, a prática de se fotografar nu, ou seja, “o nudes”, mais do que mostrar partes do corpo, que historicamente foram predominantemente escondidos, comunica, provoca, incita, incomoda. “O corpo fotografado não é inerte, ele ganha vida e intensidade ao ser tocado, ao ser possível de outras formas” (NICARETTA, 2017: 05).

A visualidade do corpo é o primeiro contato que estabelecemos no Tinder, uma vez que é através da foto de perfil em destaque a que somos selecionados ou excluídos. As fotos utilizadas no *Tinder* funcionam como uma autonarrativa, um peculiar modo de se descrever, sendo possível analisar como a performatividade de gênero é produzida através destas narrativas.

Neste estudo, não me detive nas problematizações acerca dos corpos e na prática de *selfies* e/ou “nudes”; por isso recorro aos estudos de pesquisadores/as que se dedicaram a tais reflexões e produziram análises que vão ao encontro das minhas. A dissertação de Flora D. Ardenghi, intitulada “Selfies no Tinder masculinidades como performance”, explora como as *selfies* promovem diferentes masculinidades através de suas auto representações no *Tinder*. Nela a autora indica que os homens corroboram a sua virilidade, através de fotos que evocam força, coragem e risco em atividades como o paraquedismo, o mergulho, o motocross, a doma de cavalos, etc. “Os homens não só usam seus corpos, mas flertam com a sensação de risco para serem considerados “homens de verdade”” (ARDENGGHI, 2017: 156). Já na dissertação de Roseli de Lourdes Gomes, intitulada: “Afeto nas redes sociais: análise semiótica dos usuários maiores de 50 anos nos sites de relacionamento”, a pesquisadora realiza uma análise pautada na semiótica francesa que distancia suas análises e problematizações das minhas, contudo, ela mostra que, na maioria das fotos de perfil de usuárias do *Tinder*, elas se apresentam sozinhas, através de *selfies*, sobretudo, através de fotos de rosto, fotos com a mão no cabelo, em ambientes privados e de informalidade (GOMES, 2017).

⁸⁰ Há autoras como Sibilía (2015), Goldenberg (2008), Nicaretta (2017) e Ardenghi (2017) que se dedicam a aprofundar o debate acerca do regime de visibilidade contemporâneo, bem como dos deslocamentos da obscenidade e da politização da nudez na contemporaneidade.

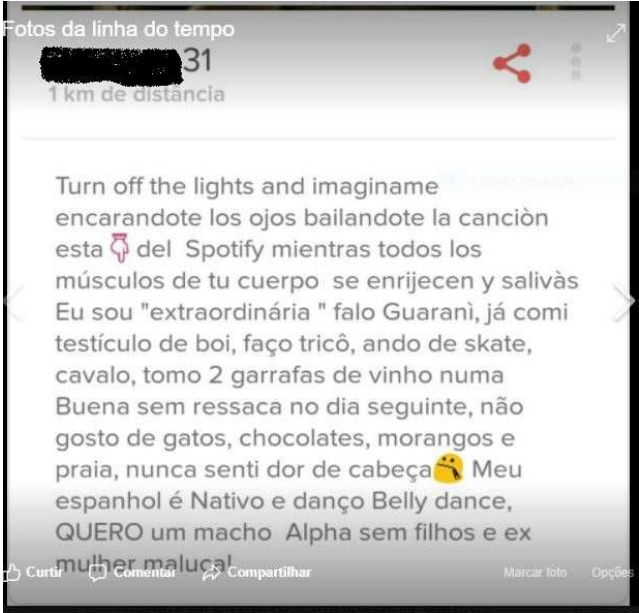
É importante salientar o tom incisivo que perpassa essas três postagens, os homens, autores destes Perfis, descrevem de maneira direta, ou por oposição, o que procuram nas mulheres e isso inclui características, tais como: passividade, subserviência, comprometimento com atividades domésticas, fidelidade e discrição no trajar e na exposição do próprio corpo. Os Perfis do Tinder colocados em destaque, através de postagens no Facebook, indicam que os Perfis masculinos construídos por estes usuários do app não são uma excepcionalidade; ao contrário, eles carregam representações bastante usuais acerca de papéis que devam ser desempenhados por homens e mulheres nas relações sociais mais amplas. Assim, grande parte da representação que construímos de “feminilidade tradicional” é decorrente de uma forte produção discursiva em circulação ao longo do século XIX a qual foi corroborada pela educação formal, pelas expectativas parentais, pela religião e pela produção científica da época, que determinava “o que cada mulher deveria ser para ser verdadeiramente uma mulher” (KEHL, 2016:38).

É importante registrar, também, a afirmação: “*Não procuro um relacionamento sério aqui, mas vai que acontece... só não precisa pressionar logo na descrição*”, expressa pelo autor do Perfil que compõe o *post* um, na qual fica claro outro aspecto usualmente associado ao comportamento masculino, que por oposição e de maneira relacional indicará o comportamento da mulher: cabe ao homem definir o início e estabelecer o rumo a ser seguido nos relacionamentos. Destarte, um relacionamento se tornará “sério”, ou não, a partir das “qualidades” femininas que sejam trazidas para o relacionamento. De qualquer maneira, seja para apenas “curtir”, ou seja, para estabelecer um “relacionamento sério”, o sujeito autor do *post* define que a interlocutora deve ser uma mulher discreta, que se resguarda, que “se valoriza”, e que se submete às condições estipuladas seja para viver experiências afetivas e sexuais sem compromisso, seja, talvez, se o proponente assim decidir, para estabelecer um relacionamento “mais sério”.

As regras que aparecem nestes *posts* para definir o estabelecimento de relacionamentos, a partir da (re)enunciação de posturas, atitudes do que corresponderia aos homens e mulheres não se gestam, como se pode ver, no âmbito mais restrito das redes sociais digitais. Elas vêm perpassando os relacionamentos ao longo do tempo, se configurando de diferentes maneiras e sendo postuladas, não só, mas também, nas mídias digitais.

É possível dizer que ecoam, no conjunto integrado por estes *posts* e os comentários a partir deles gerados, modos de organização social que promovem a naturalização da heterossexualidade. E isso decorre do que Pinto Coelho e Mota-Ribeiro (2007) denominam “senso comum dominante”, a partir do qual se estabelece uma correlação natural entre sexo, gênero e práticas sexuais em um processo que essencializa identidades femininas e masculinas, o que Butler (2015) denomina sistema de gênero bipolar masculino-feminino. Cabe esclarecer que, em tal sistema, atribui-se uma coerência interna tanto ao masculino, quanto ao feminino, entendendo-se estarem as identidades “programadas” e relacionadas por oposição, a partir de uma engrenagem na qual a heterossexualidade se consolida e se consagra na heteronormatividade. Em tal entendimento, ““as pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero” (BUTLER, 2015: 42) [grifos da autora]. Apesar da recorrência de postagens corroborando a produção de identidades heteronormativas são representadas também no Tinder e Facebook as diferentes formas de se identificar e narrar como homem e mulher que subvertem esse sistema binário, os quais me detenho na sequência dessa análise.

Quadro 6: Post 4

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 4- “Existe ex-mulher maluca?”</p> <p>18/01/2017 – 44 comentários</p>  <p>The screenshot shows a social media post interface. At the top, it says 'Fotos da linha do tempo' and shows a profile picture of a person with 31 friends and '1 km de distância'. The main text of the post is: 'Turn off the lights and imagine me encarandote los ojos bailandote la canción esta del Spotify mientras todos los músculos de tu cuerpo se enrijecen y salivás. Eu sou "extraordinária" falo Guaraní, já comi testículo de boi, faço tricô, ando de skate, cavalo, tomo 2 garrafas de vinho numa Buena sem ressaca no dia seguinte, não gosto de gatos, chocolates, morangos e praia, nunca senti dor de cabeça. Meu espanhol é Nativo e danço Belly dance, QUERO um macho Alpha sem filhos e ex-mulher maluca!'. At the bottom, there are icons for 'Curtir', 'Comentar', 'Compartilhar', 'Marcar foto', and 'Opções'.</p>	<p>Se você quer um macho Alfa recomendo que vá procurar em uma alcateiam (H)</p> <p>"SEachomêtro" como preferirem...enfim...mais uma séria candidata pra "titia"!Proxima! (H)</p> <p>Por isso que tá com 31 anos e solteira haha Quer uma alpha? Kkkk tá é na caça de uma beta, pois os Alphas não curtem balzacas rrsrsrs (H)</p> <p>Cruzes!!! vai continuar sendo uma TIA superpoderosa então! (H)</p> <p>Bem isso mesmo, quando nova ficava sarrando nos alphas, vai ter q se contentar com algum beta ou ficar para a titia! (H)</p> <p>Ela tá solteira até hj (M)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 7: Posts 5 e 6

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 5- “Vai tomando aí, champz.”</p> <p>15/05/2016 -57 comentário</p>	<p>“Homem que acha que ter pauzão é vantagem: pior raça !”(M)</p> <p>“Todas estamos procurando um rico, bonito e superpauzudo!”(M)</p> <p>“Seu pau não é o centro do universo”).(M)</p> <p>“Não, sério, sem zueira agora. Papo reto, ele achava q falando isso ele conseguiria a mina? (H)”</p> <p>“Se o prazer no sexo dependesse só do tamanho do pau eu acho que não existiria tantas lésbicas, não? (H)”</p> <p>“Se prazer fornecido por homem fosse critério pra fazer uma mulher ser heterossexual ou não, haveriam muito mais lésbicas, porque o que existe de homem ruim de cama, não tá escrito. Acham que só o pau no meio das pernas é suficiente pra garantir prazer...Então assim...Cê tem xoxotinha? Não? Então cala a boquinha (M)”</p>
<p>Post 6- “XXX é muito honesto! Até demais querido.”</p> <p>12/12/2016 146 comentários</p>	<p>“Ué, não vi nada de mais. Homens e mulheres querem satisfazer os seus desejos, mas homens costumam ser mais objetivos quanto a o que querem”. (M)</p> <p>“Omi sendo omi.” (M)</p> <p>“Homens querem satisfazer o SEU PRÓPRIO DESEJO, e nunca satisfazer a parceira. Ou seja, se ele mete e goza foda-se, tá ótimo, não importa se a parceira não tá gostando, se ela não gozou.... O que importa é ele. Omi fazendo omissão”. (M)</p> <p>“E é por isso que os homens mentem!” (H)</p> <p>Dá pra transar com o coração? Não? Então sosorriurifl. Quero não (M)</p> <p>“Ótimo ele falar, já evita aquelas mulheres que só ligam para o tamanho do pau (M).</p> <p>“Mano não dá pra ser tão sincero!” (H)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Passo, a seguir, a comentar outro conjunto de postagens. O *post* quatro, nomeado “Existe ex-mulher maluca?”, refere-se a um Perfil feminino no qual a

usuária se descreve como uma mulher com “gostos” diferentes da maioria das mulheres, ou seja, do que comumente é relacionado à feminilidade”. E entre esses “gostos” estão: andar a cavalo, praticar skate, tomar vinho em quantidade – ela informa que “toma duas garrafas de vinho, numa buena, sem ressaca no dia seguinte” – além de não gostar de *pets* e guloseimas. Tal autodescrição também pode ser considerada como uma estratégia de sedução que ela utiliza para captar a atenção dos usuários do Tinder. E, talvez, até por isso, essa tenha sido uma das postagens deslocadas para o Facebook por seu potencial para suscitar discussões. Ela também faz a afirmação provocativa: “nunca senti dor de cabeça”, sendo essa, talvez, uma alusão feita ao fato de que muitas mulheres justificam a negação à prática de sexo por essa condição. Pode-se entender, também, que este registro aponta para a sua disponibilidade para práticas sexuais.

Assim, a autora do Perfil dessa postagem se posiciona na contramão das representações de feminino “tradicionais”, ao se narrar como uma mulher ousada, afirmando, no entanto, estar em busca de um “macho alpha”⁸¹. Ou seja, ela busca um homem que se enquadre em um modelo considerado “hegemônico de masculinidade”, que, de um modo geral, em nossa sociedade, refere-se a um sujeito viril, ciumento, provedor, competitivo e que até pode se tornar agressivo. O modelo de masculinidade denominado hegemônico por Raewyn Connel (1995) permanece potente para pensarmos sobre comportamentos comumente considerados “naturais” aos homens, bem como sobre os marcadores sociais e culturais de diferenças entre masculino e feminino e, ainda, sobre as relações de poder implicadas nos processos de produção dessas identidades. Como Connel (2013: 263) indicou, a hegemonia trabalha, em parte, através da produção de exemplos de masculinidade reiterados socialmente [...] apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viverem de acordo com eles. Connel (2013) problematiza o próprio conceito de masculinidade hegemônica destacando, entre outros aspectos, o fato de tal conceito ter sido

⁸¹ No reino animal, o termo macho alpha é utilizado, mais precisamente na área da zoologia para fazer referência a um líder de grupo de animais com características dominantes, sendo este líder desse grupo. Os machos alphas sabem usar seu poder de intimidação e desta forma possuem privilégios dentro do seu grupo, estando no topo da hierarquia. Eles têm acesso prioritário à comida, por travarem lutas com outros animais, bem como às fêmeas de sua espécie. O termo é usado por vezes para referir homens dominantes e confiantes, que atraem e conseguem tudo o que querem, destacando-se em seu grupo social. Fonte: <https://www.meusdicionarios.com.br/macho-alpha>. Acesso em 28/10/ 2018.

empregado de maneira a essencializar a masculinidade e também de ter sido utilizado de maneira a permitir a “continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres” (CONNEL, 2013: 255).

Connel (2013) vale-se deste conceito considerando a masculinidade “como uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero”. Como a mesma autora refere, o conceito de masculinidade hegemônica “embute uma visão histórica dinâmica do gênero, na qual é impossível apagar o sujeito” (ibidem: 259) ou considerá-lo como unitário, uma vez que ele é produzido de maneira relacional no seio das dinâmicas de gênero. Portanto, as masculinidades são entendidas como forjadas em dinâmicas culturais que envolvem relações de gênero nas quais “a ‘masculinidade’ representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas” (ibidem: 257) que não é fixa, mas cambiante e plural.

Indico que, na recorrida introdutória a que procedi para eleger os perfis nos quais iria me deter, encontrei outros perfis de mulheres que, após descreverem “as qualidades” que se atribuíam, passavam, em seguida, a listar as características que buscam no homem que pretendiam encontrar. Aponto, também, que os *posts* dessas mulheres recebem muitas críticas, sobretudo críticas indignadas de homens que condenam a supervalorização que essas mulheres estariam fazendo de si mesmas e as muitas exigências referidas nesta busca de parceiros. Ou seja, o que está colocado diz respeito à premissa, anteriormente referida, de que cabe aos homens “a escolha” e às mulheres a passividade, a espera e a submissão. Enfim, esta “natureza masculina” essencializada permite aos homens fazer muitas exigências e visa condicionar as mulheres a aceitá-las. E são em narrativas, tais como essas, que colocam em destaque tais representações, que se vão (re)enunciando atributos para o masculino e o feminino e para as identidades de gênero e sexuais. Isso está igualmente expresso no *post* quatorze “*Vitória é conseguir sair com você neh gata*”, analisado na terceira seção deste capítulo.

Destaco também que em relação ao Perfil em questão, *post* quatro, alguns interlocutores ressaltam que, é por não vincular sua autora à “feminilidade tradicional”, que ela ainda não encontrou um parceiro aos 31 anos. Tanto homens como mulheres afirmaram que tais mulheres são ou vão “ficar para titias”, ou seja, “mulher que escolhe muito não casa”. Portanto, a condição de “ser solteira” é ainda

vista como negatividade, em alguns casos, com conotação de insucesso. Como indicado nos comentários pejorativos enunciados neste *post*: "*SE achomêtro*" como *preferirem...enfim...mais uma séria candidata pra "titia"!Proxima!*, "*Por isso que tá com 31 anos e solteira haha Quer uma alpha? Kkkk tá é na caça de uma beta, pois os Alphas não curtem balzacas rrsrrsrs*", "*Cruzes!!! vai continuar sendo uma TIA superpoderosa então!*", "*Bem isso mesmo, quando nova ficava sarrando nos alphas, vai ter q se contentar com algum beta ou ficar para a titia!*".

Del Priore (2012: 254) menciona que o significado para os termos "titia", "solteirona" foi assentado em nossa sociedade nas primeiras décadas do século XX, quando "as mulheres eram persuadidas de que não casar era um insucesso. [...] Assim, ficar "para titia" era uma forma de desprestígio social, que deprimia as moças maduras".

Tais narrativas regulam os significados dos termos utilizados para adjetivar os homens e mulheres em questão, bem como para normatizar as condutas para as dinâmicas afetivas, de um modo geral. As autodescrições e os comentários tecidos a partir delas compõem narrativas que são sustentadas por representações e discursos. Como ressaltou Silva (2007: 17), "os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar". Essa consideração é invocada a partir de Foucault (2002: 10) que nos ensinou que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo *por que, pelo que* se luta, o poder do qual nos queremos apoderar". Foucault (2004) igualmente indicou ser pelo discurso que se instauram os "efeitos de verdade" nas sociedades, ou seja, é através dos discursos que se estabelece "um conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder" (2004: 13).

Neste estudo, argumento que são nas narrativas gestadas nestes (e a partir destes) *posts* que se instauram efeitos de verdade, bem como ações de regulação sobre o que é permitido ou proibido dizer (e fazer) relativamente aos relacionamentos buscados através desses *posts* e aos sujeitos que estão nesses implicados.

Nos *post* cinco "Vai tomando aí, champz..." e no seis "XXX é muito honesto! Até demais querido", (re)enuncia-se uma narrativa que associa pênis grande à

masculinidade e à satisfação sexual feminina. Registro que comentários em torno do pênis são muito recorrentes tanto nos Perfis de usuários do Tinder, quanto nos comentários tecidos nas Páginas/Perfis do Facebook “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder” e que esses referem-se, geralmente, ao “mito” da valorização do pênis grande. Tanto homens quanto mulheres que se manifestaram no Tinder e no Facebook corroboram a aceitação deste mito, ora utilizando-se do humor, ora enaltecendo este atributo. E isso está expresso nos comentários de usuárias em resposta ao autor do *post seis*, que declara ter pênis pequeno.

Assim, diz uma delas: “*Dá pra transar com o coração? Não? Então sosorrybiurufi. Quero não*”. Já outra assim se manifesta: “*Ótimo ele falar, já evita aquelas mulheres que só ligam para o tamanho do pau*”. Outros comentários colocam em cena, novamente, a questão da sinceridade masculina, tal como está referido pelo usuário “*Mano não dá pra ser tão sincero!*”, bem como no título que essa postagem recebeu dos/as administradores/as do Perfil do Facebook: “*XXX é muito honesto! Até demais querido*”. Ou seja, nas duas enunciações transcritas ter pênis pequeno é uma característica vista como “negativa” em propostas de relacionamentos sexuais/afetivos, não devendo, portanto, ser mencionada no perfil, caso esse sujeito pretenda ter respostas positivas ao seu convite. Enfim, mais uma vez, a relação homem x mentira está reiterada neste *post* e em comentários enunciados a partir dele.

O *post cinco* reproduz o print de um diálogo estabelecido no Tinder, no qual um homem se apresenta como “*rico, bonito e super pauzudo*”. Ou seja, ele invoca tais características como um “cartão de apresentação”. E mais, ele pontua serem esses atributos irrecusáveis ao perguntar, incisivamente, aos usuários/usuárias do Tinder: “*o que estamos esperando pra marcar de se encontrar*”.

Também neste *post*, a associação entre pênis grande e masculinidade é destacada, podendo-se dizer ser essa frequente em nossa sociedade, uma vez que o pênis, sobretudo o pênis grande, grosso, ereto e forte, é referido, muitas vezes, como um atributo da masculinidade hegemônica que se expressa em um “homem macho másculo”, tal como denomina Zago (2013). Os corpos masculinos inteligíveis “são aqueles que exibem seus pênis através de imagens, mas que também exibem [...] traços masculinizantes de seus corpos” (ibidem: 197).

Ainda sobre o *post* cinco, cabe referir que há também usuários/as que questionam a asserção de que homens com pênis grande agradam/satisfazem sexualmente as mulheres, como expresso nos seguintes comentários: *“Homem que acha que ter pauzão é vantagem; pior raça!”*; *“Seu pau não é o centro do universo!”* e *“Não, sério, sem zueira agora. Papo reto, ele achava q falando isso ele conseguiria a mina?”* indicando que a centralidade do pênis não é um lugar tão inquestionável como usualmente se considera. Tampouco os significados e os lugares atribuídos aos sujeitos são aceitos e incorporados tranquilamente, pois “os códigos de masculinidade, assim como os de heterossexualidades, envolvem negociar e compartilhar significados nas próprias relações sociais” (SABAT, 2001: 19).

A maioria dos comentários realizados em torno do *post* cinco expressam o incômodo de mulheres causado pela afirmação feita pelo interlocutor do Tinder, a algumas mulheres. Tais usuárias reagiram, em sua maioria, com ironia e zombaria. Uma delas registrou: *“Todas estamos procurando um rico, bonito e superpauzudo!”*; e outra: *“Seu pau não é o centro do universo!”*

Outras manifestações salientaram que: *“Homens querem satisfazer o SEU PRÓPRIO DESEJO, e nunca satisfazer a parceira. Ou seja, se ele mete e goza. Foda, tá ótimo, não importa se a parceira não está gostando, se ela não gozou.... O que importa é ele. Omi fazendo omisse”*. Está denunciada, neste comentário, a premissa de que a sexualidade feminina é posicionada em segundo plano, ou seja, que o prazer e a sexualidade masculina são “a referência”, enquanto a feminina tem menor importância. Porém, há outros comentários que corroboram a naturalização e a essencialização de *uma* masculinidade hegemônica. Nesta direção um dos usuários do Facebook expressou: *“E é por isso que os homens mentem!”*

Na sequência a tais discussões, um usuário se manifesta: *“Se o prazer no sexo dependesse só do tamanho do pau eu acho que não existiriam tantas lésbicas, não?”* Tal manifestação, além de relacionar sexo/gênero/desejo e preconizar a satisfação sexual das mulheres como decorrência do tamanho do pênis dos homens, atribui também a orientação sexual das mulheres à satisfação ou insatisfação que o homem lhe proporciona. Ou seja, mais uma vez a sexualidade feminina complementa a masculina. Cabe neste contexto atentar ao fato de que “poder e desejo se articulam; eles se supõem ligados de modo mais complexo e mais original [...]” (FOUCAULT, 1988: 91).

Narrativas como estas posicionam homens e mulheres de maneiras assimétricas, não por suas diferenças, peculiaridades e individualidades, mas, sobretudo, por intenção de manutenção de um sistema que molda corpos, desejos e práticas, atuando tal como indicado na proposição de Butler (2015: 44): “a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino” [...]”. Nesta direção, as “identidades sexuais carregam marcas de diferentes práticas sociais e culturais que são constituídas através dos discursos produzidos na sociedade, pelos processos de representação” (SABAT, 2001:17). Assim sendo, a sexualidade opera como um dispositivo político que “se articula diretamente sobre o corpo, isto é, sobre o que este tem de mais material e mais vivente: funções e processos fisiológicos, sensações, prazeres, etc” (CASTRO, 2009: 401). A “naturalidade” atribuída a corpos, gêneros e sexualidades é decorrência de um processo em que as normas são constantemente reiteradas, por meio das quais os comportamentos, desejos e identidades sexuais são forjados nas construções discursivas (BUTLER, 2015).

Contudo, onde há poder há resistência e essa encontra-se imbricada nos fios da rede do poder, sendo “no campo das correlações de força que se deve tentar analisar os mecanismos de poder” (FOUCAULT, 1988: 107). O comentário acima problematizado foi questionado por uma usuária da seguinte maneira: “*Se prazer fornecido por homem fosse critério pra fazer uma mulher ser heterossexual ou não, haveria muito mais lésbicas, porque o que existe de homem ruim de cama, não tá escrito. Acham que só o pau no meio das pernas é suficiente pra garantir prazer...Então assim...Cê tem xoxotinha? Não? Então cala a boquinha*”. A usuária em questão utiliza de ironia para se expressar e põe em debate a premissa de que a satisfação sexual das mulheres é fornecida pela prática do sexo heterossexual e pela penetração. Além de questionar o lugar de fala do homem ao tratar da sexualidade feminina, essa usuária abre espaço para outras pessoas pensarem sobre o prazer feminino e o lugar de fala das mulheres tanto sobre a própria sexualidade como em relação à sexualidade masculina, que pelo questionamento dela é deslocado do lugar de provedor de poder/saber/prazer.

As narrativas produzidas a partir destes dois últimos *posts* (cinco e seis) não só evocam uma representação de masculinidade inteligível, como reafirmam a heterossexualidade compulsória que se fortalece, sobretudo, na associação

sexo/gênero/desejo em que “o pênis se torna um referente carnal da “realidade do gênero” desses homens” (ZAGO, 2013: 198) [Grifos do autor].

As postagens selecionadas para compor essa seção, bem como as narrativas instituídas a partir de seus comentários, indicaram que nas representações de feminilidades e masculinidades enunciadas persistem elementos que podem ser associados às representações em curso em outros momentos históricos e contextos culturais, haja vista que “a forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação” (WOODWARD, 2007:32).

Neste sentido, é importante considerar que através das representações atribuímos significados à nossa experiência, àquilo que somos e aquilo que consideramos que podemos vir a ser (HALL, 1997). Como já indiquei anteriormente, discursos e representações atuam na produção de identidades individuais e coletivas, reconhecidas e legitimadas na cultura na qual estamos inseridos/das, sendo os “diferentes significados produzidos por diferentes sistemas simbólicos.”

A partir de tais indicações não estou afirmando que os modos de ser homem e mulher “tradicionais” predominam em nossa sociedade, mas, que reverberam na produção das masculinidades e feminilidades em curso, regulando alguns modos de pensar, desejar, se relacionar, autorregular, normalizar e normatizar condutas. Tais processos nunca se dão de uma única maneira, pois os sujeitos nele implicados reagem de maneiras diversas e plurais, produzindo diferentes modos de ser homens e mulheres.

Por conseguinte não há um significado *a priori* para mulheres, homens e relações de gênero a serem produzidas em cada sociedade e cultura, mas tais são gestadas em redes de significação estabelecidas entre os sujeitos que a compõem, pois as identidades são produzidas em momentos particulares, no tempo (SILVA, 2007). Como indica Berenice Bento (2006: 228), “o gênero só existe na prática, na experiência e sua realização se dá mediante reiteraões, cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino, e um jogo, muitas vezes contraditório, escorregadio, estabelecido com as normas de gênero”.

Considero, então, que há no Tinder pedagogias de gênero que operam por meio das postagens e comentários proferidos por seus/suas usuários/as, bem como por meio das representações evocadas quando eles/as se autodescrevem ou listam

as características do/a parceiro/a que procuram, ou que repudiam, e nos modos como se relacionam ou buscam se relacionar afetivamente. Tais dinâmicas são “performativamente constituídas” (BUTLER, 2015) e reafirmadas constantemente.

As narrativas registradas nos três *posts*, bem como nos comentários que desencadearam, indicam um predominante “modo” masculino de estabelecer relacionamentos, e este modo tem sido resumido na expressão “*omi fazendo omice*”. Tal expressão é utilizada diversas vezes tanto por usuárias, mulheres heterossexuais ou não, como por usuários homens, heterossexuais ou não, que reagiram aos *posts*. Ela resume atitudes que são esperadas e aceitas como próprias ao comportamento masculino, ou seja, certos “modos de ser homem” essencializados e que foram naturalizados e se tornaram invisibilizados e, com frequência, são criticados. Cabe, contudo, destacar que tais atitudes foram associadas especialmente a homens heterossexuais, como indicado no comentário: “*Sério, queria ter autoestima de homem hétero, eles são demais*”.

Entre as referidas “omices” constam entendimentos como: conversar para estabelecer um melhor conhecimento com as mulheres é perda de tempo, pois “os homens de verdade” “costumam ir direto ao ponto”, dizendo rapidamente “o que esperam” do relacionamento. Aliás, manifestações grosseiras e pretensiosas, além de serem associadas a uma presumida “objetividade” masculina, também são vistas como manifestações de autenticidade e sinceridade, tal como nos comentários feitos, respectivamente no *post* um: “*Pelo menos o mano foi sincero!*” e no *post* três: “*Esse daí não usa a cota de mentiras a que tem direito*”. Ou, ainda, em manifestações que contestam essa presumida sinceridade enunciadas no *post* cinco: “*E é por isso que os homens mentem!*” e *post* seis: “*Mano não dá pra ser tão sincero!*”

Aliás, a evocação da autenticidade, sustentada em alguns comentários, está associada à ideia de que uma das estratégias que os homens usam para seduzir as mulheres é a mentira, muitas vezes resumida na expressão “dizer o que elas querem ouvir”. Porém, é importante sublinhar, mais uma vez, que, nestas postagens, além dos balizamentos feitos relativamente às masculinidades, há, também, prescrições relativas às feminilidades. Tais normatizações ocorrem, geralmente, de maneira relacional atribuindo determinadas características peculiares à masculinidade e, por decorrência, o seu oposto à feminilidade.

A maioria dos investimentos relacionados à identidades inteligíveis como masculinas e femininas dentro do sistema heteronormativo decorre de uma polarização entre masculino/ feminino. Tais identidades são forjadas, como indicado nas narrativas analisadas, através de atos performativos em que

o corpo se torna seu gênero por uma série de atos renovados, revisados e consolidados no tempo. [...] pode-se buscar reconceber o corpo generificado mais como o legado de atos sedimentados do que como estrutura, essência ou fato predeterminados ou fechados, sejam naturais, culturais ou linguísticos [...] (BUTLER, 2011: 07).

De maneira geral, nas narrativas analisadas, as relações de gênero foram evocadas a partir do usual binômio homem dominante *versus* mulher dominada, contudo, as relações afetivas desempenhadas por meio de redes sociais digitais e/ou fora delas, atualmente, são muito mais complexas e plurais. Tais interações não ocorrem pacificamente, há diferentes modos de agir e reagir nestas dinâmicas que envolvem jogos de poder em que os/as envolvidos/as podem se posicionar “muitas vezes, com cumplicidade e malícia, eventualmente com violência ou consentimento, mas, sempre, com ingredientes de resistência” (LOURO, 2017: 16). Tais dinâmicas se instituem a partir de estratégias pedagógicas, através das quais os modos de ser homem e mulher se configuram, consolidam, reafirmam e naturalizam, “assim, efetua-se a performance com o objetivo estratégico de manter o gênero em uma estrutura binária. Compreendida em termos pedagógicos, a performance torna explícitas as leis sociais” (BUTLER, 2011: 11), e reafirma a consolidação da heteronormatividade.

4.2 RELACIONAMENTOS AFETIVOS/SEXUAIS “NA PALMA DA MÃO”

“Se um dia eu te encontrar
Do jeito que sonhei
Quem sabe ser seu par perfeito
E te amar do jeito que eu imaginei”
(Aliança, Tribalistas, 2017)

Ainda que já tenha sido referido, mais de uma vez, que a maneira como nos relacionamos é demarcada pelo contexto histórico, econômico, cultural e social, uma vez que as configurações afetivas vão sendo remodeladas a partir desses, reitero que o conceito de amor constitui-se discursivamente.

Bauman (2001) assinala que na modernidade sólida o modelo de amor vigente era o do amor romântico. Nesta configuração, no amor romântico, homens e mulheres que encontrassem o amor verdadeiro, viveriam um amor eterno por meio do casamento que se configurava como pacto social indissolúvel. A partir do casamento, homens se tornavam maridos, pais e provedores do sustento da família e as mulheres esposas, mãe e donas de casa (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006). A vivência do amor romântico está atrelada aos parâmetros do patriarcado em que homem não precisa abrir mão da sua liberdade sexual, uma vez que o casamento institui-se como um mecanismo de ajuste social por motivações econômicas, não necessariamente pela atração sexual mútua (COSTA, 1938; 1988; GIDDENS, 1993).

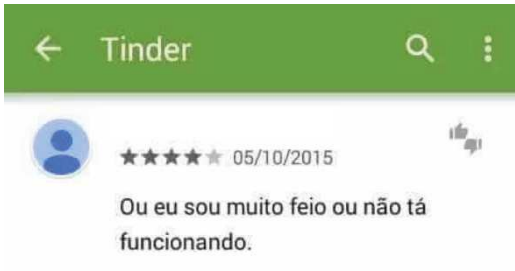
Já a modernidade líquida (BAUMAN, 2004) é demarcada pela fluidez e volatilidade que imprime fragilidade aos laços humanos e, por consequência, torna os desejos conflitantes, intensos e paradoxalmente frouxos, pois deseja-se “desfrutar das doces delícias de um relacionamento, evitando simultaneamente, seus momentos mais penosos” (BAUMAN, 2004:9). As parcerias passam a ser vividas como bens de consumo que podem ser usados por um curto período de tempo e descartados. Giddens (1993) indica que neste contexto homens e mulheres focam na vida profissional e na busca de autonomia futura e os afetos tornam-se secundários e passam a ser vividos como fonte de satisfação para ambos. Assim os compromissos passam a ser vistos, por algumas pessoas, como obstáculos a seus projetos futuros. Contudo a indústria cultural continua vendendo o amor e um amplo leque de produtos/vivências que decorrem dele para a manutenção da sociedade de consumo (ILLOUZ, 2009; 2011; RÜDIGER, 2013). Neste cenário, entre tantas outras transformações como as alterações de papeis sociais atribuídos a homens e mulheres em espaços sociais como família, trabalho, educação, etc, difunde-se a globalização, intensifica-se o capitalismo e com eles um amplo suporte tecnológico como a internet, os dispositivos móveis de comunicação/ informação, as redes sociais digitais e, entre outras, a racionalização, impessoalização e a desterritorialização das relações sociais (COSTA, 2005).

Tais acontecimentos, dentre outros já indicados, marcam de diferentes modos a cada um de nós nos diferentes setores de nossas vidas. Entre elas, no modo como nos relacionamos, o que e como desejamos, como e com o que sentimos prazer e como optamos em usar o tempo de que dispomos.

	<p>“Eu tambeeeeemmm!!! Isso choca 100% dos entrevistadores kkkk”. (M)</p> <p>“Por isso que já respondo MARIDO logo, Kk”. (M)</p> <p>“Quando não se tem assunto rrsrsr”. (M)</p>
--	---

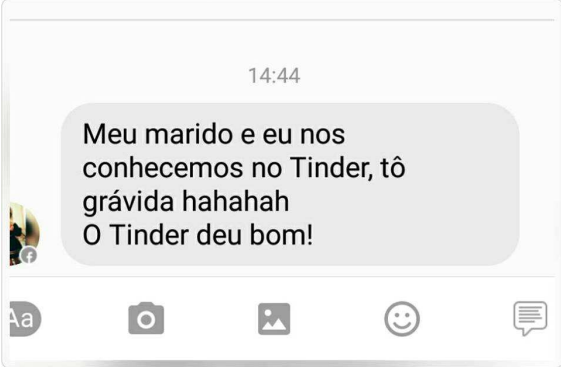
Fonte: Elaboração própria.

Quadro 9: Post 8

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 8- “Escuta aqui, acho que meu app ta com Bug...”</p> <p>18/11/2016 (320 comentário)</p> 	<p>“Pra eu conseguir pegar uma garota bonita pelo tinder eu tenho que add ela no FB e desenrolar.” (H)</p> <p>“Ou o cara escolhe demais... (M)</p> <p>“Já aceitei que sou feio mesmo. Mais de um mês usando o Tinder e não tive uma combinação se quer!” (H)</p> <p>Aumenta a distância, aumenta a faixa etária de idade, mas não tem jeito NE?! (M)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 10: Post 9

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 9- “Deu Bom”</p> <p>18/01/2017 - 139 comentários</p> 	<p>“Eu tbm conheci o meu pelo aplicativo.” (M)</p> <ul style="list-style-type: none"> • 15 pessoas na mesma situação. <p>“Tb tenho um filho de Tinder!”</p> <ul style="list-style-type: none"> • 5 pessoas na mesma situação. <p>“Imagina como eles vão contar pra a criança onde se conheceram.” (M)</p> <p>“Conheci um homem, saímos. Começamos a namorar, fomos morar juntos. Dia 16 completamos 6 meses de casado e em janeiro vamos fazer 3 anos juntos”. (M)</p> <p>“Tinder só uma ressalva: não uso mais o aplicativo pq já encontrei meu Tinderelelo por esse app já fazem dois anos e quatro meses e se Deus quiser vamos oficializar ano que vem, no casório e o topo do bolo vai ser o logo do Tinder.... né?” (M)</p> <p>“O Aplicativo é bom. Mas acho que eu sou uma frigideira. Não tenho tampa”. (M)</p> <p>“Tb conheci o meu por este app! É difícil, tem que filtrar bastante.” (M)</p> <p>“Ainda bem que esse app existe! (M)</p> <p>Quem fica 2 semanas de conversa no whatsapp com um Tindeiro?” (H)</p> <p>“Pois é né, quem fica?” (M)</p> <p>“E nessa brincadeira a gnt já fez um ano né? Haha” (H)</p> <p>“Simmmm” (M)</p> <p>“Homens só lêem descrição depois q combina kkkkkk jogam tudo p direita e depois vêm a merda q deu.”(H)</p>

Fonte: Elaboração própria.

As narrativas produzidas em torno dos três primeiros *posts* reproduzidos no início desta seção e intitulados: “Ah essa maldita pergunta... O que mais podemos

responder?”, “Escuta aqui, acho que meu app ta com Bug...” e “Deu Bom” relacionam-se ao funcionamento do aplicativo Tinder e a estratégias produzidas por alguns usuários/as para atingirem seus objetivos através dele. Apontam, também, para expectativas e experiências desenvolvidas pelos usuários do Tinder acerca dos relacionamentos buscados.

A pergunta *“O que procura no Tinder?”*, expressada no post sete, provocou, inicialmente, zombando e com reações irônicas por parte de alguns/algumas usuários/as do Facebook, por parecer-lhes que tal pergunta configura-se como uma abordagem pouco produtiva e bastante recorrente entre os/as usuários/as, tal como está indicado nos seguintes comentários: *“Quando não se tem assunto rrsrsr”* e *“Ensina para eles sua teoria da pergunta certa!! Aquela lá: “Como tem sido sua experiência no Tinder? HAHAHA”*.

Contudo outros usuários/as a problematizaram, ressaltando que cada um/uma dos sujeitos que busca relacionamentos no Tinder tem objetivos e expectativas próprias, como indicado pelo usuário que afirmou: *“Ah cara, tem mina que procura cara com moto, cara com grana, um namorado, ou até mesmo nada... Mas como vou saber? Pergunta super válida... Até pq vc ta lá conversando com uma mina e percebe que ela quer só conversar e você ta querendo algo mais, ou até mesmo o inverso, ai foi tempo perdido, incompatibilidade de interesses... Não sei pq se ofendem tanto com tal pergunta, há piores...”*

É possível dizer que os comentários tecidos por homens e mulheres usuários do Tinder sobre tal pergunta trazem indicativos importantes sobre os significados atribuídos a este app, bem como aos usos que dele são feitos. Algumas mulheres assim se manifestaram, pelos comentários: *“Odeio essa pergunta ... falo logo em casamento.”*; *“Eu tambeeeeemmm!!! Isso choca 100% dos entrevistadores kkkk”*; *“Por isso que já respondo MARIDO logo, Kk”*.

Como se pode ver, a reação dessas mulheres é de contrariedade à pergunta, talvez porque essas nela vislumbrem a intenção de coagi-las a declarar estarem buscando no app “relacionamentos sérios”. Neste caso, a resposta dada a essa pergunta seria vista como determinante para a continuidade, ou não, do relacionamento, a partir da evocação de uma asserção bastante difundida socialmente de que mulheres, de maneira geral, buscam parceiros para relacionamentos sérios e homens, não. Em tal narrativa figura a representação de

mulheres “românticas” que pautam sua busca de relacionamentos no app visando casamento.

Aliás, tal representação é difundida e reiterada através de diferentes discursos e práticas culturais disseminadas, geralmente, por produtos da indústria cultural como novelas, romances, filmes, músicas, entre outros, através dos quais são (re)definidos significados para o amor, para os relacionamentos afetivos e para os modos como homens e mulheres reagem aos mesmos, tal como Illouz (2009) salientou ao discutir práticas culturais regulatórias em curso no mundo contemporâneo. Assim, “o amor tem sido entendido como a base para as interações sociais, e a chave para as escolhas humanas” (NEVES, 2008). Cabe lembrar, mais uma vez, que os engendramentos das identidades ocorrem de maneira relacional, por relação, na relação (LOURO, 2003) e, sobretudo, em nossa sociedade, por oposição e através da noção de complementaridade, em que

o par homem/mulher, [...] se apresenta normalmente como relação antagônica entre dois pólos extremos, com características dadas a priori e onde ser um deles significa ter que excluir totalmente as características atribuídas ao outro par (PIRES, 2009:19).

Destarte constrói-se discursiva e reiteradamente a compreensão de que as mulheres desejam amar, casar e ser mães e que os homens buscam apaixonar-se, transar, divertir-se e serem livres. Leite Junior (2006: 159) refere que foi ao final do século XVIII que “surge a noção de organismos masculinos e femininos como opostos e complementares.” Os processos regulatórios em ação ao longo do tempo foram distanciando “os universos” de homens e mulheres e ao mesmo tempo instituindo uma complementaridade entre eles. Expressões como “metade da laranja”, “tampa da panela”, “alma gêmea”, ou como explicitou uma usuária ao comentar a postagem nove - “*O aplicativo é bom – “Mas acho que eu sou uma frigideira. Não tenho tampa”*”, atuam na construção de representações do amor romântico. Em tais idealizações, o outro passa a ser alvo de nossas expectativas e a ser configurado como o responsável pela nossa felicidade, além de investido de um poder, a partir do qual “vai nos preencher, completar e fazer feliz” (FELIPE, 2007).

Saliento que tais representações posicionam homens e mulheres de maneiras específicas na sociedade a partir de dinâmicas sociais e jogos de saber/poder, tal como salientou Costa (1999: 42-43), ao afirmar que “representar é produzir

significados segundo um jogo de correlação de forças no qual grupos mais poderosos [...] atribuem significado aos mais fracos e, além disso, impõem a estes seus significados. Contudo, cabe mais uma vez assinalar que as identidades não são singulares e essencializadas, mas plurais, contraditórias, “diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (WOODWARD, 2007: 33).

Indico também sete manifestações masculinas que, a partir do mesmo post, mostram haver uma pluralização das expectativas que determinam a participação neste app, o que está apontado, por exemplo, nos seguintes comentários: “*É pq todo mundo tem a vã esperança de que as pessoas serão sinceras e irão responder: sexo!*”; e “*Procuro um relacionamento sério. Geralmente é uma ótima e verdadeira resposta*”.

Porém, uma das comentadoras ressaltou que se um homem inicia a conversa com tal pergunta e a interlocutora não pretende dar continuidade ao diálogo, o desencorajamento pode ocorrer através de uma resposta jocosa do tipo – “busco um marido” – correspondendo tal resposta a uma estratégia para “dispensar” o autor da postagem.

A partir destes comentários, pode-se dizer que homens e mulheres elencam muitos tipos de interesses ao participarem deste app: alguns buscam sexo casual sem serem, no entanto, explícitos e diretos; outros o fazem diretamente, como indiquei em análises anteriores apresentadas na seção “*Em busca do “Match perfeito”: Pedagogias de Gênero no Tinder e Facebook*” e outros/as, ainda, buscam fazer amizades, ou por vezes, buscam apenas um/uma interlocutor/a para conversar. Finalmente alguns/algumas buscam namoro, casamento, ou seja, os já referidos “relacionamentos sérios” no aplicativo. As respostas para a questão “O que busca aqui?” são, portanto, múltiplas e variadas e independem do gênero ao qual a pessoa se filia/identifica. Contudo, as reações que tais intencionalidades geram nos comentários são distintas, quando enunciadas por homens e mulheres, tal como detalho no próximo bloco de postagens (*posts* 10 e 11).

Os comentários dos/as usuários nas postagens analisadas incluem a referência a diversos vídeos que circulam no YouTube⁸² com tutoriais que ensinam como iniciar uma conversa assim que se conquista um “match”. Tais tutoriais prescrevem modos e abordagens que possibilitariam o estabelecimento de um diálogo produtivo, que poderia “aumentar as chances de conduzir o diálogo ao WhatsApp” e, por decorrência, a manutenção ou prolongamento da interação, bem como a marcação de um encontro presencial. Ainda que se trate de plataformas distintas, e de terem o YouTube e o WhatsApp propósitos e funcionamentos diferentes, considero importante referi-las para registrar ser esse um dos modos como todos estes artefatos se conectam e operam na construção de uma narrativa transmidiática, tal como salientou Jenkins (2009).

Não me aprofundarei na problematização do conteúdo de tais vídeos, contudo, considero importante referir, mesmo que brevemente, aspectos a que esses aludem, uma vez que também eles colocam em circulação discursos que orientam as narrativas que se constroem nas postagens e nos comentários aqui analisados. Os dois primeiros vídeos citados são tutoriais específicos para o público masculino e feminino, tendo o direcionado ao público feminino sido produzido por uma mulher e o direcionado ao público masculino por um homem. Ambos indicam que nas abordagens iniciais deve-se evitar perguntas clichês, tais como “Oi, tudo bem?”, “Boa noite!”, pois tais abordagens são impessoais e comuns.

Considerando que a maioria dos/as usuários/as que estão no Tinder interagem com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, é importante que o/a proponente da postagem se diferencie, utilizando-se de atitudes qualificadas de “autênticas” e que demonstrem dedicação a quem está com ele/a interagindo. O vídeo focado no público feminino incentiva as usuárias a chamarem o interlocutor pelo nome, a demonstrarem bom humor, leveza e a evitarem falar de problemas pessoais ou demonstrarem insegurança, através de perguntas, tais como: “Você está falando com outras garotas agora?”. Esse vídeo é concluído com a seguinte

⁸²Trata de vídeos tutoriais compostos de dicas e recomendações do que deve ser feito e o que deve ser evitado em tais conversas, como por exemplo: “Deu Match! E agora o que falar?”: <https://www.youtube.com/watch?v=NScVdnqjBnE>. Acessado em 13/09/2018. “Tinder: Como iniciar uma conversa no Tinder” <https://www.youtube.com/watch?v=Uirp3q8RkXk> Acessado em 13/09/2018. “Como Pegar o Telefone da Gata no Tinder”: <https://www.youtube.com/watch?v=kMabpfGxFkc> Acessado em 13/09/2018.

frase: “Se você busca um relacionamento longo e duradouro, falar sempre a verdade é o caminho certo!”.

No que tange às dicas específicas para homens, o vídeo é iniciado com a classificação dos usuários em dois grupos: os que utilizam expressões como “Oi”, “Tudo bem”; e os que utilizam frases prontas e decoradas, lidas em algum lugar ou réplicas buscadas no Tinder. A justificativa apresentada é a de que tais atitudes não geram retorno entre as mulheres, sendo necessário se destacar entre os outros “caras”, fazendo algo diferente, sendo criativo e sincero. Para desenvolver tais atitudes são apresentadas duas dicas: observar detalhes do Perfil da respondente para criar uma história a partir do que foi observado neste Perfil e, ainda, ser criativo e desenvolver conversas autênticas.

Já o terceiro vídeo dá dicas para transferir a conversa do Tinder para o WhatsApp, sendo o vídeo apresentado por um homem que inicia justificando a importância de conversar pelo WhatsApp, mais do que pelo Tinder, instância na qual as chances da usuária se distrair são muito grandes, sobretudo em função da possibilidade dessa estar conversando com “outros caras” ao mesmo tempo. Além disso, há o registro de que, com o tempo, muitas mulheres desinstalam o Tinder por enjoar do aplicativo, ou por encontrarem muitos “caras tarados” ou alguns que as “zoaram”. Outra vantagem é que geralmente elas permanecem no WhatsApp mesmo tendo saído do Tinder. São dadas quatro dicas neste vídeo e todas envolvem simular alguma situação, ou seja, mentir. São elas: 1- Simular um problema técnico no messenger do aplicativo; 2- Informar que as notificações do aplicativo não estão aparecendo; 3- Demorar para responder alguma pergunta e, depois de um tempo, explicar que não usa muito o aplicativo, por isso não respondeu antes; 4- Utilizar a curiosidade dela (faz um comentário sobre o Perfil da interlocutora com tom de suspense sobre a opinião dele e para de falar). Todas essas situações devem ser concluídas com a solicitação do número do WhatsApp.

O conteúdo de tais vídeos, bem como as mídias em que são (re)produzidos, compartilhados, visualizados e comentados, possui, tal como indicou Sales (2010), estatuto pedagógico altamente profícuo na produção de modos de pensar e agir, instituindo modos específicos de educar. Em tais artefatos “surgem diferentes formas de se divertir, de fazer rir, de se relacionar, de se comunicar, de viver, de falar de si e da/o outra/o, de exercer poder e de resistir” (SALES, 2010:34).

Já o *post* oito “Escuta aqui, acho que meu app ta com Bug...” consiste no desabafo de um usuário que, em tom de brincadeira, refere não ter recebido nenhum *match* em um determinado período de tempo. Tal declaração mobiliza muitos/as usuários/as a se expressarem e a relatarem vivências semelhantes, utilizando-se para isso do humor. De acordo com Rosa e Santos (2013), um dos fatores, que mobiliza as ações “compartilhar, comentar e curtir”, no Facebook, é a identificação com o proponente/comentarista, sendo esse aspecto que mobiliza e produz a “tendência a representar-se por meio de postagens compartilhadas” (ROSA; SANTOS, 2013: 66).

As narrativas em torno desse *post* indicam algumas das estratégias de que os/as usuários/as se valem para serem vistos/as e interagirem com os/as demais. Essas se referem à operacionalização do aplicativo e às configurações que os/as usuários/as organizam com vistas a encontrarem pessoas dentro do perfil desejado. Os comentários: “*Aumenta a distância, aumenta a faixa etária de idade, mas não tem jeito NE?!*”, “*Já aceitei que sou feio mesmo. Mais de um mês usando o Tinder e não tive uma combinação sequer!*” e “*Ou o cara escolhe demais...*” indicam que quanto mais exigente a pessoa for, menos chances terá de receber *likes* e conquistar *matches*.

Cabe registrar que, a partir do momento em que as pessoas se sentem frustradas e/ou fracassadas em tais buscas, se veem diante da necessidade de rever e alterar critérios iniciais, ampliando o contingente de pretendentes e as chances de *match*, ainda que tais dinâmicas não sejam consideradas próprias ao Tinder, tampouco peculiares à pós-modernidade. Pode-se dizer que esta prática de alterar critérios iniciais é bastante usual, ocorrendo toda vez que temos expectativa de conhecer pessoas que se enquadrem em determinadas características e que, por diversos motivos, isto não se realiza. E tal estratégia – a ampliação das condições de aceitação do *match* - usualmente permite que se conheçam pessoas com as quais, inicialmente, não se cogitava interagir. Essa é uma prática comum entre as dinâmicas que compõem a busca de parceiros/as dentro e fora dos ambientes digitais, desde que passamos a ter a possibilidade de escolher nossos/as parceiros/as. Contudo pesquisadores como Long (2010), Illouz (2011), Miskolci (2014) e Figueiredo e Souza (2017) indicam que as peculiaridades da seleção de parceiros/as através de sites e aplicativos de relacionamento concentram-se na

racionalização destas escolhas. Esta racionalização decorre do grande número de opções de perfis que cada um/uma encontra nestes artefatos, o que leva à busca do “melhor dos melhores” (FIGUEIREDO; SOUZA, 2017).

Sobre a procura de parceiros/as por meio de artefatos digitais, Hogan, Li e Dutton (2011) apontam que, geralmente, essa se faz como um complemento às buscas desenvolvidas fora deles, configurando-se essa busca como uma mescla entre redes de contato offline e online, o que amplia as alternativas e oportunidades de encontro de um/uma parceiro/a. No entanto, as estratégias utilizadas em ambos os espaços são muito semelhantes e correspondentes às práticas culturais vigentes no contexto em que seus/suas usuários/as estão inseridos/as.

Pode-se dizer que contam no movimento de ampliação das condições aspectos tais como a juventude dos/as usuários/as, bem como a proximidade geográfica entre os/as usuários/as. Além disso, a beleza física também é referida com um dos atributos mais valorizados no Tinder, aspecto reafirmado nas narrativas instituídas nas postagens. Como Lipovetsky (2010) referiu, juventude e beleza são características altamente valorizadas na lógica de consumo que permeia as relações na hipermodernidade. Nesta direção, alega Bauman (2005: 98), que todos estamos dentro e no mercado”, ora como clientes, ora como mercadoria. Portanto, tais atributos também não são valorizados exclusivamente nos espaços digitais.

Constantino (2018), ao discorrer sobre a exposição de suas interlocutoras no Tinder, indica que esse é um espaço de exposição da própria imagem e de busca de aprovação a partir do olhar alheio. Suas interlocutoras utilizam expressões tais como “vitrine” e “açougue” para caracterizar o espaço de apresentação no Tinder. Tais indicativos não só reafirmam a valorização da beleza no Tinder, mas, também indicam que o “olhar alheio” torna-se um balizador dos modos de apresentação (imagética e/ou textual), interação e seleção de possíveis parceiros. E isso permite ressaltar o quanto as identidades são configuradas e produzidas nas interações “entre o eu e a sociedade” (HALL, 1997: 11) e, nestes casos, através de experiências culturalmente construídas por meio de interações afetivo/sexuais em que vamos aprendendo a ser homens e mulheres, a nos relacionar e a ocupar os lugares que vão sendo discursivamente construídos e atribuído a cada um de nós.

No caso desta investigação, as narrativas produzidas a partir do que está contido nos Perfis do Tinder, nas postagens e nos comentários das Páginas do

Facebook analisadas, operam como uma pedagogia de gênero na qual “as contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” em uma identidade masculina ou feminina “normal” e “duradoura”” (LOURO, 2000: 17).

Constantino (2018) refere, também, que muitas das suas interlocutoras no estudo que conduziu indicaram recorrer a estereótipos femininos e a performances já estabelecidas e consideradas satisfatórias no momento de configuração de seus perfis. Ou seja, elas assumem atitudes e estratégias aprendidas nesta instância e em outras mais para aumentar as chances de sucesso no aplicativo, bem como a possibilidade de aprenderem modos de se narrar, abordar e interagir no Tinder. Tais considerações aproximam a dissertação de Constantino (2018) das reflexões que faço nesta Tese relativamente às problematizações levantadas.

Cabe lembrar, a partir de Costa, Silveira e Sommer (2003:57), que

a pedagogia da mídia refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia, entre outras.

A partir da noção de pedagogia cultural ampliam-se as áreas, campos e instituições pensadas como pedagógicas, tendo Steinberg (2001: 14) definido que “áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido”. As narrativas que os sujeitos fazem de si no app, no Facebook e em outras redes sociais, têm efeitos sobre os/as interlocutores/as que as acessam – esses/as ora mobilizam e ganham adesões ao que estão dizendo, ora são rechaçados, por vezes ironicamente, outras vezes de forma agressiva, até mesmo como o uso de termos de baixo calão. Neste processo que envolve disputas, adesões, confrontos, etc, se aprende e se ensina ser a homem, mulher, bem como a interagir e a expressar sentimentos de maneira a provocar aceitação, não apenas nos ambientes digitais como, também, fora dele. Relembro, a partir de Woodward (2000), que as representações fomentam a constituição de identidades, sendo as significações atribuídas à feminilidade e a masculinidade construções socioculturais datadas e entrelaçadas.

No comentário *“Pra eu conseguir pegar uma garota bonita pelo Tinder eu tenho que add ela no FB e desenrolar”*, é possível perceber não só a apropriação e o uso de estratégias de sedução que perpassam as redes, mas também o pressuposto de que há diferenças entre as estratégias de sedução de que se valem homens e mulheres. Ou seja, há diferentes práticas representacionais acionadas na conquista realizada no ambiente midiático, estando entre essas a recomendada “estratégia” de “dizer o que as mulheres querem ouvir”, independente do teor de verdade que isso carregue. Neste mesmo comentário, o proponente/interlocutor declara ser necessário deslocar as conversas estabelecidas para outras instâncias midiáticas para fazer “progredir” o relacionamento. Ou seja, ele ressalta que as usuárias do Tinder buscam confirmar a identidade informada pelo proponente do relacionamento neste app, valendo-se do perfil do Facebook, que solicita informações mais detidas, além de mapear e indicar pessoas conhecidas daquele usuário. Tal deslocamento pode ser entendido como uma estratégia voltada a reduzir riscos nos relacionamentos, tendo sido esta registrada nos estudos conduzidos por Constantino (2018), Figueiredo e Souza (2017) e Pereira (2017).

Figueiredo e Souza (2017) fazem referência ao sucesso alcançado pelos aplicativos por sistema de geolocalização, inicialmente entre usuários homossexuais, sobretudo homens, associando este sucesso às questões de segurança. Aliás, atualmente, tais artefatos vêm gradativamente conquistando adeptos e se consolidando como uma alternativa para o encontro de parceiros/as também entre o público feminino.

A postagem nove indica uma interação estabelecida pelo Tinder que “deu bom”, ou seja, um relacionamento que “deu certo”, pois resultou em um casamento, seguido de gravidez. Muitas pessoas reagiram a essa postagem identificando-se com a situação relatada e descrevendo suas experiências com o aplicativo, tal como foi registrado nos seguintes comentários: *“Ainda bem que esse app existe!, “Eu tbm conheci o meu pelo aplicativo”⁸³ e “Tb tenho um filho de Tinder!”⁸⁴.*

Há, ainda, outras manifestações, tais como as que se seguem: *“Conheci um homem, saímos. Começamos a namorar, fomos morar juntos. Dia 16 completamos seis meses de casado e em janeiro vamos fazer três anos juntos”; “Tinder só uma*

⁸³ Quinze pessoas se manifestaram com expressões muito semelhantes a essa.

⁸⁴ Cinco outras pessoas indicaram também ter passado por essa experiência.

ressalva: não uso mais o aplicativo pq já encontrei meu Tinderelo por esse app já fazem dois anos e quatro meses e se Deus quiser vamos oficializar ano que vem, no casório e o topo do bolo vai ser o logo do Tinder.... né?"; "Tb conheci o meu por este app! É difícil, tem que filtrar bastante". É possível dizer que este conjunto de comentários constrói uma narrativa de sucesso para o Tinder, no que se refere ao estabelecimento de relacionamentos afetivos estáveis e duradouros. Neste sentido, Figueiredo (2016) associa este aplicativo a mecanismos "normativos de gênero", pois dele tem-se utilizado sujeitos (homens e mulheres) que almejam encontrar marido/esposa, casar-se e constituir família.

Porém, Figueiredo (2016) também indica que há mulheres que utilizam o Tinder por curiosidade e outras por diversão, sendo relevante problematizar o significado da expressão "dar bom". Para usuários/as que objetivam sexo casual, por exemplo, e realizam essa modalidade de relacionamento através do Tinder, também é possível dizer que para eles "deu bom", quando esses encontraram os relacionamentos efêmeros e transitórios que pretendiam. Ou seja, a expressão "deu bom", tal como tantas outras utilizadas para designar ou qualificar o sucesso alcançado relativamente a um determinado propósito, tem seu significado ligado à práticas culturais gestadas a partir de discursos que circulam no âmbito da cultura em determinado tempo.

Como Foucault (1995: 56) nos ensinou, os discursos são "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam". A problematização da expressão abriu espaço para a pluralização de seus significados ampliando, também, a quantidade de sujeitos que podem acessá-la. Assim, a expressão "deu bom" anuncia sucesso, que nesse caso diz respeito às relações afetivo/sexuais, e não apenas as que resultaram, necessariamente, em compromissos "sérios". O aplicativo serve a diferentes intenções de relacionamentos, mesmo que, no momento, os/as usuários/as do Facebook que se manifestaram nas postagens que examinei tenham compartilhado, apenas, experiências de relacionamentos estáveis e heterossexuais, posicionando-as como bem sucedidas. Ou seja, as postagens que examinei têm reafirmado que a heteronormatividade impõe-se como um regime de visibilidade que atua como um modelo regulador da maneira como as pessoas se relacionam (MISKOLCI, 2017). Os comentários reproduzidos consagraram o que Miskolci (2017: 46) ressaltou ao indicar que "uma relação só é reconhecida

socialmente se seguir o antigo modelo do casal heterossexual reprodutivo”. Se pensarmos que pessoas que buscam e realizam outras modalidades de relacionamento valendo-se do Tinder não se permitem comentar e compartilhar suas outras experiências neste espaço, podemos interpretar tal atitude como um “procedimento de exclusão/ interdição” (FOUCAULT, 2002), que impede que alguns/algumas possam nele se manifestar.

Foucault (2002: 09) indicou, também, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” Assim, mesmo neste site de relacionamentos (re)afirmam-se, portanto, jogos de poder em torno da vivências dos afetos e da sexualidade e, conseqüentemente, em torno das identidades dos sujeitos.

Ainda cabe referir o comentário: “*Imagina como eles vão contar pra a criança onde se conheceram*”, que aponta para um outro tipo de preconceito - muitos/as usuários/as que utilizam o Tinder têm vergonha de fazê-lo. Tal sentimento pode ser associado ao preconceito que o uso de aplicativos ainda sofre, o qual é construído e fortalecido a partir de afirmações reproduzidas no cotidiano e expressas em espaços como as redes sociais digitais. Soma-se a isso a atribuição de rótulos para as pessoas que utilizam esses aplicativos presentes em afirmativas, tais como; “não conseguem ninguém fora deles”; “estão desesperadas”; “são feias” e “têm dificuldade em se relacionar”. Figueiredo e Souza indicam (2017: 37) que tais

preconceitos incluem a preocupação com a segurança, o medo de desilusões e a crença de que relações iniciadas pela internet são superficiais e efêmeras. Os sites e apps ainda são vistos por alguns como a ferramenta dos “encalhados” e das pessoas com dificuldades sociais, o que não se confirma nas pesquisas de campo, em que os usuários se referem a essas ferramentas como “mais uma” estratégia utilizada para a busca de parceiros, não a única. [grifos das autoras]

Outros comentários coletados seguem em direção semelhante aos citados, confirmando as observações feitas por Figueiredo e Souza (2017) tanto no que se refere ao preconceito quanto ao uso de aplicativos, quanto no que tange ao aplicativo como um facilitador, uma ferramenta para que pessoas que não têm tempo ou não gostam de sair à noite, ou são tímidas, e têm dificuldade para abordar as pessoas por quem estão interessadas, sintam-se mais seguras em sua busca por parceiros, que lhes ofereçam um relacionamento que lhes satisfaça.

O Tinder é divulgado como um aplicativo para solteiros/as, principalmente heterossexuais. Circulam nas mídias digitais reportagens que se dedicam ao mapeamento do perfil de seus usuários/as, estando entre os itens analisados o “status de relacionamento” e a infidelidade. Enquanto pesquisas produzidas por diferentes empresas indicam que a quantidade de usuários/as casados/as no Tinder se aproxima dos 30%⁸⁵, outras⁸⁶, que envolveram entrevistas com representantes do grupo “Match”, empresa responsável pelo Tinder, indicam que o percentual desse contingente gira em torno de 2% ou 3%.

Em se tratando de estratégias específicas de homens e mulheres no Tinder as narrativas indicam que os homens são mais diretos em suas abordagens, mas, a maioria opta por realizar o “ritual hipócrita” de conversar e falar o que eles acreditam que as mulheres querem ouvir. Os que subvertem esse “ritual” e agem com objetividade, em muitos casos, agressividade, são considerados sinceros e autênticos, pois se enquadram em construções discursivas que reafirmam a performatividade de gênero inteligível.

As narrativas que se gestam a partir das postagens de número dez: “*Imagina se não fosse gente boa!*” e onze: “*É vapt e vupt!*” referem-se a diferentes expectativas instituídas sobre o aplicativo e suas respectivas estratégias para capturar possíveis parceiros/as.

⁸⁵ Dentre as quais indico: “Pesquisa mostra que 30% dos usuários do Tinder são casados”: <http://kzuka.clicrbs.com.br/lifestyle/noticia/2015/05/pesquisa-mostra-que-30-dos-usuarios-do-tinder-sao-casados-4755753.html> e “42% dos usuários do Tinder estão comprometidos, diz pesquisa”: <https://www.psafec.com/blog/segundo-pesquisa-42-dos-usuarios-do-tinder-estao-comprometidos/>. Acesso 02/09/2018.

⁸⁶ Dentre as quais refiro: “Tinder: casados são 2% dos adeptos e app diz criar “conexão significativa””: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/08/tinder-casados-sao-2-dos-adeptos-e-app-diz-criar-conexao-significativa.html> e “Tinder se defende e diz que menos de 2% dos usuários do app são casados”: <https://www.tecmundo.com.br/apps/84694-tinder-defende-diz-2-usuarios-app-casados.htm>. Acessado em 01/11/2018.

Quadro 11: Post 10

Post 10 “Imagina se não fosse gente boa!”

12/12/2016 101 comentários



“Grifa a parte "tipo só pra não ficar sozinho" isso a é medo de ser solteiro.” (M)

“Curto fidelidade”, e está em site de relacionamento sendo que tem namorada...Ja perdi a conta de qntos conhecidos "pseudos" solteiros dando essa letra no app.” (M)

“Varias moças reclamando que ele quer fidelidade mas não da. Já vi varias moças no Tinder que estão em relacionamento. Elas também se encaixam nos palavrões que os homens infiéis se enquadram?” (H)


“Imagina se ele não gostasse de fidelidade.” (H)

“Omi sendo omi”. (M)

Qual a pérola no caso? O App tem alguma proibição? (H)

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 12: Post 11

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 11- É vapt e vupt!</p> <p>18/01/2017 – 79 comentários</p> 	<p>"Meu boy não pode ficar sabendo", coitado desse seu "boy" hein?! Eu realmente nunca vou entender pq as pessoas fazem isso..." (H)</p> <p>"Putá, puta, tudo puta..." (H)</p> <p>"Se for pra pegar puta eu vou em um bordel e não ficar perdendo tempo no Tinder." (H)</p> <p>"Não deveria ser engraçado em nenhum caso, nem com homem nem com mulher, isso é uma falta de respeito com a(o) companheira(o)". (H)</p> <p>"Termina ué? Se for pra ser assim então entra em um relacionamento aberto." (H)</p> <p>"Essa Page é ridícula! Postou vários prints de HOMENS fazendo isso e agora quando é uma MULHER, não tem nenhuma crítica, legenda dizendo que era pra não borrar o nome do indivíduo, nenhum esculacho!" (M)</p> <p>"Fazer o mesmo porque ele fez a torna tão errada quanto ele. Isso é coisa de puta, e se ele fizer o mesmo então ele não possui honra". (H)</p> <p>"Vaca" (M)</p> <p>"A XXX fala minha língua". (M)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Selecionei estes perfis para compor essa seção por considerar que eles indicam as expectativas que seu/sua autor/a tem em relação às dinâmicas de afetividade possibilitadas pelo Tinder e às estratégias utilizadas nestas dinâmicas. Além disso, porque estes Perfis subvertem a representação tradicional que masculiniza o desejo e feminiliza o amor, tal como foi registrado por Connel (2002) e Kimmel (2004) em relação à outras situações.

Considero, inicialmente, o que entendi ser peculiar a cada uma dessas postagens. No *post* dez, intitulado: *“Imagina se não fosse gente boa!”*, o autor da postagem se descreve como uma boa pessoa, trabalhador, simples e esforçado, que aprecia fidelidade, respeito e que, apesar de gostar de música e frequentar bares, não está mais disposto a ir *“a baladas”*, ou seja, a sair com o objetivo de encontrar alguém em bares, festas e boates. Ele refere estar em busca de um relacionamento sério, anuncia a pretensão de ter filhos/as e de formar família, sendo este o motivo que o leva a estar buscando uma mulher que procure os mesmos objetivos. Registro que usualmente, a partir da inteligibilidade heteronormativa, espera-se que mulheres, não homens, busquem parceiros para *“formar família”*, sobretudo, quando se trata de valer-se de um aplicativo de relacionamento, como foi indicado diversas vezes nas postagens analisadas na seção anterior. A idealização da família pauta-se, geralmente, na *“a ideia de [que] família compõe-se de três peças: o casamento (o homem e a mulher), a casa e os filhos”* (SARTI, 2011: 72) [grifo meu], sendo essa representação que vejo estar invocada por este usuário.

Esse descreve-se como *“ajeitadinho”* e justifica a não inserção de fotos no perfil por ainda estar em um relacionamento, que qualifica *“sem futuro”*, no qual permanece *“para não ficar sozinho”*. A pergunta que é suscitada por seu relato é: e por que ele permanece neste relacionamento – por comodismo, conformismo, dependência emocional ou financeira? Uma das usuárias do Facebook que comenta esse *post* ironiza a sua pretensa fidelidade, enquanto outra relata já ter perdido a conta de quantos conhecidos *“pseudos solteiros”* dando essa letra no app”, *“Imagina se ele não gostasse de fidelidade.”*, ao que outra comentarista ajunta - *“Omi sendo omi”*. E aqui invoca-se, tal como sucedeu em comentários examinados na seção deste estudo, *“Em busca do “Match perfeito”: Pedagogias de Gênero no Tinder e Facebook”*, uma narrativa sobre a infidelidade masculina, que acaba sendo condensada na expressão *“omi sendo omi”*.

O século XX colocou em curso alterações nos modos de vida, sobretudo, nos centros urbanos, que vêm sendo intensificadas no século XXI, as quais se estendem a instituições sociais tais como a família, a igreja e o trabalho. Disso decorrem alterações importantes na vida dos sujeitos, como também dos papéis sociais por esses desempenhados como homens e mulheres. Através dos movimentos feministas, as mulheres vêm conquistando mais independência financeira, intelectual e crescente igualdade e democratização nas relações (NEVES, 2008), o que lhes têm oportunizado escolher seus parceiros. O casamento foi deixando de ser fonte de sobrevivência para as mulheres e os relacionamentos foram sendo estabelecidos a partir da afetividade e se tornando mais livres e fluídos (RÜDIGER, 2013). Em decorrência disso, “o companheirismo e o sexo tornaram-se as principais referências dos relacionamentos. [...] o primeiro colocou-se em bases igualitárias e não mais patriarcais. O segundo providenciou seu ingrediente essencial” (ibidem:51).

Del Priore (2012: 180) refere que no final do século XIX, no Brasil, “a fidelidade feminina parecia ser a “grande” virtude exigida das mulheres, pois elas tendiam a ser traiçoeiras” [grifos da autora]. As mulheres divorciadas, separadas e que fossem acusadas de infidelidade eram denominadas de “perdidas”, de maneira que as mulheres de “moralidade suspeita” deveriam ser evitadas.

O post onze, identificado como: “*É vapt e vupt!*”, apresenta o Perfil de uma mulher que tem namorado e procura sexo casual. Sua postagem recebeu muitos comentários masculinos. Um deles problematiza a maneira como a infidelidade é abordada quando desempenhada por homens ou mulheres. Disse ele: “*Varias moças reclamando que ele quer fidelidade mas não da. E já vi varias moças no Tinder que estão em relacionamento. Elas também se encaixam nos palavrões que os homens infieis se enquadram?*”. Seu comentário problematiza a reação, sobretudo, a indignação de mulheres em relação à narrativa composta no Perfil do autor do post dez. O comentário, ao mesmo tempo que esboça uma defesa do autor do post anteriormente comentado, problematiza a reação das mulheres em relação à infidelidade feminina.

Sabemos que a infidelidade não é avaliada da mesma forma quando praticadas por homens e mulheres, como pode ser verificado nos comentários do post doze que trata de uma situação de possível infidelidade feminina: “*Meu boy não pode ficar sabendo*” e entre os comentários estão os que lastimam a situação do

traído: *coitado desse seu "boy" hein?!*; os que registram o não entendimento da atitude da mulher: *"Eu realmente nunca vou entender pq as pessoas fazem isso..."* e *"Não deveria ser engraçado em nenhum caso, nem com homem nem com mulher, isso é uma falta de respeito com a(o) companheira(o)"* e os que a ofendem com termos pejorativos *"Putá, putá, tudo putá..."*; *"Vaca"* e *"Se for pra pegar putá eu vou em um bordel e não ficar perdendo tempo no Tinder"*.

Outros comentários envolvem conselhos: *"Termina ué? Se for pra ser assim então entra em um relacionamento aberto."*; *"Fazer o mesmo porque ele fez a torna tão errada quanto ele. Isso é coisa de putá, e se ele fizer o mesmo então ele não possui honra"*. Já o comentário: *"Qual a pérola no caso? O App tem alguma proibição?"* indica complacência e naturalização da infidelidade, sendo possível, também, inferir uma atitude de defesa do usuário.

Os demais expressam o incômodo por ele gerado, especialmente, entre os homens que comentaram tais *posts*. E tal desconforto pode ser associado a construções culturais em torno da masculinidade e virilidade, que acatam as infidelidades masculinas, ao mesmo tempo que rejeitam a infidelidade feminina e posicionam negativamente os homens que são traídos.

Miskolci (2017) indica que, nas situações de infidelidade, os xingamentos, a injúria e um comportamento agressivo em relação ao "outro infiel" constituem-se em modos de regular padrões de comportamento. Afirma ele: "essas violências são expressão [...] de terrorismo cultural" (MISKOLCI, 2017:34). Esse terrorismo coíbe comportamentos femininos reprovados socialmente. Em relação a tais aspectos é importante atentar para *Quem* está falando, sobre *o que* está falando e para *quem* está sendo referido, pois esses elementos compõem um discurso no qual os significados culturais são representados, apreendidos e a partir dos quais, segundo Wortmann (2007: 85) alertou ao focalizar outras situações: "definem-se [...] as identidades desses sujeitos e os seus posicionamentos ou reposicionamentos no mundo". Foucault (1988: 21) propõe que pensemos sobre a noção de "vocabulário autorizado", sendo através desse que se manifesta o controle e o policiamento das enunciações, e a regulação "do próprio desejo" (p. 26). Assim, as práticas são (re)produzidas ou cerceadas através de formações discursivas que sustentam modos de ser homem e de ser mulher, as quais, algumas vezes, estão veladas pelas próprias regras culturais que as moralizam ou banalizam. Portanto quando

esses usuários estão posicionando a autora do *post* como “puta” e reprovando a busca dela por sexo casual por ela estar em um relacionamento, estão interditando e regulando o comportamento de todas as demais mulheres que assim se portarem.

Já o seguinte comentário foi produzido por uma mulher que questionou o fato do nome da autora do *post* ter sido exposto: “*Essa Page é ridícula! Postou vários prints de HOMENS fazendo isso e agora quando é uma MULHER, não tem nenhuma crítica, legenda dizendo que era pra não borrar o nome do indivíduo, nenhum esculacho!*”. Ela denuncia o desigual tratamento atribuído às mulheres e homens na reprodução deste *post*, pois a autora desse Perfil não teve sua identidade preservada, como usualmente ocorre se o autor do *post* for um homem.

Ressalto que tais postagens mobilizaram muitas reflexões em mim, pois indicam que homens e mulheres até podem utilizar o aplicativo de maneira semelhante, havendo, no entanto, um borramento de fronteiras entre o que é esperado e permitido a homens e mulheres. Há entre os autores dos *post* algumas ações que podem ser qualificadas de “ousadas”, tanto por parte de homens, quanto de mulheres, mesmo que os comentários tecidos sobre seus perfis tendam a julgá-los/as e enquadrá-los/as em “normas regulatórias”, como Butler (2010) apontou existirem no contexto social. Saliento, ainda, a partir de Louro (2008:21), que “para que se compreenda o lugar atribuído às relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

Tanto o autor do *post* dez como a autora do *post* onze, por motivações e desejos diferentes, expressam estar dispostos à infidelidade. A maioria dos homens, que comentaram o *post* dez do Perfil masculino, reagiu naturalizando, compreendendo e justificando tal atitude. Já, quando se tratou de um Perfil feminino, tal atitude foi comentada em sua maioria por homens, com tom pejorativo e agressivo, explicitando a desigualdade entre homens e mulheres na arena das vivências da sexualidade.

Tais questões impeliram-me às seguintes reflexões: A autora do *post* onze declara estar em um relacionamento estável com um homem e ainda assim deseja sexo com outras pessoas, que, aliás, pelo Perfil não fica claro que seja apenas com homens. Além das questões usualmente pautadas para justificar situações semelhantes a essa, que envolvem insatisfação sexual e/ou insatisfação com o

relacionamento, penso ser possível pensar que ela não necessariamente esteja insatisfeita com o seu parceiro, mas que busque ter experiências sexuais com mais de uma pessoa. Ou, ainda, que ela está em busca de diferentes experiências sexuais, sem desejar abrir mão ou afetar seu atual relacionamento. Esse Perfil rompe a lógica dos relacionamentos heteronormativos e a premissa de que mulheres não desejam sexo apenas por prazer.

Pesquisadores como Kimmel (2004, 2013), Illouz (2012) e Mikolci (2014) referem que um número considerável de pessoas heterossexuais demonstram adiar relacionamentos afetivos estáveis. Rüdiger (2013) atribui tal situação, entre outras, ao individualismo impulsionado pelas relações de consumo que abriu espaço para vivências de amor livre, bem como às demandas cotidianas da vida das pessoas que vivem em centros urbanos e à sensação de incerteza sobre o futuro, associadas à possibilidade de conhecer pessoas a partir de “um toque na tela do celular” e do estabelecimento de relações sem compromissos.

Outra questão que gostaria de pautar diz respeito as pessoas utilizarem, em todas as postagens analisadas, inclusive nas que não foram selecionadas para compor as análises desse estudo, expressões chulas e ofensivas à homossexualidade, como uma maneira de ofender o/a autor/a da postagem que lhe soa inapropriada. Cito como exemplo os comentários registrados na postagem onze: *“Então ele é gay e quer um omi, pq ta chiando de mulher”*; e *“Satisfazer o desejo de levar um fio terra”*; ou, ainda, a seguinte afirmação que compõe um comentário no post “[...] case com seus Amigos e dê o seu C... pra eles também”, analisado na seção anterior. Miskolci (2017: 44) assinala que “quando alguém xingar o outro de algo, por exemplo, quando chamar a pessoa de “sapatão” ou “bicha”, não está apenas dando um “nome” para esse outro, está julgando essa pessoa e a classificando com um objeto de nojo” [grifos do autor]. Butler (2010:155) argumenta que a abjeção caracteriza zonas “inóspitas” e “inabitáveis” que constituem o “limite delimitador do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação [...]”. Os sujeitos são transformados em abjetos através de práticas regulatórias, portanto, eles são reiteradamente posicionado neste lugar, por perturbar a identidade, o sistema e a ordem (MISKOLCI, 2017).

Já referi, a partir de Butler (2010; 2015), Preciado (2017), Foucault (1988), que a heterossexualidade é socialmente construída através da linguagem nos

discursos, nos atos performativos e nas representações constantemente reiteradas. Seidman (1995:126) aponta para como “permanece intocado o binarismo heterossexual/homossexual como referência mestra para a construção do eu, do conhecimento sexual e das instituições sociais”, registrando, portanto, que a heterossexualidade e a homossexualidade constroem-se de maneira mútua e independente.

Os aplicativos de relacionamento oferecem um diferencial em relação às dinâmicas de relacionamento estabelecidas até então pessoalmente e/ou através de sites de relacionamento, através da geolocalização e da conexão em tempo real. Isso permite que as pessoas estejam permanentemente “na pista⁸⁷”, a “um passo” de conhecer alguém interessante. Em uma sociedade marcada pela rapidez, instantaneidade e, entre outros aspectos, pelo acúmulo de tarefas, os aplicativos apresentam-se como alternativas eficazes para muitas pessoas. Aplicativos como o Tinder ultrapassam as funcionalidades da internet, “abolindo a separação entre espaços físicos e digitais” (FIGUEIREDO, 2017: 15). Cabe referir que grande parte das pesquisas (JUSTO, 2005; OLIVEIRA, 2007), que focalizam relações afetivas realizadas por meio de aplicativos de relacionamento, discorrem sobre afirmações de tais aplicativos favorecem a aproximação das pessoas, mas prejudicam o estabelecimento de vínculos duradouros, pois mobilizam relacionamentos breves, voltados à satisfação individual e imediata, pautada na cultura do descarte instituindo relacionamentos por vezes chamados de relacionamentos “de bolso”. Para Gonçalves (2000: 41), “os cenários online representam um território em que prospera a aventura banal”.

Baumann (2004) indica que as relações afetivas desenvolvidas na sociedade líquida (pós-moderna) são frouxas e leves, podendo ser eminentemente descartáveis, baseadas no prazer e no impulso. A maioria dos sujeitos coloca seus desejos, bem como a necessidade de liberdade como prioridade e isso os torna incapazes de se relacionarem afetivamente com os outros, pois o compromisso com o outro tende a limitar a liberdade individual. Para o autor, a aproximação entre as pessoas é mobilizada pela atração sexual que idealizada inicialmente parece ser perfeita, mas que, com o passar do tempo, é desfeita e o relacionamento acaba.

⁸⁷Estar disponível, à procura, à caça de parceiros. Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/na+pista/>. Acessado em 01/11/2018.

Tais características produzem a sensação de perigo e vulnerabilidade às pessoas que cogitam investir em uma relação afetiva, uma vez que essas correm o risco de investir significativamente em um relacionamento que, aos primeiros sinais de desgaste da relação, as leva serem abandonadas, excluídas, descartadas.

Além do individualismo apontado por Bauman (2004), autores como Castells (2000) e Lipovetski (1996) apontam para o narcisismo como uma característica própria dos dias atuais. Isso imprime um estilo de vida consumista e hedonista às pessoas que passam a preocupar-se demasiadamente com mostrar-se, narrar-se e serem vistas e curtidas. Neste cenário, Lipovetski (1996: 77) refere que “quanto mais possibilidades de encontro há, mais a sós se sentem os indivíduos, bem como mais livres, ao mesmo tempo em que as relações se tornam emancipadas das velhas sujeições, tornando mais rara a possibilidade do encontro de uma relação intensa. Em toda parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir”. Este se constitui no “cenário apocalíptico” (ZAGO, 2016) das relações afetivas em que as transformações dos laços afetivos e experiências sexuais, realizadas através de sites e aplicativos de relacionamento são percebidas e consideradas pouco produtivas, fadadas ao fracasso e à falência de habilidades para formar ou manter relações afetivas (GUEDES; PINHEIRO, 2000).

Usualmente pessoas, mesmo as que possuem pouca experiência no aplicativo, referem-se ao Tinder como um “cardápio humano”, ou como uma “vitrine”, ou ainda um “açougue”. Ainda que possamos fazer analogias e estabelecer comparações metafóricas através dessas, entre outras “denominações”, eu as considero pejorativas, uma vez que reduzem os significados das relações estabelecidas pelo aplicativo. Wortmann (2001: 157) refere que nos processos de produção de significados

[...] há sempre diferentes circuitos de significação circulando. Isso me remete a ressaltar que a produção dos significados está sempre associada a lutas de poder - essa produção se inscreve em relações de poder - e é nesse processo que, se define, por exemplo, o que é "normal" (ou não) em uma cultura, ou quem pertence a um determinado grupo, ou é dele excluído.

Cabe agora indagar: quando frequentamos a balada⁸⁸ o nosso primeiro modo de mapear possíveis pretendentes não é pela aparência das pessoas? A partir desse contato inicial, geralmente, escolhemos nossos possíveis parceiros/as que não deixam de ser “vítimas para abater”. Para tal, faz-se necessário construir estratégias para mostrar-se, colocar-se “na pista” e, muitas vezes, utilizar nosso próprio corpo para chamar a atenção de quem nos interessa. Assim, em nossas primeiras interações, falamos, sobretudo, de nossas qualidades e potencialidades, omitindo detalhes não tão interessantes. Nem sempre procuramos namorado, casamento, relacionamento estável nestes eventos, às vezes só desejamos conversar, conhecer pessoas, diversão e também sexo.

Com essa breve reflexão, não quero indicar que as dinâmicas de afetividade estabelecidas dentro e fora de ambientes virtuais sejam iguais: há diversas peculiaridades que caracterizam cada uma destas vivências. Em um evento em que a interação é face a face não há, por exemplo, de maneira geral, espaço para a emissão de julgamentos, opiniões e produção de polêmicas em torno do comportamento das outras pessoas que ocupam este espaço. Nas redes sociais digitais tais atitudes não só são permitidas como induzidas e reiteradamente motivadas, pois elas se abastecem e se mantêm através de tais dinâmicas. Neste contexto, indica Forechi (2018: 50), “as opiniões [...] são fáceis, rápidas, sem muita reflexão, instintivas e impulsivas. Como todos querem ter razão, o ambiente digital se constitui em um palco certo para as polêmicas e as “confusões”” [grifos da autora].

As práticas de afetividade/sexualidade estabelecidas por meio de mídias digitais podem ampliar as possibilidades de experiências interativas, as quais têm implicações nas compreensões e modos de ver e de se relacionar *com e no* mundo, pois, como nos ensinou Foucault (2009:10), “[...] a experiência pode ser compreendida como a correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade”.

Rüdiger (2013:124) preconiza que os relacionamentos afetivo/sexuais estabelecidos na contemporaneidade

⁸⁸Balada é o nome popular no Brasil para casa noturna que tem semanalmente: música eletrônica, shows ao vivo, etc. Fonte: <http://www.qualeagiria.com.br/giria/balada/>. Acesso 03/11/2018.

[...]não estão se tornando mais problemáticos do que foram. O que acontece agora é, antes uma variação do seu caráter e de suas circunstâncias, pois se, de um lado eles passaram a depender cada vez mais de situações de mercado, de outro, eles não só estão adquirindo reflexividade como, talvez por isso mesmo, passaram a ser vistos em termos cada vez mais técnicos e estratégicos.

O autor discorre sobre as transformações sociais peculiares ao nosso tempo, que demarcam cada um de nós em diferentes campos e de diferentes maneiras, destacando, neste caso, o modo como os relacionamentos afetivos vêm se alterando. Percebo os aplicativos de relacionamentos, assim como as relações afetivo/sexuais desempenhadas a partir deles, como diferentes modos de se relacionar que, dependendo do momento que estamos vivendo, podem ser ótimas alternativas para viver tais experiências. Já em outros momentos em que as necessidades e expectativas não estiverem em consonância com as possibilidades que o aplicativo oferece, possivelmente, isso não será tão produtivo. Ou seja, é possível “dar bom” dentro e fora de mídias digitais.

Penso que atualmente temos mais possibilidades de escolher nossos parceiros, viver nossos desejos de diferentes maneiras e de, inclusive, criar diferentes configurações de relacionamento. Certamente há riscos, limitações e desafios decorrentes da vivência de afetos e experiências sexuais através de artefatos sociais digitais, contudo, eles estão relacionados aos usos que fazemos dele, por não possuírem significados próprios. A contemporaneidade contribui para que nos relacionemos de maneira diferente, não só afetivo/sexualmente, pois o que somos, éramos e estamos conseguindo ser tem sido inscrito nestes contextos, ora físicos ora virtuais, ora públicos, ora privados, que estão em muitos momentos mesclados, e nos quais “o sujeito se torna fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005:120).

Nessa conjuntura “o amor não é uma coisa, mas a elaboração histórica de um certo tipo de relacionamento entre os seres humanos” (RÜDIGER, 2013: 13). Talvez quando os anos passarem se avaliará e rirá dos modos como as pessoas se conhecem e se relacionam neste período histórico. As “novas tecnologias” logo deixam de ser “novas” e nós continuamos a nossa busca “de agulha num palheiro”. O que buscamos em uma relação afetiva? Como conquistar e manter essa relação afetiva almejada? O que oferecemos e estamos dispostos para conquistar o “match

perfeito”? Porque fora das redes sociais digitais o “match” passa a ser nem tão perfeito? As narrativas analisadas indicam que sem comunicação: compartilhamento de ideias, sentimentos, objetivos as tecnologias ajudam pouco.

É possível que nos sintamos “ridículos”, tal como retratado por Fernando Pessoa na poesia “Todas as cartas de amor são Ridículas”, que abre essa seção, pois “todas as palavras esdrúxulas... como os sentimentos esdrúxulos... são naturalmente... Ridículas. Às vezes, a única expectativa que temos é um bom beijo na boca... se tal expectativa se efetivar, “deu bom”, “deu match”!

Então, faz-se necessário que nos permitamos ao ridículo de amar e ser amado/a, expressando nossos sentimentos e intenções e tendo tempo e paciência para escutar e dialogar.

4.3 TINDER “COMO PODER DOS POSSÍVEIS”⁸⁹

“O que será, que será?
O que será que me dá
Que me bole por dentro, será que me dá
Que brota à flor da pele, será que me dá
E que me sobe às faces e me faz corar
E que me salta aos olhos a me atraíçoar
E que me aperta o peito e me faz confessar
O que não tem mais jeito de dissimular
E que nem é direito ninguém recusar
E que me faz mendigo, me faz suplicar
O que não tem medida, nem nunca terá
O que não tem remédio, nem nunca terá
O que não tem receita”
(O que será - À Flor da Terra, Chico Buarque).

O que é o desejo? O que nos mobiliza desejar? Está na natureza?

Será?

“O que não tem governo... O que não tem vergonha... Limite... Censura...
Certeza... Conserto... tamanho... O que os risos irão desafiar... O que não tem
juízo... Nem nunca terá!”.

⁸⁹ O título dessa sessão foi elaborado a partir da expressão “o corpo, como poder infinito dos possíveis” produzido por Paula Silibia no texto: A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 171-98, jan-jun 2015.

A letra dessa música de Chico Buarque nos possibilita muitas e diversas compreensões, de maneira que dela não existe um único significado, tampouco *uma* interpretação, porque está na ordem das possibilidades.

Corpo, desejo, necessidade, sexo... Mesmo que tentemos capturar, entender, suprimir, sufocar compete a cada um de nós as vivências dos mesmos. Acredito que o desejo encontra-se na ordem dos possíveis, historicamente tem sido reiteradamente demarcado, regulado e, entre outros investimentos, educado. Contudo abrimos fendas, rasgos, fissuras para a vivência dos desejos e ser quem desejamos ser, ainda que dure alguns minutos. Pois

[...] tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim [...] (FOUCAULT, 1982:234).


As narrativas que compõem essa seção denotam, ainda que timidamente, descontinuidades, interstícios, fluxos de resistência da política dos desejos e regulação de práticas identificatórias (BUTLER, 2010). Mais do que uma resposta ao que foi anteriormente colocado, essa seção foi composta com a intenção problematizar práticas normalizadas “sobre os efeitos de transformação da carne implicados [na] invocação performativa da identidade sexual [...]” (PRECIADO, 2017: 96) e de gênero [grifo meu]. Passo a apresentar as postagens e os comentários que analisei.

Quadro 13: Post 12

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 12- “Será que o marido é cego?”</p> <p>12/12/2016 - 32 comentários</p>  <p>18 4 km de distância</p> <p>Procuo por homens realmente bonitos e dotados para momentos de prazer na frente do meu marido. Aguardo seu contato 😊</p> <p>RECOMENDAR [redacted] A UM AMIGO</p>	<p>“Tem gente q curte esses "lixo"” (H)</p> <p>“Se for combinado entre os dois, ok”. (M)</p> <p>“Já vi varias procurando a mesma coisa... mais bizarro que isso é quando a mulher posta foto no Tinder beijando o namorado...tipo wtf? (H)”</p> <p>“Antes de entrar no quarto o cara tem que assinar um termo dizendo que esta ciente q a transa faz parte do vídeo "comendo a mulher do corno " no vídeo kkkkk (H)</p> <p>“Rapaziada gosta do voyeur” (H)</p> <p>Pois é. Por isso prefiro ficar com minhas doideras em anonimo msm k (M)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 14: Post 13

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 13 “Qual a opinião de vocês sobre isso? Não sei nem o que dizer!”</p> <p>13/12/2016 70 - comentários</p> 	<p>“Vó é a senhora que ta administrando a página? Porque parece kkkkkk estamos no século vinte e um, é normal as pessoas terem desejos diferentes, o ser humano evolui e é normal que ele se enjoje do habitual. Se vocês acham diferente demais, tenham em mente que é daí pra pior, mas nao fiquem criticando. Pensamento ultrapassado quem tinha era minha vózinha” (M)</p> <p>“Muito obrigado, mesmo! Eu tb curto isso e às vezes ja é dificil falar, quanto mais se as pessoas julgam.” (H)</p> <p>“Eu conheço, pelo menos (e isso só aqui no Brasil), umas dez pessoas, sendo a mais famosa delas inclusive dona de um canal no Youtube sobre sexualidade e curiosidades”. (H) (https://www.youtube.com/watch?v=de7BM-l37CQ).</p> <p>“Fetiches e BDSM entre adultos com as três regras (são, seguro e consensual) não tem nenhum problema”. (M)</p> <p>“As pessoas estão acostumadas a julgarem tudo e todo mundo "diferente" de maneira depreciativa” (H)</p> <p>“Truque baixo! Tem aquelas que têm o fetiche de converter viado, vão cair matando em cima. Desculpa aí a sinceridade com as minas, mas essa é a verdade que vos falo”. (H)</p> <p>“Não vejo problema se o cara quer experimentar coisas novas, afinal pelo q ele disse é só sexo” (H)</p> <p>“O que mais tem no Tinder é esse tipo de cara kk. Não existe preconceito nunhum nessa minha colocação,e quando digo "esse tipo de cara " me refiro ao que se</p>

	<p>sente atraído por pés.Somente!" (M)</p> <p>"Já cruzei com esse tbm até mostrei pra minha irmã e disse que era o homem perfeito pra ela" (M)</p> <p>"Falando sério, se tem uma coisa que é indiscutível é que não há oq não haja hahahaha tudo tem alguém pra gostar, inclusive coisas mt "piores" que chute no saco. O sadomasoq ta muito mais presente na vida das pessoas do que aparenta" (H).</p> <p>"Concordo que seja beeeem menos pior que necrofilia, pedofilia, zoofilia... E há quem curta chuva dourada, negra, two girls in a Cup (Capeta capricha)" (M)</p> <p>"Nada contra, mas entao mostra a cara então, colega! Ta usando perfil fake NE. Ou pq esconder? Vergonha?" (H)</p> <p>"Sim, é vergonha. Infelizmente, é necessário isso por questões profissionais. Se a sua profissão depende de que outras pessoas comprem seus serviços e a cabeça delas não é "aberta", vc pode ser muito prejudicado por ter imagem associada a gostar disso". (H)</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria.

As narrativas que se gestam a partir dos Quadros 13 e 14 denotam posturas, comportamentos que, de maneira geral, não são usualmente referidos em nosso cotidiano. Talvez, por isso, essas tenham mobilizado tantos comentários “com conteúdo”, ou seja, comentários mais extensos que vão além de risadas ou da marcação de outras pessoas. Minha intenção nessa seção é dar destaque às possibilidades que o app oportuniza para que alguns apresentem seus interesses por diferenciadas práticas sexuais. Assim o *post* doze reproduz o Perfil de uma mulher que buscava, a partir do Tinder, um terceiro parceiro para realizar sexo em frente/com seu marido. Os comentários decorrentes deste *post* indicam que seu “convite” afasta-se do padrão esperado de uma mulher. Ela externa “fantasias

sexuais” referidas no comentário *“Rapaziada gosta do voyeur”*. Contudo ela não procura parceiro “qualquer” para realizar tal experiência, ela define que espera por “homens bonitos e dotados”, o que evoca a representação de homem macho e viril, de um “homem macho másculo” sobre o qual Zago (2013: 185) comentou em sua tese cujo pênis é “o ponto denso do sexo de macho”.

O Perfil dessa usuária indica que o Tinder também oferece espaço para que casais manifestem interesses neste tipo de práticas, oportunizando que esses negociem detalhes do que buscam encontrar. Ou seja, desejos e práticas sexuais nem sempre aceitos abertamente em nossa sociedade também são buscados neste app. Novamente frente a este *post* há diferentes tipos de comentários: um usuário do Facebook registrou, por exemplo, não ser o referido convite tão excepcional. Disse ele: *“Já vi várias procurando a mesma coisa... mais bizarro que isso é quando a mulher posta foto no Tinder beijando o namorado...tipo wtf? (H)”*. Já outro considera que tal prática deve ser mantida em segredo. *“Pois é”,* disse ele, *“Por isso prefiro ficar com minhas doideras em anonimo msm kkkk.”*

Já o comentário *“Antes de entrar no quarto o cara tem que assinar um termo dizendo que esta ciente q a transa faz parte do vídeo "comendo a mulher do corno" no vídeo kkkkk”*, ironiza a proposta, tanto ao referir efeitos legais que podem estar implicados na situação, quanto ao invocar usuais representações para “maridos traídos”. O que seu comentário não contempla é a possibilidade dessa ser uma busca consensual deste casal, uma prática sexual que lhes interessa realizar sem que abram mão de seu relacionamento. Cabe lembrar que já há algum tempo revistas, tais como *Nova*⁹⁰, *Cláudia*⁹¹, abordam questões relacionadas a relacionamentos afetivos/sexuais que, tal como o que está referido no *post*, incluem configurações dissidentes da normatividade permitida. Nessas, tais práticas são indicadas como possibilitadoras da intensificação do desejo sexual, bem como capazes de reforçar auto-imagens de masculinidade e feminilidade. Porém, de qualquer forma tais comentários não as incluem na “ordem” da normalidade e a esse respeito lembro novamente Butler (2006) para ressaltar que a normatividade do gênero refere-se às finalidades, aspirações e aos princípios que norteiam as ações dos sujeitos e, também, ao processo de normalização, sendo essa a forma como as

⁹⁰ Esta revista foi editada pela editora Abril até 2015, quando se transformou na revista também dedica aos chamados assuntos femininos *Cosmopolitan*, que deixou de circular em 2018.

⁹¹ Esta revista da Editora Abril está em circulação no Brasil desde 1961.

ideias e ideais governam os corpos e estabelecem os critérios para a definição de um homem e uma mulher normal.

A postagem treze também reproduz uma prática transgressora: trata-se de um Perfil masculino no qual o usuário se descreve como um homem fraco que deseja ser dominado por uma mulher. Segundo ele “sua fraqueza são seus testículos”. Esse usuário busca uma parceira para “amizade com discricção” e que se disponha à prática de “ballbusting⁹²”. Alguns comentários gerados a partir desta postagem revelam estranhamento com tal proposta, porém um inclui um agradecimento ao proponente. Disse um dos usuários do Facebook: *“Muito obrigado, mesmo! Eu tb curto isso e às vezes ja é dificil falar, quanto mais se as pessoas julgam”*. Ou seja, para esse comentarista, esta postagem possibilitou que outros/as usuários esclarecessem dúvidas quanto à essa prática e indicassem que também dela gostavam ou conheciam pessoas que a apreciavam. Mas a ironia perpassou outros comentários, tal como o que segue, que não aceita esta prática, mas que refere aceitar uma “parte” desse fetiche: *“O que mais tem no Tinder é esse tipo de cara kk. Não existe preconceito nenhum nessa minha colocação, e quando digo "esse tipo de cara "me refiro ao que se sente atraído por pés. Somente! (M). E, ainda: “Falando sério, se tem uma coisa que é indiscutível é que não há oq não haja hahahaha tudo tem alguém pra gostar, inclusive coisas mt "piores" que chute no saco. O sadomasoq ta muito mais presente na vida das pessoas do que aparenta”*. A partir disso, outro usuário do Facebook retrucou e acrescentou: *“Concordo que seja beeeeeem menos pior que necrofilia, pedofilia, zoofilia... E há quem curta chuva dourada, negra, two girls in a Cup (Capeta capricha).”*

Os comentários operam na direção de naturalização desta prática, tais como os que reproduzo a seguir: *“Já cruzei com esse tbm até mostrei pra minha irmã e disse que era o homem”*; e *“Eu conheço, pelo menos (e isso só aqui no Brasil), umas dez pessoas, sendo a mais famosa delas inclusive dona de um canal no Youtube sobre sexualidade e curiosidades”*.

Cabe destacar que a referência a dez pessoas não configura uma grande quantidade de adeptos da prática, contudo, o fato de várias pessoas se manifestarem nessa postagem e dizerem conhecer outras que a assumiam, ou já

⁹²Prática em que o homem recebe chute no saco; sodomia onde o indivíduo sente prazer sexual ao levar chutes, socos, pisões, apertões, mordidas no saco escrotal.

terem vistos outros Perfis semelhantes no Tinder, opera na direção de configurar a não excepcionalidade. Ou seja, a postagem suscitou discussões em torno de práticas de sexualidade consideradas “periféricas no contexto brasileiro”, que como Facchini e Machado (2013) indicaram, são, muitas vezes silenciadas, oprimidas e marginalizadas. Um dos comentários, também sarcástico, refere-se à administração do *post*, invocando: “*Vó é a senhora que ta administrando a página? Porque parece kkkkkk estamos no século vinte e um, é normal as pessoas terem desejos diferentes, o ser humano evolui e é normal que ele se enjoje do habitual. Se vocês acham diferente demais, tenham em mente que é daí pra pior, mas nao fiquem criticando. Pensamento ultrapassado quem tinha era minha vózinha*”. E, ainda: “*Fetiches e BDSM entre adultos com as três regras (são, seguro e consensual) não tem nenhum problema*”; “*Não vejo problema se o cara quer experimentar coisas novas, afinal pelo q ele disse é só sexo*”. Finalmente, um comentário alude ao preconceito que perpassa a enunciação de algumas práticas sexuais: “*As pessoas estão acostumadas a julgarem tudo e todo mundo "diferente" de maneira depreciativa*”.

Enfim, a narrativa predominante nesse conjunto de comentários dá visibilidade a essas práticas sexuais diversas, sendo importante registrar que do *post*, decorreram declarações, interações e diálogos entre pessoas que não se conhecem e que expuseram sua opinião sobre um assunto polêmico – essas envolveram críticas, julgamentos, ironizações e aceitações. É possível dizer, então, que o *post* abriu um espaço para a resignificação dessas sexualidades.

Cabe lembrar que a sexualidade considerada natural é a comprometida com a procriação, mas que a heterossexualidade não se normaliza apenas por esse argumento. Foucault (1988:114) ponderou que “não existe uma estratégia única global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas manifestações do sexo [...] postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes e às classes sociais”. O filósofo apontou para quatro conjuntos estratégicos produtores de dispositivos de saber e poder a respeito do sexo, sendo eles:

Histerização do corpo da mulhe: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado- qualificado e desqualificado- como corpo integralmente saturado de sexualidade; [...] a “mulher nervosa, constitui a forma mais visível desta histerização. *Pedagogização do sexo da criança*: dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; [...] essa pedagogização se manifestou sobretudo na guerra. *Socialização das condutas de*

procriação: socialização econômica por intermédio de todas as incitações, ou freios, à fecundidade dos casais, através de medidas “sociais” ou fiscais; [...] Enfim, a *psiquiatrização do prazer perverso*: o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; [...] atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta [...](FOUCAULT, 1988: 114) (grifos do autor).

Portanto, patologizar as práticas de sexualidade consideradas “anormais” é uma das maneiras de regular, formatar e educar a sexualidade que se deseja tornar padrão. Como Louro (2004: 16) ressaltou, um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos os gêneros e a sexualidade “legítimos”. Uma das maneiras de controlar as práticas desviantes é ridicularizá-las, inferiorizá-las ou, ainda, caracterizá-las como excêntricas. Aliás, as práticas “anormais”, na acepção de Miskolci (2017:43), podem ser denominadas de práticas *queer*⁹³, “pois queer é relacionado a tudo que é socialmente chamado de estranho, anormal e, sobretudo, abjeto”.

O Facebook, o Tinder e tantos outros espaços de interação que frequentamos e nos quais somos produzidos, produtores e reguladores (tanto por atitudes de reprodução como por subversões) são constituídos por embates, disputas e tensões em torno das práticas, discursos que neles circulam.

Nessa direção, o *post* treze pode ser pensado como uma das arenas em que se procedem embates para a produção de significados em torno de tais práticas, como pode ser verificado no seguinte comentário: *“Truque baixo! Tem aquelas que têm o fetiche de converter viado, vão cair matando em cima. Desculpa aí a sinceridade com as minas, mas essa é a verdade que vos falo”*. O usuário que realizou esse comentário afirma que o autor do Perfil da postagem em questão utilizou o *“ballbusting”* como uma estratégia para chamar a atenção das mulheres. Ele expressou-se de maneira agressiva, adjetivando o autor do *post* como “viado” e, por meio dessa expressão, inferiorizou-o. Ao se expressar dessa maneira, esse homem não só agrediu o autor do *post*, mas todos os homens que apreciam o *“ballbusting”*, além de deslegitimar tal prática. Atitudes como essa funcionam com estratégias que fazem a norma se fazer valer (MISKOLCI, 2017), ou seja, essas

⁹³ Em português “excêntrico”, ‘insólito’. A palavra *queer* sempre foi considerada ofensiva, “[...] no Queer Nation, de onde vem a palavra queer, a nação anormal, a nação esquisita, a nação bicha.” (MISKOLCI, 2017:24). Mas depois que foi apropriada pelo movimento LGBTQ+, passou a ser utilizada com sentido positivo, eu diria inclusive um sentido político.

operam como modos de regular condutas e/ou identidades relacionadas à sexualidade.

Sobre as práticas “BDSM”⁹⁴ e fetichistas cabe ainda indicar que essas são localizadas na fronteira entre a homossexualidade e a heterossexualidade e são denominadas de práticas periféricas por pesquisadoras, como Facchini e Machado (2013), que assim se pronunciam sobre tais práticas

Quanto à adoção do acrônimo BDSM pela comunidade no Brasil, o que sabemos ainda é pouco, mas tudo indica que tenha se dado na primeira metade dos anos 2000 e que não tenha substituído totalmente o uso da categoria sadomasoquismo. Em meados dessa década, praticantes ligados ao site Desejo Secreto a utilizavam, assim como a categoria BDSMista, para se referirem aos adeptos. [...] Glauco Mattoso no evento de 2010, relatava que faz questão de usar a palavra sadomasoquismo sempre que possível – porque o pessoal fala BDSM, mas fala escondidinho. Não, tem que falar: “Sou sadomasoquista” – e que pessoalmente desconhecia o preconceito da sociedade de que todo mundo fala. Em meados dos anos 2000, outros adeptos, como Barbara Reine, uma das articuladoras do SoMos, faziam uma distinção entre SM e BDSM, atribuindo à primeira categoria um caráter mais tradicional por oposição à diversificação e mesmo uma certa mistura excessiva da segunda, que compreenderia um rol maior de práticas, mas cujos adeptos nem sempre seguiam os padrões da liturgia e dos rituais prezados por muitos praticantes do SM (FACCHINI; MACHADO, 2013: 207).

Cabe referir que sempre houve práticas dissidentes e excêntricas no que tange à vivência das sexualidades, contudo, com o avanço da internet e de ferramentas de interação mediadas por computadores têm-se “multiplicado sites, blogs, salas de bate papo, listas de discussão, comunidades em redes sociais e espaços de interação presencial [...] revelando os contornos do que os adeptos chamam de *meio*, *comunidade* ou, eventualmente, de *movimento*” (FACCHINI; MACHADO, 2013: 199). Nesta direção, artefatos culturais como o Facebook e o Tinder possibilitam visibilidade a desejos e práticas sexuais dessa ordem, bem como para que a busca de parceiros/as para realizá-los seja lá procedida. Neles há espaço para a proposição de práticas eróticas estigmatizadas, e que de forma geral são ou eram vividas em segredo, por serem estigmatizadas e consideradas

⁹⁴ *BDSM* é um acrônimo para a expressão “*Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo*” um grupo de padrões de comportamento sexual humano. A sigla descreve os maiores subgrupos: *Bondage* e *Disciplina (BD)*, *Dominação e Submissão (DS)*, *Sadismo e Masoquismo* ou *Sadomasoquismo (SM)*. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/BDSM>. Acesso 03/11/2018. “De modo mais geral, o acrônimo BDSM refere-se a um conjunto de práticas de conteúdo erótico, sendo também definido por oposição ao termo *baunilha* (usado para indicar o sexo convencional)” (FACCHINI; MACHADO, 2013: 209).

“antinaturais, anormais e abjetas em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural” (PRECIADO, 2017: 30).

Práticas como o “*ballbusting*” causam estranhamento, especialmente, por estabelecerem relação entre dor, violência e excitação sexual. Disso decorrem preconceitos, distanciamentos, repulsa e agressividade que são inclusas em um “terrorismo cultural”, termo cunhado por Miskolci (2017: 35) para ressaltar “a maneira com opera o heterossexismo, fazendo do medo da violência a forma mais eficiente de imposição da heterossexualidade compulsória”.

Os comentários transcritos a seguir reafirmam essa situação: *“Nada contra, mas entao mostra a cara então, colega! Ta usando perfil fake NE. Ou pq esconder? Vergonha?”*. A resposta emitida salientou: *“Sim, é vergonha. Infelizmente, é necessário isso por questões profissionais. Se a sua profissão depende de que outras pessoas comprem seus serviços e a cabeça delas não é “aberta”, vc pode ser muito prejudicado por ter imagem associada a gostar disso”*. A respeito desse comentário, é oportuno lembrar, a partir de Facchini e Machado (2013: 212), que pessoas praticantes de tais práticas sexuais relatam situações de medo, violência e perseguição a que foram submetidas por decorrência dessas, sendo “comum ver praticantes se queixando de ameaças e chantagens [...] prejudicando relações familiares, profissionais e a guarda de filhos”.

O terrorismo cultural (MISKOLCI, 2017) é oriundo de uma construção cultural sobre os corpos, os sexos (homem/mulher) e os gêneros (feminino/masculino) pautada no binarismo, na qual se naturaliza a correspondência sexo/gênero/desejo normalizando-a. Lembro, novamente, ser esse um processo cultural, entendendo-se ser a cultura “conjunto dos processos com e por meio dos quais se produz um certo consenso acerca do mundo em que se vive” (MEYER, 2014: 54). Por decorrência, quem não se enquadra em tal consenso merece ser rejeitado, insultado e eliminado por tornar-se abjeto, tal como Butler (2010) assinalou. Aliás, o termo abjeto designa “[...] aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2010, 155). Por isso, alguns sujeitos criam estratégias para se preservar e vivem sua sexualidade de maneira clandestina, tal como foi indicado pelo autor do Perfil do *post* treze.

Assinalo, novamente, que, no Tinder, bem como em outros app de relacionamento que proliferaram nos dias atuais, abrem-se espaços para a expressão e vivência de certos desejos e prazeres que anteriormente circunscreviam-se, geralmente, à intimidade. É oportuno lembrar aqui o uso que Sibilia (2008) faz do conceito de “Extimidade”, uma forma de ser e estar no mundo que envolve a intensa e constante exposição da intimidade nas mídias e ferramentas virtuais, tais como *realities shows*, redes sociais, blogs e Youtube. Defrontamo-nos, tal como essa autora indicou, “com um novo cenário de vivência, fluido, veloz e de alcance global, no qual é procedida uma crescente publicização do privado” (SIBILIA, 2008: 22). Na situação aqui referida, tal como a que foi examinada por Guimarães e Wortmann (2017) para focalizar os embates em torno dos direitos humanos no congresso nacional, reproduzidos no jornal Folha de São Paulo, pode-se dizer que o exercício da “extimidade” torna-se uma ferramenta política, na medida em que dá visibilidade a situações que estariam à margem da normalidade. Por meio de Perfis do Tinder e da reprodução em *posts* no Facebook, torna-se possível a aproximação de pessoas que partilham práticas e condutas sexuais consideradas não usuais, dando-lhes visibilidade. Nesta direção, o app permite que essas pessoas expressem desejos e expectativas em relação a práticas de afetividade/sexualidade que dificilmente seriam relatadas face a face, por serem interdidas, a partir de ótica moralista. A moral é constantemente invocada para proceder interdições. Esclareço, a partir de Foucault (1984:26), que

[...] por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos; designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara (FOUCAULT, 1984: 26).

É, pois, por intermédio de construções morais que se regulam e normalizam as práticas sociais, entre as quais se incluem as de sexualidade, bem como os marcadores identitários de gênero e as demais regulações procedidas sobre os corpos. As narrativas postas em circulação no contexto cultural ancoram-se em discursos que exercem importante papel nas configurações dos modos de pensar as sociedades. Essas atuam na construção de “verdades” que tornam aceitáveis e

inteligíveis compreensões que se estabelecem sobre nossos corpos, bem como sobre gênero e sexualidades em um processo amplo que, ao mesmo tempo, engloba a própria cultura que produz esses sujeitos. Como assinalou Louro (2010: 11), os discursos “fabricam sujeitos” e os modos como se posicionam noções tais como sexo, gênero e sexualidade, sendo importante assinalar, no entanto, que tais engendramentos não ocorrem de maneira singular e “determinista para produzir *um* sujeito como seu efeito” (BUTLER, 2010: 162) [grifo meu]; esses não ocorrem pacificamente, mas são permeados por embates, disputas e tensionamentos e perpassados por relações de saber/poder.

Cabe lembrar, também, as considerações de Foucault (2005: 118) acerca do dispositivo da sexualidade, que “tem, como razão de ser, senão o reproduzir, mas proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. A sexualidade pode, portanto, ser compreendida como uma tessitura complexa da subjetividade humana, que se estabelece nos sujeitos desde seu nascimento, sendo experienciada de diferentes maneiras.

Como Weeks (1999: 43) indicou, a sexualidade é uma “descrição geral de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas em relação aos desejos e prazeres sexuais.” As narrativas que vão sendo construídas no conjunto integrado pelos *post* reproduzidos no Facebook e pelos comentários sobre eles tecidos, contêm representações que permitem entrever como, nos dias atuais, estão sendo procedidas (re)significações dos relacionamentos afetivos/sexuais. As postagens quatorze e quinze, que passo a focalizar a seguir, permitem retomar algumas considerações já feitas em seções anteriores, neste estudo.

Nestes Perfis há representações de masculinidade que associam ao masculino atitudes, tais como, mentir, trair, “ser cara de pau” e “estar sempre em busca de sexo casual” e, ao feminino atitudes, tais como, ser interesseira, consumista e mercenária. Ou seja, novamente nestes posts tais características estão sendo generificadas, a partir da essencialização e dicotomização de “atributos” configurados como próprios a cada gênero.

Porém, em relação ao Perfil incluído no *post* quatorze, intitulado “*Vitória é conseguir sair com você neh gata*”, é possível dizer que está nele configurada uma

descrição de mulher que fragmenta e pluraliza a noção de feminilidade marcada pela docilidade, passividade, modéstia, discricção, delicadeza e recato. A mulher que se descreve neste *post* é o oposto de tudo isso e encarna um estereótipo de “mulher fatal”, de menina má, tantas vezes invocado nos romances cinematográficos, nas novelas água com açúcar, nos contos de fada, nas narrativas e canções populares e até mesmo em contos bíblicos (cabe lembrar aqui as representações feitas sobre Salomé) como o exemplo negativo no qual as meninas bem comportadas não deveriam se encaixar. Como todo o estereótipo, este reduz e simplifica perfis identitários em um processo que envolve a sintetização de determinados conceitos.

Quadro 15: Post 14

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 14- “Vitória é conseguir sair com você neh gata”</p> <p>232 comentários</p>  <p>██████████ 28 54 km de distância</p> <p>Se você não tem casa ou apartamento próprio aperta ✘</p> <p>Se você tem um carro que custa menos de 50mil reais aperta ✘</p> <p>Se você não gosta de balada ✘</p> <p>Se você acha que homem não banca mulher ✘</p> <p>Se você não gosta de transar todo dia aperta ✘</p> <p>Se você não é fiel aperta ✘</p> <p>Se você quer casar com separação total de bens aperta ✘</p> <p>instablogger e digital influencer</p>	<p>“Ainda bem que essa pelo menos avisa que é interesseira. Livra o cara de uma cilada”. (H)</p> <p>“A última ppk do deserto, xerek de diamante, utopia vaginal, ludicidade sexual, sugarcheka nos poupe que o que tu tá super faturando mais que obra olímpica, tem aos montes por aê!” (H)</p> <p>“Se vc quiser uma vagabunda chupadeira que vai te meter vários chifres e te fazer gastar dinheiro aperte o <3” (H)</p> <p>“Se isso é cilada eu não sei o que é sinceridade, a mina é mercenária assumida. Melhor que muitas que se fazem de santa”. (H)</p> <p>“E tem muita gente assim, pelo menos essa foi sincera logo de cara.” (H)</p> <p>“Quem gosta de mulher interesseira acha que ela é inteligente em "se negociar". O mundo está perdido.” (H)</p> <p>“Pelo menos ela foi sincera, melhor que pagar de boa moça e se revelar depois.” (M)</p> <p>“Cruzes!!! Vai continuar sendo uma TIA superpoderosa então!” (H)</p> <p>“A mina é mercenária assumida. Melhor que muitas que se fazem de santa”. (H)</p>

Fonte: Elaboração própria.

A autora desse Perfil assume o estereótipo de “mulher fatal” anteriormente referido, talvez sendo esta a estratégia de sedução que perpassa mais fortemente este *post*. Além de incluir, na postagem, uma fotografia que destaca seus seios, ela se descreve como uma “mulher fogosa” e exigente, estando elencados na postagem requisitos exigidos para quem pretenda dar um *like* e receber um *match*. Considero ser possível referir que esse Perfil se assemelha bastante ao Perfil da postagem um, discutido na primeira seção, denominado “XXX, o maior cagador de regras que ninguém respeita”. Esta pode ser vista como uma contraposição feminina àquela postagem, pois também aqui a proponente é objetiva e direta na exposição do que procura no Tinder, sendo ainda importante registrar que sua postagem é bastante semelhante a Perfis masculinos encontrados nas Páginas “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder”, que compõem esta investigação. Naquelas postagens, alegando sinceridade, alguns homens se expressam de maneira grosseira e até agressiva, ao elencarem atributos que exigem e valorizam nas dinâmicas da conquista.

Na postagem em questão, *post* quatorze, essa mulher refere com objetividade que está buscando relacionar-se com um sujeito que a sustente e que, além disso, curta divertir-se, transar, além de ser fiel.

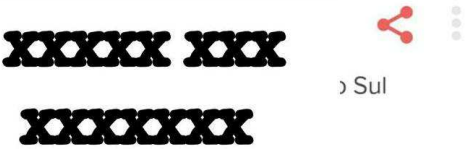
Como se pode ver, tal tipo de postagem gera manifestações de muitas ordens, mobilizando respostas variadas e suscita polêmicas, as quais, por vezes, até atenuam o que está sendo exigido, tal como se pode ver nos seguintes comentários: “Ainda bem que essa pelo menos avisa que é interesseira. Livra o cara de uma cilada”; “Se isso é cilada eu não sei o que é sinceridade, a mina é mercenária assumida. Melhor que muitas que se fazem de santa”; “E tem muita gente assim, pelo menos essa foi sincera logo de cara”; “A mina é mercenária assumida. Melhor que muitas que se fazem de santa”; e “Pelo menos ela foi sincera, melhor que pagar de boa moça e se revelar depois” (M). E outros comentários a recriminam - “Quem gosta de mulher interesseira acha que ela é inteligente em “se negociar”; “O mundo está perdido” – Há, ainda, nos comentários recriminadores uma insistência no uso de termos tais como “ambiciosa” e “interesseira”.

A maioria dos comentários feitos a este *post* foi realizada por homens que usaram expressões chulas, pejorativas, com repulsa e agressividade e entre essas estão: “Se vc quiser uma vagabunda chupadeira que vai te meter vários chifres e te

fazer gastar dinheiro aperte o <3>; “A última ppk do deserto, xerek de diamante, utopia vaginal, ludicidade sexual, sugarcheka nos poupe que o que tu tá super faturando mais que obra olímpica, tem aos montes por aê!” A expressão “ficar para TITIA”, utilizada para referir uma mulher que nenhum homem quis, também foi invocada para se referir a essa mulher que “escolhe muito”, tal como já tinha sido referido para falar da autora do post quatro, apresentado na primeira seção deste conjunto de análises.

Assim, como se pode ver, a autorrepresentação da qual esta mulher se valeu incomodou profundamente alguns homens, talvez porque se sintam por ela desafiados ou menosprezados por não possuírem os requisitos exigidos. Além disso, toda a repulsa manifestada pode ser entendida como uma forma de capturar essa “identidade desviante”, pelo uso do achincalhamento e da desqualificação, estratégias já indicadas no decorrer deste estudo para comentar considerações semelhantes a essas, nas quais processa-se, deste modo, a busca de regulação da sexualidade. Enfim, o post desta mulher instaura conflito nas normas que fixam determinados modos de viver os gêneros quanto aos processos de normatização (DAL'IGNA, 2007). Passo a seguir a tecer comentários sobre o post quinze.

Quadro 16: Post 15

POST	COMENTÁRIOS
<p>Post 15- “Esse deu vontade de não apagar o nome. O print é fresquinho!”</p> <p>11/12/2016 - 32 comentários</p>  <p>Sou de Porto Alegre e estou passando um tempo no Parana a trabalho, ja tenho um relacionamento em POA, por isso a ideia aqui é apenas diversão e amizade, por gentileza não esperem nada serio no caso de dar match, estejam cientes ao clicar no coração disso ;)</p>	<p>“O q notei é que quem fez a proposta é uma mulher/menina, não está claro, mas parece q para outra ou talvez um cara bi. Mas a maioria nos comentários já pressupôs que fosse um cara e começaram a julgar como tarado, nojento, machista... Quase virando discussão sobre gênero e sociedade patriarcal. E é fetiche, voyerismo, ... Independente de gênero ou orientação, no caso parece ser duas mulheres/meninas bi ou uma mulher e homem bi... Será q as opiniões continuam as mesmas sendo duas mulheres”?</p> <p>“Acho graça geral generalizando que o perfil é de homem. Quer dizer que mulher não trai?” (H)</p> <p>“Vou tentar ser o mais claro possível: Se você diz que homens fazem algo (no plural) e mulheres fazem algo (também no plural), sim você está generalizando”. (H) “Acho melhor que quando o cara finge ser solteiro. Nesse aí só dá match quem quer, nao dá pra dizer que nao sabia.” (M)</p> <p>“Ninguém sabe que tipo de relacionamento ele tem, se é um relacionamento aberto, ou não. E algumas mulheres realmente não se importam. Ele está sendo bem transparente, só se joga quem tá disposto”. (M)</p> <p>“Ele está propondo sexo sem compromisso, não um julgamento...” (H)</p> <p>“O negócio é o seguinte: a pessoa é comprometida, deixa isso claro e aceita quem quer”. (M)</p> <p>“Eu só acho que é algo muito vago pra sair malhando o pau no cara (se é que é um cara.) O cara pode ter um relacionamento aberto, e está sendo franco em dizer que</p>

	<p>só quer sexo, a mulher que estiver disponível a esse tipo de relacionamento, okay! Quem quiser romance, compre um livro, ou procure um cara com outro perfil, e vida que segue!” (M)</p> <p>“Se está ciente que será somente por uma noite, de fato, qual a relevância se o seu ficante é comprometido ou não?” (H)</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria.

O que chama a atenção nos comentários gerados a partir da postagem quinze, intitulada *“Esse deu vontade de não apagar o nome. O print é fresquinho!”*, são as dúvidas geradas sobre a autoria deste ser de um homem ou de uma mulher. Talvez a própria forma de apresentação do *post* tenha encaminhado os comentários nesta direção - a menção a não retirada do nome do autor do *post*, por exemplo. Encontrei muitas semelhanças entre o perfil apresentado nesta postagem e o da postagem doze: *“É vapt e vupt!”*, apresentada na última postagem da seção anterior “Relacionamentos afetivo/sexuais virtuais “na palma da mão”. As duas postagens referem-se a Perfis em que seus/as autores/as estão em um relacionamento estável e buscam a prática de sexo com outras pessoas. Nos dois casos, ambos deixam claro que desejam apenas sexo e não cogitam “largar” seu/sua parceiro/a.

A diferença é que esse *post* foi identificado, por usuários/as do Facebook que a comentaram, como um Perfil masculino e, no caso da postagem doze, os/as administradores/as da Página não omitiram o nome da autora. Além disso, nos dois *post* não está definido, com clareza, se o “convite” é feito a homens, mulheres ou a ambos. Também é importante ressaltar que a forma como as pessoas se posicionaram em relação a esses dois Perfis foi diferente, mesmo não sendo comentados pelas mesmas pessoas. No entanto, como essas postagens pertencem a mesma Página, isso me permite considerar que as pessoas que o comentaram possuem, pelo menos, perfis semelhantes.

No Perfil masculino que originou o *post* quinze dessa seção, as pessoas destacaram a sinceridade do homem e demonstraram compreender a sua proposta de sexo casual, justificando que ele está deixando isso claro na postagem, tal como foi referido nos seguintes comentários: *“Se está ciente que será somente por uma*

noite, de fato, qual a relevância se o seu ficante é comprometido ou não?” e “O negócio é o seguinte: a pessoa é comprometida, deixa isso claro e aceita quem quer”. Pode-se dizer que nestes comentários está invocada uma representação de masculinidade que postula o caráter insaciável da sexualidade masculina, sendo isso que garante a virilidade, além da aceitação da “existência de diferenças biológicas naturais, próprias de cada gênero” (DAL'IGNA, 2007: 251).

Já na postagem organizada em torno do Perfil feminino, a maioria dos comentários focalizaram questões sobre a fidelidade, posicionando o companheiro da autora do convite como vítima, tal como ficou registrado na afirmação “[...] *coitado desse seu “boy” hein?*”. Ou seja, no caso da postagem do perfil feminino proliferaram julgamentos sobre a atitude da mulher, considerada inapropriada pela maioria dos comentaristas, ao mesmo tempo em que muitas foram as ofensas a ela dirigidas que incluíram chamá-la de “Putá, tudo putá” e de “Vaca!”. Neste caso, a heteronormatividade, enquanto matriz cultural, foi acionada por meio de insultos que se mesclaram à denúncias e à deslegitimação desse comportamento “em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”” (BUTLER, 2015: 39).

Os embates de opiniões em torno destes Perfis novamente são indicativos das tensões que perpassam as dinâmicas implicadas nos processos de significação dos comportamentos construídos como masculinos e femininos. Registro que tais comportamentos são aprendidos através das nomeações que recebem, bem como através das avaliações e polarizações que posicionam os sujeitos como femininos e masculinos em relações de poder desiguais e hierarquizantes. Como venho indicando ao longo deste estudo, modos de “ser homem e mulher” vão sendo naturalizados a partir de “[...] um conjunto arbitrário de regulações, que vão sendo inscritas nos corpos e que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro” (PRECIADO, 2017: 26). E mais, no que tange a ordem dos desejos, de maneira geral, a mulher é posicionada “do lado do amor e os homens do lado do sexo: longe de operar uma ruptura absoluta com o passado histórico” (LIPOVETSKY, 2000; 15). Tais práticas pedagógicas são constantemente postuladas através da performatividade discursiva que Butler (2010: 167) elucida do seguinte modo: “A performatividade não é, assim, um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que

ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição”.

Relacionados à postagem quinze, muitos comentários problematizaram a identidade de gênero do usuário, ao questionarem generalizações comumente utilizadas para se referirem a homens e mulheres, bem como às suas práticas afetivo/sexuais. Disseram alguns comentadores:

“O q notei é que quem fez a proposta é uma mulher/menina, não está claro, mas parece q para outra ou talvez um cara bi. Mas a maioria nos comentários já pressupôs que fosse um cara e começaram a julgar como tarado, nojento, machista... Quase virando discussão sobre gênero e sociedade patriarcal. E é fetiche, voyerismo, ... Independente de gênero ou orientação, no caso parece ser duas mulheres/meninas bi ou uma mulher e homem bi... Será q as opiniões continuam as mesmas sendo duas mulheres”?

Já comentário *“Acho graça geral generalizando que o perfil é de homem. Quer dizer que mulher não trai?”* questiona generalizações que atribuem a homens e mulheres comportamentos diferentes em relação a questões que envolvem fidelidade e necessidades sexuais, tal como também foi enunciado no comentário que transcrevo a seguir: *“Vou tentar ser o mais claro possível: Se você diz que homens fazem algo (no plural) e mulheres fazem algo (também no plural), sim você está generalizando”.*

Já na direção de minimizar as críticas seguiram os comentários: *“Ninguém sabe que tipo de relacionamento ele tem, se é um relacionamento aberto, ou não. E algumas mulheres realmente não se importam. Ele está sendo bem transparente, só se joga quem tá disposto”.* E, ainda, *“Ele está propondo sexo sem compromisso, não um julgamento...”*, bem como o comentário que finaliza as considerações feitas ressaltando: *“Eu só acho que é algo muito vago pra sair malhando o pau no cara (se é que é um cara). O cara pode ter um relacionamento aberto, e está sendo franco em dizer que só quer sexo, a mulher que estiver disponível a esse tipo de relacionamento, okay! Quem quiser romance, compre um livro, ou procure um cara com outro perfil, e vida que segue!”*

Ao encaminhar essa seção à sua finalização, afirmo que as narrativas nela problematizadas indicam que a heteronormatividade pode ser desestabilizada, bem como certas verdades fragmentadas e relativizadas, a partir da contestação da

essencialização de uma natureza feminina e masculina. Nas instâncias midiáticas em que tais contestações emergiram, essas se mesclam às considerações de muitas ordens – denúncias, ironias e até mesmo reafirmações -, sendo essas indicativas das compreensões que proliferam entre os sujeitos que vivem nos dias atuais. Concomitantemente ao que se processa nesta instância do cotidiano, cabe localizar as reflexões de teóricos/as dos estudos de gênero e sexualidade que apontam para o investimento constante a ser feito relativamente aos processos implicados na constituição de tais identidades, sendo esse, tal como postulou Louro (2004:16), “um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável”, pois “ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas” (ibidem). Assim, alguns sujeitos duvidam “destas verdades”, contestam os lugares em que são insistentemente colocados, indicando que “não estão assujeitados efetivamente e se atualizam nesse movimento permanente de relações de força” (DAL'IGNA, 2007: 257-258).

Finalmente detenho-me a comentar o conceito de contrassexualidade, desenvolvido por Preciado (2017). Como expõe esta teórica

A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, eterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes [...], mecanismos, usos e desvios... (PRECIADO, 2017: 22).

Como a autora ressalta, este conceito nos possibilita problematizar os processos constituintes e constituidores da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória, como também as redes de contestação e resistência.

Os embates, conflitos e disputas por imposição de significados são inerentes às relações de poder, portanto, questionar, subverter e resistir também. Pois como desenvolve Foucault (2007: 106): “estes pontos de resistência estão presentes em toda rede de poder [...] resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas [...] e, portanto, distribuídas de modo irregular”. Há, desta forma, uma tensão permanente em torno das representações e

discursos evocados para anunciar, (re)afirmar, (re)produzir, mas também problematizar, pluralizar e arejar as masculinidades e feminilidades postas em circulação tanto no Tinder como no Facebook. Estão implicadas, nessas contendas, pedagogias que se instauram nestes e através destes artefatos culturais, nas quais ora se instituem e são corroboradas identidades de gênero e condutas afetivo-sexuais coerentes e inteligíveis ao funcionamento da heteronormatividade, ora dissidências e subversões a tais representações. É desse modo que, tal como Louro (2004: 28) salientou, as fronteiras dos modos de ser homem e mulher “vêm sendo constantemente atravessadas” (LOURO, 2004:28).

Retomo, a seguir, expressão da qual me vali para nomear esta seção desta Tese, “possível”, invocando definição extraída do dicionário online de língua portuguesa Houaiss⁹⁵. Lá estão apresentados os seguintes significados para a palavra *possível*: *adjetivo de dois gêneros*: 1. que preenche as condições necessárias para ser, existir ou realizar-se; 2. que pode ser verdadeiro; que talvez exista ou vá existir; admissível, concebível; e 3. *substantivo masculino*: aquilo que está ao alcance de ser feito.

A partir dessas definições manifesto que o desejo não só reside no terreno das possibilidades, como também é manipulado, excitado, tolhido, controlado e, entre outros, circunscrito pelas possibilidades disponíveis e/ou conquistadas por cada sujeito. Sendo assim, o desejo não é inerente à natureza de ninguém.

O Tinder, como poder dos possíveis, expressão que elaborei para identificar essa seção, localiza-se neste “campo de visão” em que nos utilizamos das possibilidades que os artefatos da cultura digital ampliam para, entre tantas funcionalidades e opções, expressar-nos e vivermos nossas experiências afetivo-sexuais de maneira nem tão livre, nem tão direcionada, posto que constituiu-se “daquilo que está ao alcance de ser feito”.

⁹⁵ Fonte: <https://www.dicio.com.br/houaiss/> Acesso em 05/11/2018.

5. “FEEDBACK”: CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS NO CAMPO DOS POSSÍVEIS

Sonho com um intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente, os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente; que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (que dizer qual revolução e qual pena), que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la (FOUCAULT, 2005b: 242).

Durante os dois primeiros anos de envolvimento com o projeto de tese, meu olhar estava totalmente voltado para os artefatos digitais como os telefones celulares, *smartphones*, *tablets* e as interações sociais digitais estabelecidas por meio deles. Só depois da qualificação do projeto e, sobretudo, no último ano, a partir da imersão nas leituras e discussões com a professora orientadora, compreendi a relevância do que já estava sendo indicado pelas minhas interlocutoras na pesquisa de mestrado: os artefatos digitais, neste caso, o *Tinder* e o *Facebook* são artefatos culturais através dos quais interagimos, somos educados e educamos e, principalmente, (re)produzimos significados em torno das relações que estabelecemos *neles* e por meio *deles*.

Logo o foco da tese não são os artefatos, mas as interações estabelecidas e, mais especificamente, *o que e como* se fala sobre os relacionamentos afetivo/sexuais. Ainda que tal declaração soe evidente, considero-a oportuna, pois, a partir desta constatação, percebi que meu objeto de estudo foi se (re)configurando ao longo da realização do doutoramento.

Pesquisa também não é isso? Antes de tudo, uma peculiar criação... Costa (2014), considerando os *Esboços de Frank Gehry* um artefato cultural, nos propõe um exercício de reflexão sobre os desafios envolvidos na criação de uma pesquisa o que, para essa autora, corresponde a um peculiar modo de criação “que não se dá no vazio, mas é gestada em um universo de processos, práticas estabelecidas, discursos e lutas por sentido e significado. Criar é, entre infinitas possibilidades, invenção de combinações antes impensadas [...]” (COSTA, 2014: 171). A pesquisadora discorre, também, sobre os impasses enfrentados pelos estudiosos/as que se aproximam da vertente pós-estruturalista, indicando que estes produzem

suas pesquisas “à revelia das ortodoxias, sem desconsiderar a possibilidade de, com humildade e coragem, inscrever-se nas margens, marcando outros lugares e formas de conceber, tensionando paradigmas” (ibidem).

Ao longo da realização das análises, houve momentos em que lembrava a música “O tempo não para”⁹⁶, cuja letra: “Eu vejo o futuro repetir o passado. Eu vejo um museu de grandes novidades. O tempo não para. Não para não, não para. [...] Às vezes os meus dias são de par em par... Procurando agulha num palheiro...” me levava a questionar: em meio aos recursos tecnológicos da cultura digital permanecemos buscando um par que nos complemente, corresponda as nossas expectativas e nos aceite como somos. Além disso, as representações de masculinidades e feminilidades que pontuavam as narrativas analisadas tanto no Facebook quanto nos Perfis do Tinder referiam-se às identidades performaticamente construídas e reiteradas por discursos que naturalizavam a correspondência entre sexo biológico/gênero/sexualidade. Sendo as representações um “sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido [...] arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2007: 91), cabe dizer que essas operam pedagogicamente na produção de identidades masculinas e femininas, bem como nos modos de se estabelecerem relacionamentos entre os sujeitos.

Ou seja, as representações, tal como foram definidas na perspectiva do construcionismo cultural, ressaltado por Hall (1997), são perpassadas por jogos de poder e atuam na construção de identidades. Assim nossos desejos e expectativas afetivas estão sendo constantemente moldados. Nas situações consideradas neste estudo, representações de homens e mulheres usuários/as do *Tinder* e *Facebook* apresentaram-se inscritas, muitas vezes, em uma matriz heterossexual, que as regulava e as tornava coerentes e inteligíveis a partir desse sistema (BUTLER, 2015). As generalizações decorrentes da constante classificação das considerações feitas nas categorias “coisa de homem” e “coisa de mulher” reiteram a heterossexualidade, reafirmando-a como compulsória nessas instâncias, visto que ela não é inerente as pessoas.

Registro também que essas categorizações funcionam como uma das estratégias que pedagogicamente (re)marcam as diferenças entre os gêneros, que, no entanto, não acontecem de maneira fluída, gradual e pacífica, sendo, ao

⁹⁶Composta por Agenor de Miranda Araujo Neto (Cazuza) e Arnaldo Pires Brandão em 1988.

contrário, permeadas por embates, contraposições, disputas e conflitos, que se estendem ao âmbito do coletivo, o que torna “as masculinidades e as feminilidades implicações de processos grupais” (PAECHTER, 2009: 192). Como os *posts* e comentários examinados na tese permitiram ver, as práticas de afetividade/sexualidade são reguladas por normas generificantes das quais, no entanto, alguns sujeitos escapam. Ou seja, não existe apenas uma única forma de pensar a feminilidade ou a masculinidade, visto que, tal como discorre Kimmel (1998), o “hegemônico e o subalterno” instituem-se pelos mesmos processos e mutuamente, ainda que de formas desiguais, o que se estende à produção das masculinidades e feminilidades.

Então, é importante considerar que, por não ser a heterossexualidade uma condição inerente ao ser humano, tal como tantas vezes foi afirmado em uma multiplicidade de discursos, essa precisa ser constantemente reiterada, vigiada, punida para tornar-se “natural” e invisível. Como ressaltou Louro (2004), a norma possui o estatuto de invisível: quem chama a atenção é quem se desvia da norma, o/a estranho.

Assim não nascemos mulheres tal como preconizou Beauvoir (1980), e não se nasce homem, como problematizado por Butler (2008), mas transformamo-nos, construímo-nos como tal. Esse processo construtivo, que se apoia na “norma”, vai sendo registrado em nossos corpos, gestos, desejos, sentimentos, etc. Aliás, como foi possível verificar nos comentários destacados a partir do *Facebook*, os posicionamentos que se distanciam das normas são com frequência alvo de zombaria, “brincadeiras”, injúrias e, por vezes, tal como indicou Miskolci (2017), associadas à atitudes homossexuais. Isso foi evidenciado, por exemplo, a partir de comentários nos quais as usuárias do *Facebook* zombavam tanto dos comentários realizados por homens como das narrativas em torno dos Perfis de usuários do *Tinder* em que esses, ao indicarem critérios e atributos aos quais suas possíveis parceiras deveriam se ajustar tiveram, em algumas situações, sua orientação sexual questionada, através de palavras e/ou expressões pejorativas e chulas como “bicha”, “viado”, “desce a piscina pela escada” e, entre outras “morde a fronha”.

Situação semelhante foi verificada em torno de Perfis de mulheres que propunham sexo casual no app. Tais posturas provocaram uma forte condenação (e depreciação) dessas mulheres, tanto no próprio aplicativo, quanto nas postagens do

Facebook. Ou seja, a narrativa predominante veta este tipo de prática às mulheres, enquanto a admite para os homens. Agressões verbais e violência simbólica permeiam as relações estabelecidas tanto no Facebook quanto no Tinder, pois para ser “alvo” dos desejos dominantes nestes territórios é preciso adequar-se a padrões de comportamento, corpos desejáveis e, entre outros, estilos de vida valorizados.

Assim os “territórios de conquista” constituem “um museu de grandes novidades”, pois estão em pauta nos dias atuais outras configurações, outros modos de estar no mundo, que convivem e conflituam com “antigas” fórmulas e normas que “regiam” o mundo anos atrás. Conceitos, tais como individualidade, liberdade, verdade, autonomia, participação, realidade, globalização, identidade, nacionalidade, entre tantos outros, (res)significaram-se em contendas semânticas, as quais impregnaram as compreensões de mundo e os modos como os sujeitos são/estão nele posicionados. Como referiu Del Priore (2012: 320), ao focalizar o que se entende por “liberdade sexual”,

a liberdade amorosa tem contrapartidas: a responsabilidade e a solidão [...] A liberdade sexual é um fardo para os mais jovens. Muitos deles têm nostalgia da velha linguagem do amor, feita de prudência, sabedoria e melancolia, tal como viveram seus avós.

Essa melancolia talvez possa ser percebida naquelas postagens em que mulheres expressam seu desejo de encontrar um “macho alpha” e os homens uma companheira “bela, recatada e do lar”. As narrativas construídas no conjunto de postagens do app e nos comentários que estes geraram colocam em circulação uma multiplicidade de interesses que perpassam as propostas de relacionamentos. Alguns/algumas usuários/as buscam o aplicativo para encontrar um “relacionamento sério” – referem pretender casar, ter filhos, constituir família–, outros buscam o Tinder “pra meter o louco” –, tal como indicou a autora do Perfil reproduzido na postagem onze “É vapt-Vupt”. Outros/as, ainda, declaram usar o aplicativo exclusivamente para se divertir, conversar, conhecer pessoas, encontrar parcerias para sexo casual, encontrar parceiros/as para realizar fantasias sexuais e/ou práticas de sexualidade “não usuais”. Enfim, são muitas as configurações delineadas para os relacionamentos nestes artefatos através dos quais têm sido enunciados desejos e buscadas práticas poucas vezes externadas em relacionamentos presenciais iniciais.

Talvez o que alguns/algumas usuários/as estejam buscando no *Tinder* seja um catálogo ou um “buffet de pessoas”, como alguns/algumas usuários/as costumam referir. Ou como um “12 minutos do amor”, através do qual seja possível acessar as principais características de cada pessoa, bem como suas aspirações afetivas e modos de interação a que se dispõem e, a partir de tais informações, eliminar as pessoas com chances menores de se estabelecer relações nos formatos almejados. Utilizo a expressão “12 minutos do amor” em analogia ao aplicativo “12 Minutos”⁹⁷, um app brasileiro lançado no início de 2017, que disponibiliza *microbooks* em formato texto ou áudio com resenhas de livros, com duração de cerca de 12 minutos.

Esse app atende o imperativo contemporâneo de “ganhar e otimizar tempo”, mobiliza a sensação de satisfação associada às noções tais como a da “produtividade do viver”, que nos incita a realizar várias coisas simultaneamente, bem como a eliminar os preâmbulos e tudo que for exordial para nos dedicarmos ao que “realmente importa”: enfim, que nos motiva a ir direto ao ponto, ao que precisa ser realizado, vivido, comunicado e compartilhado. Essa ideia de compartilhamento adquiriu uma importância imensa e decisiva no que se refere à utilização das mídias digitais. Jenkins *et al.* (2014) são autores que ressaltam a importância que adquiriram as chamadas “mídias propagáveis”. Ou seja, para esses autores é importante que se atente para o modelo participativo de cultura que se instaura nessas mídias, a partir do qual os sujeitos se configuram como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica. Nesse processo, eles estão ativamente compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos em formatos anteriormente inimagináveis. Neste contexto, temos a nossa disposição inúmeros artefatos tecnológicos que facilitam contato, encontros e diálogo, contudo, é possível afirmar que continuamos a nos comunicarmos pouco.

⁹⁷ Na versão gratuita os/as leitores/as têm acesso a um *microbook* por semana, selecionado pela equipe editorial do app. Já a versão paga, *Premium*, dá acesso ilimitado aos mais de 300 *microbooks* e tem integração com o *Kindle* (leitor de livros digitais desenvolvido pela *Amazon* que permite aos usuários comprar, baixar, pesquisar e ler livros digitais, jornais, revistas e outras mídias digitais via rede sem fio.). Seu conteúdo são resenhas críticas das obras, tendo como um dos principais objetivos auxiliar os/as leitores/as a definir qual livro vale a pena ler por completo. Ao final da leitura de cada resenha o aplicativo oferece dois tópicos: “Notas Finais” que é uma breve conclusão, “posicionamento crítico” do autor da resenha e “Dica do 12” que são sugestões de leitura com conteúdo relacionado ao que foi lido. Há também um espaço para avaliar a resenha (uma a cinco estrelas), incluir um comentário sobre a leitura e compartilhar com outros/as leitores/as.

Além disso, o *Tinder* também possibilita a sensação de “ganho de tempo”, pois os/as usuários/as só acessam as pessoas que combinam com eles/as, a rejeição não é explicitada. Só visualizamos os sucessos, uma vez que o insucesso é monitorado pela ausência de notificações, ou seja, de *like*, *super like* ou *match*, como no caso da postagem oito: “*Escuta aqui, acho que meu app ta com Bug...*”. Com o uso desses aplicativos, substitui-se, então, o receio do “carão”, “levar um fora” e o ser dispensado/a pelo silêncio do app.

Ao mesmo tempo, a noção do que se configurava como “traição” parece ter ganhado outra significação nas propostas que circulam no app e nos comentários do *Facebook*. Traição e ciúme são sentimentos que parecem se esmaecer em algumas postagens, porém sentimentos de posse, atos de submissão, entre outros, estão nelas ainda bastante presente. Isso indica que escolha, aceitação, identificação, rejeição, decepção, entre outros sentimentos permeiam as interações humanas e, portanto, não podem ser evitados. Eles existem e existirão, dentro e fora dos artefatos digitais.

A ordem cultural e política a que pertencemos valorizam corpos, estilos de vida e modos de ser e estar no mundo muitas vezes inatingível para muitos de nós, então nos esforçamos para nos inserir nestas ordens que balizam a ligação e os vínculos afetivos. Por decorrência, continuamos com receio de ser enganados, buscamos sinceridade, mas nos dipomos pouco a demonstrar quem somos fora das lentes da expectativa do “match perfeito”.

A cultura contemporânea e os modos como vivemos estão articulados à popularização dos aplicativos, sites e redes sociais digitais, sobretudo, os específicos para relacionamentos afetivo/sexuais. A propósito cabe lembrar que Foucault (1999) indicou que as verdades sobre o sexo e o que nele está implicado—intimidade, prazer, reprodução, identidade, relações de gênero — a sexualidade — seguem uma trajetória que pode ser contada sob o ponto de vista de uma história dos discursos. Aliás, como Foucault (1999:120) registrou, “a sexualidade é um dispositivo histórico e de controle das populações, que produz efeitos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais”. Os apps e as redes sociais digitais, tais como o *Tinder* e o *Facebook*, nos possibilitam algumas vivências, enquanto impedem outras, e isso não torna necessariamente esses artefatos positivos ou negativos.

Busquei, neste estudo, refletir, problematizar e pluralizar significações relacionadas às mídias, valendo-me de análises de narrativas que se organizam a partir das postagens destes usuários/as, que envolveram questões relacionadas às dinâmicas de relacionamento afetivo/sexual e identidades de gênero e sexualidade neles compartilhadas, tensionadas, reafirmadas, enfim, ensinadas. As questões de pesquisa que nortearam a construção desta tese já foram indicadas ao longo do seu desenvolvimento. Contudo as indico aqui de maneira sintética e objetiva. As dinâmicas de relacionamento frequentemente referidas nos comentários postados por usuários/as do *Tinder* nos Perfis do *Facebook* examinados neste estudo foram relacionamentos estáveis e duradouros considerados “relacionamentos sérios”. Há homens e mulheres que buscam relacionamentos fluídos e fulgazes, contudo, a maioria indica almejar um relacionamento sério. O que varia na busca de cada um/uma são as tensões, expectativas, desejos e temores referentes aos relacionamentos afetivo/sexuais em circulação no *Tinder*, que de maneira geral circulam em torno da idealização do amor, no caso amor romântico, da idealização de comportamentos normatizados em nossa sociedade como femininos e masculinos e a idealização dos corpos de homens e mulheres, corpos esses saudáveis, bonitos e jovens. Há também nas narrativas analisadas “dicas”/ensinamentos sobre os relacionamentos afetivo/sexuais desenvolvidos especificamente para e por homens e mulheres participantes dos Perfis do *Facebook* analisados. Os principais embates, contraposições e convergências sobremasculinidades, feminilidades e relações afetivo/sexuais, presentes nas narrativas analisadas nos Perfis do *Facebook* “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder”, giravam em torno da maneira como homens e mulheres se narravam e abordavam o/a parceiro/a. Ainda que ambos almejassem as mesmas coisas, a maneira como se expressam e abordam seus/suas parceiras afastam mais do que atraem parceiros. Na tentativa de se diferenciar, tanto homens como mulheres utilizam-se de maneiras grosseiras de se manifestar e descrever suas características e/ou expectativas. Considero importante indicar também que as narrativas analisadas indicaram que a conjuntura política que vivemos atualmente no país tem demarcado as dinâmicas de afetividade. A agressividade e a intolerância com pessoas que expressam posicionamentos políticos diferentes foram recorrentes nas narrativas analisadas. Comumente em tais narrativas foram pautadas também posicionamentos religiosos

como uma maneira de justificar e legitimar tais posicionamentos. Portanto as redes sociais digitais são espaços em que se (re)produzem práticas culturais balizadas por interações face a face, contudo, criam-se nestas dinâmicas regras de convivência e interação que estão em constante reformulação e significação. Participar de territórios virtuais como o Tinder e o Facebook é uma forma de existir e mostrar o que oferecemos aos outros e nestas dinâmicas (re)construímos identidades implicadas em disputas de poder por imposição de significados.

Muitas perguntas ainda ecoam em mim acerca dos rastros destas dinâmicas de relacionamento que capturei e analisei. Alguns autores acenam para estarmos vivendo na contemporaneidade em um “cenário apocalíptico do amor e das relações afetivo/sexuais”, tal como referiu Zago (2016). Apesar de grande parte das narrativas analisadas apontarem para um “museu de grandes novidades” no cenário dos relacionamentos afetivos em que continuamos a passar os dias “de par em par, procurando agulha num palheiro”, como já indicado na letra da música “O tempo não para”, penso que a utilização de artefatos da cultura digital diminui distâncias e aumenta exponencialmente nossas chances de “match” e desloca práticas até então confinadas a espaços privados, no grupo de assunto “que não se comenta”. Ou seja, as práticas não são novas, mas as possibilidades de visibilidade e de aproximar pessoas com os mesmos objetivos é que consistem no diferencial das relações desenvolvidas por meio e/ou a partir de mídias digitais. Prefiro não dar ênfase a essa perspectiva “apocalíptica”, mas, sim às possibilidades e facilidades que estes artefatos possibilitam “diminuindo” distâncias entre as pessoas e, entre outras, “encurtando” o tempo que dispomos para os encontros. Continuamos desejando o “match perfeito”, alguém para amar... Um amor recíproco. Desejamos respeito, paixão, companhia, sexo... Mas, de maneira geral, dispendemos pouco tempo, paciência e disponibilidade aos outros... Assim interagimos muito e dialogamos pouco. Com as redes sociais digitais temos acesso a uma quantidade maior de pessoas o que, em teoria, aumentam as chances de encontrar um grande amor, mas novas ferramentas associadas a hábitos e atitudes que produzem relações afetivas diferentes das que almejamos não geram “match perfeito”.

Sobre a escritura da tese, confesso que durante muito tempo a metáfora “da elefanta que pariu um rato”, enunciada informalmente pelo professor Alfredo Veiga-Neto em uma de suas aulas, me assombrou como um fantasma... Tal temor crescia,

à medida em que passavam as tardes e os dias em que eu me envolvia em leituras, algumas vezes inclusive relendo livros e artigos para escrever um, dois parágrafos... Às vezes parava e olhava para as pilhas de livros sobre a mesa e pensava: como condensar tudo que estou lendo e pensando na minha escrita? Será que realmente estou compreendendo tudo que estou lendo? Como tornar inteligível tudo o que estou pensando? Pensava que precisaria de mais de quinhentas páginas pra comportar todo conhecimento que estava, ou que pelo menos considerava estar produzindo... Nesses momentos, a sombra da “elefanta” crescia de tal maneira que parecia se transformar em um muro que me impediria de concluir a tese. Sempre admirei os/as professores/as e filósofos/as... Pra mim eram pessoas que tinham muitas certezas e respostas certas sobre a vida, o mundo, as pessoas... Às vésperas do doutoramento, comecei a entrar em crise... meu tempo estava findando e eu, ao invés de muitas certezas, estava cada vez mais envolvida com questionamentos e, sobretudo, com o desejo de ter mais tempo para construir relações e significados para minhas hipóteses.

O tempo acabou... Pois “o tempo não para”. E eu continuo sem muitas respostas e com questionamentos e curiosidades até então nem cogitadas, mas não estou mais angustiada, pois “[...] a pesquisa pós-estruturalista não pretende, afinal, desvendar definitivamente os mistérios do mundo e da vida, mas mostrar que conseguimos com nosso trabalho apenas hipóteses parciais e provisórias que nos oferecem uma segurança frágil e temporária” (COSTA, 2014:172).

Pra ser sincera, já estou até com saudades do fluxo que as leituras me conduziam de uma referência bibliográfica à outra, e assim sucessivamente, em um processo que me oportunizou aprender a usufruir e apreciar a beleza do processo para além do produto... Quanto ao parto da elefanta... Sobreviveu e não pariu nem um/a rato/a nem um/uma elefante/a, mas é certo que ela se orgulha da sua cria.

5. “FEED de PÁGINAS”: REFERÊNCIAS

ADELINO, Bruno. **Tinder K-Pop (gostei, não gostei e superlike)**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sIX2N4KWPe8&t=122s>>. Acesso em 26 de jul. 2018.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Pedagogia: a arte de erigir fronteiras** In: *BUJES, Maria Isabel E; BONIN, Iara Tatiana (Org.) Pedagogias sem fronteiras*. Canoas: Ed. ULBRA, 2010. p. 21-31

AMARAL, Stella De Marco. **Saudável Beleza: Representações do Corpo Feminino na Revista Atrevida (1994-2005)**. 2009. Monografia apresentada como critério para conclusão da Disciplina Seminário de TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

AMMANN, Matthias. **Facebook, eu curto: uma análise mimética das redes sociais digitais**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ANDRADE, Paula Deporte. **A produtividade do Conceito de pedagogias culturais para analisar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea: uma análise a partir de pesquisas realizadas**. In: Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, 7., 2017, Canoas. Anais... Canoas. Disponível em <www.sbece.com.br/resources/.../1495058942_ARQUIVO_sbece2017textoversao2.pdf>. Acesso em 26 jul. 2018.

_____. COSTA, Marisa Vorraber. **Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação**. Revista Textura, Canoas, v.17, n.34, p.48-63, mai/ago.2015. Disponível em <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>>. Acesso em 03 set. 2018.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2014

ARDENGI DUTRA, Flora; ORELLANA, Carlos. **Selfies no Tinder: masculinidades hegemônicas como performance**. In: *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*. n. 135, ago. – nov. p. 143-158, 2017. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/download/3170/2937>. Acesso em: 15. set 2018.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva. 2007.

_____. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

_____. **Tempo\Espaço**. In: _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 111-149, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERGSON, Henri. **O riso: Ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980

BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas – narrativas que contam em práticas pedagógicas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In.: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Actos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. In: MACEDO, A. G.; RAYNER, F. (Org.). *Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2011. p. 69-89.

CAETANO, Letícia Farias. **"No que você está pensando?": o discurso do mal-estar docente produzido no Facebook e a fabricação dos modos de ser professor na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2017.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Pedagogias do presente**. *Educação & Realidade*, v. 39, n. 2, 2014

CAMPANELLA, Bruno; HINE, Christine. **Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios**. *Revista Matrizes*. V.9 - Nº 2 jul./dez. 2015. p. 167-173. São Paulo.

CANELO, Maria José. **Análise Cultural: o crítico e o desejo de realidade.** Universidade de Coimbra, 1999. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/43221>. Acesso em: 25 set. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** In: *A era da informação: economia, sociedade e cultura.* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault.** Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

CASTRO, Isadora Vergara; FARIAS, Josivania Silva; JÚNIOR, Carlos. **Redes Sociais Virtuais - Uma investigação de abordagens metodológicas de pesquisa.** CIAIQ2014, v.3, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Salomé. **Por um Feminismo Queer: Beatriz Preciado e a Pornografia com Pre-textos.** Revista *ex aequo*, nº 20, 2009, pp. 29-40.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. **A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas.** In: *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação.* Vol. 4, n.7, jan./jun. 2016. p. 28-36.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21 (1), p. 241-282, jan./abr. 2013.

CONSTANTINO, Fernanda Angelo. **Questões identitárias no Tinder: performance de si, autenticidade e gerenciamento da impressão a partir da percepção do gênero feminino.** Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude, nem favor: Estudos sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber. **Cultura e Pedagogia: lições da espacialidade revolucionária de Frank Gehry.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 163-180, jan/mar 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v39n1/v39n1a10.pdf>. Acesso em 12 out. 2018.

_____. SILVEIRA, Rosa Hessel. SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia.** *Revista Educação e Realidade*, nº 23. Mai/Jun/Jul/Ago, 2003 p.36-61.

COSTA, Sérgio. **Amores Fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia.** *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 73, nov. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000300008. Acesso em: 25 set. 2018

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano**. Salvador: EDUFBA, 2012.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença? Boys and girls' performances at school: is there any difference?** *Educação em Revista*, Iss 46, Pp 241-267 (2007)(46), 241.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Foi num dia ensolarado que tudo aconteceu: práticas culturais em narrativas escolares**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **1227 – Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra**. In: DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5, São Paulo: Editora 34, 1997a, p. 11-110.

_____. **1730 Devir-intenso, Devir-animal, Devir-imperceptível...** In: DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4, São Paulo: Editora 34, 1997b, p. 11-114.

_____. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

DONNAMARIA, Carla Pontes; TERZIS, Antonios. **O amor caiu na rede: sobre a provura e a evolução de vínculos amorosos na Internet**. *Revista SPAGESP*, Ribeirão Preto- SP, v. 10, n.2, p. 45-49, 2009.

ELLISON, N. B., STEINFELD, C. & LAMPE, C. (2007). **The benefits of Facebook "friends"**: Social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of computer-mediated Communication*, 12(4), article 1. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol112/issue4/ellison.html>

ELM, Malin S. **How do various notions of privacy influence decisions in qualitative internet research?** In: MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy. *Internet inquiry. Conversations about method*. Los Angeles: Sage, 69-87, 2009.

ESS, Charles. **Digital Media Ethics**. Cambridge: Polity Press, 2009.

EVANGELISTA, Gislaine Rangel. **#CurrículoDoFacebook: denúncia de crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FACCHINI, Regina e MACHADO, Sarah R. **Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro**. *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, n.14, 2013, pp.195-228.

FELIPE, Jane. **Do amor (ou de glamourizar a vida): apontamentos em torno e uma educação para a sexualidade.** CD ROM. Seminário "Corpo, Sexualidade e Gênero": discutindo práticas educativas. Porto Alegre: maio de 2007.

FEMENÍAS, María Luisa. **Judith Butler: introducción a su lectura.** Buenos Aires, Catálogos, 2003

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 1998,p. 379-394

FERREIRA, Madson de Lima. **Militância no Facebook como enfrentamento ao discurso de ódio: análise da página de Jean Wyllys no combate à homofobia na web.** Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

FERREIRA, Maurício dos Santos.; TRAVERSINI. Clarice Salette. **A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 38 n.1 p. 207-226, jan./mar. 2013.

FIGUEIREDO, Lígia Baruch de. **Tinderellas: o amor na era digital.** São Paulo: Ema Livros, 2017.

FISCHER, Rosa M. Bueno. **Técnicas de si e tecnologias digitais.** In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel E. (Orgs.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens.* Canoas: Editora da ULBRA, 2006. p. 67 – 76.

FORECHI, Marcilene. **Identidades femininas em comentários no facebook. Uma análise a partir dos estudos culturais em educação.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos.* Ética, Sexualidade e Política. Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

_____. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **As técnicas de si.** Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/tecnicas.pdf>>. Acesso em 26 jul. 2018.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2005b.

FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel. AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015. Coleção Cibercultura.

GASTALDO, Denise. **Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos**. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 09-14

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

GROSSBERG, Lawrence. **Identidad y estudios culturales: no hay nada más que eso?** In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul. *Cuestiones de Identidad Cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

_____. Entrevista a Adriana Braga. **E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, 16(2):1-13, maio/ago, 2013.

GUATTARI, Félix. **Da produção de subjetividade**. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem máquina – a era das tecnologias virtuais*. São Paulo: Ed. 34, 2008. p. 177-194.

GUEDES, D; ASSUNÇÃO, L. **Relações amorosas contemporâneos frágeis**. *Revista OMNIA Saúde*, v. 10, n 1, p. 36-45, 2013.

_____. **Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?)**. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 6, n. 2, p. 37-45, 2006

GUEDES, D. D.; PINHEIRO, C. **Considerações acerca da vivência de solidão como fenômeno da sociedade ocidental moderna**. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 2000, p. 58- 64.

GUIMARÃES, Chayana; WORTMANN, Maria Lúcia C.O **Pastoreas Mulheres: Estratégias Discursivas no Embate Entre Conservadorismo e Direitos Humanos na Folhade São Paulo**. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017. Disponível em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503352926_ARQUIVO_ARTIGOFGENVIO2108.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

_____. **Estudios Culturales 1983: Uma historia teórica**. Buenos Aires: Paidós, 2017.

HAMPE, Fernanda. **Sejamos tod@as feministas: interseccionalidade, educação e direitos humanos**. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; BONETTI, Alinne de Lima (org.). *Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a educação*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2016

_____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Tradução: Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46 – jul/dez 1997.

HOGAN, B.; LI, N; DUTTON, W.H. **A Global Shift in the Social Relationships of Networked Individuals: Meeting and Dating Online Comes of Age**. In: *Me, My Spouse and the Internet Project*: Oxford Internet Institute. University of Oxford, 2011

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **O papel do homem no feminismo é desconstruir, diz Heloísa Buarque de Hollanda**. Entrevista. (2018b) *Jornal Zero Hora*. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/04/o-papel-do-homem-nofeminismo-e-se-desconstruir-diz-heloisa-buarque-de-hollandacjfmrlszv06s101ph9zj5prbs.html>. Acesso em 12 out. 2018.

ILLOUZ, Eva. [1992] **El consumo de la utopía romântica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo**. Buenos Aires: Katz, 2009.

_____. **O Amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Porque duele el amor? Uma Explicación sociológica**. Madrid: Katz Editores, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. FORD, Sam. GREEN, Joshua. **Cultura da conexão. Criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JUSTO, José Sterza. **O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade**. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, Niterói, v. 17, n. 1, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jun. 2018.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru (SP), EDUSC, 2001.

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. *Horizontes Antropológicos*. n. 9, p. 103-17, 1998.

KOZINETS, Roberto V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

KURTZ, João. **Facebook domina ranking de redes sociais mais usadas no mundo**. 2017. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/07/facebook-domina-ranking-de-redes-sociais-mais-usadas-no-mundo.ghtml>. Acesso em 15 jun. 2018.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a narrativa e a identidade**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação – Estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LINS, Maria da Penha Pereira, CARMELINO, Ana Cristina. (Orgs.) **A Linguagem do Humor Diferentes Olhares Teóricos**. Vitória: UFES, 2009.

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

_____. **La era del vacío**. Barcelona: Península, 1996.

LONG, B.L. **Scripts for online dating: a model and theory of online romantic relationship initiation**. Doctor of Philosophy. Bowling Green State University, Ohio, United States, 2010.

LÓPEZ, Guadalupe; CIUFFOLI, Clara. **Facebook es el mensaje. Oralidad, escritura y después**. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Gênero e Sexualidade: Pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008

_____. **Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação**. In: *Revista de Estudos Feministas*. V. 9, n. 2. Florianópolis, 2001.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. **Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”.** In: _____.; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana. *Corpo, Gênero e Sexualidade.* Petrópolis: Vozes, 2012, p.43-53.

_____. (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **Flor de Açafrão: takes, cuts, close-ups.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LUZZARDI, Luciana; ZAGO, Luiz Felipe. **Educação e Diversidade: Pedagogias de Gênero nas Relações de Trabalho.** XV Seminário Internacional de Educação – FEEVALE. Novo Hamburgo, 2016. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/5ba9f647-fba9-4548-b44d-ac337956a63a/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20diversidade%20pedagogias%20de%20g%C3%AAnero%20nas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20trabalho%20.pdf>. Acesso em 15 set. 2018.

MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago (Orgs.). **Currículo, sexualidade e ação docente.** Petrópolis: DP et Alii, 2017.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Dicutindo Pedagogias Culturais e Representações de Gênero.** Disponível em <http://www.sabercom.furg.br/bitstream/123456789/1716/1/DISCUTINDO_PEDAGOGIAS_CULTURAIS_E_REPRESENTAC_O_ES_DE_GE_NERO.pdf>. Acesso em 03 set. 2018.

MANUAL HOMEM ALPHA (Canal do Youtube). **7 Erros Que Fazem Ela Te Rejeitar No Tinder.** 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-RY35iN_eU>. Acesso em 26 de jul. 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** In: MORAES, Dênis (org.). *A Sociedade Midiatizada.* Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

McLUHAN, Marshall. 1964. **Os meios de comunicação como extensões do homem (Understanding media).** São Paulo, Editora Cultrix

MEYER, Dagmar Estermann. **A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento.** Revista Gênero. V. 6, N. 1. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005. P. 81-104. Disponível em: <[file:///C:/Users/mfber/Downloads/198-582-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/mfber/Downloads/198-582-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 10/10/2018.

_____. **Gênero e educação: teoria e política.** In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* Petrópolis: Vozes, 2003

_____. **Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais.** Revista Brasileira de Enfermagem. [online]. 2004, vol.57, n.1, pp.13-18. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000100003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 05 out. 2017.

_____; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações.** In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.* Belo Horizonte: Mazza, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização.** In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., Campinas, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em 26 jul. 2018.

_____. **Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais.** Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, v. 12, 2011, p. 9- 22.

_____. **San Francisco e a nova economia do desejo.** *Lua Nova*, v. 91, p. 269-295, São Paulo, 2014.

_____. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** *Série Cadernos da Diversidade, Universidade Federal de Ouro Preto.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. **As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"?** *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2018.

NICARETTA, Fernanda. **Corpo nu fotografado e autofotografado em ambientes digitais : discursividades e produção de subjetividade.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **A sociabilidade virtual: separando o joio do trigo.** *Psicologia e Sociedade.* v.17, n.2, p.50-57. Porto Alegre, mai/ago, 2005.

OLIVEIRA, Tiago de. SANTOS, Warley. **Descubra quem te deu like antes de dar Match – Tinder.** 2017. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=Fjwkj79eJ4M>>. Acesso em 26 jul. 2018.

OLIVEIRA, Denize Cristina de; GOMES, Antônio Marcos Tosoli; MARQUES, Sérgio Corrêa e THIENGO, Maria Aparecida. et al . **"Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes.** *Revista brasileira de enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 5, out. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000500003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2018.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0.on line.** Disponível em: <www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em 25 jul.2018.

OIKAWA, Erika. **Dinâmicas relacionadas contemporâneas: visibilidade, performances e interações nas redes sócias da Internet.** In: PRIMO, Alex (Org.) *Interações em Rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

PARAÍSO, Marlucy. **Currículo, Cultura e Diferença: “Gabriel e eu” ou “o amor é o signo”.** Texto para apresentação no XI Colóquio sobre Questões Curriculares, VII Colóquio Luso Brasileiro de Currículo e I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro sobre Questões Curriculares – 18, 19, 20 e 21 de setembro de 2014. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/375653085/Texto-4-Marlucy-Cur-Cultura>>. Acesso em 26 jul. 2018.

PARISER, Eli. **O Filtro invisível. O que a internet está escondendo de você.** São Paulo: Zahar, 2012.

PELÚCIO, Larissa. **Narrativas Infiéis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas.** *cadernos pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-UNICAMP, n. 44, 2015, p. 31-60

PEREIRA, Evelyn Santos; GUIZZO, Bianca Salazar; ZAGO, Luiz Fernando. **“Pedagoselfies”: do corpo orgânico às possibilidades do corpo imagem.** In: *XI Reunião Científica Regional da ANPED (Sul)*, 2016, Curitiba. Anais da XI Reunião Científica Regional da ANPED (Sul). Curitiba: Setor de Educação da UFPR, 2016. v. 1. p. 1-16.

PEREIRA, Camila Rodrigues. “Em um relacionamento sério com o celular”: uma etnografia das práticas de consumo se smartphones por mulheres. **Dissertação de Mestrado.** Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/12577>. Acesso em: 26 jul. 2018.

PERIS, Rosa; GIMENO, Miguel A.; PINAZO, Daniel.; ORTET, Generós; CARRERO, Virginia; SANCHIZ, María.; IBANEZ, Ignacio. **Online chat rooms: Virtual spaces of**

interaction for socially oriented people. *Cyberpsychology & Behavior*, ano 5, nº 1, 2002, p. 43-51.

PETERS, Michael. **Pósestruturalismo e filosofias da diferença: uma introdução.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINTO-COELHO, Zara; MOTA-RIBEIRO, Silvana. **Imagens publicitárias, sintaxe visual e representações da heterossexualidade.** In: *Comunicación e Cidadanía*. nº 01, p. 79-84. 2007. USC- Universidade de San Thiago de Compostela.

PISCITELLI, Alejandro. **Fenomenolgías del presente.** In: LÓPEZ, Guadalupe. CIUFFOLI, Clara. *Facebook es el mensaje. Oralidad, escritura y después.* 1ª edição. Buenos Aires: La Corujía, 2012.

POSSENTI, Sírio. **Os Humores da Língua: Análises Lingüísticas de Piadas.** Campinas,: Mercado de Letras, 1998.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”.** (Universidade de Paris VIII). In: *Revista de Estudos Feministas*. Trad: Cleiton Zóia Mündhow, Viviane Teixeira Silveira (org. 2003). *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p.11-20, janeiro-abril/2011.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: n-1 Edições, 2017.

_____. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornografia.** São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs.** *Insanus. e Compós*, v.1, n. 5, p. 1-21, 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>>. Acesso em 06 out. 2016.

PRINS, Baukj; MEIJER, Irene. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler.** In: *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.155-167, 2002.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

REIS, Cristina d'Ávila; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos.** *Revista Estudos Feministas* [online]. 2014, vol.22, n.1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v22n1/13.pdf>>. Acesso em 26 jul. 2018.

ROCHA, Maristela. **Corpo: a primeira mídia. Aspectos contemporâneos e multidisciplinares.** *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v.10, n.2, p. 321-31, ago-dez 2012.

ROCHA, Simone Maria. **Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas.** *Revista Interamericana de Comunicação*

Midiática, Santa Maria, v.10, n.19, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/3000/2470>>. Acesso em: 15 jul de 2018.

ROSA, Gabriel Artur Marra e; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

ROSE, Nikolas. **Como se deve fazer a história do eu?** In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre. Vol. 26, nº1, Jun/jul. 2001.

RÜDIGER, Francisco. **O Amor e a Mídia: problemas de legitimação do romantismo tardio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SABAT, Ruth. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. Revista Estudos Feministas, v. 9, nº 1, p. 4-21, 2001

SALES, Shirlei Rezende. **Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação**. In: MEYER, Dagmar estermann.; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. cap. 5, p. 11-132.

_____. **Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano – da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 1996.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, 1995, pp. 71-99. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf?sequence=01>. Acesso em 15 mai. 2018.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Tradução: Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico – corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **O show do eu. A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza**. Cadernos Pagu, n. 44, p. 171-98, jan-jun 2015.

SILVA, Tarcízio. **Uso e desenvolvimento de aplicativos sociais: perspectiva da teoria ator-rede**. Razón y Palabra, v. 76, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O adeus às metanarrativas educacionais.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 247-58.

_____. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007, pp. 73-102.

SILVEIRA, Bruna Rocha. **Dor compartilhada é dor diminuída: autobiografia e formação identitária em blogs de pessoas em condição de doença.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação.** In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais e educação*. Canoas: Ulbra, 2011.

SULER, John. **The psychology of cyberspace relationships.** 2005. Disponível em: <www3.nccu.edu.tw/~pinfag/sullerpdf/suler0.pdf>. Acesso em 09 jul. 2018.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Discurso publicitário e a pedagogia do gênero: representações do feminino.** *Revista da Espm – Comunicação, Mídia e Consumo*: Edição: Comunicação e representações do feminino, São Paulo: ESPM, ano 6, v. 6, n. 17, p.37-48, 2009

TEMER, Ana Carolina; TONDATO, Marcia. **A Tradição dos Estudos Culturais na Perspectiva das Contribuições Latino-americanas.** *Novos Olhares*, 3(2), 150-159. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2014.90211>>. Acesso em 18 jul. 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Ciência e pós-modernidade.** In: LAZZAROTTO, V. A. *Teoria e história da ciência: intercâmbio latino-americano*. Caxias do Sul: UCS, p. 53-65, 1999.

_____. **Cultura, culturas e educação.** *Revista Brasileira de Educação*. nº 23, p.5-15, Mai/Jun/Jul/Ago, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01>>. Acesso em 09 jul. 2018

_____; RECH, Tatiana. **Esquecer Foucault? Pro-posições,** Campinas, v. 25, n. 2, p. 67-82, maio/ago. 2014.

_____. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Algumas considerações sobre a articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas outras mais)**. In: SILVEIRA, Rosa Hessel (org.). *Cultura, poder e educação*. 2ª edição. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

_____. **Sujeitos estranhos, distraídos, curiosos, inventivos, mas também éticos, confiáveis, desprendidos e abnegados: professores de ciências e cientistas na literatura infanto-juvenil**. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.) *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 19-46.

_____. **O uso do termo representação na educação em ciência e nos estudos culturais**. *Revista Pro-Posições*. Volume 12. N. 1. Março de 2001. P. 151-161. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2103/34-artigoswortmannmlc.pdf>. Acesso em 09 jul. 2018.

_____; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da Ciência & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZAGO, Luiz Felipe. **Convites e tocaias: Considerações ético-metodológicas sobre pesquisas em sites de relacionamento**. In: PELÚCIO, L.et alli. *No Emaranhado da Rede: Gênero, sexualidade e mídia - desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume Queer. 2015. No Prelo

_____. **Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. **Os meninos: corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.